

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Barreiro Velho: vida quotidiana e as dinâmicas do Bairro

Lara Filipe André Fernandes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadora:

Arq.^a Alexandra Cláudia Rebelo Paio, Professora Auxiliar
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Coorientadora:

Arq.^a Ana Carolina Carvalho Farias, Assistente de Investigação
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

novembro, 2021



TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Barreiro Velho: vida quotidiana e as dinâmicas do Bairro

Lara Filipe André Fernandes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadora:

Arq.^a Alexandra Cláudia Rebelo Paio, Professora Auxiliar
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Coorientadora:

Arq.^a Ana Carolina Carvalho Farias, Assistente de Investigação
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

novembro, 2021

iscte INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Lab

TUR ARQ - E3
2020/2021

Laboratório de Ensaio de Metodologias de Inter-
venção na Cidade Existente

**Barreiro Velho: vida quotidiana e as dinâmicas
do Bairro**

Lara Fernandes

novembro de 2021

Barreiro Velho: vida quotidiana e as dinâmicas do Bairro

Cities have the capability of providing something for everybody, only because, and only when, they are created by everybody.

Jane Jacobs, *The Death and Life of Great American Cities*, 1961

ÍNDICE

RESUMO PALAVRAS-CHAVE	I
ABSTRACT KEYWORDS	II
AGRADECIMENTOS	IV
ÍNDICE DE FIGURAS	V - IX
ÍNDICE DE ABREVIATURAS	X

INTRODUÇÃO **1 - 13**

LabTUR - Laboratório de Ensaio de Metodologias de Intervenção na Cidade Existente	2 - 5
Enquadramento e Pertinência do tema	6 - 9
Breve enquadramento	6 - 7
Tema	7 - 9
Objetivo	10
Metodologia	10 - 12
Estrutura da Fundamentação Teórica	13

CAPÍTULO 01

Da Regeneração Urbana à construção de bons lugares **14 - 29**

01.1 Lugares do quotidiano e intervenções temporárias para a regeneração urbana	15 - 19
01.2 <i>Placemaking</i> para a construção de lugares	20 - 23
01.3 Estratégia vs. Tática	24
01.4 Urbanismo tático: intervenções temporárias e de pequena escala na construção de lugares	25 - 29

CAPÍTULO 02

Ensaio Metodológico **30 - 55**

02.1 Casos de Estudo	32 - 43
Bairro de Velluters, Valencia	32 - 35
El Campo de Cebada, Madrid	36 - 37
R-Urban	38 - 40
Passage 56 - Espaço Cultural Ecológico, França	41 - 43

02.2 Bairro do Barreiro Velho, Barreiro	45 - 49
02.2.1. Precariedade da habitação	49
02.2.2. Precariedade do espaço público	50
02.3 Processo participativo para uma intervenção de acupuntura urbana	51 - 53
02.3.1 Resultados	53 - 55

CAPÍTULO 03

[Re]Ativa-te ao Barreiro	56 - 83
---------------------------------------	----------------

03.1 [Re]Ativa-te ao Barreiro: Novos lugares, vivências e dinâmicas, um futuro para o Barreiro Velho	58 - 63
--	---------

03.2 Barreiro Velho: vida quotidiana e dinâmicas do Bairro ..	64 - 83
---	---------

CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
-----------------------------------	-----------

BIBLIOGRAFIA	85 - 90
---------------------------	----------------

ANEXOS

Anexo A | Entrevista com Ana Carolina Carvalho Farias, arquiteta

Anexo B | Análise da Figura 11

Anexo C | Processo Participativo

Anexo D | Caderno desenvolvido no trabalho prático em grupo

Anexo E | Guia de Urbanismo Tático do Barreiro Velho

RESUMO

O maior desafio da humanidade é, talvez, construir cidades inclusivas, saudáveis, funcionais e produtivas. Parte da solução reside nos espaços públicos como alavanca para a regeneração económica, social e ambiental.

A regeneração urbana permite reconhecer os valores da vida quotidiana das cidades que surgem como resposta às oportunidades e desafios destas, contribuindo para a melhoria das suas condições físicas, sociais, ambientais e económicas. As tecnopolíticas, como ferramenta da regeneração urbana, permite o envolvimento da população na governança aberta e partilhada, assim como a sua participação em processos participativos.

Através de intervenções temporárias de baixo custo e fácil construção, baseadas em processos de cocriação com atores locais, é viável o desenvolvimento de soluções de desenho urbano integrado para resolução de problemas e necessidades.

O Barreiro Velho, centro histórico do Barreiro, localizado na margem sul do rio Tejo, serviu como caso de estudo para o desenvolvimento de uma intervenção sustentável e integrada, através do *Placemaking* (urbanismo tático e acupuntura urbana) para a resolução de problemas e necessidades do espaço público do bairro, baseado no envolvimento de atores locais num processo participativo.

Palavras-chave: Centro Histórico; Espaço Público; Urbanismo; Quotidiano; Táticas

ABSTRACT

Humanity's greatest challenge is, perhaps, to build inclusive, healthy, functional and productive cities. Part of the solution lies in public spaces as a lever for economic, social and environmental regeneration.

Urban regeneration makes it possible to recognize the values of everyday life in cities that arise in response to their opportunities and challenges, contributing to the improvement of their physical, social, environmental, and economic conditions. Technopolitics, as a tool for urban regeneration, allows the population to be involved in open and shared governance, as well as their participation in participatory processes.

Through temporary interventions of low cost and easy construction, based on co-creation processes with local actors, the development of integrated urban design solutions to solve problems and needs is viable.

Barreiro Velho, historical centre of Barreiro, located on the south bank of the Tagus River, served as a case study for the development of a sustainable and integrated intervention, through Placemaking (tactical urbanism and urban acupuncture) to solve problems and needs of the neighbourhood public space, based on the involvement of local actors in a participatory process.

Keywords: *Historic center; Public Space; Urbanism; Daily Life; Tactics*

AGRADECIMENTOS

Às minhas orientadora e coorientadora, professora Alexandra Paio e Carol Farias, respetivamente, por todo o conhecimento transmitido e apoio constante.

Ao arquiteto Moisés Rosa, pela paciência, ajuda e orientação no projeto.

Aos habitantes do Barreiro Velho, por todas as partilhas e pela disponibilidade nas dinâmicas participativas e conversas ao longo do último ano.

À minha colega de grupo e amiga Ana Sofia Martins, pelo companheirismo em todo o trabalho, por toda a ajuda nos últimos meses e pela grande amizade que se criou.

Aos amigos que o ISCTE me deu e que espero levar para a vida.

Aos meus pais Sónia e Ângelo e à minha irmã Vera, por estarem sempre comigo em todos os momentos, bons e maus, pelo esforço que fizeram, pelo apoio constante e por não me deixarem desistir do meu futuro, dando-me sempre a segurança de que o melhor está sempre para chegar.

Aos meus avós, Maria e Agostinho, por toda a preocupação, cuidado e apoio desde sempre.

Ao Zé, pelo amor e apoio incondicionais, pela positividade e pelos bons momentos deste último ano.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Esquema de relações entre a regeneração urbana e as tecnopolíticas

Figura 2: Êxodo rural, Industrialização e aumento da cidade

Figura 3: Plano de Paris, de George-Eugène Haussmann (1857)

Fonte: Livro *História da Cidade*. Leonardo Benevolo. Disponível em <https://teoriadourbanismo.wordpress.com/2012/03/13/a-reforma-de-paris-e-o-plano-haussmann/> (consultado em 25/10/2021)

Figura 4: Plano de Barcelona, de Ildefons Cerdà (1859)

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/880894/o-plano-cerda-de-barcelona-de-uma-nova-perspectiva-nessa-fotografia-aerea> (consultado em 25/10/2021)

Figura 5: Conversas com vários oradores sobre os temas abordados pela turma

Figura 6: Conversas com os vários coorientadores sobre os temas abordados pela turma

Figura 7: Momentos de avaliação com júris convidados

Figura 8: Projetos que valorizam a vitalidade das cidades

Fonte: <https://medium.com/sidewalk-talk/street-design-principles-fe35106e0f92> (consultado a 18/10/2021)

Figura 9: Áreas onde o *Placemaking* gera impacto

Fonte: PPS, 2016

Figura 10: *Power of 10+*

Fonte: PPS, 2016

Figura 11: Diagrama *What makes a great space*

Fonte: PPS, 2016

Figura 12: Livros chave do Urbanismo Tático

Fonte: <http://tacticalurbanismguide.com/> (consultado em 18/11/2021)

Figura 13: Design de transição

Figura 14: Times Square - antes e depois das intervenções de Urbanismo Tático

Fonte: <https://wribrasil.org.br/pt/blog/2018/09/o-poder-de-transformacao-do-urbanismo-tatico> (consultado em 17/10/2021)

Figura 15 e 16: Acupuntura urbana, Jaime Lerner

Fonte: <https://www.innovadoresdeamerica.org/arq-jaime> (consultado em 18/11/2021)

Figura 17 e 18: Acupuntura urbana, requalificando espaços públicos por meio de intervenções locais

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/948851/acupuntura-urbana-requalificando-espacos-publicos-por-meio-de-intervencoes-locais> (consultado em 18/11/2021)

V

Figura 19: Fotomontagem explicativa da combinação dos níveis de intervenção nos vazios urbanos e as atividades geradas

Fonte: *Public Space Acupuncture: Strategies and Interventions for Activating City Life*. Casanova e Hernández, 2014

Figura 20 e 21: Concurso de ideias “*Imagina Velluters*” e exposição no bairro

Fonte: <https://www.sostre.org/ca/projectes-2/item/26-imagina-velluters>
<http://velluters.blogspot.com/2011/01/os-invitemos-que-visiteis-la-exposicion.html> (consultados em 17/10/2021)

Figura 22: Identificação dos vazios urbanos no bairro de Velluters

Fonte: *Public Space Acupuncture: Strategies and Interventions for Activating City Life*, de Casanova e Hernández, 2014

Figura 23: Níveis de intervenção nos vazios urbanos

Fonte: *Public Space Acupuncture: Strategies and Interventions for Activating City Life*, de Casanova e Hernández, 2014

Figura 24: Combinação dos níveis de intervenção nos vazios urbanos

Fonte: *Public Space Acupuncture: Strategies and Interventions for Activating City Life*, de Casanova e Hernández, 2014

Figura 25, 26 e 27: Fotomontagens explicativas da combinação dos níveis de intervenção nos vazios urbanos e as atividades geradas

Fonte: *Public Space Acupuncture: Strategies and Interventions for Activating City Life*. Casanova e Hernández, 2014

Figura 28: El Campo de Cebada

Fonte: <https://it.foursquare.com/v/plaza-de-la-cebada/4adcd37f964a520273c21e3> (consultado em 19/11/2021)

Figura 29: Desenho esquemático da praça El Campo de Cebada

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-136323/el-campo-de-cebada-slash-la-ciudad-situada> (consultado a 25/09/2021)

Figuras 30, 31 e 32: Dinâmicas existentes no espaço elaborado pelos atores envolvidos na construção da praça

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-136323/el-campo-de-cebada-slash-la-ciudad-situada> (consultado a 25/09/2021)

Figura 33: R-Urban Colombes

Fonte: <http://commoning.city/project/colombes-r-urban/> (consultado em 19/11/021)

Figura 34: Diagrama dos ciclos ecológicos onde o projeto R-Urban se baseia para a regeneração urbana resiliente

Figura 35: Diagrama dos circuitos de produção e consumo (Princípio do berço a berço)

Fonte: <http://www.urbantactics.org/projects/rurban/rurban.html> (consultado a 25/09/2021)

Figura 36: Diagrama dos curto-circuitos em centros urbanos, iniciados pelo projeto R-Urban

Fonte: <https://r-urban-wick.net/> (consultado a 25/09/2021)

Figura 37: Passage 56 - Espaço Cultural Ecológico

Fonte: <https://www.spatialagency.net/database/aaa> (consultado em 19/11/2021)

Figura 38: Reuniões participativas no lote - intercâmbio social

Fonte: <https://www.publicspace.org/works/-/project/f250-passage-56-cultural-and-ecological-space> (consultado em 25/09/2021)

Figura 39: Construção do lote com materiais reciclados

Fonte: <https://www.publicspace.org/works/-/project/f250-passage-56-cultural-and-ecological-space> (consultado em 25/09/2021)

Figura 40: Agricultura urbana - Espaço Cultural Ecológico

Fonte: <https://www.publicspace.org/works/-/project/f250-passage-56-cultural-and-ecological-space> (consultado em 25/09/2021)

Figura 41: Ecosistema Cíclico do Projeto Passage 56

Fonte: <https://www.publicspace.org/works/-/project/f250-passage-56-cultural-and-ecological-space> (consultado em 25/09/2021)

Figura 42: Segmento da Carta Topográfica e Militar da Península de Setúbal, 1813/1816

Fonte: Instituto Geográfico Português

Figura 43 e 44: (à esquerda) Gráfico representativo da variação das idades da população do Barreiro Velho, em percentagem, nos anos 2001, 2010 e 2019; (à direita) Gráfico representativo do estado de conservação dos edifícios do Barreiro Velho, em percentagem, nos anos 1996, 2005, 2007 e atualmente (classificados em Ruína, Razoável, Mau Estado, Bom Estado)

Figura 45: Precariedade da habitação (à esquerda)

Figura 46: Precariedade do espaço público (à direita)

Figura 47: Degradação dos edifícios de habitação e consequente ocupação clandestina

Figura 48: Ruína de um edifício que tende em cair

Figura 49: Vazio urbano como ponto de acumulação de lixo

Figura 50: Novos comportamentos sociais

Figura 51: Falta de cuidado e manutenção do bairro

Figuras 52, 53, 54, 55, 56 e 57: Vivências e dinâmicas do espaço público do bairro

Figura 58: Ruas do Barreiro Velho, 1928

Fonte: Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema. Disponível em <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=7779&type=Video> (consultado em 20/11/2021)

Figura 59: Atividades das praças do Barreiro Velho, 1928

Fonte: Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema. Disponível em <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=7779&type=Video> (consultado em 20/11/2021)

Figura 60: Horta urbana comunitária existente no bairro

Figura 61, 62 e 63: Processo participativo realizado no Barreiro Velho

Figura 64: Fotomontagem com imagens simbólicas do Barreiro

Figura 65: Fotomontagem de um exemplo de ativação de um vazio urbano do Barreiro Velho

Figura 66: Diagrama da estratégia de projeto de grupo

Figura 67: Planta de identificação dos espaços de intervenção

Figuras 68 e 69: Fluxos pretendidos no bairro

Figura 70: Aplicação digital *Conecta-te à cidade*

Figura 71: Dinâmicas do bairro através da ativação do espaço público e da melhoria das condições do edificado, com intervenções temporárias e de pequena escala

Figura 72: Fotomontagem da proposta para a Praça Gago Coutinho e Sacadura Cabral após a intervenção de *Placemaking*

Figura 73: Diagrama da estratégia de projeto final de arquitetura final

Figura 74: Exemplo de módulos e sua construção

Figura 75: Perspetiva do projeto: novas vivências e dinâmicas no Barreiro Velho

Figuras 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84 e 85: Perspetiva de exemplo de ocupação e utilização dos espaços urbanos e dos módulos

Figura 86: Guia de Urbanismo Tático do Barreiro Velho

Figura 87: Aplicação digital *Conecta-te à cidade*

Figura 88: Escola Conde Ferreira

Figura 89: Planta da proposta para a Praça Gago Coutinho e Sacadura Cabral

Figura 90: Perspetiva da proposta para a Praça Gago Coutinho e Sacadura Cabral

Figura 91: Fotomontagem da proposta para a Praça Gago Coutinho e Sacadura Cabral após a intervenção de *Placemaking*

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

CMB – Câmara Municipal do Barreiro

FabLab – Fabrication Laboratory

LabTUR – Laboratório de Ensaio de Metodologias de Intervenção na Cidade Existente

PFA – Projeto Final de Arquitetura

PPS – Project for Public Spaces

ONU – Organização das Nações Unidas

TUR – Technopolitics in Urban Regeneration: Co-creating Liveable Spaces

UE - União Europeia

INTRODUÇÃO

“Os múltiplos desafios que a região metropolitana de Lisboa tem pela frente – uma economia produtiva, social, redistributiva e circular; comunidades coesas e solidarias; habitats e mobilidade acessíveis, qualificados e ecológicos – são inevitavelmente interdependentes e subsidiários entre si.”

LabTUR - Laboratório de Ensaio de Metodologias de Intervenção na Cidade Existente

O presente trabalho surge no âmbito de Projeto Final de Arquitetura (PFA), inserido no LabTUR - Laboratório de Ensaio de Metodologias de Intervenção na Cidade Existente e pretende abordar a questão das intervenções temporárias e de baixo custo como ativadoras do Espaço Público, tomando como área de estudo o Centro Histórico do Barreiro.

Em setembro de 2020, com a Escola de Verão TUR'20 – *Techopolitics in Urban Regeneration: Co-creating Liveable Spaces*¹ (2020), foi apresentada a cidade do Barreiro como objeto de estudo, uma oportunidade de desenvolver soluções de desenho urbano integrado para resolução de problemas e necessidades locais. Neste, foram exploradas ferramentas digitais e sociais de desenho, num sistema *bottom-up*, através de processos de cocriação com atores locais, que seriam postos em prática durante o decorrer do ano letivo 2020-2021.

A intervenção que se apresenta surge de uma reflexão crítica sobre os governos locais das cidades, em rápido e contínuo crescimento, que tomam as suas decisões baseadas na extração económica de lucro associados aos movimentos urbanos comerciais, culturais e habitacionais. A dimensão da vida quotidiana é esquecida e assiste-se à desumanização da cidade, onde a rua é desenhada com base no automóvel. O papel das novas tecnologias, que são o ponto principal de interação entre pessoas, é também questionado.

¹ O TUR'20 foca na cocriação de cidades mais sustentáveis e saudáveis, através da arquitetura participativa para a regeneração urbana

A permanência dos cidadãos na rua é cada vez menor, perdendo-se a característica principal da cidade de espaço de encontro e troca, refletindo-se na deterioração dos modos de viver e na qualidade de vida das pessoas.

Neste sentido, recorrer às políticas públicas associadas à regeneração urbana, permite reconhecer os valores da vida quotidiana das cidades que surgem como resposta às oportunidades e desafios impostos pela degradação do sentido de lugar, para melhorar as suas condições físicas, sociais, ambientais e económicas², garantindo uma intervenção adequada às suas especificidades.

As práticas de regeneração urbana surgem como um processo contínuo e parte integral de políticas urbanas e “(...) a sua aplicação pode ser expressa em projetos de longo prazo” (Paio, 2020), fazendo com que os governos entendam os efeitos das variantes do espaço da cidade.

Para assegurar estas práticas, são exigidos estratégias e programas de intervenção que possibilitem atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável³, e o envolvimento multissetorial (público, privado, comunidades locais e voluntários), na medida em que se deve garantir o consenso e participação de todos os envolvidos em prol de um objetivo comum: a regeneração de uma determinada área urbana, alcançando mudanças a longo prazo e fazendo o melhor uso de todos os recursos disponíveis.

² “(...) comprehensive and integrated vision and action which leads to the resolution of urban problems and which seeks to bring about a lasting improvement in the economic, physical, social and environmental condition of an area that has been subject to change.” – in *Urban Regeneration*. Peter Roberts e Hugh Sykes, 2000, p.11

³ “A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas é constituída por 17 ODS e foi aprovada em setembro de 2015 por 193 membros, resultando do trabalho conjunto de governos e cidadãos de todo o mundo para criar um novo modelo global para acabar com a pobreza, promover a prosperidade e o bem-estar de todos, proteger o ambiente e combater as alterações climáticas.” – in *Agenda 2030: Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável*. ONU, 2015

⁴ As parcerias de vários atores é exigida pela regeneração urbana, assim como um projeto estratégico para que esta prática seja bem-sucedida e esteja de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. As tecnopolíticas têm um papel importante, pois permitem a autonomia dos cidadãos e a sua participação nas decisões de planeamento e desenho, como forma de democratização dos processos de construção da cidade. Com a participação cidadã inserida nestes dois conceitos, existe uma aproximação da população, contribuindo para a coesão social e para uma solução mais adequada aos desafios urbanos.

As tecnopolíticas, como ferramenta da regeneração urbana, permitem o envolvimento da população na governança aberta e partilhada⁴, como por exemplo, aplicações móveis ou plataformas digitais (Figura 1). Num momento em que a tecnologia se torna indissociável da vida quotidiana, esta assume-se como um caminho de democratização dos processos de construção da cidade e autonomia dos cidadãos na produção de espaço, fomentando relações cooperativas para um futuro mais inclusivo e sustentável (TUR'20, 2020). A ferramenta tecnológica, bem como o conhecimento do arquiteto/urbanista, são importantes para a recolha, tratamento, difusão de informação e desenho das soluções.

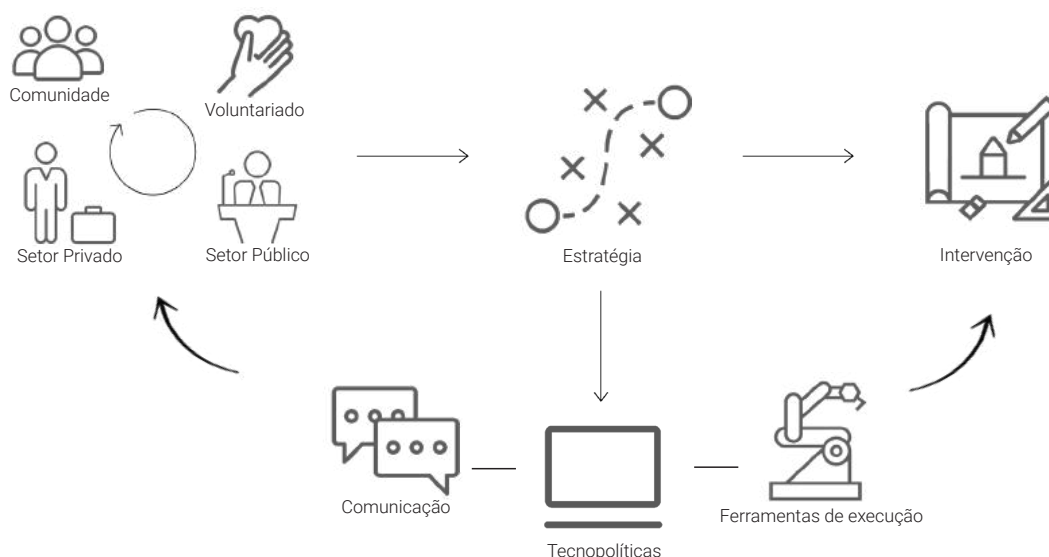


Figura 1: Esquema de relações entre a regeneração urbana e as tecnopolíticas

Para ativar a componente humana da cidade, a participação cidadã nas decisões da cidade é significativa. Giancarlo De Carlo⁵ (Piza, 2003) aponta que, com o Movimento Moderno na construção do espaço, baseado na produção económica e na comunicação através do automóvel, o contexto social só seria tido em conta através da participação das pessoas, com os seus problemas e necessidades⁶ (Farias, 2019). Pelo contrário, a cidade tornou-se fragmentada e com grupos sociais diferenciados, sem a melhoria das condições humanas necessárias.

Para o arquiteto, para além do conhecimento pormenorizado sobre o território, o envolvimento descentralizado da população no poder de decisão na construção da cidade é uma forma de responder aos desafios urbanos impostos, atingindo os objetivos e estratégias definidos a longo prazo no projeto de regeneração urbana. Este permite criar um valor partilhado de interesse público, remetendo para a ideia de *Commons*⁷ como cerne da transformação do espaço urbano. Como afirma Stavrides (2016, p.16) “Quando as pessoas percebem coletivamente que as ações começam a diferir dos seus hábitos coletivos correntes, a comparação torna-se libertadora”. O espaço urbano comum (ruas, praças, jardins, parques) é utilizado e partilhado por todos os que o habitam, aberto aos cidadãos que queiram participar ativamente na sua reconfiguração coletiva.

⁵ Arquiteto e autor fundamental do tema da participação cidadã, “De Carlo vê a participação como uma luta pela construção de uma racionalidade dialógica na arquitetura. Uma racionalidade construída não a partir dos anseios e conceitos dos arquitetos, mas sim, da coletividade. (...) Insiste que o arquiteto deve trazer a inovação, enriquecendo o debate participativo, superando o repertório existente daquela coletividade. O fortalecimento das pequenas comunidades, longe de nostálgico, é um passo rumo a uma sociedade mais cosmopolita, onde a consciência de cada um quanto ao seu papel na coletividade seja maior e, portanto, sejam os homens mais livres. É a mensagem que fica na arquitetura de Giancarlo De Carlo: arquitetura é a arte de se construir espaços para se viver... junto.” – in *Vida e obra de Giancarlo de Carlo*. João Piza, 2003

⁶ “Para De Carlo (2010), o contexto social só poderia ser mantido em conta se também estivessem presentes e ativos os seus protagonistas diretos, ou seja, as pessoas, com seus conflitos e contradições, suas complexidades.” – in *A arquitetura da participação de Giancarlo De Carlo revisitada*. Ana Carolina Farias, 2019

⁷ “Muito influenciado pela ‘teoria do comum’ de Hardt e Negri (2001, 2005, 2009) e pensamento de Holloway (2002, 2010). *Commons* como meio comum de práticas coletivas e, em simultâneo, como elemento formativo dessas práticas coletivas que instituem o comum” - in *Espaço Comum - A cidade como obra coletiva*. Joana Braga, 2021

ENQUADRAMENTO E PERTINÊNCIA DO TEMA

O foco deste trabalho é o espaço público, de interação social cidadã, e a sua importância na cidade contemporânea. Ao longo do tempo, os espaços públicos têm vindo a refletir a vida quotidiana e as várias dinâmicas da sociedade, com diferentes formas de planeamento e gestão e influenciados pelas mudanças sociais, económicas, culturais e políticas.

Breve enquadramento

Desde a 2ª metade do século XIX, as respostas para o crescimento explosivo das cidades passaram a ser urgentes. A Industrialização prejudicou a vitalidade urbana. Esta foi “o motor das transformações na sociedade”, originando “problemas relativos ao crescimento e planificação, (...)” da cidade (Lefèbvre, 2011, p.11-18) e, conseqüentemente, problemas de salubridade e higiene. O êxodo rural que se verificou tornou o tecido urbano “cada vez mais cerrado (...) as concentrações urbanas tornam-se gigantescas; as populações se amontoam atingindo densidades inquietantes (por unidade de superfície ou de habitação). Ao mesmo tempo ainda, muitos núcleos urbanos antigos se deterioram ou explodem” (Figura 2).



Figura 2: Êxodo rural, Industrialização e aumento da cidade

Com as condições deploráveis em que se vivia, desencadearam-se mudanças a nível urbanístico que valorizaram o espaço público, surgindo planos urbanísticos *top-down* em Paris (1857), de George-Eugène Haussmann (Figura 3), ou Barcelona (1859), de Ildefons Cerdà (Figura 4). Com estes planos urbanísticos, os usos e as práticas da cidade alteram-se, dando origem ao entendimento das interações do espaço público com as atividades sociais e culturais.

No entanto, no século XX, o aspeto físico e funcional da cidade e dos seus edifícios é desenvolvido como um plano independente e complementar ao estético, e são valorizados critérios de saúde, higienização e arquitetura fisiologicamente adequadas (Gehl, 2011, p.43). Apesar disso, as possíveis vantagens de um contacto mais próximo entre as pessoas eram reduzidas⁸.

Tema

Na contemporaneidade, vivemos num período no qual se discute a capacidade de regeneração do Planeta. Existem várias diretivas internacionais e europeias - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, Cidades Sustentáveis 2020 (ONU, 2015), Nova Agenda Urbana - Habitat III (ONU, 2016), New European Bauhaus (UE, 2021) (Paio, 2021) - com o objetivo de desenvolverem e transformarem as cidades em espaços mais sustentáveis, saudáveis, justos e equitativos.

Com a crescente concentração da população nas áreas urbanas, as cidades atuais tornam-se insustentáveis (ODS, 2015). O modelo atual de desenvolvimento e de resolução de problemas das cidades, nomeadamente problemas territoriais, ambientais e sociais, é ineficaz.

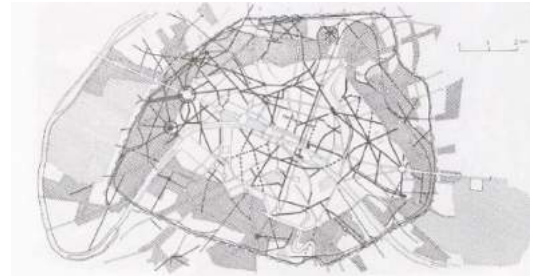


Figura 3: Plano de Paris, de George-Eugène Haussmann (1857)

Fonte: Livro *História da Cidade*. Leonardo Benevolo. Disponível em <https://teoriadurbanismo.wordpress.com/2012/03/13/a-reforma-de-paris-e-o-plano-haussmann/> (consultado em 25/10/2021)



Figura 4: Plano de Barcelona, de Ildefons Cerdà (1859)

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/880894/o-plano-cerda-de-barcelona-de-uma-nova-perspectiva-nessa-fotografia-aerea> (consultado em 25/10/2021)

⁸ “The spreading and thinning out of dwellings assured light and air but also caused an excessive thinning of people and events. Differentiation in function among dwellings, factories, public buildings, and so on may have reduced the physiological disadvantages, but it has also reduced the possible advantages of closer contact.” – in *Life Between Buildings*. Jan Gehl, 2011, p.46

Em 1950, um terço da população mundial vivia em cidades. Passados 50 anos, essa proporção aumentou para o dobro e espera-se que continue em crescimento, atingindo 6 bilhões de pessoas em 2050. Em muitas cidades, principalmente as dos países em desenvolvimento, cerca de 50% da população vive em favelas, com condições inaceitáveis e sem serviços básicos. Espaços públicos, principalmente os das cidades informais, são mal planejados e sem manutenção ou, simplesmente, inexistentes (PPS, 2012). Como afirma Guerra, “a importância crescente das cidades, advêm não apenas da estruturação dos territórios mas da produção de inovação e de modernidade que irão decidir em larga medida o nosso futuro” (Guerra, 2012, p. 285).

O espaço urbano público, em constante transformação, é o primeiro elemento de percepção do lugar que, influenciado por várias condições, nomeadamente a física, gera um impacto que atua sobre as atividades que lá decorrem⁹.

A falta de espaço público aumenta a tensão e o stress das pessoas que vivem em condições inadequadas e em cidades superlotadas. As novas zonas comerciais e residenciais podem arruinar o espaço público tradicional, com a construção de novos edifícios, que provoca o deslocamento da população e perturba padrões sociais já definidos, as formas de convivência e a partilha dos recursos. O desenvolvimento das cidades é acompanhado da construção de espaço público sem um plano concreto (PPS, 2012) que, hoje em dia, reflete a tendência de criar espaços que aparentam ser públicos, mas na verdade, têm características privadas. Por exemplo, as grandes superfícies comerciais fechadas tendem, no ponto de vista da cidade, a dispersar as

⁹ Como refere Patrícia Alomá (2013), “Cuando el espacio público está degradado, provoca un inmediato rechazo. Si no está bien iluminado, ni hay actividad nocturna que lo anime, será percibido como peligroso y muy probablemente lo sea; si los edificios que lo circundan tienen funciones inapropiadas – talleres ruidosos, almacenes que generan tráfico pesado – o están arruinados, nadie acudirá a ellos para pasar su tiempo libre, interrelacionarse socialmente, o por simple curiosidad.”

peças e a enclausurá-las num espaço fechado, juntamente com as atividades, o que dá origem ao abandono do Espaço Público.

Deste modo, a cidade fica desabitada, monótona e perigosa, enquanto que as atividades enclausuradas poderiam valorizar a cidade como um todo (Gehl, 2011). A falta de espaço público desqualificado, mal projetado ou privatizado, torna a cidade cada vez mais segregada, resultando na sua polarização, com muitas tensões sociais, e a mobilidade social e as oportunidades económicas são reprimidas.

No desenho do espaço público, deve-se ter em conta as suas mudanças para que este seja o mais adequado possível às suas vivências e dinâmicas, tornando a cidade num lugar com identidade, afetividade e bem-estar, reunião de todos, independentemente da classe social, situação económica, etc. O papel do arquiteto é alterado, estes renunciam ao controle e envolvem a comunidade no processo de desenho (Awan, Schneider e Till (2011).

Neste sentido, é pertinente investigar o papel fundamental dos espaços públicos na cidade, assim como as dinâmicas que se podem realizar para ativar estes espaços através do desenho participado. O conceito de *Placemaking* (Hambi, 2010) surge como ferramenta de construção de comunidade, envolvendo a população local de forma a terem um papel ativo nas decisões de planeamento e gestão da cidade, assim como o desenvolvimento de intervenções temporárias e de baixo custo, tecendo estruturas no território, com o intuito de ativarem a vida urbana. Estas ações, não só podem promover um espaço urbano melhor, mais seguro e dinâmico, como pode fomentar o capital social, a economia local e a sustentabilidade.

OBJETIVO

Este trabalho tem como objetivo investigar e desenvolver uma estratégia de intervenção com base nos resultados de processos participativos, de modo a atingir metas de desenvolvimento sustentável a nível ambiental, social, económico e urbano, através de pequenas intervenções temporárias e de baixo custo no espaço público.

METODOLOGIA

A metodologia do **LabTUR – Laboratório de Ensaio de Metodologias de Intervenção na Cidade Existente** insere-se na investigação através do projeto, com um método reflexivo e experimental, repartido em quatro fases.

Numa primeira fase, a fase empírica, procedeu-se a uma escolha e sistematização de informação fundamental para a caracterização da área de estudo, de modo a ser definida uma Estratégia de Intervenção preliminar em grupo. Na parte individual, efetuou-se a recolha de informação e análise bibliográfica, assim como entrevistas, que enriqueceram o conhecimento sobre as temáticas abordadas neste trabalho. Em paralelo, houve vários momentos de reflexão e de troca de conhecimento através de conversas com vários oradores sobre os temas abordados pela turma (Figura 5).

Numa segunda fase, a fase descritiva, fez-se uma revisão da caracterização anteriormente feita, bem como da estratégia de intervenção, identificando o Programa Base de Intervenção. Na parte individual, realizou-se a revisão crítica da literatura sobre o tópico da fundamentação teórica do projeto, através da elaboração de uma linha do tempo, a definição da metodologia e a seleção de casos de estudo.

Numa terceira fase, a fase explicativa, realizou-se o Estudo Prévio, garantindo a avaliação e a concertação dos trabalhos individuais em função da estratégia de intervenção e do programa base anteriormente produzidos. Nesta fase, houve também conversas com os vários coorientadores do grupo, de modo a esclarecer os vários temas da turma (Figura 6).

Ao longo destas fases, houve vários momentos de avaliação, com júris convidados (Figura 7), alguns deles com papel decisivo no território do Barreiro.



Figura 5: Conversas com vários oradores sobre os temas abordados pela turma



Figura 6: Conversas com os vários co-orientadores sobre os temas abordados pela turma



Figura 7: Momentos de avaliação com júris convidados

ESTRUTURA DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A estrutura do presente trabalho é realizada em 4 capítulos:

O capítulo 1 corresponde ao enquadramento dos conceitos que suportam o projeto, nomeadamente os conceitos de *Place-making*, Urbanismo Tático e Acupuntura Urbana para atingir a regeneração urbana da área em estudo.

O capítulo 2 corresponde ao capítulo do ensaio metodológico, onde são abordados vários casos de estudo que servem de base ao desenvolvimento do projeto final de arquitetura (PFA) e onde é apresentado o processo participativo realizado junto de alguns habitantes do Barreiro Velho.

No capítulo 3 surge a análise do local em estudo, apresentando-se a sua caracterização e os problemas associados. É apresentado o projeto realizado em grupo - o estudo prévio do projeto, que engloba o edificado e o espaço público do local - e o projeto individual, centralizado no espaço público.

Por último, o capítulo 4 apresenta as considerações finais, fundamentadas no trabalho realizado ao longo dos capítulos anteriores.

CAPÍTULO 01

Da regeneração urbana à construção de bons lugares

“(...) a necessidade de se criarem momentos de experimentação de práticas e de encontro de saberes, dos empíricos aos científicos, eventualmente com algum risco, e de se estudarem os seus resultados para posterior melhoria e replicação noutros contextos.”

José Carlos Mota, Construir comunidade in *Jornal Público*, 2019

01.1 Lugares do quotidiano e intervenções temporárias para a regeneração urbana

“O espaço público deve ser considerado fundador da cidade (poder-se-á dizer em todas as épocas e em todos os regimes); no fundo, o espaço público é a cidade.”

Francesco Indovina, 2002, p.119

“A questão de que tipo de cidade queremos não pode ser divorciada do tipo de laços sociais, relação com a natureza, estilos de vida, tecnologias e valores estéticos desejamos. O direito à cidade está muito longe da liberdade individual de acesso a recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. Além disso, é um direito comum antes de individual já que esta transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização. A liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos é, como procuro argumentar, um dos mais preciosos e negligenciados direitos humanos.”

David Harvey, 2012, p. 74

Quando se fala em cidade, fala-se, inevitavelmente, em espaço público, um lugar onde se realiza a vida urbana, a relação entre pessoas, atividades e edifícios¹⁰ (Barbosa, 2014). Trata-se de um importante elemento para a identificação¹¹, memória e identidade da cidade, conotando os lugares através de símbolos (Indovina, 2002). Como lugar de socialização¹², pode ser usado como ferramenta de expressão social e transformação política, através de protestos e manifestações de forma a obter novas e melhores oportunidades na cidade (Harrouk, 2020).

¹⁰ “Falar em cidade é, indissociavelmente falar em Espaço Público, porque o Espaço Público é das pessoas, daqueles que o frequentam e portanto, é nas praças e ruas da cidade que se estabelece, materializa e expressa a relação entre os seus cidadãos e a cidade.” – in *Espaço Público Urbano, em constante transformação. Um estudo sobre os discursos teóricos e a prática do espaço público contemporâneo*. Maria L. T. M. Barbosa, 2014, pp. 13-14

¹¹ “(...) – representa a condição para que se possa realizar a vida urbana, trata-se de uma espécie de “condição geral” para a existência própria da cidade. (...) – constitui um factor importante de identificação (e também de identidade), isto é, conota os lugares, dá-lhes forma representativa, assumindo muitas vezes a conotação de um “símbolo” (as praças famosas de muitas cidades).” – in *O Espaço Público: Tópicos sobre a sua Mudança*. Francesco Indovina, 2002, p.119

¹² “Espaços públicos são lugares de protestos e manifestações – poderosas ferramentas de expressão social e transformação política.” – in *Espaços públicos: lugares de protesto, manifestação e engajamento social*. Christele Harrouk, 2020

Margaret Crawford, John Chase e John Kaliski (1999), através dos estudos de Henri Lefebvre (2011), Guy Debord (1967) e Michel de Certeau (1998), definem o conceito *Everyday Urbanism*. Este retrata a cidade como espaço de experiências partilhadas entre a população nas suas rotinas, como trabalhar, estudar ou andar pelas ruas da cidade, ou seja, “(...) as diversas atividades ou “atitudes perante a cidade, que celebram a riqueza e vitalidade do dia a dia, aproveitando as potencialidades existentes, e intensificando e encorajando o uso dos espaços de forma alternativa e empírica” (Fontes, 2012, p.32). Os espaços são chamados de *Everyday Space*, uma zona de transição e possibilidade espacial com potencial para novos arranjos sociais e formas de imaginação, entre “(...) esferas residencial, institucional e profissional, (...), tecido conector que mantém unida a vida diária. (...) passível de apropriação e transformação pelos usuários de forma a melhor acomodar as necessidades da vida cotidiana” (Fontes, 2012, p.32), diferente dos espaços planeados da cidade, que muitas vezes não são totalmente utilizados.

¹³“(...) atividades transitórias que povoam o espaço cotidiano lhe dão novos significados através dos indivíduos ou grupos que dele se apropriam, e que, por não terem horários fixos, produzem seus próprios ciclos, aparecendo, desaparecendo e reaparecendo em função do ritmo da vida cotidiana.” – in *Intervenções temporárias e marcas permanentes na cidade contemporânea*. Adriana Sansão Fontes, 2012, p.32

¹⁴“(...) os consumidores produzem por suas práticas significantes alguma coisa que poderia ter a figura das “linhas de erre” desenhadas pelos jovens autistas de F. Deligny. (...) as suas trajetórias formam frases imprevisíveis, “trilhas” em partes ilegíveis. (...) elas desenham as astúcias de interesses outros e de desejos que não são nem determinados nem captados pelos sistemas onde se desenvolvem.” – in *A Invenção do cotidiano. Artes de Fazer*. Michel de Certeau, 1998, p.45

O espaço público é constituído pela forma como as pessoas se apropriam dele e resultam em atividades que funcionam segundo um ciclo rítmico da vida quotidiana¹³. Estes ciclos exprimem os desejos e interesses de todos, em diferentes partes do dia, que surgem de forma espontânea e, por isso, têm de ser examinados coletivamente para um melhor desenho do espaço urbano¹⁴. Para Crawford (1999), o seu desenho parte da compreensão e da aceitação da vida que decorre no sítio, em oposição ao desenho de profissionais, baseados em princípios abstratos, que nada tem a ver com a realidade humana do local. Na perspetiva de Gehl (2011),

a vida quotidiana, as situações comuns e os espaços onde a vida é vivida diariamente, são o ponto de partida para o esforço e atenção para a intervenção no espaço público¹⁵. Os cidadãos são o elemento principal da cidade, dando-lhe a componente subjetiva, derivada do seu uso quotidiano. É no espaço público que se desenvolve a vida, promovendo a sua interação independentemente da idade, género ou condição social, e permite a conexão com os lugares (Figura 8).

De acordo com Adriana Sansão Fontes (2012, p.32), a presente sociedade vive um “(...) período que se reveste de características de transitoriedade, em várias esferas das relações sociais e económicas (...). Essa mudança tem rebatimentos no urbanismo, cuja dinâmica, na contemporaneidade, se confronta com o ritmo do urbanismo tradicional e moderno, menos acelerado e mais estável. (...), no momento atual, a flexibilidade e a indiferença é que caracterizam as relações sociais urbanas, marcadas pelo curto prazo, pela falta de compromisso mútuo advinda desse stress da rapidez, e pelas relações superficiais entre indivíduos.”

¹⁵ “(...) it is a prime concept that everyday life, ordinary situations, and spaces in which daily life is lived must form the center of attention and effort.” – in *Life Between Buildings*, de Jan Gehl, 2011, p.51



Figura 8: Projetos que valorizam a vitalidade das cidades
Fonte: <https://medium.com/sidewalk-talk/street-design-principles-fe35106e0f92> (consultado em 18/10/2021)

As mudanças das condições na sociedade urbana são expressas mais claramente nas mudanças dos padrões de uso do espaço. O espaço público negligenciado sofre críticas e são reivindicadas melhores condições para pedestres e bicicletas, para crianças e idosos, e melhores estruturas, em geral, para funções sociais e recreativas, através de protestos populares. Estes protestos são realizados com arquitetos e planeadores, com o objetivo de reavivar a cidade com planos cuidadosos de espaços públicos (Gehl, 2011), de forma a recuperar virtudes urbanas como a sociabilidade e a subjetividade (Fontes, 2012, p.32).

Regenerar a cidade é ativar a vida urbana através da recuperação do valor humano. As intervenções temporárias no espaço público são uma forma de transformar a cidade, ao alterar a ordem estabelecida. Para Fontes (2012, p.36), “(...) a intervenção temporária é a que se move no âmbito do transitório, do pequeno, das relações sociais, que envolve a participação, ação, interação e subversão, e é motivada por situações existentes e particulares, em contraposição ao projeto estandardizado, caro, permanente e de grande escala.” Estas intervenções ocorrem gradualmente e, a longo prazo, promovem melhorias no ambiente urbano e geram marcas permanentes, com o potencial de salvar os lugares onde são realizadas, principalmente espaços expectantes da cidade. Em conversa com Farias (ver Anexo A), há usos quotidianos que se fazem na cidade como se fossem a continuação da habitação, que não são bem vistos pela sociedade.

Em Portugal, a sociedade espera que o governo responda e aja em prol da melhoria do espaço urbano, um pensamento *top-down* responsável pelas mudanças na cidade. O ponto de partida para mudar esse pensamento são dinâmicas de sensibilização e reflexão para a dimensão do comum, a ideia de que são as pessoas que constroem cidade através do seu uso quotidiano (Guerra, 2012; Stavrides, 2021).

Uma ação tática que se associa à observação, interação com o real e o testar ideias e novas possibilidades. Estas, possibilitam descobrir novas leituras do existente e, mesmo que seja uma intervenção de um dia, esta pode desencadear novos comportamentos. Neste sentido, o poder público pode ser influenciado a pensar em novas políticas públicas. Para tal, precisamos de, segundo Tiago Mota Saraiva (2020), “criar espaços que nos deem confiança para inventar novas formas de produzir políticas públicas”. Trata-se de uma governação de proximidade (Schmidt et al, 2014).

Tais ações, permitem reivindicar justiça urbana para as zonas com problemas estruturais, sejam sociais ou económicos. Esta reside em reivindicar o direito de continuarem a viver na cidade, ou seja, “ter direito ao lugar é ter a possibilidade de vier no lugar e de viver o lugar” (Coentrão, 2021). A cidade enquanto laboratório de democracia (Arriaga et al, 2019) ”combina a urgência de manter a funcionar a infraestrutura que suporta a vida quotidiana com uma escala em que as decisões podem ser rapidamente implementadas – e os seus efeitos observados pelos cidadãos”. Ao intervir de forma tática, contribui-se para a melhoria do que Gehl (2011) chama de “espaço de transição” – a rua, o passeio, a fachada – e, conseqüentemente, das condições dos edifícios envolventes, contribuindo para a justiça urbana da cidade.

01.2 *Placemaking* para a construção de lugares

Construir cidade é um processo orgânico.

“ (...) o *placemaking* demonstra que a criação de lugares vai muito além da sua concepção física, envolvendo parâmetros como sociabilidade, usos, atividades, acessos, conexões, conforto e imagem de forma a criar vínculos entre as pessoas e o que então será entendido como lugar”.

Susanna Moreira, 2021

“*Placemaking* inspires people to collectively reimagine and reinvent public spaces as the heart of every community. Strengthening the connection between people and the places they share, placemaking refers to a collaborative process by which we can shape our public realm in order to maximize shared value. More than just promoting better urban design, placemaking facilitates creative patterns of use, paying particular attention to the physical, cultural, and social identities that define a place and support its ongoing evolution”.

Project for Public Spaces, 2016

Construir cidades inclusivas, saudáveis, funcionais e produtivas é, talvez, o maior desafio da humanidade e parte da solução reside nos espaços urbanos como alavanca para a regeneração económica, social e ambiental. Estes são vitais para as cidades de sucesso: ajudam a construir o senso de comunidade, identidade cívica e cultural, e facilitam o capital social, o desenvolvimento económico e a revitalização da comunidade. Os espaços públicos subvalorizados, se reivindicados e desenvolvidos, podem ajudar a enriquecer comunidades e, ao fortalecer o tecido social, surgem oportunidades económicas e o impulsionamento do bem-estar dos cidadãos (PPS, 2012).

O conceito *Placemaking* surge em 1960, com Jane Jacobs e William H. Whyte¹⁶, ao introduzirem novas ideias sobre a projeção da cidade para as pessoas. Em 1975, Fred Kent e Kathy Madden formam o Project for Public Spaces (PPS), projeto que procura provar a importância do espaço público e que utiliza o conceito para descrever a sua abordagem. Trata-se de uma ação *bottom-up* que capacita e envolve as pessoas para reimaginarem e reinventarem os espaços de vazios de proximidade coletivamente, em parceria com vários órgãos públicos e privados, associações locais e outros grupos cívicos, que permite melhorar as comunidades ao promover espaços de qualidade. Esta metodologia é crucial e muito valorizada para os que se sentem ligados ao local onde é aplicada, e mostra o poder da visão coletiva na transformação do espaço público da vida quotidiana. O planeamento das cidades não é apenas uma questão para arquitetos, urbanistas ou políticos, que se baseiam apenas no seu conhecimento profissional e na observação do local, mas também é para os cidadãos que o vivem e experienciam diariamente. A abordagem reconhece “*the community is the expert*” (PPS, 2012, p.4). Todos têm direito à cidade e isso é cada vez mais reconhecido como um direito humano fundamental (PPS, 2012). O espaço público é o local ideal para olhar as questões locais e globais das cidades, gerando impacto em várias áreas (Figura 9).

¹⁶ “Their work focuses on the social and cultural importance of lively neighborhoods and inviting public spaces: Jacobs encouraged everyday citizens to take ownership of streets through the now-famous idea of “eyes on the street,” while Holly Whyte outlined key elements for creating vibrant social life in public spaces.” in *What is Placemaking?* PPS, 2007

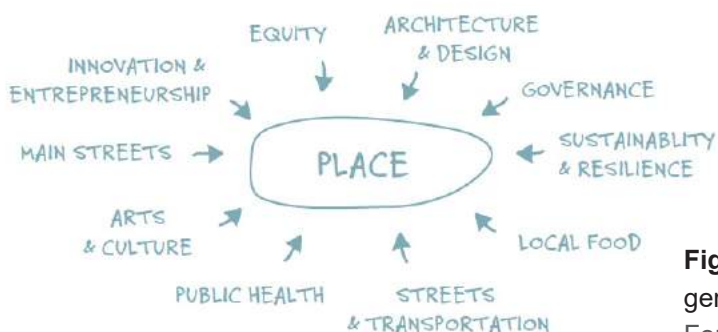


Figura 9: Áreas onde o *Placemaking* gera impacto
 Fonte: PPS, 2016

Neste sentido, o PPS desenvolveu o conceito *The Power of 10* (Figura 10), no qual os bons espaços públicos apresentem, pelo menos, dez motivos para as pessoas permanecerem. Caso contrário, os espaços sem pessoas acabam por se transformar em locais de passagem, onde a percepção de segurança é pouca (PPS, 2016).

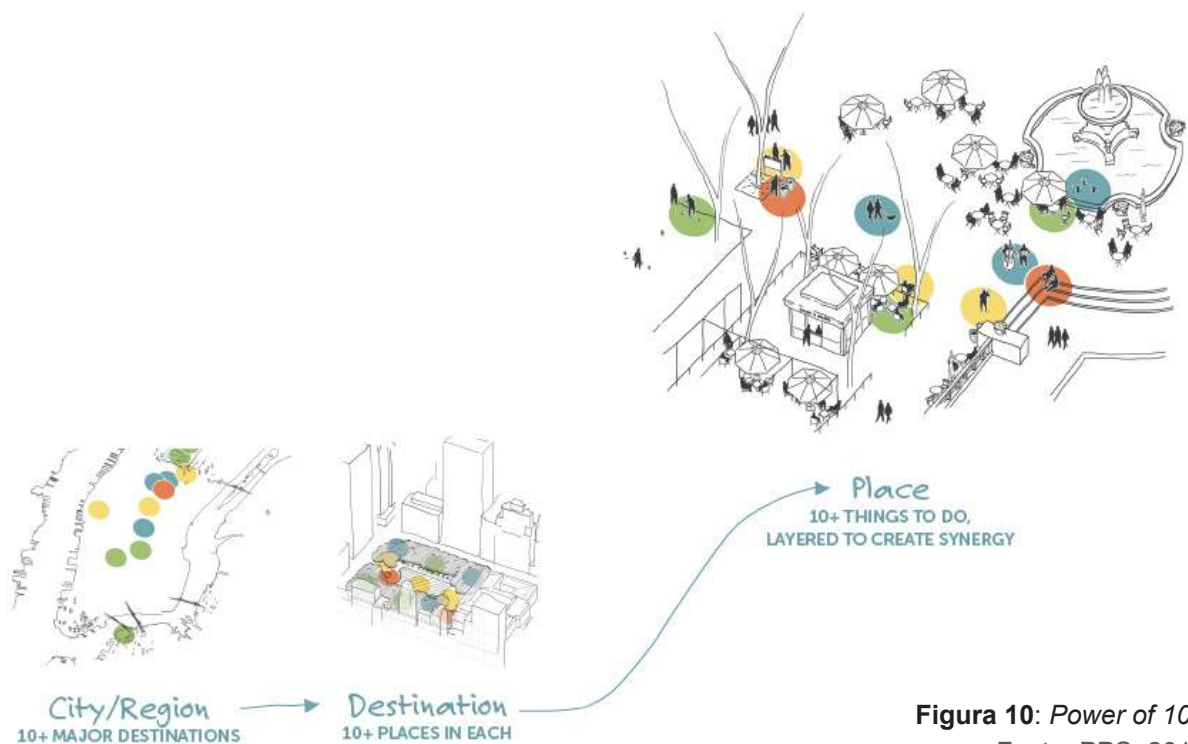


Figura 10: *Power of 10+*
Fonte: PPS, 2016

O PPS determina vários atributos chave, interligados entre si, para a criação de bons espaços públicos, em função da vida cotidiana (Figura 11). Como espaços de trocas, convivências e encontros, são vitais para o bem-estar da cidade. Ao haver estímulo do nível de atividade, as pessoas tendem a usá-los mais tempo, tornando-os num lugar único (ver Anexo B). Os termos estratégia e tática assumem um papel fundamental para os arquitetos que pretendem desenhar propostas para o espaço público das cidades contemporâneas.

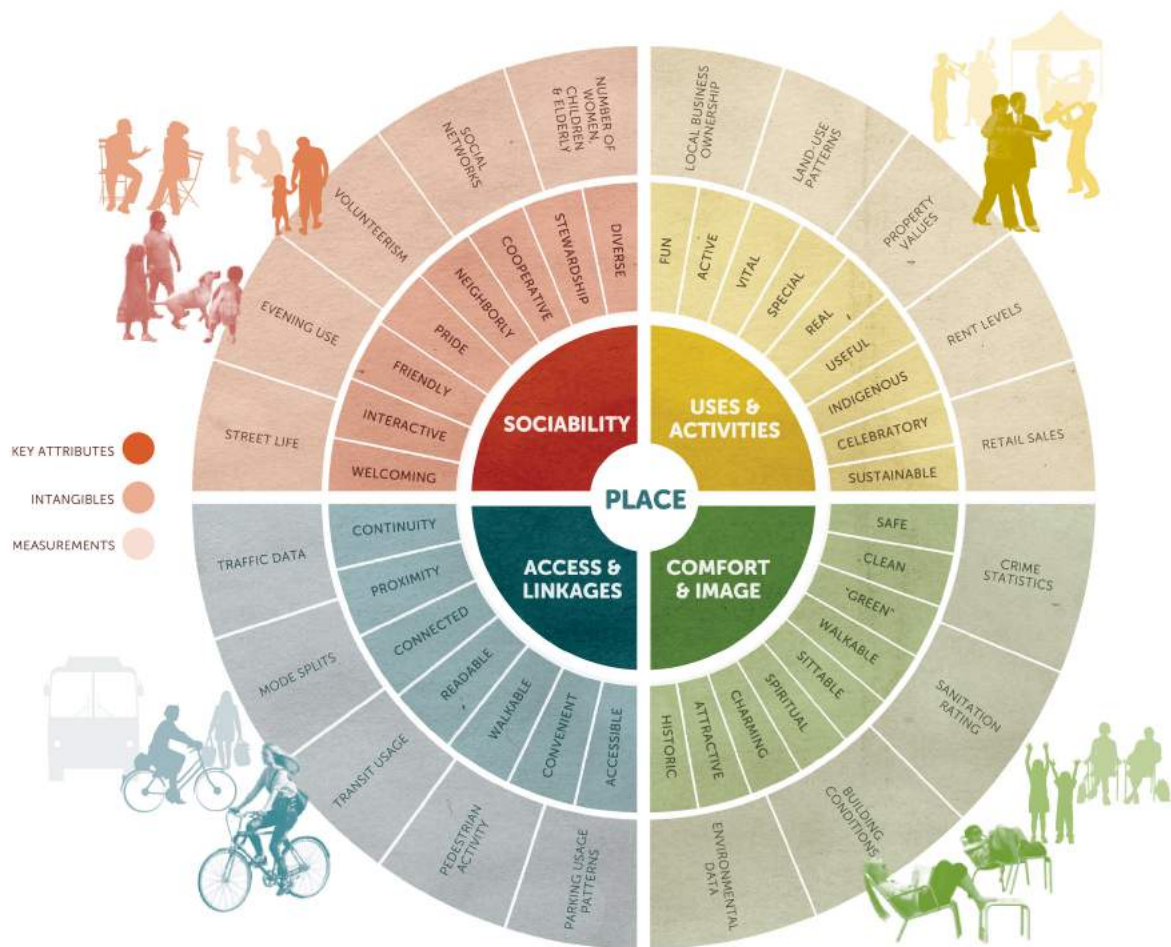


Figura 11: Diagrama *What makes a great space*

Fonte: PPS, 2016

O espaço:

- Tem que estar bem conectado e ter boas ligações com a sua envolvente, tanto físicas como visuais. Deve ser fácil de chegar (automóvel, transportes públicos, bicicleta ou a pé), entrar (deve ser apelativo) e andar (o espaço pedonal deve ser priorizado).

- Deve ser confortável e ter uma boa imagem para que assim ocorram atividades e interações entre pessoas, sendo perceptível a segurança, a limpeza e disponibilidades de estar ou sentar.

- Deve ter várias atividades, de modo a atrair pessoas para nelas participarem e para que haja motivos para regressarem. A estimulação do nível de atividade, principalmente a atividade social, é importante para que as pessoas usem o espaço público durante mais tempo, tornando-o num lugar único.

- Deve ter um conjunto de características que facilitem o encontro de pessoas, o seu cumprimento ou até o falar com estranhos. Quando isso acontece, a tendência é um lugar mais forte, em que a comunidade toda se relaciona. Aqui a diversidade e o aceitar o outro são características muito importantes.

01.3 Estratégia vs. Tática

Os espaços urbanos desenhados segundo uma estratégia *top-down*, são desenvolvidos num grande plano para serem reproduzidos e alcançarem objetivos sociais, ambientais e económicos que implica na maioria das vezes ignorar a diversidade existente no local. Segundo Michel de Certeau (1998, p.99) a estratégia é “(...) um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (...)”.

No *Everyday Urbanism* (1999), a harmonização e a interação de significados exercem influência mútua entre uma linguagem ou estilo referente a algo em comum. Dialogar no desenho da cidade desafia os conceitos para os quais os profissionais trabalham e serve como ponto de partida para a sua mudança. O arquiteto ou urbanista, com a interação com o cidadão, aproxima-se deste, ficando a conhecer o local para o qual está a desenhar, permitindo que o projeto se insira eficazmente, respondendo às necessidades e desejos das pessoas. A este diálogo, Michel de Certeau (1998, p.101) chama de tática, “(...) a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. (...) A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha. (...) Aproveita as “ocasiões” e delas depende (...)” aproveitando “(...) as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. (...) a tática é a arte do fraco”.

Neste sentido, as práticas na cidade devem, inevitavelmente, originar mudanças sociais, através de preocupações específicas, no tempo e lugar, que surgem da experiência de diferentes pessoas e grupos na cidade, uma mudança social na lógica de um sistema *bottom-up*, através de processos participativos, dando significado ao espaço urbano.

01.4 Urbanismo Tático: intervenções temporárias e de pequena escala na construção de lugares

tac·ti·cal
adj: \tak-ti-kəl\

1. of or relating to small-scale actions serving a larger purpose
2. adroit in planning or maneuvering to accomplish a purpose

The Street Plans Collaborative, 2012

“Ao reconhecer o fato de que as cidades são o resultado do coletivo, há um grande potencial para mudança na maneira como elas são construídas atualmente. Mas para que a mudança aconteça, há uma necessidade para os designers entenderem a complexidade dos cenários cultural e social que eles encontram em seu trabalho, e para que as iniciativas comunitárias captem o potencial de designers treinados para contribuir para condições de vida e ambientes mais adequados.”

Marcos L. Rosa, 2017, p.6

As respostas para as questões da cidade devem ser flexíveis e intencionais para o local em estudo. Após a compreensão das necessidades e aspirações da comunidade em relação ao local que habitam, é possível criar uma visão comum para o lugar. A regeneração urbana pode ser rapidamente testada através do Urbanismo Tático (2012) (Figura 12).

O Urbanismo Tático é uma abordagem tática difundida em 2010 pelos Taticistas, um grupo formado por Mike Lydon e Anthony Garcia (2015), como resposta ao processo de construção lento e convencional da cidade contemporânea. Esta consiste na construção e ativação das

¹⁷ “Translated to cities, Tactical Urbanism is an approach to neighborhood building and activation using short-term, low-cost, and scalable interventions and policies. Tactical Urbanism is used by a range of actors, including governments, business and nonprofits, citizen groups, and individuals. It makes use of open and iterative development processes, the efficient use of resources, and the creative potencial unleashed by social interaction.” – in *Tactical Urbanism: Short-term Action for Long-term Change*. Mike Lydon e Anthony Garcia, 2015, p.2

¹⁸ O Urbanismo Tático está inserido numa lógica de design de transição, permitindo ajudar comunidades com objetivos a curto, médio e longo prazo para a resolução de problemas, de forma a atingir sistemas mais sustentáveis, justos e equitativos para a sociedade.

idades¹⁷ através de intervenções temporárias de baixo custo e de baixa manutenção, com o uso eficiente dos recursos e o potencial da interação da população (Lydon e Garcia, 2015).

O urbanismo tático pode ser o *in between* da tensão entre estratégia e tática, criando um ambiente melhor e mais funcional para todos os que dele fazem parte. Ao mesmo tempo que a transformação imediata permite recuperar, redesenhar ou reprogramar o espaço público para os cidadãos¹⁸, é uma abordagem que possibilita a testagem rápida e avaliação das melhores práticas, antes das mudanças a longo prazo e permanentes, com o financiamento dos municípios (Lydon e Garcia, 2015). (Figura 13)

AN URBAN TACTICIANS LIBRARY



Figura 12: Livros chave do Urbanismo Tático

Fonte: <http://tacticalurbanismguide.com/> (consultado em 18/11/2021)

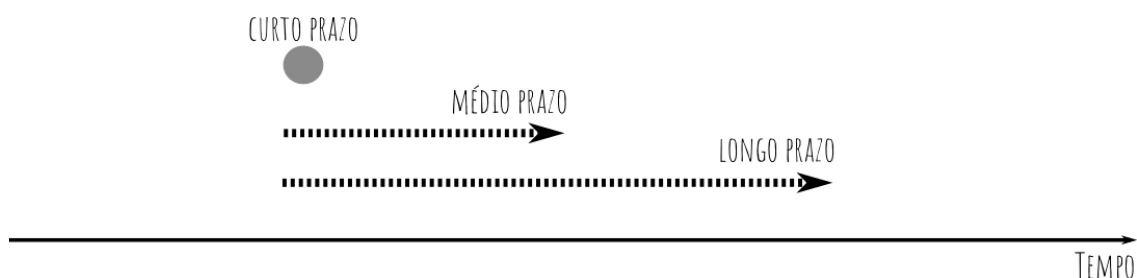


Figura 13: Design de transição

As ações táticas ganham força no contexto de crise em áreas urbanas, conferindo novos sentidos para os lugares, criando cidades mais sustentáveis e seguras para as pessoas que percorrem os seus espaços diariamente, e leva a um pensamento mais consciente dos seus hábitos pelas oportunidades de encontro e trocas. Tal, aumenta o capital social, as oportunidades económicas, o acesso à alimentação, à segurança e à vida em geral. Ao serem desenvolvidas em macro escala, facilitam o desenvolvimento eficiente dos edifícios, ruas e parque e, em microescala, dentro da cidade, envolvem o comércio, a política, a recreação e a arte (Figura 14).



Figura 14: Times Square – antes e depois das intervenções de Urbanismo Tático

Fonte: <https://wribrasil.org.br/pt/blog/2018/09/o-poder-de-transformacao-do-urbanismo-tatico> (consultado em 17/10/2021)

Times Square forma-se no cruzamento de duas grandes avenidas de Nova Iorque, muito movimentadas. A primeira ação de Urbanismo Tático foi a colocação de simples cadeiras de praia durante três dias no espaço, formando uma praça efêmera. Com o diálogo entre vários atores, principalmente a comunidade, começaram-se a produzir instalações temporárias e pinturas.

O processo demorou 5 anos até que fossem feitas todas as avaliações necessárias para a viabilização do projeto, a sua concretização e a sua conclusão.

Hoje em dia, o cruzamento cheio de automóveis é uma praça segura e somente pedonal e é dos projetos com mais sucesso do Urbanismo Tático. Depois do sucesso deste projeto, mais ruas e avenidas foram regeneradas, ganhando-se novos espaços públicos.

Uma das variantes desta abordagem tática é a Acupuntura Urbana (Lerner, 2003) (Figuras 15 e 16). Tal como a acupuntura médica, Manuel Solà-Morales afirma que a localização do ponto sensível é o primeiro passo no tratamento estratégico da pele urbana. Para identificar o ponto sensível, “a pele da cidade tem de ser observada com a atenção de um detective que examina as mais ínfimas pistas que nela se enrugam e a sua aparente falta de ligação” (Solà-Morales, 2008, p.11). Só após esta profunda escrutinação é que a intervenção pode ser concebida considerando, acrescentando, removendo, modificando ou reestruturando as coisas. A surpresa e a intuição são tão importantes no projeto urbano como a coerência e a compreensão.



Figuras 15 e 16: Acupuntura Urbana, Jaime Lerner

Fonte: <https://www.innovadoresdeamerica.org/arq-jaime> (consultado em 18/11/2021)

Segundo Lerner, a acupuntura urbana é uma tática de design que promove a requalificação urbana em nível local, apoiando a ideia de que as intervenções no espaço público não precisam ser amplas e caras para produzirem um impacto transformador. São Iniciativas focadas e direcionadas para a regenerar espaços negligenciados nas cidades, através da implantação de intervenções urbanas incrementais que permitem consolidar a infraestrutura social de um bairro (Cutieru, 2020) (Figura 17 e 18).

As atividades sociais tendem a ocorrer e tornam os lugares acessíveis e confortáveis, gerando boas imagens e memórias do território, deixando-lhe marcas duradouras e permanentes (Fontes, 2012).

A rede promove o funcionamento da cidade contemporânea, fundamentado nas dinâmicas do espaço e no cotidiano do cidadão ou comunidade.



Figura 17 e 18: Acupuntura Urbana: requalificando espaços públicos por meio de intervenções locais

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/948851/acupuntura-urbana-requalificando-espacos-publicos-por-meio-de-intervencoes-locais> (consultado em 18/11/2021)

CAPÍTULO 02

Ensaio Metodológico

“[...] estudo do problema-humano-que-carece-de-arquitectura [...] pela via do método (integrado na análise, na composição e na crítica) objectivando assim as relações entre sociedade e arquitectura, integrando na síntese da forma o conhecimento disponível sobre o homem para quem se constrói”.

Nuno Portas, 1963, p.16

O ensaio metodológico está estruturado em 3 subcapítulos:

No primeiro subcapítulo, apresentam-se 4 casos de estudo, com o objetivo de contribuir para a metodologia do projeto final de arquitetura, no Barreiro Velho. As diferentes metodologias analisadas abrangem: (1) Regeneração urbana do bairro através da acupuntura urbana – Bairro de Velluters, Valência (2010-2011); (2) *Placemaking* através de intervenções temporárias baseadas em processos participativos – El Campo de Cebada, Madrid (2010); (3) Regeneração Urbana resiliente baseada em ciclos ecológicos – R-Urban (2008); e (4) Agricultura Urbana como forma de regeneração urbana – Passage 56 – Espaço Cultural Ecológico, Paris, França (2006). Desta forma, é possível perceber como foram realizados processos participativos para a regeneração urbana e o processo de desenho do espaço, tendo em conta os problemas e as necessidades da população.

No segundo subcapítulo, apresenta-se o Bairro do Barreiro Velho, a sua evolução e os seus problemas e necessidades, identificando dois tópicos principais que serão trabalhados no capítulo 03: (1) Precariedade da habitação; e (2) Precariedade do espaço público.

No terceiro subcapítulo, apresenta-se o processo participativo realizado para a intervenção no Barreiro Velho. Aqui, foram identificadas as dinâmicas existentes no bairro, segundo a população local, e surgiu uma estratégia fundamentada em atividades e módulos essenciais para o bairro.

02.1 Casos de Estudo Bairro de Velluters, Valencia



Figura 19: Fotomontagem explicativa da combinação dos níveis de intervenção nos vazios urbanos e as atividades geradas
Fonte: *Public Space Acupuncture: Strategies and Interventions for Activating City Life*. Casanova e Hernández, 2014

“The growing awareness of the importance of public space as a regulator of urban cohabitation has led some cities to look for new ways of understanding its creation, design and management according to what might be called public space acupuncture strategies, born from urban acupuncture strategies exclusively to the sphere of public space”.

Helena Casanova e Jesús Hernández, 2014, p. 10

O bairro *El Pilar*, mais conhecido como Bairro de Velluters¹⁹ é o centro histórico de Valência, Espanha, que foi, a partir de 1950 devido à especulação imobiliária, abandonado pela população.

Em 2010/2011, várias associações organizaram um concurso de ideias (Figuras 20 e 21) para promover a regeneração urbana do bairro, através de intervenções temporárias, principalmente nos vazios urbanos expectantes existentes no bairro. A exploração cidadã foi o motor de transformação, com intervenções paisagísticas, artísticas ou outras, em conjunto com atores públicos e privados. O objetivo era promover a qualificação do bairro, através da funcionalidade, custo reduzido, baixa manutenção e impacto visual.

¹⁹ O bairro, segundo a população, tinha falta de instalações, espaços de encontro, *playgrounds* e áreas verdes, e os problemas incidiam na prostituição, drogas e sujeira nas ruas estreitas, escuras e delineadas por edifícios altos que davam a sensação de insegurança e geravam criminalidade.



Figura 20 e 21: Concurso de ideias “*Imagina Velluters*” e exposição no bairro

Fonte: <https://www.sostre.org/ca/proyectos-2/item/26-imagina-velluters>
<http://velluters.blogspot.com/2011/01/os-invitamos-que-visiteis-la-exposicion.html> (consultado em 25/09/2021)



Layer 1: Interventions on the Walls



Layer 2: Interventions on the Ground



Layer 3: Assignment of a Program

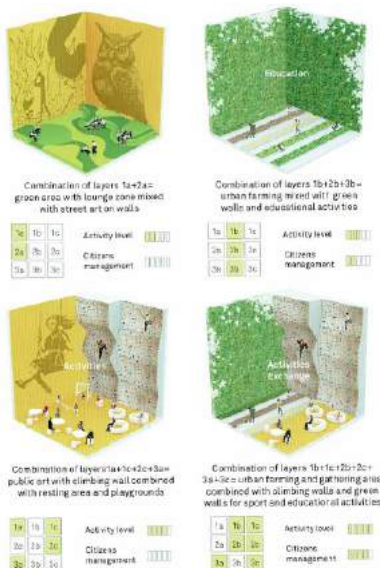


Figura 22: Identificação dos vazios urbanos no bairro de Velluters

Figura 23: Níveis de intervenção nos vazios urbanos

Figura 24: Combinação dos níveis de intervenção nos vazios urbanos

Fonte: *Public Space Acupuncture: Strategies and Interventions for Activating City Life*. Casanova e Hernández, 2014

Uma das propostas foi apresentada pelos arquitetos Helena Casanova e José Hernández (2014), focada e pensada no desenho da cidade, para promover a sustentabilidade social. A estratégia começa pela identificação (Figura 22) e reavaliação dos lotes vazios, reativando o potencial funcional, social, ecológico e estético, com uma distribuição equilibrada dos programas. A solução assenta em três níveis de intervenção (Figura 23), que se podem misturar consoante as necessidades e desejos dos residentes do bairro, criando um ecossistema (Figura 24), incluindo programas participativos e uma agenda de atividades variada, dependendo das características de cada lote. A utilização destes programas em vários lotes cria uma dinâmica ao longo do bairro, no qual todos os espaços interagem uns com os outros, formando redes de comunicação.

Os cidadãos envolvem-se na tomada de decisão e fazem a gestão dos espaços, contribuindo para a responsabilidade de os manter limpos, cuidados, dinâmicos e com boa imagem, atraindo visitantes e atividades sociais. As opções tomadas seriam frequentemente avaliadas, porque a cidade está em constante mudança.

Ao combinar programas através de pequenas intervenções em lotes vazios, estes constituem uma rede de comunicação, permitindo ativar o bairro (Figuras 25, 26 e 27). A visão alargada, permite estender o projeto para fora do limite do bairro, promovendo a relação com a restante cidade.



Figura 25, 26 e 27: Fotomontagens explicativas da combinação dos níveis de intervenção nos vazios urbanos e as atividades geradas

Fonte: *Public Space Acupuncture: Strategies and Interventions for Activating City Life*. Casanova e Hernández, 2014

El Campo de Cebada, Madrid



Figura 28: El Campo de Cebada

Fonte: <https://it.foursquare.com/v/plaza-de-la-cebada/4adcda-37f964a520273c21e3> (consultado em 19/11/2021)

“No “la Cebada” há lugar para todos. Para os próprios vizinhos do bairro e para os que cruzam a cidade inteira somente para desfrutar de uma tarde na companhia de amigos acomodados nos mobiliários projetados e fabricados nas famosas oficinas que aqui acontecem, entretidos vendo jogarem basquete na quadra central, vendo um acontecimento teatral das arquibancadas ou curtindo os pormenores.”

El Campo de Cebada, 2013

“As Zuloark, the architects behind the project say: “the only author of Campo de Cebada is Campo de Cebada itself.”

Kolesnikov, 2013

Situado no bairro histórico *La Latina*, em Madrid, este projeto nasce num vazio urbano, gerado pela demolição do polidesportivo existente.

O espaço foi reivindicado e transformado pela ação conjunta de vizinhos, arquitetos, agentes culturais, associações de vizinhos e administração, como alternativa as dinâmicas especulativas imobiliárias (Figura 29). Através da sua persistência, esforço, compromisso de todos e uma gestão aberta e participativa, conseguiram a cedência desse espaço, até um novo projeto de construção surgir.

Com pequenas intervenções feitas pelo grupo, foi criada uma praça compartilhada, que se desenha a si própria (Figuras 30, 31 e 32). O Campo de Cebada é um espaço para se levar amigos e visitas e todos sentem que aquele espaço é seu, pois todos o disfrutam e cuidam. É um lugar para todos os que se cruzam na cidade, constituindo-o como um espaço de referência e de oportunidades sociais e económicas.

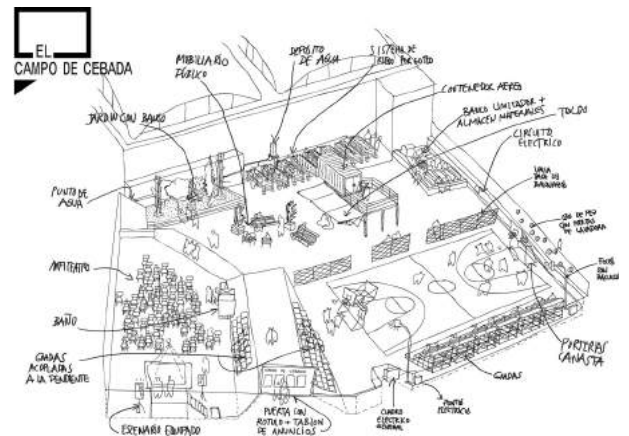


Figura 29: Desenho esquemático da praça El Campo de Cebada

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-136323/el-campo-de-cebada-slash-la-ciudad-situada> (consultado em 25/09/2021)



Figuras 30, 31 e 32: Dinâmicas existentes no espaço elaboradas pelos atores envolvidos na construção da praça

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-136323/el-campo-de-cebada-slash-la-ciudad-situada> (consultado em 25/09/2021)

R-Urban



Figura 33: R-Urban Colombes

Fonte: <http://commoning.city/project/colombes-r-urban/> (consultado em 19/11/2021)

“R-Urban is one of the many small-scale initiatives to have emerged in response to the slow pace of governmental procedures (...)was conceived as an open source strategy enabling residents to play an active part in changing the city while also changing their ways of living in it. (...) This strategy creates a network of citizen projects and grassroots organisations around a series of self-managed collective facilities hosting economic and cultural activities and everyday practices that contribute to boosting resilience in an urban context. (...) This leads to a more effective, faster and more sustainable implementation, and allows for greater participation of non-specialists in co-producing it. (...) R-Urban is no direct application of theory, but tries to develop an exploratory practice and a theoretical analysis, both of which constantly inform one another”.

Constantin Petcou e Doina Petrescu, 2015, p.249-251

O projeto R-Urban, criado em 2008, pelo gabinete de investigação atelier d’architecture autogérée (aaa)²⁰, assenta numa estratégia *bottom-up* para a regeneração urbana resiliente baseada em ciclos ecológicos (Figura 34). O envolvimento da população na transformação dos bairros, para enfrentar os desafios futuros, é fundamental para as iniciativas de pequena escala²¹, como reação ao ritmo lento dos processos governamentais europeus e à falta de consenso em levar mais longe os desafios ambientais e económicos futuros.

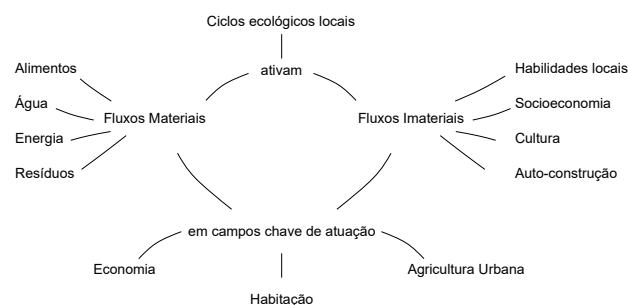


Figura 34: Diagrama dos ciclos ecológicos onde o projeto R-Urban se baseia para a regeneração urbana resiliente

²⁰ Disponível em <http://www.urbantactics.org/> (consultado em 14/11/2021)

²¹ Disponível em <https://www.urbantactics.org/projets/r-urban/> (consultado em 14/11/2021)

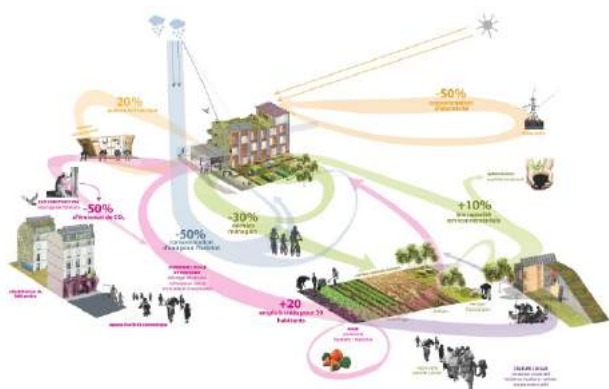


Figura 35: Diagrama dos circuitos de produção e consumo (Princípio do berço a berço)

Fonte: <http://www.urbantactics.org/projects/rurban/rurban.html> (consultado a 25/09/2021)

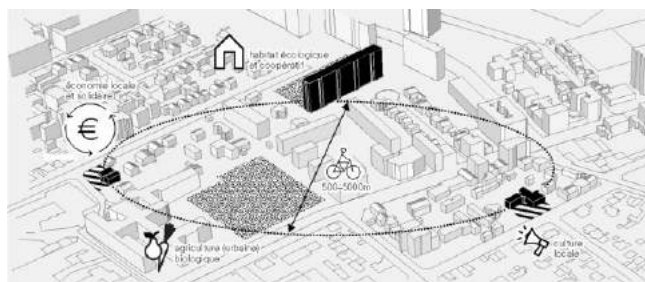


Figura 36: Diagrama dos curtos-circuitos em centros urbanos, iniciados pelo projeto R-Urban

Fonte: <https://r-urban-wick.net/> (consultado a 25/09/2021)

²² “To overcome the current crises (climate, resources, economic, demographic), we must, as philosopher Andre Gorz says, ‘produce what we consume and consume what we produce’”. Disponível em <http://r-urban.net/en/sample-page/> (consultado em 14/11/2021)

A resiliência urbana (aaa, s.d) é explorada através de uma rede de instalações geridas pela população local, de forma a criar complementaridade entre os vários campos de atividade (Arqa, 2013).

O projeto pressupõe o equilíbrio entre a produção e o consumo por meio de fontes locais sustentáveis²², que leva à transformação da sociedade para ser o produtor e consumidor. Deste modo, as pessoas devem-se envolver por meio de práticas colaborativas, apoiando-se em redes locais e fomentando a economia e a sustentabilidade locais (Figura 35).

A estratégia do R-Urban visa uma mudança em escala e a longo prazo, iniciando curtos-circuitos entre centros urbanos complementares e desenvolvendo práticas resilientes em torno da reciclagem e construção ecológica, agricultura urbana e habitação cooperativa (Figura 36) para criar novas dinâmicas coletivas e formas de “bens comuns” urbanos e, eventualmente, a condução a um movimento urbano cívico.

Passage 56 - Espaço Cultural Ecológico, França



Figura 37: Passage 56 - Espaço Cultural Ecológico
Fonte: <https://www.spatialagency.net/database/aaa> (consultado em 19/11/2021)



“Este espaço é um exemplo da emergência de novas formas de espaço público que não culminam na construção física de um objeto projectado, mas que são, pelo contrário desenvolvidos continuamente como produção social, cultural e política.”

Arqa 91, 2011, p.76



O Passage 56²³ parte de uma parceria entre vários atores – governo e organizações locais, profissionais e população – para a criação de um espaço de agricultura urbana gerido coletivamente, num lote abandonado em Paris (Arqa, 2011). O espaço acolhe, também, várias atividades, como reuniões participativas (Figura 38), workshops ou jogos, e permite intercâmbios comerciais e atividades voltadas para a gastronomia e horticultura.



Figura 38: Reuniões participativas no lote – intercâmbio social

Figura 39: Construção do lote com materiais reciclados

Figura 40: Agricultura Urbana – Espaço Cultural Ecológico

Fonte: <https://www.publicspace.org/works/-/project/f250-passage-56-cultural-and-ecological-space> (consultado em 25/09/2021)

O projeto é um exemplo de regeneração urbana de um espaço vazio da cidade, onde o atelier aaa explora o potencial do uso do lote de forma ativa e pensa em questões sociais e locais. Ao longo do processo participativo sustentado e aberto para a regeneração do lote, foram feitas instalações temporárias e acontecimentos públicos permitindo a discussão e divulgação das diferentes propostas por parte da população, tendo sempre o apoio de profissionais na consulta e mediação.

²³ Disponível em <https://www.urbantactics.org/projets/passage56/> (consultado em 25/09/2021)

A economia circular, onde “Nada se cria, nada se perde, tudo se transforma” (Amaral, 2020) assume-se como princípio conceptual, apostando na construção de custo mínimo e com materiais reciclados recolhidos pelos moradores (Figura 39). A agricultura urbana faz parte do sistema, com a criação de um ecossistema cíclico, onde tudo é reaproveitado (Figuras 40 e 41). O espaço é autossuficiente: é capaz de produzir quase toda a água, através do reaproveitamento das águas da chuva, o fertilizante, com o aproveitamento dos resíduos orgânicos, os alimentos e a energia necessária, através de painéis fotovoltaicos instalados no espaço de entrada do lote.

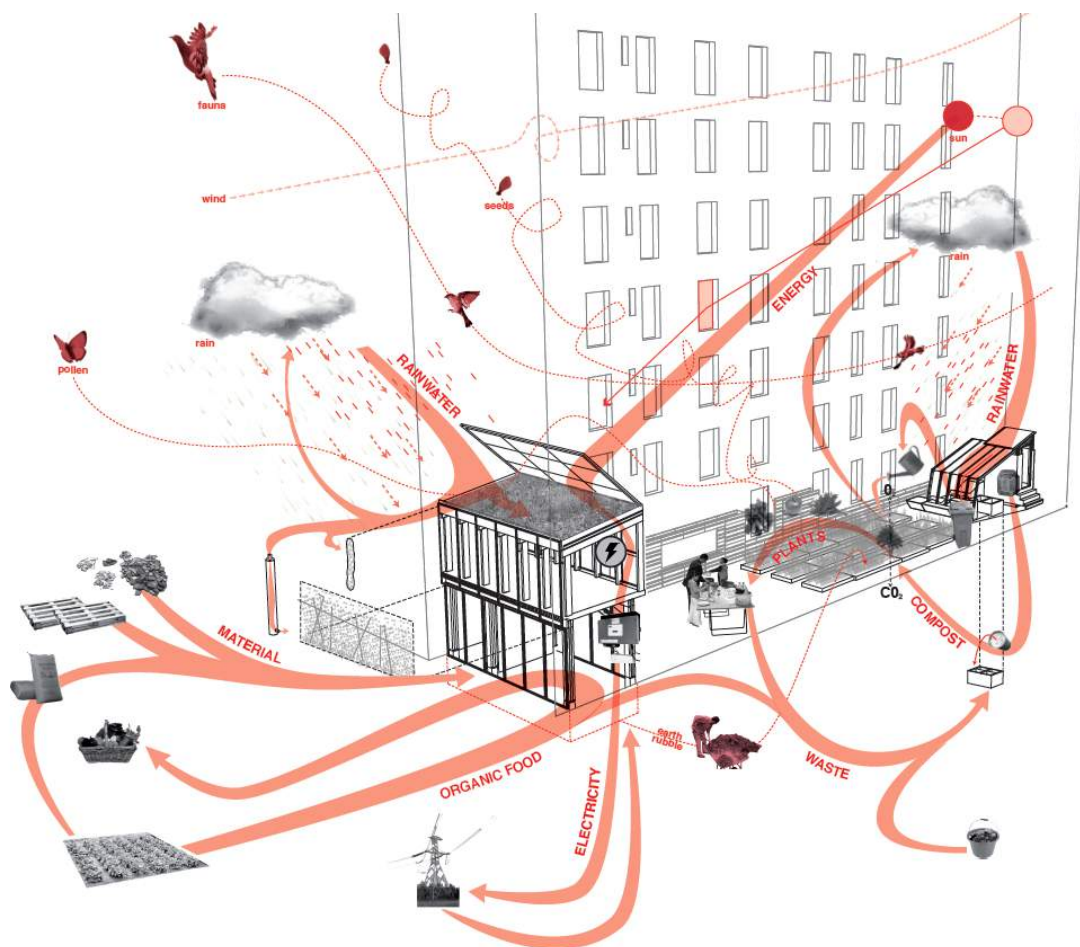


Figura 41: Ecosistema Cíclico do Projeto Passage 56

Fonte: <https://www.publicspace.org/works/-/project/f250-passage-56-cultural-and-ecological-space> (consultado em 25/09/2021)

02.2 Bairro do Barreiro Velho, Barreiro

O Barreiro localiza-se na margem sul do rio Tejo, na Península de Setúbal e pertence à Área Metropolitana de Lisboa. É um concelho pós-industrial com vários problemas urbanos que necessitam de resolução, designadamente a Zona Antiga do Barreiro, o “Barreiro Velho”, que é o núcleo original da cidade (Figura 42) e o objeto de estudo deste projeto.



Figura 42 : Segmento da Carta Topográfica e Militar da Península de Setúbal, 1813/1816

Fonte: Instituto Geográfico Português

O Barreiro Velho desenvolveu-se em dois períodos diferentes: o período medieval, com um traçado urbano irregular, e o período pombalino, paralelo ao Rio Tejo devido à cultura piscatória, com um traçado urbano reticulado. Para além deste núcleo urbano, o território a sul era composto por quintas agrícolas.

As ligações destas povoações com o território realizavam-se por duas vias principais, ainda visíveis nos dias de hoje: a Rua Direita de Palhais, atual Rua Marquês de Pombal, e a Estrada Real, atual Rua Miguel Pais.

1322

Início da fixação de salinas e marinhas (no atual Lavradio)

1376

Exploração do barro e início da fixação das Quintas (Quinta do Barreiro)

1487

Formação da Freguesia do Barreiro por parte do rei D. João II e criação da Paróquia de Santa Cruz (Ermida de Santa Cruz)

1492

1º registo da Praça de Santa Cruz, onde se fixaram edifícios religiosos (Matriz e Capela da Misericórdia)

1521

O Barreiro alcança o estatuto de Vila e, simultaneamente, de Concelho

1560

1ª base documental sobre a existência da Misericórdia do Barreiro

1569

Construção de um edifício próprio para a Misericórdia

1629

Construção, por parte dos pescadores, da antiga Ermida de São Roque e Atual Igreja de Nossa Senhora do Rosário

1755

Terramoto e Tsunami que devastou Lisboa e as outras margens do Rio Tejo

1780

Modificação da antiga Ermida de S. Sebastião, por parte dos pescadores da vila, após o terramoto (hoje em dia apenas está presente o Portal Manuelino)

1813/1816

Carta Topográfica da Península de Setúbal (Instituto Geográfico Português). Representação das primeiras fixações de habitações no Barreiro

1854

Adjudicação a um grupo de indústrias da construção do Caminho de Ferro do Sul, entre o Barreiro e Vendas Novas e o ramal de Setúbal

1861

Inauguração da primitiva Estação de Caminho de Ferro e Abertura ao público do Troço do Caminho de Ferro do Sul

1884

Inauguração da Estação do Caminho de Ferro Sul e Sueste (Estação Ferro-Fluvial)

1898

Foram estabelecidas as atuais delimitações do Barreiro, levando à extinção dos antigos Concelhos do Lavradio e Coina, incorporando também a Freguesia de Palhais

1907

Aquisição do lote de terreno destinado à CUF por Alfredo da Silva

1953

Expansão da construção da cidade do Barreiro devido ao desenvolvimento da indústria

Anos 70

Com as recessões económicas e crises petrolíferas, a CUF colapsa

1977

A CUF dá lugar à Quimigal EP

1989

Criação da Quimiparque - Parques Empresariais

2007

EMRAU - Equipa Multidisciplinar para a Regeneração de Áreas Urbanas. Projeto de delimitação, áreas de Reabilitação Urbanas para o Barreiro Antigo. Anexos 1, 2 e 3. Câmara Municipal do Barreiro

2009

Projeto Municipal para a Reabilitação de Áreas Urbanas. ProUrb - Programa de Reabilitação Urbana, Barreiro Antigo

2011

EMRAU - Equipa Multidisciplinar para a Regeneração de Áreas Urbanas. Guia de Reabilitação Urbana para o Barreiro Antigo. Câmara Municipal do Barreiro

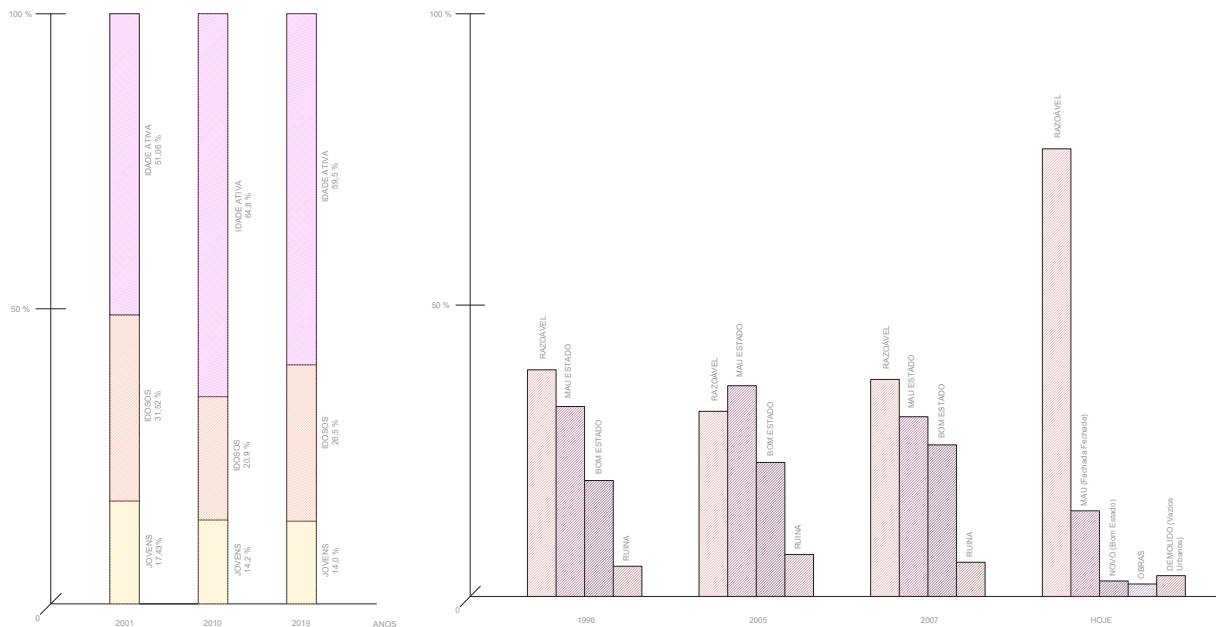
**HOJE**

Nos anos 50, a construção da linha ferroviária Sul e Sueste fez a cidade desenvolver-se para sul. Em conjunto com a ponte de ligação do Seixal e Lisboa, estavam reunidas as condições para a fixação da CUF – Companhia União Fabril, que promoveu a empregabilidade e atraiu população.

Com o crescimento populacional na cidade e a expansão para sul nos anos 70, o núcleo antigo, que detinha maior parte dos equipamentos e atividades económicas da cidade, entra num processo de declínio, degradação e envelhecimento (Figuras 43 e 44), deixando de ser a centralidade urbana²⁴.

²⁴ “(...) área habitacional envelhecido e em declínio, com graves deficiências a nível das condições de habitabilidade, degradação física e segregação social.” – in *Projeto de Delimitação da Área de Reabilitação Urbana do Barreiro Antigo*. Câmara Municipal do Barreiro, 2013, p.9

Apesar de ser um local de património cultural do concelho, o Barreiro Velho é associado a uma imagem de “degradação, pobreza e de falta de condições de vida, presentes e passadas, que não se deseja vivenciar ou retornar.” (CMB, 2013, p.12).



Figuras 43 e 44 : (à esquerda) Gráfico representativo da variação das idades da população do Barreiro Velho, em percentagem, nos anos 2001, 2010 e 2019; (à direita) Gráfico representativo do estado de conservação dos edifícios do Barreiro Velho, em percentagem, nos anos 1996, 2005, 2007 e atualmente (classificados em Ruína, Razoável, Mau Estado, Bom Estado)

Esta realidade e a observação direta do bairro permite identificar dois grandes problemas do bairro Barreiro Velho: (1) a Precariedade da habitação (Figura 45); e (2) a Precariedade do espaço público (Figura 46), associada à existência de múltiplos vazios urbanos.



Figura 45: Precariedade da habitação (à esquerda)

Figura 46: Precariedade do espaço público (à direita)

02.2.1 Precariedade da habitação

A construção do edificado do Barreiro Velho data, maioritariamente, entre 1919 e 1970. Ao longo do tempo, alguns edifícios foram abandonados, as formas de habitar foram-se alterando e as necessidades de habitação atuais são diferentes. Grande parte da população do bairro sofre de carências económicas e pertence a grupos sociais desprivilegiados, por isso, a sua capacidade de melhorar as condições de habitabilidade são escassas, chegando até a ocuparem os edifícios abandonados clandestinamente (Figura 47). Todas estas condicionantes, levam a uma imagem de decadência e degradação do bairro²⁵.



Figura 47: Degradação dos edifícios de habitação e consequente ocupação clandestina

²⁵ Informação estatística disponível em <https://www.pordata.pt/Municipios> (consultado em 20/11/2021)

02.2.2 Precariedade do espaço público

A precariedade do edificado gera repercussões no espaço público. Com o abandono dos edifícios, estes tendem a tornar-se ruínas (Figura 48), representando perigo para a população. A política vigente tem sido a sua demolição, dando origem a vazios urbanos, que se tornam pontos de acumulação de lixo e de apropriações inadequadas (Figura 49) e contribuem para uma crescente insegurança no bairro.

Com a inclusão de comunidades de diversas culturas no bairro, surgem novos comportamentos sociais, que se refletem na utilização do espaço público (Figura 50). Estes fatores tornam o bairro marginalizado, isolado e sem atratividade, criando limites com a sua envolvente.

As características das ruas, travessas, praças e largos do Barreiro Velho já não correspondem às necessidades e vivências atuais, demonstrando falta de cuidado e manutenção (Figura 51).

O interior do Barreiro Velho necessita de uma especial atenção. Por não ter atividades sociais, somente as pessoas que lá vivem andam pelo bairro. Os espaços de convívio e de encontro mais utilizados pela população encontram-se, maioritariamente, ao longo da Avenida da Praia, estabelecendo, assim, um limite visível do nível de decadência e degradação deste local.



Figura 48: Ruína de um edifício que tende a cair



Figura 49: Vazio urbano como ponto de acumulação de lixo



Figura 50: Novos comportamentos sociais



Figura 51: Falta de cuidado e manutenção do bairro

02.3 Processo participativo para uma intervenção de acupuntura urbana

Considerando o tema da regeneração urbana, com base em processos participativos, é importante o envolvimento dos cidadãos no planeamento e gestão do espaço urbano de forma a atingir a sustentabilidade urbana. Neste sentido, foi realizado um processo participativo, com a finalidade de construir uma estratégia e proposta de intervenção, apresentadas no subcapítulo 03.2, com base em atividades temporárias, de fácil construção e de baixo custo, para ativar o bairro. Num momento anterior à sua realização, foi necessário analisar e compreender a evolução do território do Barreiro e, mais concretamente, do Barreiro Velho, compreender as vivências e dinâmicas existentes deste bairro, através da sua observação direta (Figuras 52, 53, 54, 55, 56 e 57)., assim como da perspetiva da sua população, com a realização de algumas conversas informais exploratórias. Com base nestas conversas e observações, pensou-se em algumas atividades que poderiam existir no bairro, assim como estratégias de urbanismo tático e acupuntura urbana que ajudassem a realizar essas atividades.

Todo o processo participativo foi realizado com vista a responder a algumas questões, nomeadamente:

1. Numa lógica de agricultura urbana e, tendo em conta que já existe uma horta no bairro, como é que esta se poderia desenvolver ao longo de todo o Barreiro Velho?
2. Tendo em conta que existem muitos vazios urbanos, quais as atividades que se poderiam realizar, para a ativação do bairro?
3. Como seriam as ruas num futuro próximo, tendo em conta as dinâmicas existentes atualmente? O que poderiam ser se não existissem automóveis?
4. As praças e largos existentes estão um pouco ao abandono. Como é que poderiam ser as novas dinâmicas, para que estes espaços fossem mais utilizados?



Figuras 52, 53, 54, 55, 56 e 57: Vivências e dinâmicas do espaço público do bairro

O processo participativo está estruturado em duas partes (ver Anexo C):

1. Na primeira parte, a população envolvida teria de olhar para o bairro como um todo, através de um ortofomapa, e conectar os espaços urbanos identificados para o projeto através das atividades previamente pensadas e materializadas em pequenos círculos;

2. Na segunda parte, a população envolvida teria a oportunidade de manusear os módulos de mobiliário urbano materializados sob uma planta de vários locais, percebendo assim as suas ideias previamente definidas (a segunda parte do processo participativo não foi realizada, devido ao tempo disponível dos participantes).

02.3.1 Resultados

No dia 2 de outubro realizou-se o processo participativo, com habitantes do Barreiro Velho. Durante a tarde, a conversa foi essencial para compreender de forma mais aprofundada as dinâmicas sociais e culturais do bairro.

O Barreiro Velho é um território muito querido pela sua população e, antigamente, as dinâmicas eram muito diferentes das atuais. As ruas estavam repletas de pequenos comércios (Figura 58) e as pessoas viviam unidas em prol do bom funcionamento do bairro. Nas praças e largos deste território havia sempre atividades a decorrer (Figura 59), onde as associações tinham um papel fundamental. Com a decadência e degradação sentida no bairro, que se reflete nos vazios urbanos emergentes, surgiu a oportunidade de se criar uma horta urbana (Figura 60), que perdura e dá frutos até aos dias de hoje.



Figura 58: Ruas do Barreiro Velho, 1928
Fonte: Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema. Disponível em <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=7779&type=Video> (consultado em 20/11/2021)



Figura 59: Atividades das praças do Barreiro Velho, 1928
Fonte: Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema. Disponível em <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=7779&type=Video> (consultado em 20/11/2021)



Figura 60: Horta urbana comunitária existente no bairro

Após muita discussão sobre o bairro (Figuras 61, 62 e 63), chegou-se a várias conclusões:

- No Barreiro Velho, há falta de bancos e mesas. Por esse motivo, os vários locais abordados não têm muita aderência e as pessoas não permanecem. Caso tivessem mobiliário urbano adequado, haveria uma maior coesão social e a possibilidade de trocas;

- As ruas sem automóveis eram ideais, pois iriam oferecer espaço para as pessoas;

- Há falta de espaços para as bicicletas. Se houvesse esses espaços, mais pessoas iriam andar de bicicleta e a mobilidade seria mais ecológica;

- Vários vazios urbanos oferecem espaço para novas hortas urbanas, o que significa uma melhor alimentação no bairro;

- Com um bairro produtivo, através das hortas urbanas, há a possibilidade de realizar vários mercados biológicos nas várias praças. Aqui, a economia local iria aumentar, assim como com a abertura das lojas vazias ao longo do bairro;

- O Barreiro Velho é muito artístico. Existe a possibilidade de ser um centro de arte;

- Faltam atividades culturais e de lazer, onde as associações devem ter um papel fundamental, como outrora;

- As associações podem ser espaços de recurso, criando cooperativas para a dinamização do bairro;

- Há falta de atividades lúdicas e pedagógicas no bairro;

- As crianças também são importantes. Devem ter espaços para elas brincarem e as ruas devem ser seguras.



Figuras 61, 62 e 63: Processo Participativo realizado no Barreiro Velho



Figura 64: Fotomontagem com imagens simbólicas do Barreiro

CAPÍTULO 03

[Re] Ativa-te ao Barreiro

Neste capítulo, é apresentado o projeto final de arquitetura. Este teve duas fases práticas: (1) a fase prática de grupo e (2) a fase prática individual.

A fase prática de grupo teve como objetivo identificar o programa base de intervenção – no edificado e no espaço público – e, posteriormente, realizar o estudo prévio, garantindo a concertação dos trabalhos individuais dos elementos do grupo.

A fase prática individual apresenta o projeto final de arquitetura focado no espaço público do território. Este teve como objetivo pensar o problema da área de estudo através da mudança das dinâmicas e vida quotidiana, através de intervenções temporárias de baixo custo e de fácil construção.



Figura 65: Fotomontagem de um exemplo de ativação de um vazio urbano do Barreiro Velho

03.1 [Re]Ativa-te ao Barreiro: Novos lugares, vivências e dinâmicas, um futuro para o Barreiro Velho

O projeto final de arquitetura passou pela identificação da precariedade do Barreiro Velho, em grupo, permitindo identificar a estratégia de regeneração urbana (Figura 66) que se divide em 9 pontos de ação no bairro, com o objetivo de [re] ativar a vida sustentável do urbano comum (ver Anexo D):

1. Ativação das ruas
2. Ativação das praças e largos
3. Ativação dos vazios urbanos
4. Ativação dos espaços verdes
5. Ativação cultural
6. Redesenho da rede viária, ciclável e pedonal
7. Recuperação dos edifícios degradados
8. Melhoria das condições da lavandaria e balneário públicos
9. Ativação da Escola Conde Ferreira

A ativação dos espaços identificados (Figura 67) (ruas, praças, largos, vazios urbanos) passa por desenhar atividades temporárias e equipamentos adequados a cada lugar para a regeneração económica, social e ambiental do bairro e, assim, melhorar as condições de habitabilidade do bairro.



Figura 66: Diagrama de estratégia de projeto de grupo



0 32 64 96 m

Figura 67: Planta de identificação dos espaços de intervenção



Escola Conde Ferreira
Vazios Urbanos
Praças e Largos
Habitações
Lojas Vazias

Parque Infantil
Espaços Verdes
Ruas
Edifícios
Rio Tejo

Através da Fabricação Digital e a utilização de sistemas modulares, é possível criar módulos de baixo custo e de fácil construção para recuperar a habitabilidade dos edifícios (habitação e comércio) e, conseqüentemente, gerar habitações de renda acessível e com condições de habitabilidade, e promover o comércio local. Desta forma, as famílias do bairro são fortalecidas, potencia a atração de futuros habitantes e a economia local é aumentada.

Da mesma forma, ao ativar o espaço público (ruas, praças e largos, vazios urbanos e espaços verdes) através de módulos de baixo custo e fácil construção, a população é capacitada a criar novas atividades no bairro de modo a torná-lo novamente a centralidade de outrora. Com a ativação destes espaços, a imagem do bairro é melhorada, promovendo novos fluxos de pessoas e atividade social e económica (Figuras 68 e 69).



Figuras 68 e 69: Fluxos pretendidos no bairro

Para que os objetivos anteriores sejam conseguidos, a ativação da Escola Conde Ferreira é importante, ao servir como um espaço de apoio à população e ao desenvolvimento de equipamentos e atividades para a habitação e o espaço público, segundo as necessidades, através da criação de um laboratório de fabricação digital – o FabLab. Desta forma, é possível desenvolver um bairro saudável e sustentável, com processos participativos para atingir a regeneração urbana.

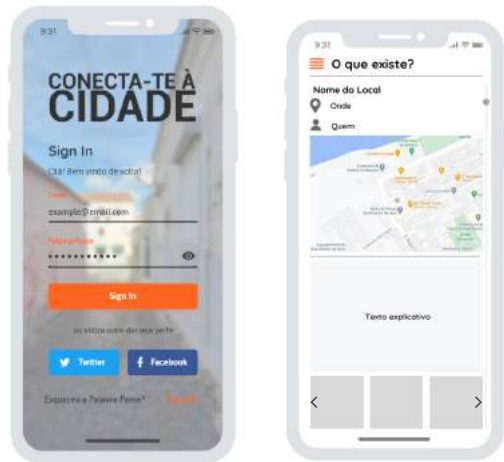


Figura 70: Aplicação digital *Conecta-te à cidade*

[Re] ativar é o lema para a vida em comum, tornando consciente que a presença do outro é fundamental para a tolerância. A arquitetura pode ser um meio de intermediação entre as associações e as comunidades. A promoção da mistura de grupos de trabalho voluntário e a população para soluções para a melhoria do bairro, através do FabLab e da Escola Conde Ferreira, constitui um kit de ativação do Barreiro Velho. Com a inserção das tecnopolíticas, através de uma aplicação digital (Figura 70), é permitida a interação de pessoas, para a troca de conhecimentos na forma como montar ou produzir kits, módulos criados para melhorar a qualidade do edificado e do espaço público, promovendo e organizando atividades para utilização futura (Figura 71).

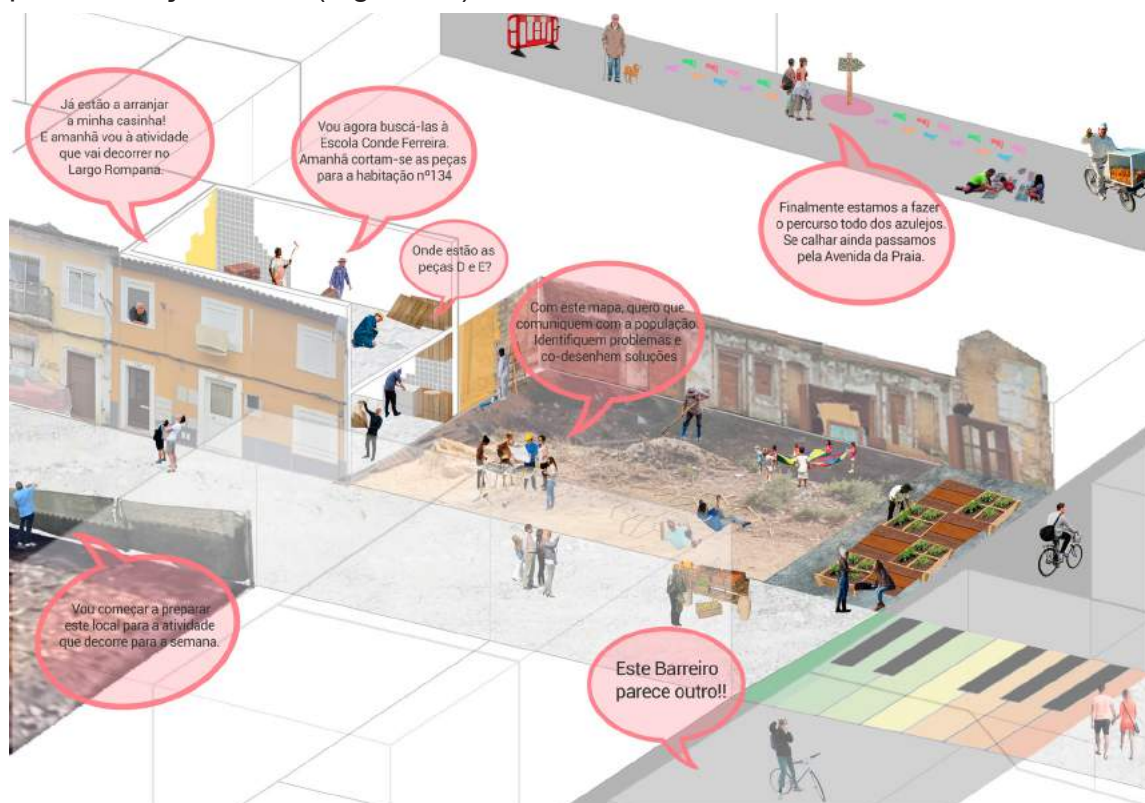


Figura 71: Dinâmicas do bairro através da ativação do espaço público e da melhoria das condições do edificado, com intervenções temporárias e de pequena escala



Figura 72: Fotomontagem da proposta para a Praça Gago Coutinho e Sacadura Cabral após a intervenção de *Placemaking*

03.2 Barreiro Velho: vida quotidiana e as dinâmicas do Bairro

Estabelecida a estratégia de intervenção na habitação e no espaço público, em grupo, optou-se por trabalhar o espaço público, as suas vivências e dinâmicas.

A precariedade do espaço público do Barreiro Velho é notória. Neste sentido, o objetivo principal da proposta de arquitetura individual é pensar o problema diagnosticado através da mudança das suas dinâmicas e da vida quotidiana para resgatar os valores humanos do local e a sua vitalidade urbana. O bairro constitui-se um laboratório cívico que “visa prototipar soluções para problemas urbanos através da experimentação orientada por mediadores, num quadro de envolvimento de cidadãos e de atores locais, para posterior replicação em resultado das aprendizagens” (labcívico-santiago, 2019).

Os problemas do espaço público do Barreiro Velho residem, principalmente, na **higiene urbana** (os vazios urbanos no território geram pontos de acumulação de lixo), na **degradação do espaço urbano**, em geral (as várias famílias multiculturais que residem no bairro geram ocupações diferentes do habitual do espaço (ruas, praças e fachadas) e a permanência dos automóveis impossibilitam a passagem das pessoas nos passeios), e na **coesão social** (o não entendimento da população na forma de ocupação do Espaço Público gera conflitos)

A estratégia de intervenção no espaço público do Barreiro Velho visa, por um lado, uma transição ecológica para uma cidade mais verde e conectada com a natureza, através da agricultura urbana, trazendo benefícios sustentáveis a nível económico e social e, por outro lado, a dinamização de várias atividades para a ativação do bairro, através de atividades temporárias (Figura 73).

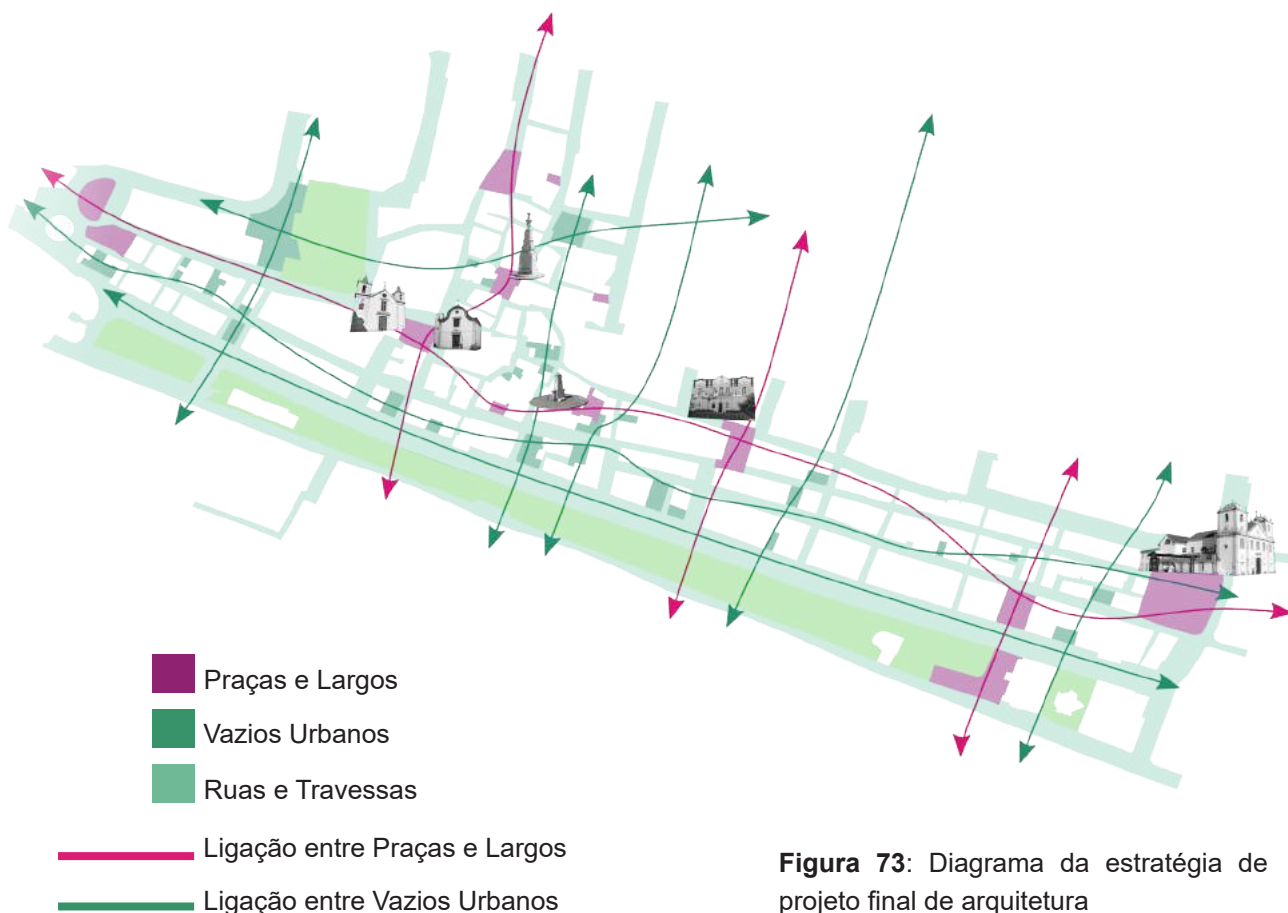
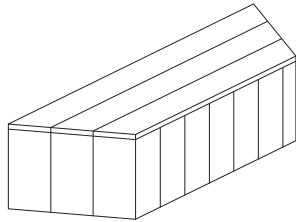
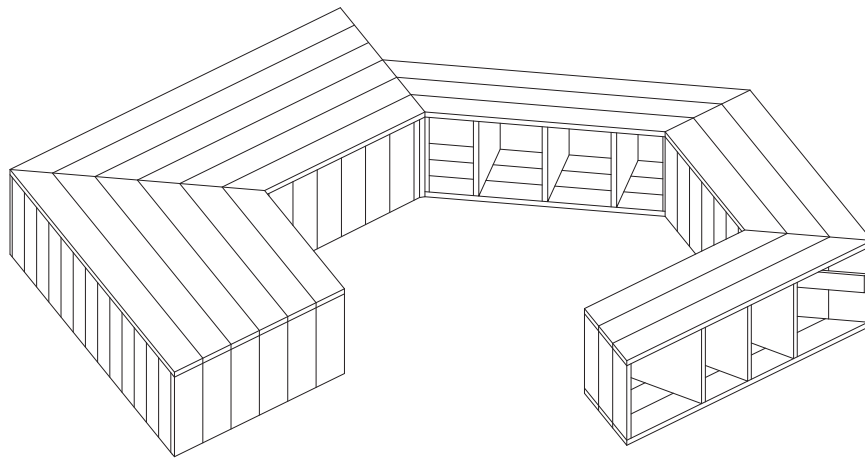


Figura 73: Diagrama da estratégia de projeto final de arquitetura

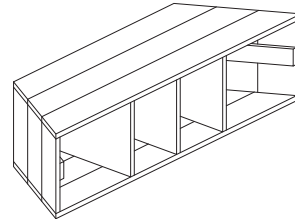
O *Placemaking* (urbanismo tático e a acupuntura urbana) é o conceito que estrutura todo o projeto final de arquitetura individual, através do desenho de soluções temporárias para o espaço urbano do bairro com módulos de fácil construção (Figura 74). Com a ocupação dos espaços públicos - ruas, travessas, praças, largos e vazios urbanos - é despertada a consciência das pessoas para o estado do bairro.

A proposta de intervenção, baseada nas respostas resultantes do processo participativo realizado, pretende (1) tornar o bairro pedonal e ciclável, promovendo o uso de transportes públicos e a mobilidade suave; (2) tornar o bairro sustentável, através da agricultura urbana, com a ocupação de vazios urbanos com hortas comunitárias, seguindo o exemplo da horta já existente, a ocupação das ruas com canteiros em frente das fachadas dos edifícios, a construção de hortas verticais nas fachadas e a recuperação dos canteiros nas várias travessas do bairro. Com estas dinâmicas, o bairro é capacitado a produzir e consumir alimentos mais saudáveis para as famílias carenciadas do bairro e, com o excedente de produção, é possível organizar mercados biológicos locais ao longo do espaço urbano, permitindo o aumento da economia local.



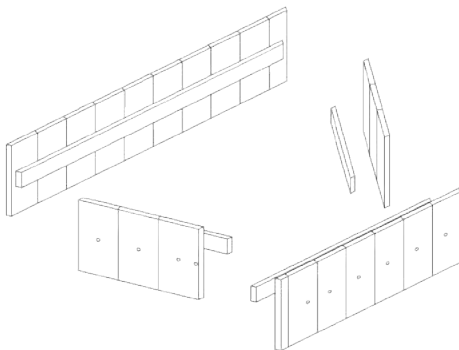
Banco

O módulo de banco permite o sentar e o estar no Espaço Público.



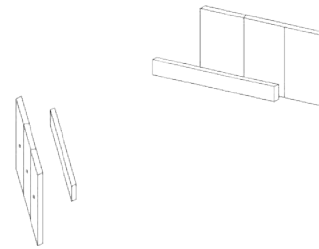
Banco de Trocas

O módulo de banco de trocas permite a troca no Espaço Público de coisas como livros ou sementes.



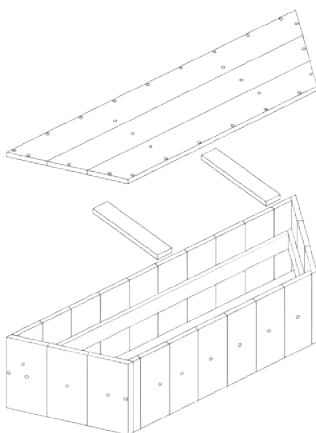
Passo 1

Construir as laterais do banco.



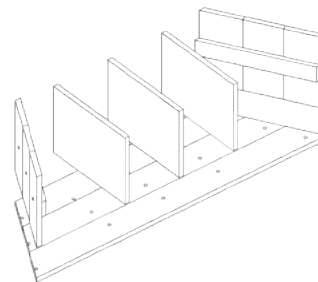
Passo 1

Construir as laterais do banco.



Passo 2

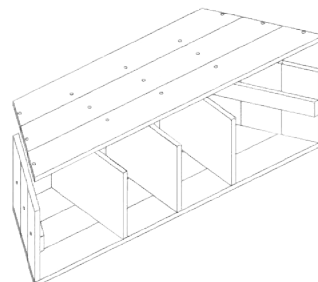
Construir as laterais do banco.



Passo 2

Construir a parte de baixo do banco e juntar as divisórias, feitas de uma placa única de madeira.

Figura 74: Exemplo de módulos e sua construção



Passo 3

Construir a parte de cima do banco e juntar à estrutura já construída.

Com a agricultura urbana, é possível, também, o aumento da coesão social do bairro, através da troca de conhecimentos e de produtos entre vizinhos, um dos objetivos do projeto; (3) tornar o bairro atrativo pela sua imagem e pela atividade social que se pode criar, através da ocupação das ruas, praças e largos com mobiliário urbano que permite a sua ocupação e permanência, criando momentos de proximidade entre vizinhos e visitantes e da ocupação de vazios urbanos com atividades lúdicas e pedagógicas variadas, que permitem a mistura de pessoas e a atividade social do bairro; e (4) tornar o bairro numa centralidade com vários espaços de recurso e oficina, abertos a todos, através da ativação da Escola Conde Ferreira e as várias coletividades existentes (Figura 75).

Com base nestes objetivos, foram realizados vários exemplos de ocupação e utilização dos espaços urbanos e dos módulos que se propõem para a realização das atividades (Figuras 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84 e 85).



Figura 75: Perspetiva do projeto: novas vivências e dinâmicas no Barreiro Velho



Figura 76: Perspetiva de exemplo de ocupação e utilização dos espaços urbanos e dos módulos



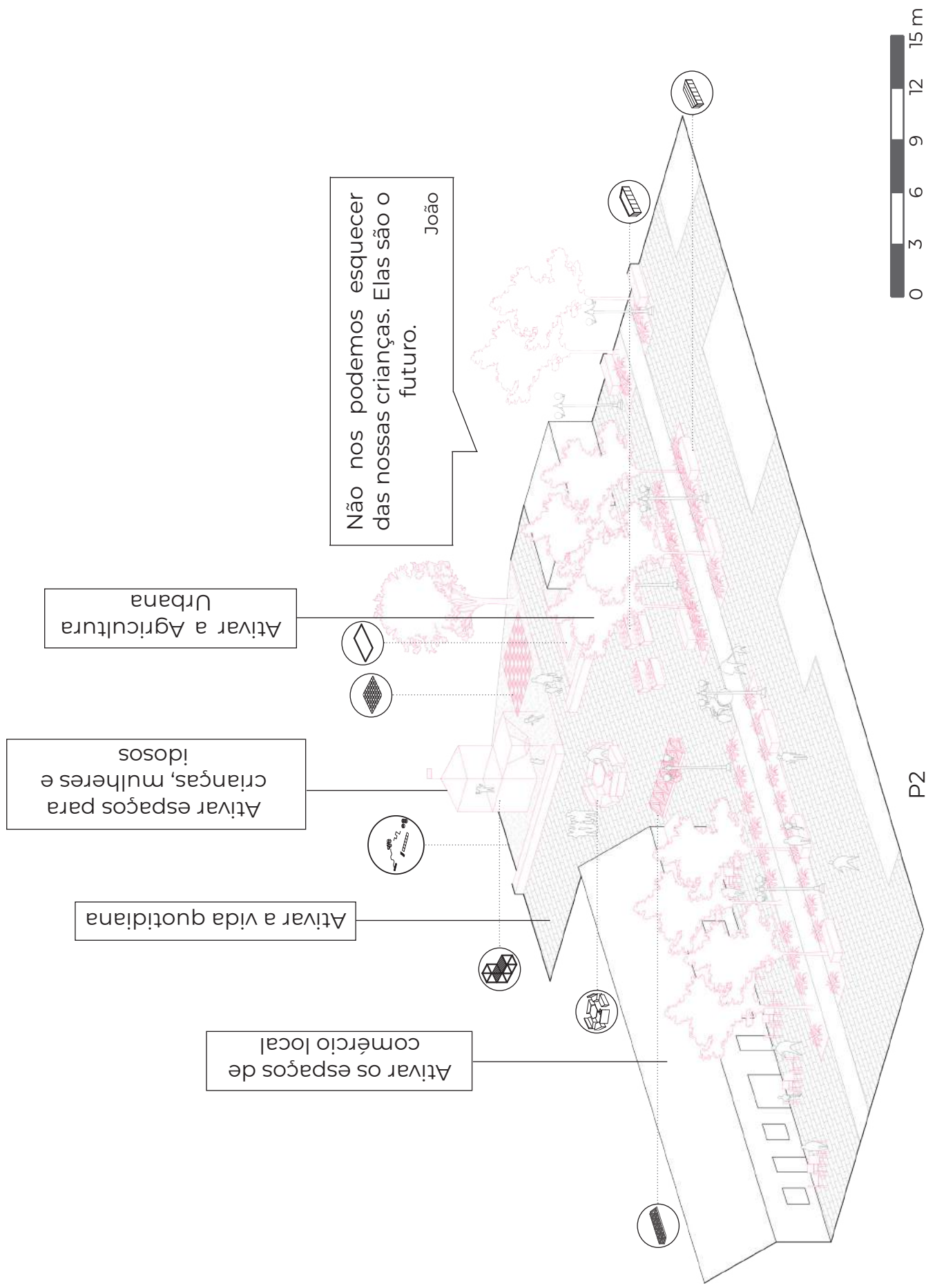


Figura 77: Perspetiva de exemplo de ocupação e utilização dos espaços urbanos e dos módulos

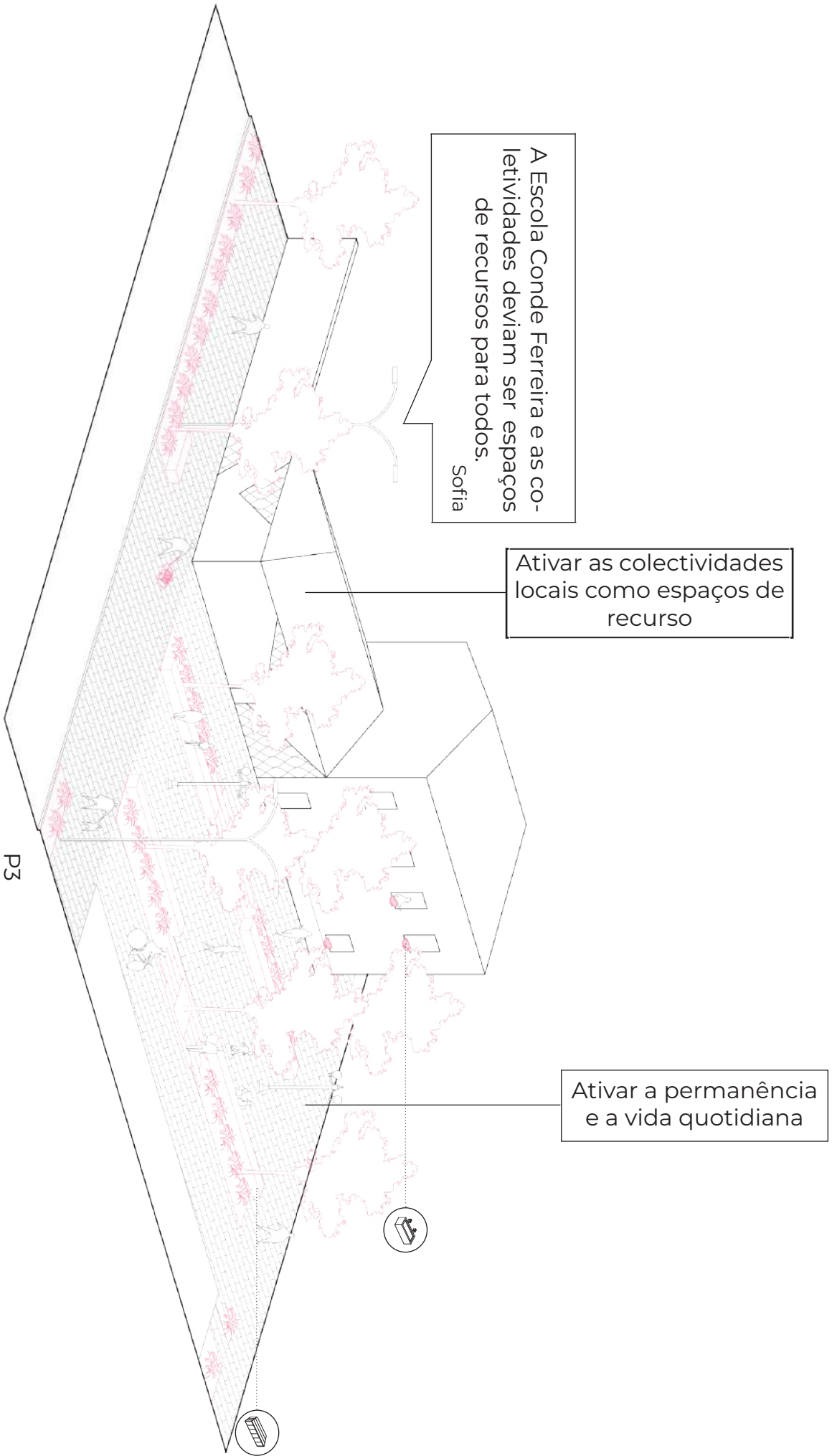


Figura 78: Perspetiva de exemplo de ocupação e utilização dos espaços urbanos e dos módulos

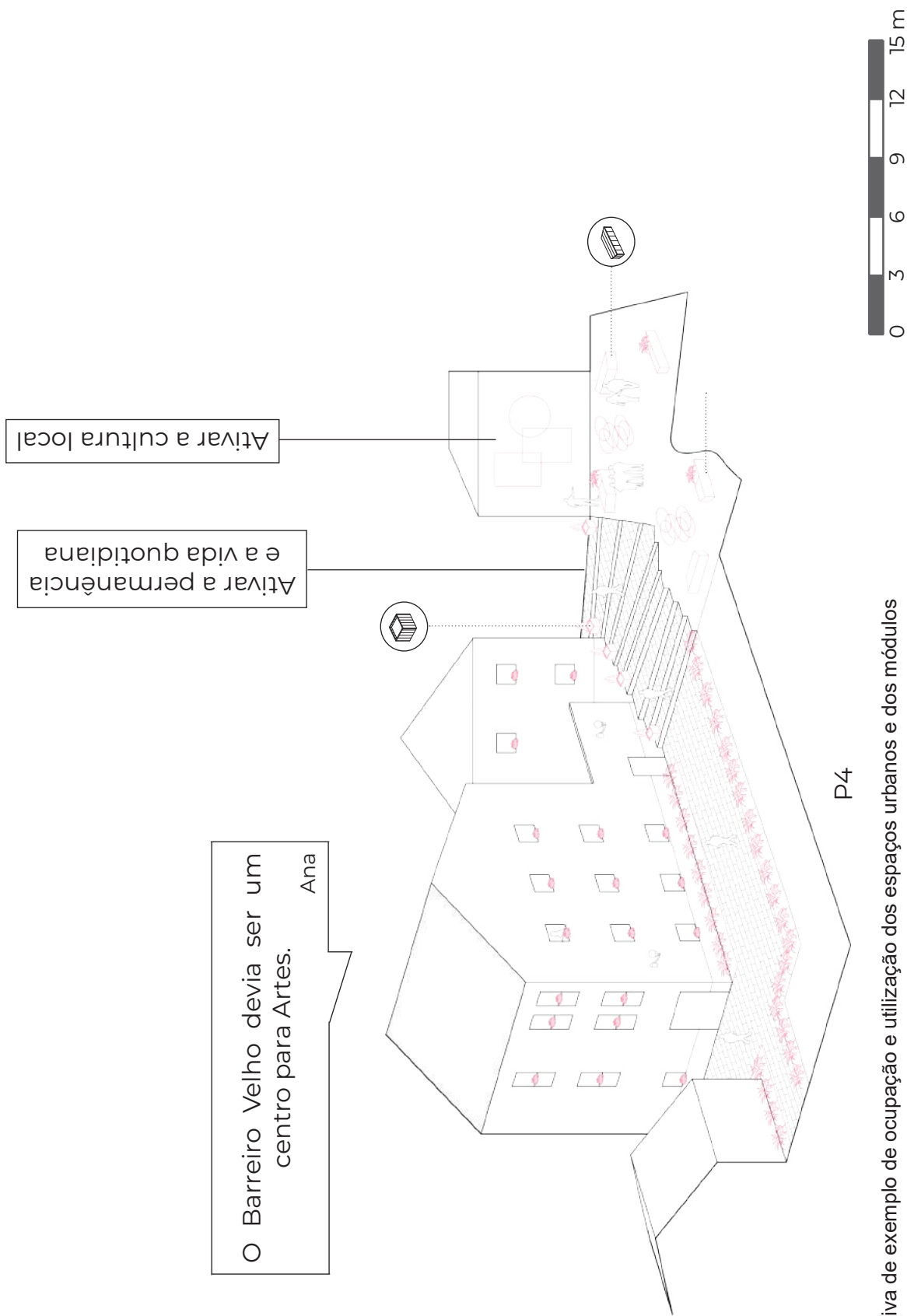


Figura 79: Perspetiva de exemplo de ocupação e utilização dos espaços urbanos e dos módulos

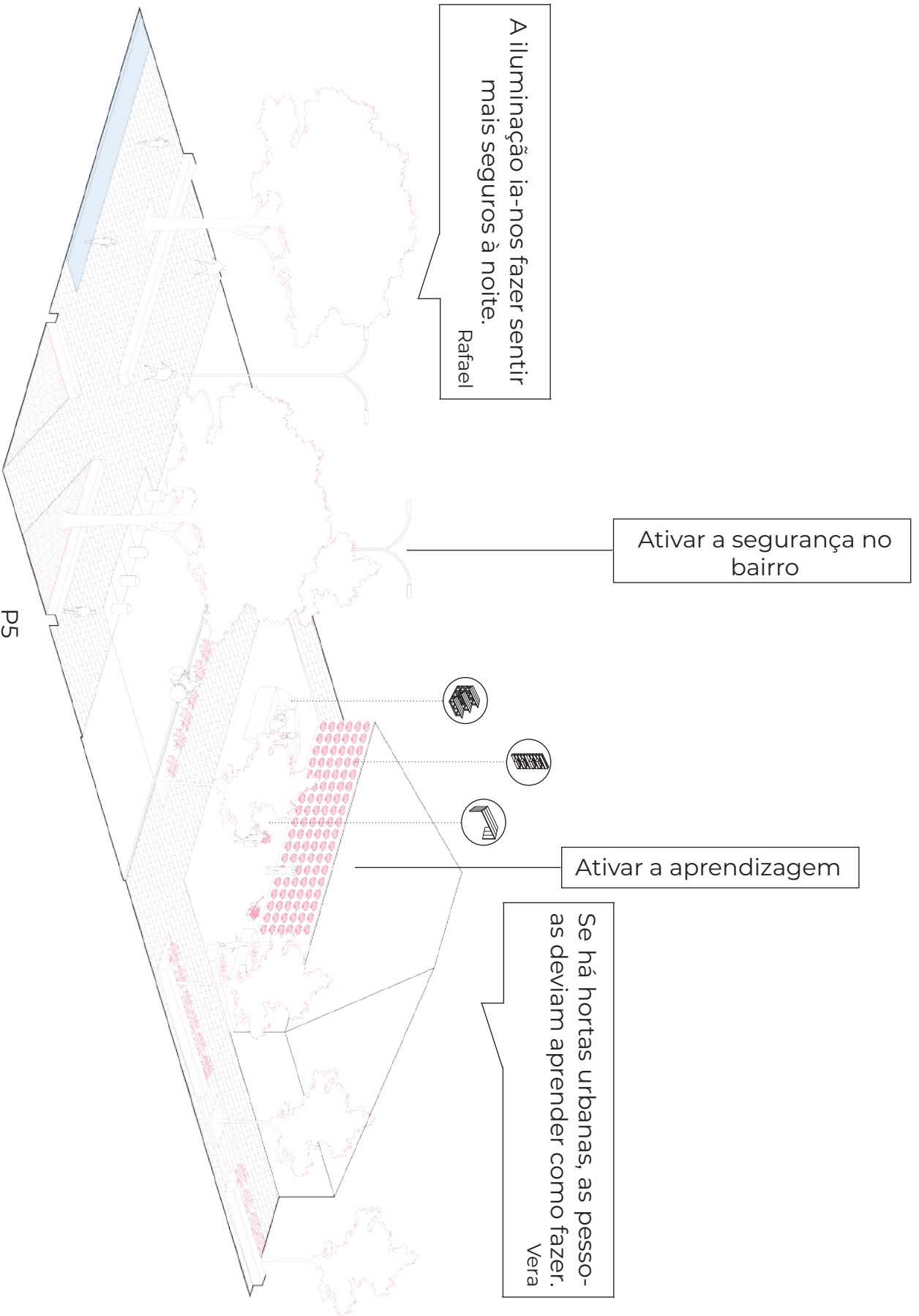


Figura 80: Perspetiva de exemplo de ocupação e utilização dos espaços urbanos e dos módulos

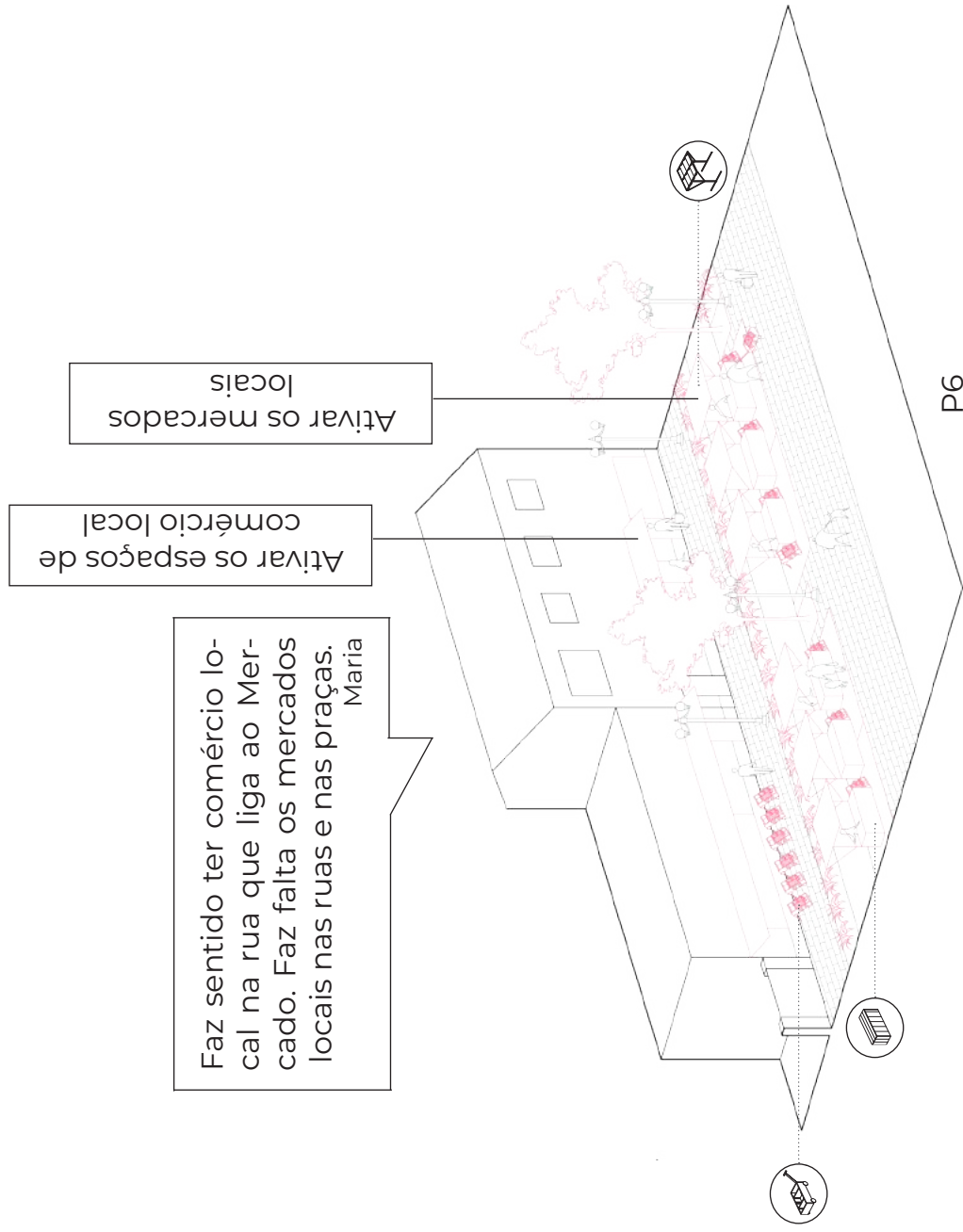
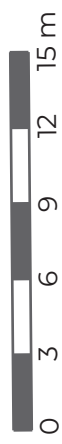


Figura 81: Perspetiva de exemplo de ocupação e utilização dos espaços urbanos e dos módulos



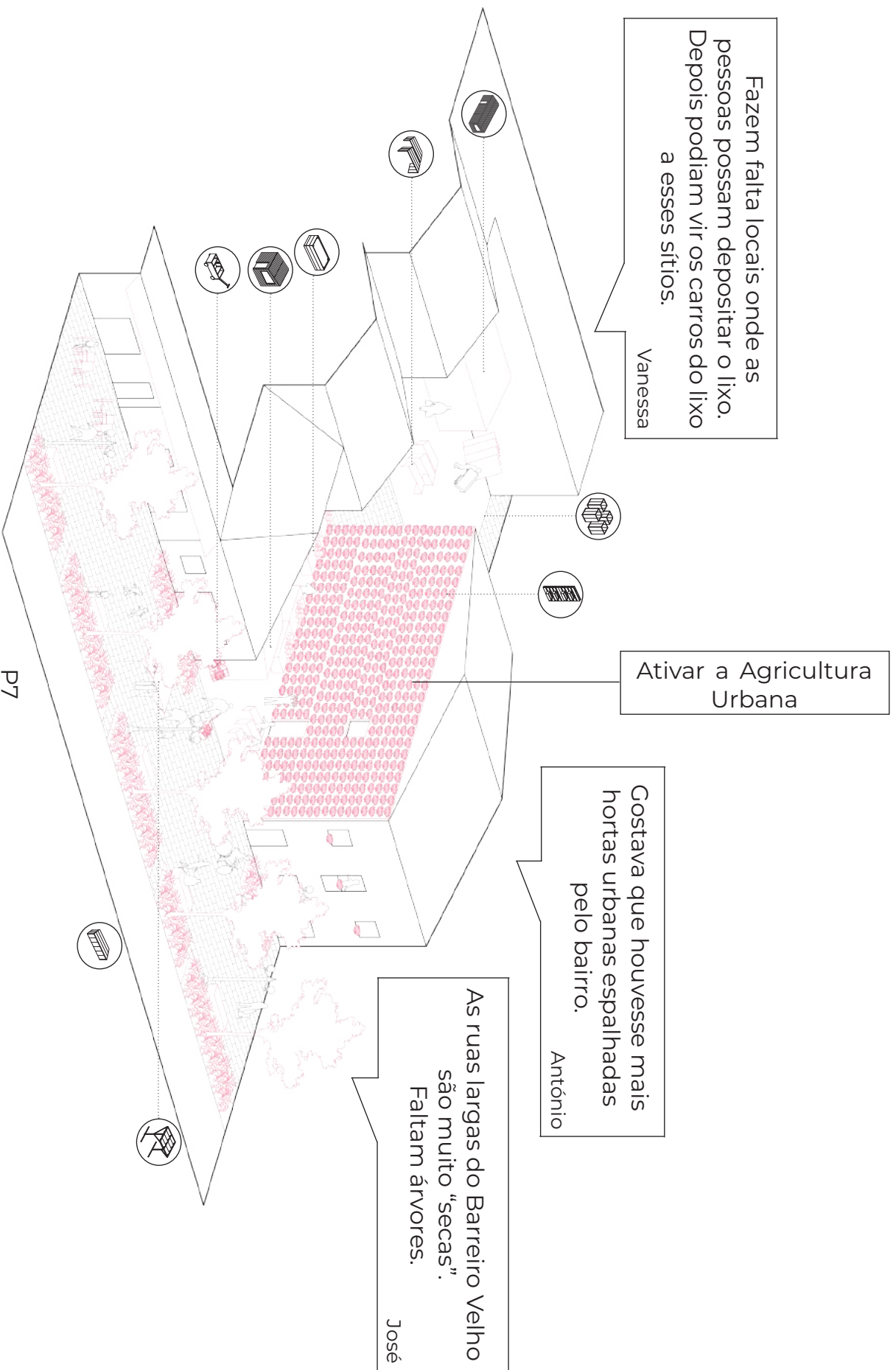


Figura 82: Perspetiva de exemplo de ocupação e utilização dos espaços urbanos e dos módulos

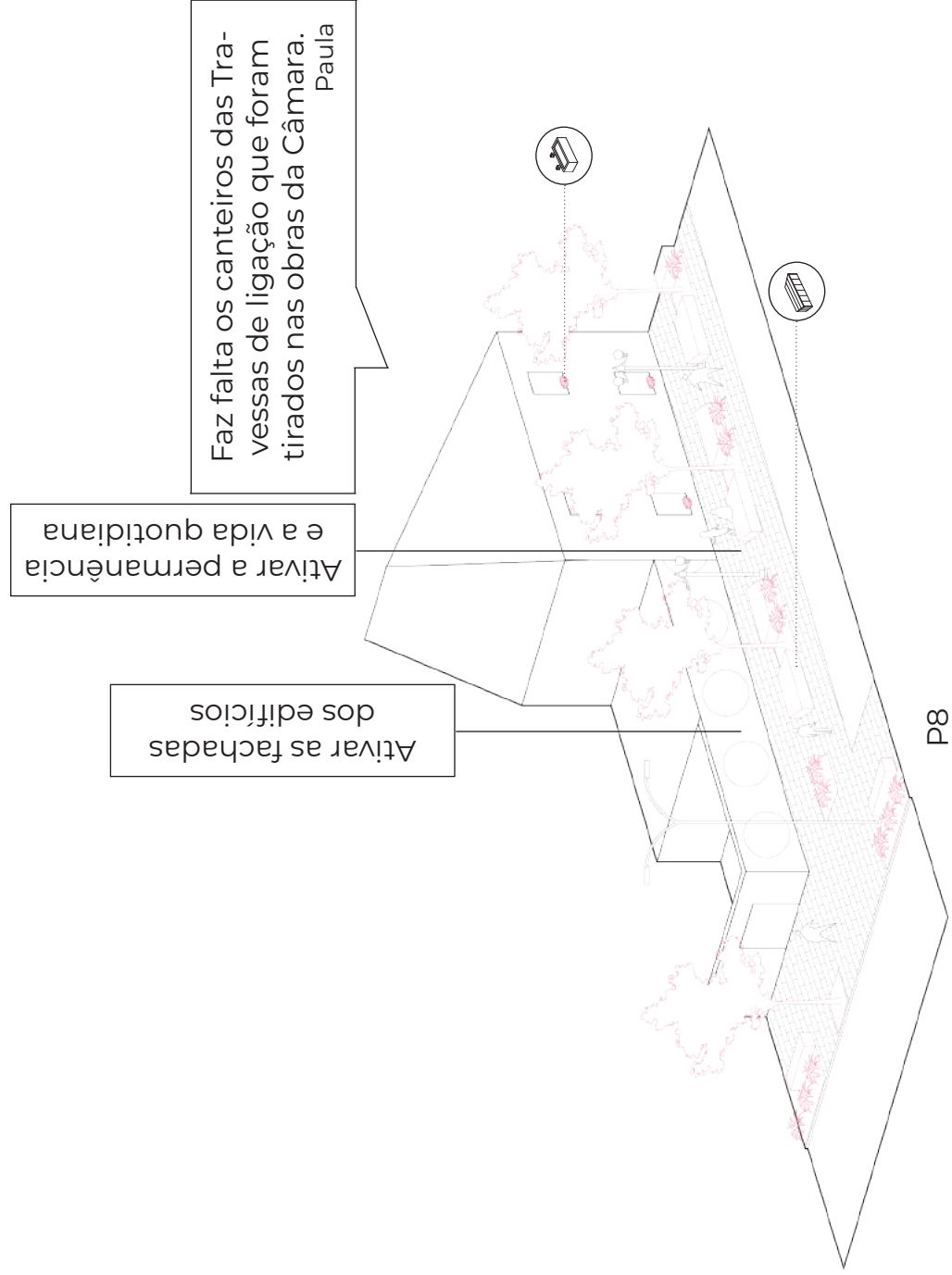
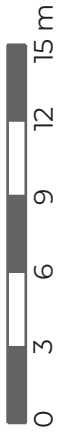


Figura 83: Perspetiva de exemplo de ocupação e utilização dos espaços urbanos e dos módulos



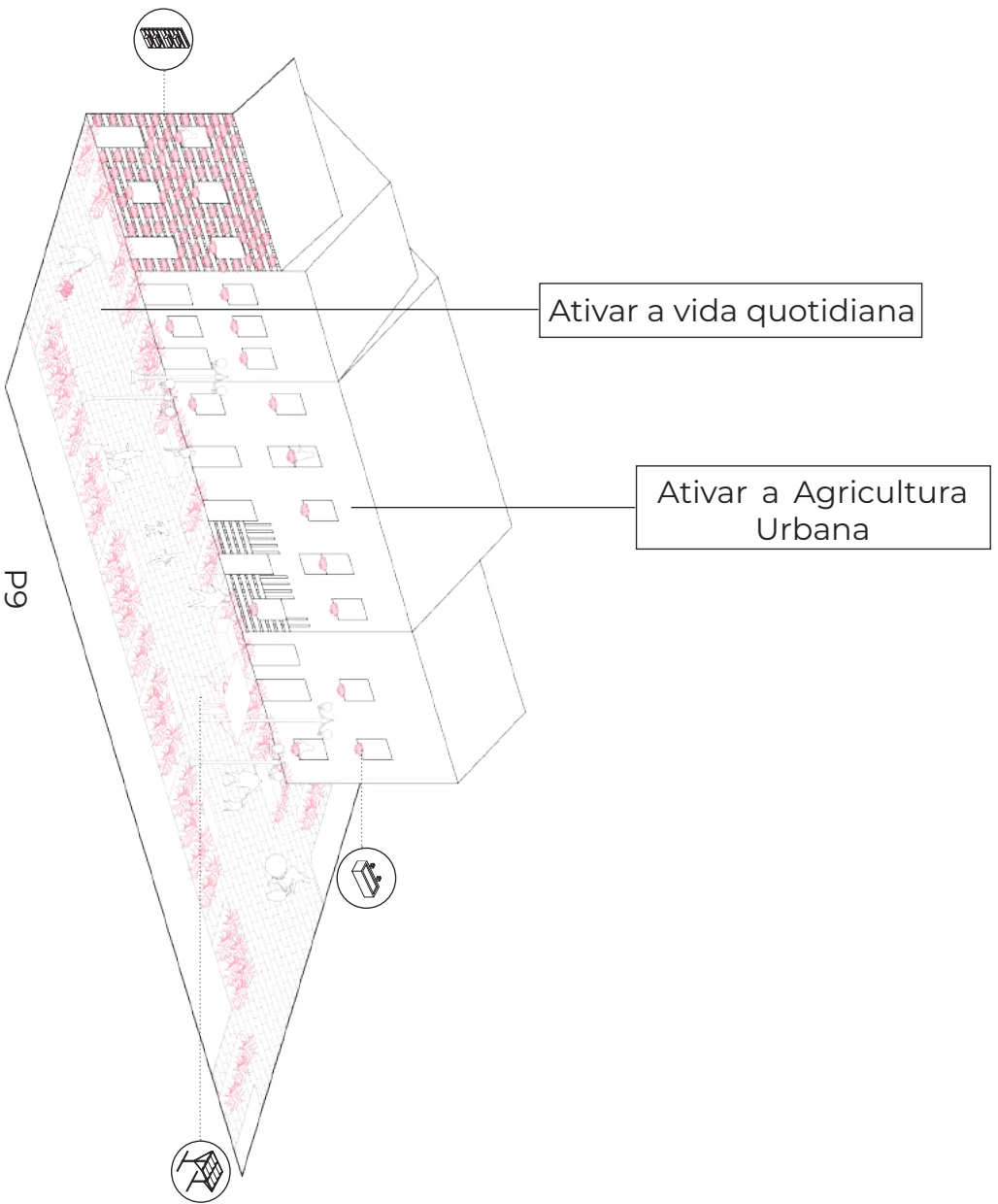
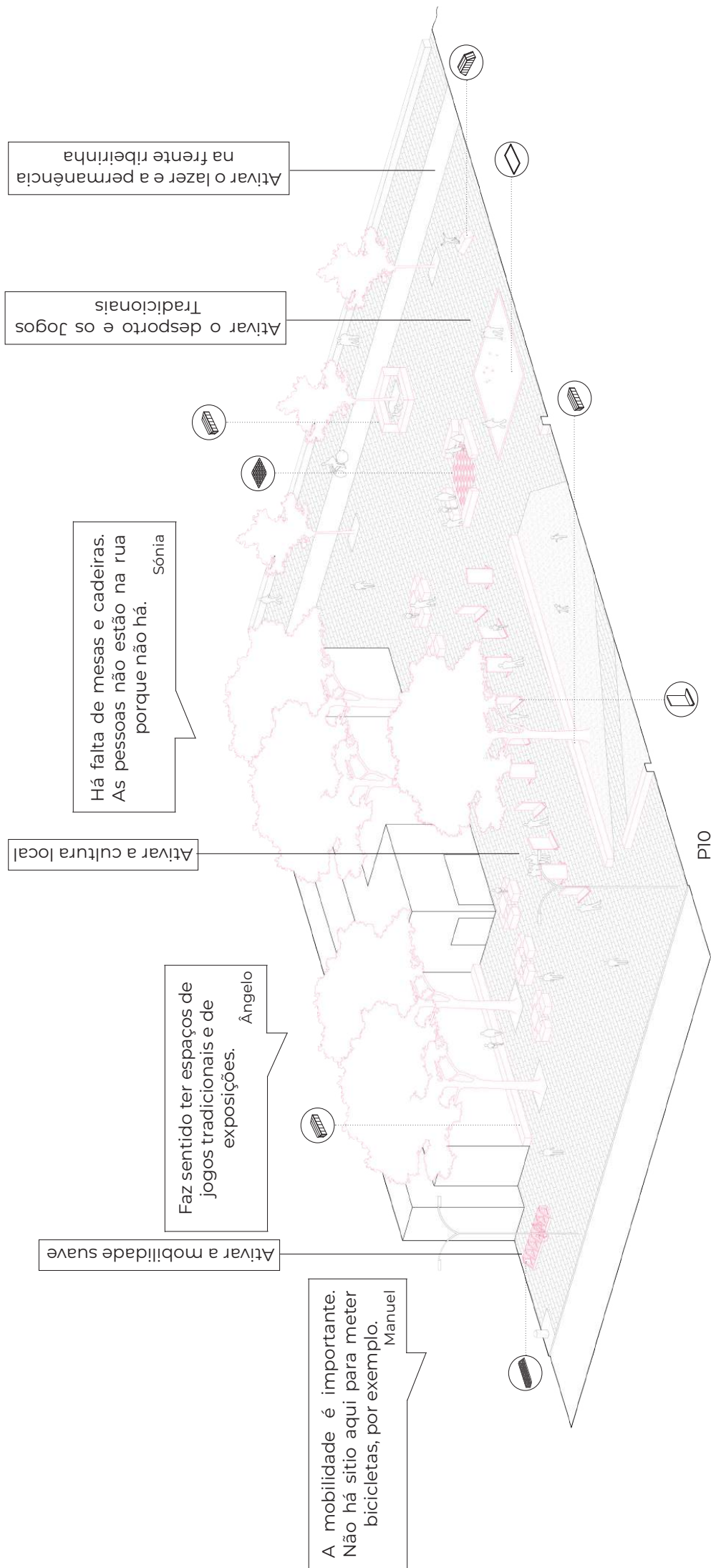


Figura 84: Perspetiva de exemplo de ocupação e utilização dos espaços urbanos e dos módulos





Ativar o lazer e a permanência na frente ribeirinha

Ativar o desporto e os Jogos Tradicionais

Há falta de mesas e cadeiras. As pessoas não estão na rua porque não há.
Sónia

Ativar a cultura local

Faz sentido ter espaços de jogos tradicionais e de exposições.
Ángelo

Ativar a mobilidade suave

A mobilidade é importante. Não há sitio aqui para meter bicicletas, por exemplo.
Manuel

Figura 85: Perspetiva de exemplo de ocupação e utilização dos espaços urbanos e dos módulos

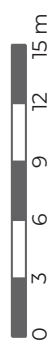




Figura 86: Guia de Urbanismo Tático do Barreiro Velho

Esta proposta permite ainda definir um Guia de Urbanismo Tático para o Barreiro Velho (Figura 86), para a população realizar de forma autónoma o conjunto de módulos propostos para ativar o bairro (ver Anexo E).

A aplicação digital do bairro, desenvolvida na estratégia de grupo, é uma das ferramentas essenciais à execução das atividades. Com um campo de *chat*, esta permite a conexão das pessoas para proporem e debaterem ideias de mudança, definindo uma estratégia de projeto para a sua implementação, de acordo com os conceitos anteriormente definidos neste trabalho: intervenções temporárias, *bottom-up* e de fácil manutenção. Através da aplicação é possível escolher o local a intervir, quais as atividades que estão a decorrer, qual a atividade a desenvolver e quais os elementos temporários a utilizar, que podem ser facilmente fabricados e utilizados, segundo o guia disponibilizado (Figura 87).

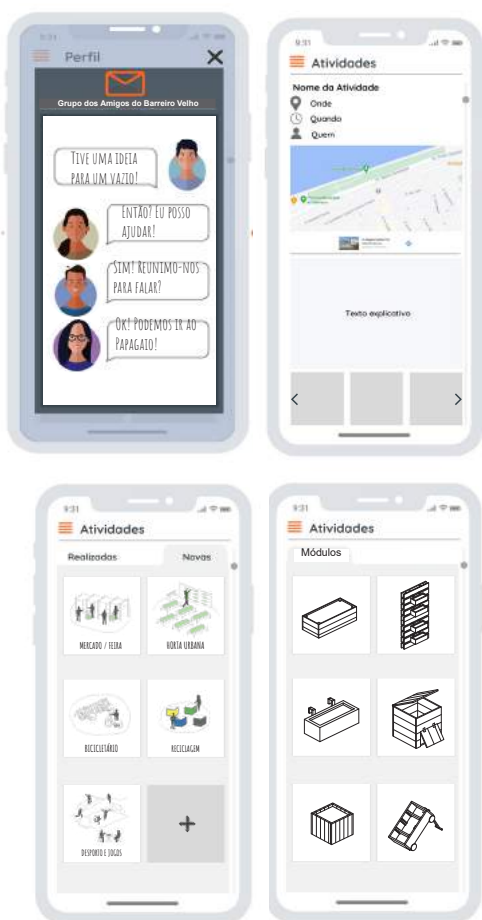


Figura 87: Aplicação digital *Conecta-te à cidade*

Por fim, a reativação do FabLab (Figura 88) como oficina comunitária associado a um depósito de materiais, na Escola Conde Ferreira, é outro instrumento de ação no bairro. No laboratório, é possível fabricar as peças necessárias para a montagem dos módulos no espaço público a baixo custo, como uma das formas de manter a economia local. O depósito de materiais serve, ao longo do tempo, como forma de reciclagem. Todos os módulos temporários do bairro devem ser feitos com materiais reutilizados, de forma a evitar o desperdício e a produção de lixo.

As peças são levadas para o local de intervenção, com a ajuda de carrinhos comunitários, e são montadas e posicionadas, promovendo uma nova dinâmica no espaço (Figuras 89, 90 e 91).

No final, todas as atividades em espaço público são avaliadas, podendo tornar-se em dinâmicas permanentes no Barreiro Velho.



Figura 88: Escola Conde Ferreira



Figura 89: Planta da proposta para a Praça Gago Coutinho e Sacadura Cabral



Figura 90: Perspetiva da proposta para a Praça Gago Coutinho e Sacadura Cabral

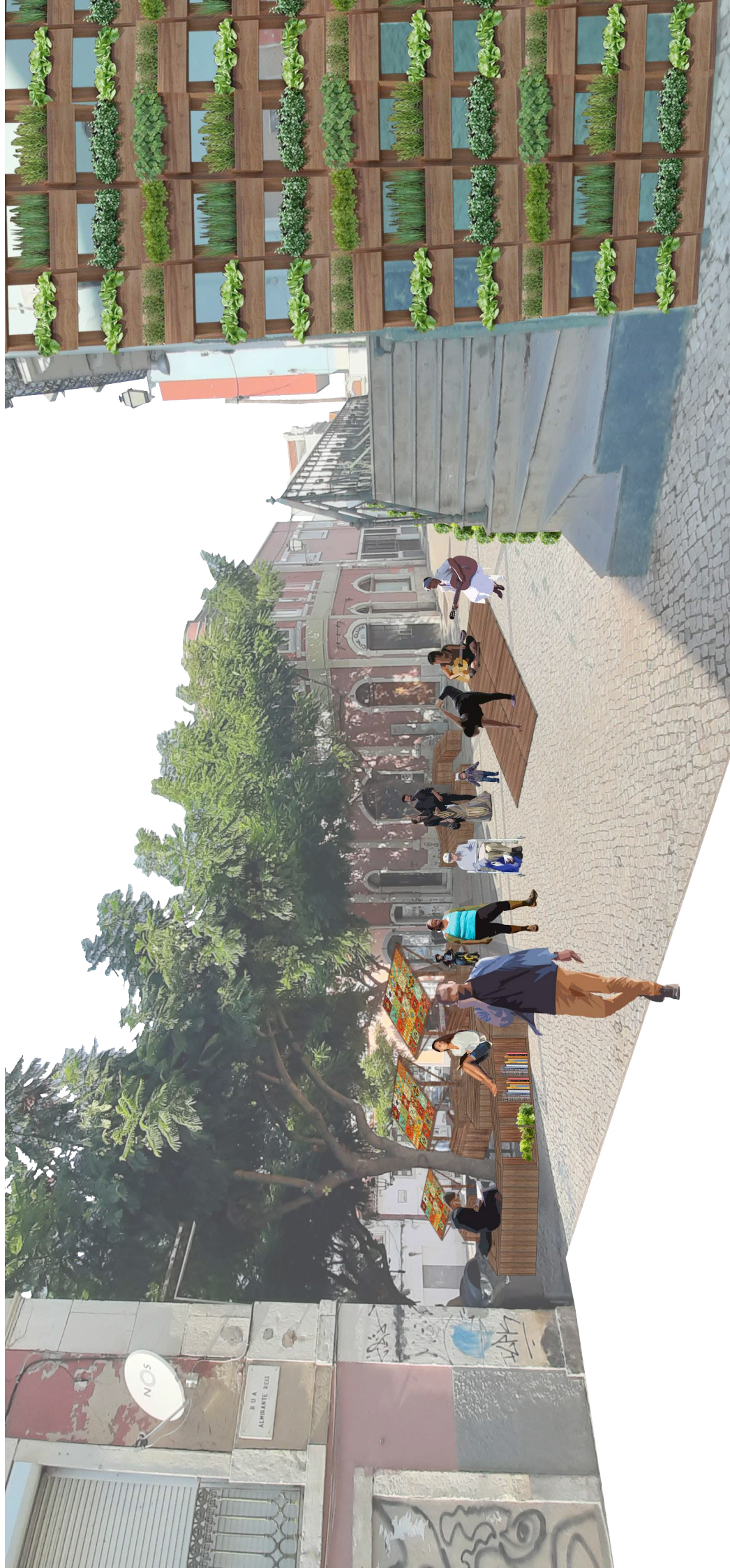


Figura 91: Fotomontagem da proposta para a Praça Gago Coutinho e Sacadura Cabral após a intervenção de Placemaking

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta fundamentação teórica permite reconhecer que a relação entre a população e o espaço urbano é importante para o desenvolvimento da cidade. Através do *Placemaking* (urbanismo tático e acupuntura urbana), é possível estabelecer uma estratégia de intervenção adequada ao local onde se insere. As intervenções temporárias e de baixo custo são uma forma de testagem de soluções e ideias prévias ao desenvolvimento de grandes projetos de planejamento, que permite a sua modificação.

As intervenções de *Placemaking*, quando bem-sucedidas, são capazes de reativar o espaço urbano, segundo tópicos como agricultura urbana, comércio local e conforto na cidade, promovendo o ambiente e sustentabilidade, a economia local e a coesão social, para a sua regeneração.

Em suma, estas intervenções apenas são bem-sucedidas com o elemento mais importante da cidade: as pessoas. Estas precisam de ser ouvidas pois, como conhecem melhor o local a intervir, estão aptas a pensar em soluções e ideias com potencial para a regeneração urbana do seu bairro, evitando problemas futuros, nomeadamente nos espaços públicos.

BIBLIOGRAFIA

Alomá, Patricia Rodriguez (2013). **El Espacio Público, esse protagonista de la ciudad.** in Plataforma Urbana. Disponível em <https://www.plataformaurbana.cl/archive/2013/11/14/el-espacio-publico-ese-protagonista-de-la-ciudad/> (consultado em 06/10/2021)

Amaral, Leonor (2020). “**Na Natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma**”, **Antoine Laurent de Lavoisier.** Disponível em <https://www.industriaeambiente.pt/noticias/tudo-se-transforma/> (consultado em 18/11/2021)

Arqa (2011). Disponível em <http://www.oasrn.org/comunicacao.php?pag=noticias&id=2966&ano=2013> (consultado em 23/11/2021)

Arqa (2013). Disponível em <http://www.oasrn.org/comunicacao.php?pag=noticias&id=2966&ano=2013> (consultado em 23/11/2021)

Arriaga et al (2014). **A cidade enquanto laboratório de democracia.** in Jornal Público. Disponível em <https://www.publico.pt/2019/07/09/politica/opiniao/cidade-laboratorio-democracia-1877675> (consultado em 20/11/2021)

atelier d’architecture autogérée (aaa) (s.d.). **R-Urban: Resilient Agencies, Short Circuits, and Civic Practices in Metropolitan Suburbs.** in Harvard Design Magazine, nº 37. Disponível em <http://www.harvarddesignmagazine.org/issues/37/r-urban-resilient-agencies-short-circuits-and-civic-practices-in-metropolitan-suburbs> (consultado em 15/09/2021)

Awan, N., Schneider T., Till J. (2011). **Spatial Agency: Other Ways Of Doing Architecture.** 1ª edição. Routledge – Taylor & Francis Group

Barbosa, Maria Luísa Torres Meneses (2014). **Espaço Público Urbano, em constante transformação: Um estudo sobre os discursos teóricos e a prática do espaço público contemporâneo.** (Dissertação de Mestrado). FEUP – Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/77035> (consultado em 05/02/2021)

Câmara Municipal do Barreiro (2011). **Projeto de Delimitação da Área de Reabilitação Urbana do Barreiro Antigo.** Disponível em <https://www.cm-barreiro.pt/viver/arquivo-de-noticias/2012/noticia/fase-de-consulta-publica-projeto-de-delimitacao-da-area-de-reabilitacao-urbana-do-barreiro-antigo> (consultado em 10/02/2021)

Casanova, H., Hernández, J. (2014). **Public Space Acupuncture: Strategies and Interventions for Activating City Life.** (Angela K. Bunning, Trad.). New York: Actar Publishers

Certeau, Michel de (1998). **A Invenção do cotidiano. Artes de fazer.** (Ephraim Ferreira Alves, Trad.). 3ª edição. Petrópolis: Editora Vozes. (Obra original publicada em 1980)

Coentrão, Abel (2021). **Na cidade ou no campo, o direito ao lugar tomou forma de reivindicação.** in Jornal Público. Disponível em <https://www.publico.pt/2021/04/08/local/noticia/cidade-campo-direito-lugar-tomou-forma-reivindicacao-1957605> (consultado em 20/11/2021)

Crawford, M., Chase, J., Kaliski, J. (1999). **Everyday Urbanism.** New York: The Monacelli Press

Crawford, M., Speaks, M., & Mehrotra, R. (2005). **Everyday urbanism: Margaret Crawford vs. Michael Speaks: volume 1.** Michigan: The Regents of the University of Michigan

Cutieru, Andreea (2020). **Acupuntura urbana, requalificando espaços públicos por meio de intervenções locais.** Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/948851/acupuntura-urbana-requalificando-espacos-publicos-por-meio-de-intervencoes-locais> (consultado em 19/11/2021)

Debord, Guy (1967). **La Société du Spectacle.** 1ª edição. Folio

De Solà-Morales, M. (2008). **A matter of things.** Rotterdam: Nai Publishers

El Campo de Cebada (2013). **El Campo de Cebada / La ciudad situada**. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/01-136323/el-campo-de-cebada-slash-la-ciudad-situada> (consultado em 14/11/2021)

Farias, A. C. C. (2019). **A arquitetura da participação de Giancarlo de Carlo revisitada**. VIRUS, São Carlos, nº 18. Disponível em <http://www.nomads.usp.br/virus/virus18/?sec=4&item=3&lang=pt> (consultado em 25/10/2021)

Fontes, Adriana Sansão (2012). **Intervenções temporárias e marcas permanentes na cidade contemporânea**. in Arquitetura Revista – vol. 8, nº 1, pp. 31-48. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/article/view/arq.2012.81.05> (consultado em 15/02/2021)

Gehl, Jan (2011). **Life Between Buildings: Using Public Space** (Jo Koch, Trad.). Washington, D.C.: Island Press

Guerra, Isabel (2012). **Questionando o futuro das cidades: uma perspectiva sociológica**. Disponível em <https://ch.guimaraes.pt/static/uploads/actas/1CHI/vol1/1chi-vol1-013.pdf> (consultado em 22/11/2021)

Hambi, Nabeel (2010). **The Placemaker's Guide to Building Community**. 1ª edição. Routledge – Taylor & Francis Group

Harrouk, Christele (2020). **Espaços públicos: lugares de protesto, manifestação e engajamento social**. (Vinicius Libardoni, Trad.). Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/941514/espacos-publicos-lugares-de-protesto-manifestacao-e-engajamento-social> (consultado em 10/04/2021)

Harvey, David (2012). **O direito à cidade**. (J. Pinheiro, Trad.). In Lutas Sociais, nº 29, pp. 73-89. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/272071/mod_resource/content/1/david-harvey%20direito%20a%20cidade%20.pdf (consultado em 22/11/2021)

Indovina, Francesco. **O Espaço Público: Tópicos sobre a sua Mudança**. in Cidades, Comunidades e Territórios – nº 5, pp. 119-123, 2002. Disponível em <https://revistas.rcaap.pt/cct/issue/view/584> (consultado em 10/04/2021)

Jacobs, Jane (2001). **Morte e vida de grandes cidades**. (C. Rosa, Trad.). 3ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes (Obra original publicada em 1961)

Kolesnikov, Denis (2013). **El Campo de Cebada**. Disponível em <https://designaspolitics.nl/follow-the-money-finance-architecture-and-the-city/excursion-madrid/el-campo-de-cebada/> (consultado em 14/11/2021)

labcívicosantiago (2019). **O que é um laboratório cívico?** Disponível em <https://labcivicosantiago.wordpress.com/o-que-e-um-laboratorio-civico/> (consultado em 14/11/2021)

Lefèbvre, Henri (2001). **O direito à cidade** (R. Frias, Trad.). 5ª edição. São Paulo: Centauro Editora. (Obra original publicada em 1968)

Lerner, J. (2003). **Acupuntura urbana**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003

Lydon, M., Garcia, A. (2015). **Tactical Urbanism: Short-term Action for Long-term Change**. Washington, D.C.: Island Press

Moreira, Susanna (2021). **O que é placemaking?** Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/960416/o-que-e-placemaking> (consultado em 20/11/2021)

Mota, José Carlos (2019). **Construir comunidade**. in Jornal Público. Disponível em <https://www.publico.pt/2019/06/11/local/noticia/construir-comunidade-1875936> (consultado em 14/11/2021)

Organização das Nações Unidas (2015). **Agenda 2030: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em <https://www.ods.pt/> (consultado em 14/11/2021)

Organização das Nações Unidas (2016). **Nova Agenda Urbana – Habitat III**. Disponível em <https://uploads.habitat3.org/hb3/NUA-Portuguese.pdf> (consultado em 14/11/2021)

Paio, Alexandra (2020). **A vida quotidiana da regeneração urbana**. in Jornal Económico. Disponível em <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/a-vida-quotidiana-da-regeneracao-urbana-645634> (consultado em 8/10/2020)

Paio, Alexandra (2021). **Nova Bauhaus Europeia**. In Jornal Económico. Disponível em <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/nova-bauhaus-europeia-694085> (consultado em 14/11/2021)

Petcou, C., Petrescu, D. (2015). **R-URBAN or how to co-produce a resilient city**. in ephemera – theory & politics in organization, vol. 15, pp. 249 – 262. Disponível em <http://www.ephemerajournal.org/contribution/r-urban-or-how-co-produce-resilient-city> (consultado em 14/11/2021)

Piza, João (2003). **Vida e obra de Giancarlo de Carlo**. in Vitruvius - resenhas online – 022.01, ano 02. Disponível em <https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/02.022/3205> (consultado em 8/10/2020)

Portas, Nuno (1963). **Uma experiência pedagógica na E.S.B.A. do Porto**. in Arquitetura, nº 77

Project for Public Spaces (2007). **What is Placemaking?** Disponível em <https://www.pps.org/article/what-is-placemaking> (consultado em 8/10/2020)

Project for Public Spaces (2012). **Placemaking and the future of cities**. Disponível em <https://www.pps.org/article/placemaking-and-the-future-of-cities> (consultado em 8/10/2020)

Project for Public Spaces (2016). **Placemaking: What if we built our cities around places?** Disponível em https://issuu.com/projectforpublicspaces/docs/oct_2016_placemaking_booklet (consultado em 15/10/2020)

Project for Public Spaces (s.d.). **What Makes a Successful Place?** Disponível em <https://www.pps.org/article/grplacefeat> (consultado em 15/10/2020)

Rosa, Marcos L., Weiland U. (2017). **co-desenhando a cidade: arquitetura + inteligência informal**. 1ª edição. São Paulo

Saraiva, Tiago Mota (2020). **Parcerias Público-Comum**. In **Jornal Público**. Disponível em <https://www.publico.pt/2020/10/06/opiniao/noticia/parcerias-publicocomum-1934016> (consultado em 14/11/2021)

Schmidt et al. (2014). **Governança de Proximidade: As Juntas de Freguesia de Lisboa**. 1ª edição. Imprensa Nacional Casa da Moeda. Disponível em <https://www.incm.pt/portal/bo/produtos/ane-xos/10255420141222125555035.pdf> (consultado em 23/11/2021)

Seixas, João (2021). **Lisboa em Metamorfose**. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Disponível em <https://www.ffms.pt/publicacoes/detalhe/5681/lisboa-em-metamorfose> (consultado em 14/11/2021)

Stavrídes, Stavros (2021). **Espaço Comum – A cidade como obra coletiva**. (J. Colaço, Trad.). 1ª edição. Lisboa: Orfeu Negro (Obra original publicada em 2016)

Tanscheit, Paula (2017). **Espaços Públicos: a transformação urbana com a participação da população**. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/875364/espacos-publicos-a-transformacao-urbana-com-a-participacao-da-populacao> (consultado em 15/10/2020)

The Street Plans Collaborative (2012). **Tactical Urbanism: Short-term Action, Long-term Change**. Disponível em https://issuu.com/streetplanscollaborative/docs/tactical_urbanism_vol.1 (consultado em 15/10/2021)

The Street Plans Collaborative (2016). **Tactical Urbanist's Guide to Materials and Design. Version 1.0**. Disponível em <http://tacticalurbanismguide.com/> (consultado em 15/10/2021)

TUR'20 – *Techopolitics in Urban Regeneration: Co-creating Liveable Spaces* (2020). Disponível em <https://turcocreating.weebly.com/> (consultado em 15/09/2020)

União Europeia (2021). **New European Bauhaus**. Disponível em https://europa.eu/new-european-bauhaus/index_pt (consultado em 14/11/2021)

ANEXOS

ANEXO A

Entrevista com Ana Carolina Carvalho Farias, arquiteta

iscte INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Lab

TUR **ARQ – E3**
2020/2021

Laboratório de Ensaio de Metodologias
de Intervenção na Cidade Existente

Mestrado Integrado em Arquitetura
Projeto Final de Arquitetura, 5º ano

Declaração de compromisso

Eu, Ana Carolina Carvalho Farias, declaro para os devidos efeitos autorizar por minha livre, específica e informada vontade, o tratamento da respetiva informação e os dados pessoais, inerentemente a esta associados, resultantes da entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2020 pela Lara Fernandes, para a investigação no âmbito do Projeto Final de Arquitetura, 5ºano do Mestrado Integrado em Arquitetura, apenas para os fins anteriormente indicados e durante o período estritamente necessário à prossecução dessas mesmas finalidades.

Lisboa, 12 de novembro de 2020

Assinatura



A handwritten signature in purple ink, written over a horizontal line. The signature is cursive and appears to read 'Ana Carolina Carvalho Farias'.

iscte INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Lab

TUR ARQ – E3
2020/2021

Laboratório de Ensaio de Metodologias
de Intervenção na Cidade Existente

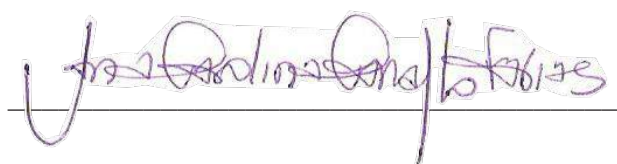
**Mestrado Integrado em Arquitetura
Projeto Final de Arquitetura, 5º ano**

Declaração

Para os devidos efeitos, Eu, Ana Carolina Carvalho Farias, declaro que a transcrição em anexo corresponde à entrevista realizada no dia 12 de Novembro de 2020 pela Lara Fernandes, para a investigação no âmbito do Projeto Final de Arquitetura, 5ºano do Mestrado Integrado em Arquitetura, apenas para os fins anteriormente indicados e durante o período estritamente necessário à prossecução dessas mesmas finalidades.

Lisboa, 12 de novembro de 2020

Assinatura

A handwritten signature in purple ink, appearing to read 'Ana Carolina Carvalho Farias', is written over a horizontal line.

Lara Fernandes – Com o TUR, eu fiquei muito interessada nestas questões da participação pública e das questões de espaço público. Realmente, quando eu e a minha colega Sofia, que também participou no TUR e é do Barreiro, analisamos as várias zonas do Barreiro, achámos que o núcleo histórico tinha muitos problemas e que nós poderíamos resolvê-los, tanto a nível de espaço público como a nível de habitação.

[Comecei por apresentar a minha proposta prévia de fundamentação teórica]

Interessei-me por esta frase de Jane Jacobs porque a cidade é capaz de providenciar qualquer coisa para toda a gente, mas se for criada por essas mesmas pessoas.

O que nós [Lara e Sofia] nos deparámos no espaço público [no Barreiro Velho] foi um Barreiro Velho como história, como barreira, na população e na atualidade. Como história porque o Barreiro Velho é uma civilização primordial da cidade e tem eixos muito importantes de ligação com a cidade e tem uma riqueza de património a nível religioso, a nível de edifícios habitacionais, a nível de associações e, também, de azulejos, que são muito presentes no Barreiro Velho. O Barreiro Velho é, também, uma barreira, não só porque a degradação dos espaços urbanos e habitações conferem uma barreira à passagem porque há uma territorialização do espaço pelas pessoas que lá habitam, que são de várias culturas, por exemplo cigana. Agora também há muitos brasileiros e muitos cabo verdianos, que também ocupam o espaço público de forma que outras pessoas não achem normal. Então gera, assim, um pouco de sensação de insegurança.

Depois a Avenida da Praia estabelece uma barreira entre o degradado e o reabilitado, porque temos o jardim todo reabilitado e do outro lado temos a degradação dos edifícios e do espaço público e, num contexto mais alargado da cidade, o bairro histórico é como um vazio urbano na cidade.

Depois, a questão do espaço público, como já referi, como complemento à habitação que não é bem visto pelas outras pessoas, e a ocupação dos becos e dos vazios urbanos que transmitem essa territorialização e promovem uma sensação de insegurança, fazendo com que este território seja marginalizado.

Depois, temos as questões do mau pavimento, de não haver muitos espaços de permanência e espaços verdes, sendo o

Barreiro Velho apenas um espaço de passagem e, mesmo esse espaço de passagem dentro do território, já é um pouco diminuído. Eu fui lá de manhã com a minha colega para tirarmos fotografias e para conhecermos melhor o espaço e, a partir das onze da manhã, nós tivemos que andar a sair e a entrar de novo nas ruas, porque as pessoas já vinham mais para a rua e nós tivemos essa sensação de insegurança. Até tivemos duas pessoas que andaram a seguir-nos um pouco para ver o que é que nós andávamos lá a fazer, mas nem nos abordaram nem nada, então nós escapámo-nos.

Depois, é a tal perda das características do bairro porque, apesar de haver essa dimensão da vizinhança entre essas pessoas, com o resto da cidade não há interligação.

Depois, virei-me para estes três conceitos, que eu achei muito importantes para o espaço urbano que é o Everyday Urbanism, o Placemaking e o Urbanismo Tático e, um pouco do objetivo desta entrevista é também perceber estes conceitos, a forma como eu os posso utilizar para fazer a proposta do trabalho.

Andei a ler várias bibliografias, nomeadamente a sua dissertação, que achei muito interessante. Achei muito interessante o artigo da professora Alexandra “A vida quotidiana da regeneração urbana” e, depois, andei a ver os vários casos de estudo que ela enuncia e, também, outro artigo da professora socióloga Isabel Guerra, que tem a ver com os modos de vida. Depois a minha participação no TUR também foi super importante e, depois, andei a pesquisar um pouco mais sobre os conceitos, sobre os projetos que existem e que foram feitos.

Estes casos de estudo retirei-os do artigo da professora Alexandra, que eu achei muito interessante na forma de como eles mudaram a partir dos conceitos como o Placemaking ou urbanismo tático. [Eichbaumoper] Uma coisa que estava completamente em degradação, em desuso, era só de passagem e, de repente, com a introdução de novas atividades, novos usos, as dinâmicas mudaram muito. Então isso chamou-me à atenção para estudar o espaço público e o que é que eu poderia fazer ali [no Barreiro Velho] ou estudar para também dinamizar o território do Barreiro Velho e para se interligar de novo com o resto da cidade do Barreiro. Depois este em França [Passage 56] é engraçado porque é uma construção de uma horta urbana entre dois prédios. Como esse lote não podia ser construído porque as janelas dos outros dois

prédios estavam virados para esse lote, então decidiram fazer uma horta urbana em que, hoje em dia, há lá concertos, várias atividades que promovem aquele sítio e, como vemos naquela primeira fotografia, é um sítio muito movimentado e há muita aderência.

Depois este, o Thinking Fadura, em Espanha, foi a reabilitação de um espaço verde. Aqui, este primeiro Dutchness County Mall foi um concurso em que selecionavam vários espaços em desuso, vários centros comerciais e que com táticas urbanas, mudavam as dinâmicas do espaço. Eu interessei-me bastante porque eles pegaram no que as pessoas diziam, nos usos que as pessoas já faziam lá na estrutura, porque estava devoluta, e eles aproveitaram isso e estudaram a estrutura do centro comercial em si, mas também o estacionamento. É engraçado estas dinâmicas que depois correm muito bem.

Depois a Revitalização do Vale de Anhangabaú, no Brasil, em São Paulo, que, agora tenho que pesquisar mais sobre esse porque há uma polémica agora com uma nova revitalização, pelo que já me disseram.

Ana Carolina Carvalho Farias – Esse é um caso para você usar com muito cuidado, enquanto estudo de caso, porque ele foi muito criticado desde o início na verdade. É um projeto que tem uma consultoria do escritório do Jan Gehl, e, enfim, desde o início que foi muito criticado no Brasil e o resultado é desastroso, é horrível. Comparar a imagem do que era antes e, fosse como fosse, tinha área verde, montes de árvores e tal. Agora é uma coisa árida com uns pontos de geiser, é tenebroso.

Lara Fernandes – Lá está, eu queria perceber mesmo o porquê dessa polémica.

Ana Carolina Carvalho Farias – É a higienização do espaço público. É uma crítica muito presente nos projetos do Jan Gehl. No Brasil, a gente fala da abordagem do Placemaking consumista, de transformar tudo em uma esplanada de cafezinho, que é uma coisa que na Europa é cultural, as pessoas irem para uma esplanada tomar um café, mas no Brasil não é tanto assim. No Brasil precisa-se de sombra, de outras qualidades do espaço público, para o espaço público e essa “europeização” do espaço é muito criticada

porque desconsidera a população de rua que nos países mais pobres é maior e mais presente e são pessoas que precisam do espaço público para viver. Tem várias coisas, mas é um projeto bom para olhar porque deu errado, para ver essas críticas.

Lara Fernandes – Exato, é mais um caso de estudo em que posso comparar depois com os casos bem-sucedidos e os casos não tão bem-sucedidos.

Depois, este foi uma plataforma, o Team Better Block, de uma equipa de urbanistas que fazem vários projetos e também queria perceber o que é que, com aqueles projetos, posso fazer. Tenho aqui os meus objetivos de uma proposta teórica preliminar que passa primeiro pela observação da vida quotidiana e das dinâmicas do espaço público, ir para o sítio, anotar o que é que as pessoas fazem, quais são os sentidos que eu vou apanhando ao longo do espaço.

O nosso trabalho de grupo, o meu e da minha colega, também passa por ter esta visão do território em si e fazer um desenho do espaço e, depois, também pegando na parte histórica e cultural do Barreiro. Com esse desenho das possibilidades, de modo que haja uma conexão com a fachada da habitação e, também, com o espaço público, analisar os efeitos que essas propostas têm e, eu própria, também posso fazer vários desenhos pormenorizados de vários espaços e analisar isso – o antes e o depois – e depois tirar as conclusões sobre o estudo feito.

Ana Carolina Carvalho Farias – Então, pretendes desenhar possibilidades e executá-las também?

Lara Fernandes – Exato. Numa escala de grupo, é um desenho a uma escala maior. Por exemplo, mudar os pavimentos, o que pode passar a ser pedonal e retirar os carros, ter essa dinâmica de grupo. Mas depois, no individual, a minha proposta teórica, tem que fundamentar o projeto, ou seja, vou estudar essas possibilidades, também podendo desenhar mais em pormenor, por exemplo, uma praça, ou uma rua, tendo em conta também o trabalho que foi feito em grupo.

Atualmente, com as novas tecnologias e, principalmente, as redes sociais, vivemos numa sociedade de imagem e de consumo.

Onde os espaços não forem bonitos, e que não tenham movimento, atividades atrativas de usos diversificados, esses sítios são marginalizados pela restante sociedade por não corresponderem aos mínimos de estética e de atratividade que são impostos hoje em dia, na minha opinião.

A apropriação de espaços públicos por pessoas de várias culturas, como por exemplo no Barreiro, onde as pessoas estendem a roupa na rua, usam carrinhos de compras e deixam-nos na rua cheios de lixo, é como uma continuação da casa, ou por pessoas sem abrigo que tornam estes espaços marginais e territorializados. Estas apropriações não são vistas como normais pela sociedade.

Nestes casos, quais são as estratégias que podem ser feitas para equilibrar tanto a compreensão destas apropriações do espaço público e também para os inserir na sociedade, melhorando a atratividade destes locais? Como é que as políticas públicas podem entrar nestas estratégias, promovendo a justiça urbana para todos?

Ana Carolina Carvalho Farias – São usos quotidianos que se fazem na cidade como se ela fosse a nossa casa e que são mal vistos. Como mudamos isso para que seja mais valorizado? É uma sensibilização para a ideia de que a cidade é de todos. Aqui em Portugal, acho que vocês têm melhores respostas do governo do que nós temos no Brasil. Nós temos uma atitude de reivindicação mais ativa. Vocês têm uma atitude de esperar que o governo responda e faça as coisas e isso leva a ou parte de uma compreensão de que há alguém responsável pelo espaço público que é o poder público. Espaço público é da Câmara, não é do povo. Então, acho que a primeira coisa é pensar em dinâmicas que levem as pessoas a refletirem sobre isso, fazer essa mudança do público comum, a ideia de que o que é público é meu também. Portanto não é mau que o sem abrigo durma na calçada porque a calçada é dele também. Estender a roupa pode “enfeiar” a fachada, mas é um hábito que não é mau. Aquele espaço é daquela pessoa também. Então, acho que primeiro uma sensibilização e, nesse sentido, de trazer essa dimensão do comum do espaço público e que faça as pessoas pensarem e a imaginarem que sim, que esses comportamentos diários é o que fazem a cidade ou a nossa ideia de cidade.

A forma como eu me desloco na cidade, se eu me desloco a pé ou de carro, se eu coloco um vaso de plantas na minha janela ou não, isso muda a fachada do prédio e a relação que as pessoas de fora têm com a fachada do meu prédio, da mesma forma que estender a roupa ou não. Então, acho que, primeiramente, é essa sensibilização para a dimensão do comum e para a ideia de que nós fazemos a cidade no nosso comportamento cotidiano na cidade. E talvez brincar com essas coisas. Quando mudas a compreensão dessas apropriações, e também para os inserir na sociedade, ou seja, para fazer com que as pessoas adotem, pensem nesses usos cotidianos como algo que elas podem fazer para melhorar a cidade, inclusive. Então, acho que podias pensar em brincar com essas coisas, pensar esses usos de forma curiosa, que chame a atenção das pessoas e que elas podem interagir e refletir sobre isso e testar possibilidades. Por exemplo, um varal pode servir para estender mensagens. O carrinho de compras que fica perdido pode servir para as pessoas usarem para carregar coisas. Já que aquilo está ali na calçada, pode ter alguém que queira redirecionar para o supermercado e ele pode servir para as pessoas transportarem coisas de um sítio para o outro. Brincar com essas situações que já estão na rua, que já fazem parte do cotidiano, mas de uma forma mal vista e explorar outras possibilidades delas. Talvez puxando pelo lado divertido das coisas, é mais fácil despertar a curiosidade das pessoas.

Como as políticas públicas podem ajudar aí? É aquele discurso de que essas experimentações, quando dão certo, são facilmente adotadas pelo poder público para as transformar em políticas públicas. É um longo caminho, não existe uma receita porque depende desses testes, depende da adesão que eles terão das pessoas e depende de darem certo, de chegarem a um resultado que faça mais sentido para mais pessoas, para a Câmara olhar para aquilo e pensar “Nós também podemos fazer isso.”. É aquela história que eu acho particularmente interessante no Urbanismo Tático e no Placemaking, que é testar possibilidades, porque podes pensar nessas novas, em apropriações dessas coisas que já estão no cotidiano, pensar em novas leituras para elas e pode ser só uma brincadeira, pode ser uma coisa que dura um fim de semana, uma ação que fazes lá e até chama a atenção das pessoas e as pessoas até vão conversar sobre isso, mas esgota-se nisso, e

durante um fim de semana, você interferiu ali na vida das pessoas, já é alguma coisa, mas pode ser que isso desencadeie um novo comportamento e aí, nesse sentido, é que poderá sensibilizar o poder público para pensar em novas políticas públicas.

Agora promover a justiça urbana, talvez já seja uma terceira pergunta. Como é que as políticas públicas pensadas a partir de intervenções táticas podem contribuir para a justiça urbana? Aí vai depender da orientação das políticas públicas. É uma coisa que é só para brincar ou é uma coisa que é para resolver mesmo problemas? Para falar de justiça urbana, estamos a falar de problemas estruturais da cidade, da sociedade e de diferenças de bairros que têm um tratamento e outros bairros que têm outro tratamento. Isso já é uma discussão de urbanismo tático e de Placemaking, que no fundo também não têm muita diferença entre uma coisa e outra, mas tendem a acontecer, ou pelo menos têm maior adesão, maior visibilidade em bairros mais centrais, em bairros que os problemas também não são assim tão grandes, em bairros que têm uma população mais cool, mais mente aberta para essas coisas, e aí é legal e divertido, mas os outros bairros que têm problemas mais importantes, que têm uma paisagem mais feia, mais difícil de trabalhar e uma população desprivilegiada socialmente, economicamente, desprivilegiada em termos de acesso à educação, nesses bairros essas ações não têm chegado muito, então se for para falar em justiça urbana tens que pensar primeiro onde estás na cidade, que problema é esse que estás a pensar em atacar? É outro layer de preocupação na tua ação. Eu acho que tudo é válido, acho que se tu fores para o centro, tem lá um parque habitacional degradado, montes de imóveis abandonados, podemos falar que é um bairro como aqui em Lisboa, praticamente o centro histórico todo ou quase todo é um bairro considerado de intervenção prioritária, naquele programa BIP ZIP em Lisboa, mas não deixa de ser um bairro, uma zona da cidade que historicamente sempre recebeu mais investimento, mais atenção da media e das pessoas intelectualmente sensíveis para esses problemas. Também é válido atuar neles, mas e os outros bairros que nem têm essa atenção, nem conseguem fazer as suas queixas serem ouvidas? Então, acho que para falarmos de justiça urbana, temos que complexificar um pouco mais a proposta.

Lara Fernandes – No dia 6 [de novembro], nós apresentamos esta proposta e foi ao ISCTE a Carolina Cardoso e, quando eu e a Sofia apresentamos, ela disse-nos que a presidente da Junta de Freguesia já tinha falado de uma revitalização do Centro Histórico que consistia mandar embora todas as pessoas que lá estão, sendo ciganas ou não sendo, depois reabilitar aquilo, ou seja, fazer o desalojamento das pessoas e, apesar daquilo ter muitos assuntos, muitos problemas com que lidar, principalmente com as pessoas, porque sendo comunidade cigana, eles unem-se de tal forma que dali ninguém passa, portanto a nossa visão era mudar um pouco isso, integrar essas pessoas na sociedade e a própria sociedade do resto da cidade nessas pessoas, porque há ali uma barreira entre essas pessoas e acho que isso tem que ser partido, essa corrente.

Ana Carolina Carvalho Farias – Pois, é aquela ideia do centro histórico como algo para ser um cenário bonitinho, consumível pelo turista ou mesmo pelas pessoas da cidade, mas um lugar de consumo, seja consumo de compras, de coisas ou consumo de lazer, essa ideia do centro histórico. Mas por acaso é um centro histórico que tem pessoas morando e pessoas pobres morando, então justiça urbana para essas pessoas é o direito de continuar a viver num lugar privilegiado da cidade, privilegiado porque é central, porque com certeza, não conheço esse projeto, mas o comum nesses projetos é pegar nessas pessoas e levar lá para longe, lá para fora da cidade, algum lugar, desconectar um pouquinho algumas famílias de um bairro, outras famílias de outro bairro. Então, justiça urbana para esse pessoal é reivindicar o direito de morar na cidade urbanizada, na cidade onde os prédios estão ruins, e então vamos melhorar esses prédios, mas uma parte da cidade onde tem transportes públicos, onde tem outros serviços. Com certeza essas pessoas não querem sair desse lugar, muito provavelmente a maioria não quererá.

Lara Fernandes – Porque é assim, o centro histórico do Barreiro situa-se entre a CUF e Alburrica, mesmo ali ao pé da Avenida da Praia, em frente ao rio. Foi os primórdios da civilização do Barreiro e aquilo eram comunidades piscatórias e depois temos o Alto do Hospital, que é a zona mais alta do Barreiro, em que era a zona

medieval com comunidades agrícolas. Eu acho importante que essas identidades, essa história, prevaleçam, e as pessoas que lá habitam, que sabem, que gostam de lá, porque é que têm que sair?

Ana Carolina Carvalho Farias – Além do direito dessas pessoas permanecerem, é pensar isso, essa possibilidade de as pessoas viverem no centro da cidade. E pessoas pobres também. Porque é que o centro da cidade tem de ser só dos ricos ou da classe média? A gente podia ter um esquema de renda acessível, por exemplo, que consegue manter as famílias ciganas que já estão lá e que possam ter outras pessoas, outros trabalhadores. No centro da cidade, a gente quer ter serviços e lazer, mas nesses equipamentos a gente precisa de uma classe trabalhadora que, invariavelmente nos centros urbanos, está sempre fora da cidade, está sempre longe dos centros. Pensar a justiça urbana é deixar esses trabalhadores próximos aos locais de trabalho deles, ou mesmo que não seja o local de trabalho deles, mas a cidade que eles vivem. A gente tem um monte de prédio vazio lá, porque é que esses prédios não podem estar ocupados com habitação social também? Porque é que tem de ser só cafés, lojas de souvenirs, galerias de arte?

Lara Fernandes – Acho que esta parte da história remete para a segunda pergunta. O barreiro velho é um território cheio de história e cultura, tanto pelas associações como tanto falávamos no TUR, e há medida que o tempo vai passando, estes fatores vão-se desvanecendo, assim como a identidade e a memória do local. É engraçado porque, em cada virar de esquina quase, há pequenos fragmentos de história, seja os restos de edifícios já em ruínas, seja pequenos quadradinhos de azulejo em várias fachadas, com várias frases, que eu achei super interessante, e até mesmo becos pequenos com painéis enormes do que é o barreiro. Segundo Isabel Guerra, no seu texto “Modos de Vida”, ela analisa vários teóricos e fala muito de um aspeto importante nos modos de viver e o espaço urbano que é a historicidade. Hoje em dia, nós somos aquilo que a nossa história nos trouxe. Ao longo da história, fomos criando enquanto sociedade. Acho muito importante ter esse elemento da história muito presente tanto nas ações que podemos fazer do Placemaking e do Urbanismo Tático. Tendo este elemento em conta, quais os pontos-chave para uma intervenção coerente

no território, preservando a memória do lugar?

Ana Carolina Carvalho Farias – Uma coisa que já falaste e que eu acho muito interessante, que é uma contribuição que cabe a nós arquitetos dar, é essa leitura das várias camadas da paisagem. Isso eu acho que é um ponto chave. No meu trabalho final de graduação, eu fiz mais ou menos isso. A minha cidade do Brasil, Goiânia, é uma cidade que foi planejada, foi construída “do zero”. Eu fiz uma leitura do que foi a paisagem planejada e depois o que foi construído e como essa paisagem foi modificando e é muito interessante reconhecer esses vários momentos diferentes da paisagem e, pronto, no Barreiro vai ser um trabalho muito mais rico porque a minha cidade estamos a falar de uma cidade construída nos anos 30 do século passado. Aqui tem muito mais camadas de história e estamos a falar de mais camadas de estilos arquitetónicos e sistemas construtivos, funções também. Os nossos edifícios novos têm mais dificuldade de flexibilização de uso, mas antigamente, nos séculos passados, os edifícios tinham uma flexibilidade muito maior. Uma casa mais facilmente virava oficina ou escritório. Então, reconhecer essas várias camadas acho que é um ponto chave. Acho que uma pesquisa mais etnográfica, também seria muito útil para perceber essas camadas ou essa memória. Para perceber a memória, a gente tem que pensar do ponto das pessoas que estão ali, que já estiveram ali. Então, acho que a etnografia pode-te ajudar, estou falando de entrevistas, de observação, integrar com as pessoas para perceber o ponto de vista delas, para captar essa memória delas. Trabalhar com fotografia, ainda falando de etnografia, fotografias antigas, histórias, podes ir buscar em livros também, publicações em jornais antigos. Ter uma postura não saudosista do que já foi no passado, mas pensar em como é que esse passado nos ajuda a pensar o futuro. O que é que a gente faz a partir dessas várias camadas que a gente observou agora?

Lara Fernandes – Passando para a última questão, na intervenção no Barreiro Velho há muitos fatores a ter em conta: o estado de conservação do lugar, os vários usos, a população e as várias acessibilidades, seja de carro, seja pedonal, seja de transportes públicos. Como apresentei ainda à pouco, considero importantes os três conceitos *Everyday Urbanism*, *Placemaking* e *Urbanismo*

Tático, em que todos falam de atuações temporárias para no futuro se atingirem atuações permanentes, de modo a transformarem o lugar de acordo com o interesse dos residentes e também dos utilizadores do espaço. Sendo muito focada no meu trabalho, qual poderá ser a minha abordagem teórica a este território, o que é que pode ajudar, tendo em conta estes três conceitos e as particularidades do sítio?

Ana Carolina Carvalho Farias – Esses três conceitos já demonstram a sua abordagem teórica. Podias ir para uma intervenção convencional, de grande projeto, mas já partes para uma atuação tática que significa observação do que está lá, interação com essa cidade real, teste de ideias e tentativa e erro. Falaste em justiça urbana, é um conceito forte que condiciona a sua ação, implica uma resposta a um problema estrutural, acho que é um conceito para entrar na sua abordagem teórica. Quando falas das particularidades do sítio, a gente tem o quê? É um centro histórico degradado, é uma população multicultural, tem portugueses, tem ciganos, tem brasileiros, talvez alguns africanos. Então essa multiculturalidade é relevante para o seu trabalho e, talvez, uma abordagem artística também te pode ajudar, tanto para trabalhar a historicidade, quanto a multiculturalidade, apelando para o sensível.

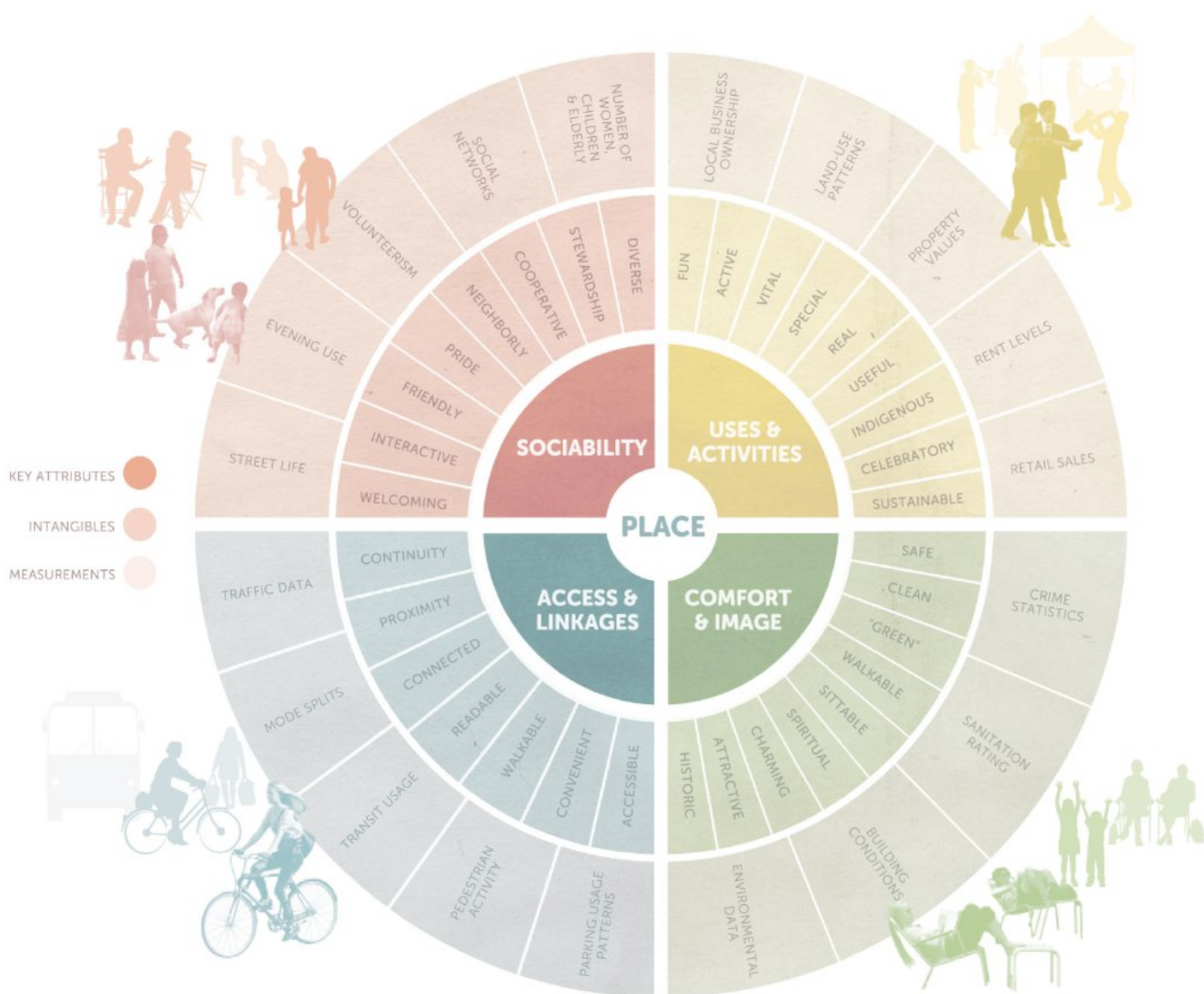
A gente está num momento de muita discussão sobre a nossa capacidade de regeneração do planeta como um todo. Pensar em como a regeneração desse centro contribui para uma transição mais ecológica, de uma cidade mais conectada com a ideia contemporânea de natureza, uma regeneração que contribua para atuar contra as mudanças climáticas, por exemplo.

Eu acho que a sua abordagem teórica já está definida, pelo que você me traz. Então estou aqui trazendo mais elementos, ou talvez dissecando assim mais pontos. É uma abordagem teórica que, para mim ficou clara no seu trabalho, que você tem uma abordagem tática. É claro que o tático é uma abordagem prática, mas existe a teoria também que você está trazendo aqui, conceitos, autores, reflexões, para te ajudar nessa prática tática.

Lara Fernandes – Está a focar em pontos que eu ainda não tinha pensado, nomeadamente esta abordagem artística, interessou-me muito, porque o Barreiro é muito artístico, tem muitas associações

artísticas e acho que poderia ser um ponto em que eu pegasse para analisar, quais os efeitos que poderia ter. Era um pouco mais talvez de bibliografia.

Ana Carolina Carvalho Farias – Falaste também na habitação e eu acho interessante pensar como que a gente intervir no espaço público, intervir de forma tática, pode contribuir para melhorar o nosso habitat, claro que você não vai interferir no interior da casa das pessoas, mas a gente pode interferir no que o Jan Gehl chama de “espaço de transição”, entre o interior da casa e o exterior da rua, a fachada, a calçada, aquele espaço que a gente está entre e isso eu acho bem interessante, é uma forma de a gente atuar no espaço público, interferindo na melhoria das condições de habitação, bem desafiador eu acho.



ANEXO B
Análise da Figura 11

O diagrama elaborado pelo PPS determina quatro atributos chave para a criação de bons lugares no Espaço Público. São eles os Acessos e Ligações, o Conforto e Imagem, os Usos e Atividades e a Sociabilidade.

Acessos e Ligações

A arquitetura do espaço público influencia a sua vida quotidiana e pode mudar os padrões de atividade desejados. Esta pode impedir as atividades resultantes da vida diária, como também pode gerar oportunidades: a estrutura física reflete e suporta a estrutura social desejada. É necessária uma hierarquia de espaços (Figura 1), do mais privado ao mais público, o que permite pequenos movimentos entre eles. Estas transições suaves entre os vários espaços permitem um contacto visual e de proximidade, ainda que com limites definidos.

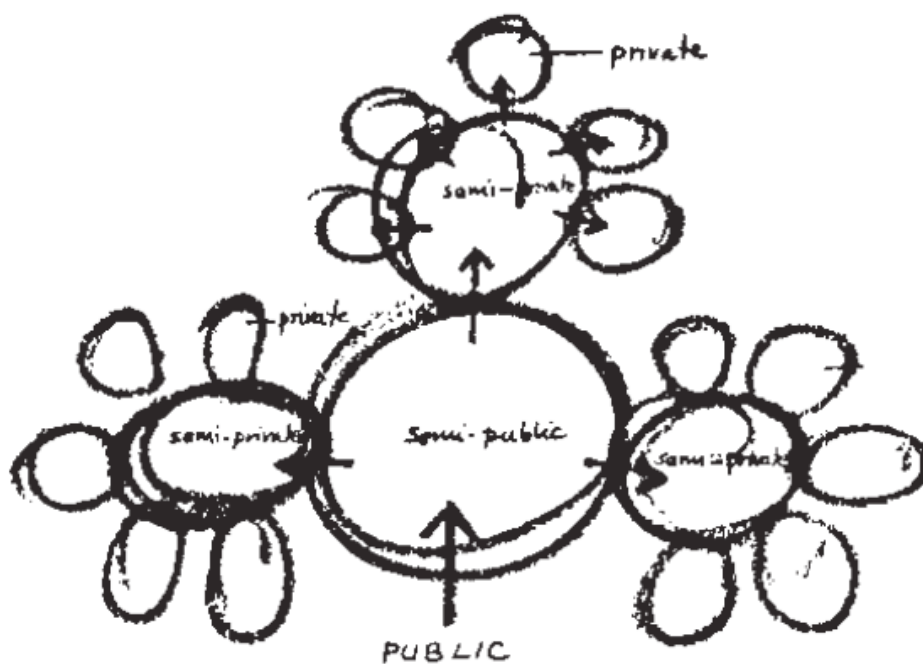


Figura 1: Diagrama de hierarquia de espaços

Fonte: Gehl, Jan (2011). *Life Between Buildings: Using Public Space* (Jo Koch, Trad.). Washington, D.C.: Island Press

“Diagram showing a hierarquically organized housing área with private, semiprivate, semipublic, and public spaces. The clear structure strenghtens natural surveillance, helps the inhabitants know which people “belong,” and improves the possibility for making group decisions concerning shared problems. (From Oscar Newman, *Defensible Space* [41].)” - in *Life Between Buildings*. Jan Gehl, 2011, p. 59

A visão é um sentido importante no dimensionamento e desenho do Espaço Público. É necessário conhecer e perceber as formas de comunicação e a percepção humana em relação ao espaço e às suas dimensões.

O movimento humano é limitado na horizontal, onde as pessoas “encontram” as atividades do Espaço Público. Estas atividades têm de estar à frente do observador e, aproximadamente, ao nível deste, pois o campo de visão horizontal é maior do que o vertical, que é mais estreito.

A distância é um fator que influencia o andar no Espaço Público. Quanto mais perto se está de algo ou alguém, mais detalhes se percebem. Há uma maior oportunidade de contacto e informação, na qual as pessoas têm tempo de experienciar o caminho, podem fazer pausas e envolver-se em práticas sociais locais. Espaços grandes tornam-se frios e impessoais, enquanto espaços mais pequenos são percebidos como quentes e pessoais, o que possibilita ver e ouvir outras pessoas e o detalhe pode ser aproveitado como um todo.

A qualidade das fachadas adjacentes e o seu atravessamento é importante. Como refere Gehl (2011), num espaço de maiores dimensões é mais confortável passar junto dos seus limites do que atravessar no meio, o que faz com que as fachadas sejam cruciais no desenho do espaço urbano.

Em suma, a visão e a distância ao andar no Espaço Público são dois fatores a ter em conta no seu acesso e nas suas ligações. Um bom Espaço Público é aquele que é fácil de chegar, atravessar e é visível tanto à distância como de perto. O desenho dos detalhes é importante no desenvolvimento destas oportunidades. Se o espaço for vazio e sem atividades (como lojas ou cafés, por exemplo) ou as fachadas não tiverem detalhes interessantes, o lugar não é apelativo, o que faz com que as pessoas não o utilizem.

Conforto e Imagem

De acordo com o PPS (s.d.), um espaço é confortável e tem boa imagem quando é perceptível a sua segurança, limpeza e disponibilidade para estar ou sentar. A qualidade dos elementos individuais do espaço público é crucial: o desenho dos detalhes são fatores determinantes para uma primeira boa impressão e para uma duradoura permanência no exterior.

As decisões de planejamento do lugar estabelecem a base de criação do bom funcionamento de espaços exteriores e, em consequência, do seu conforto. Se o espaço for atrativo para andar, estar ou sentar, isso é uma qualidade importante que origina um espectro de atividades humanas, permitindo a interação das pessoas. Nestes espaços, os veículos não podem ser dominantes. A permanência do automóvel no Espaço Público gera uma imagem de deterioração, pois não há atividade humana para se ver e experimentar – com o tráfego automóvel, a imagem da vida do espaço é fragmentada e breve.

Para um bom Espaço Público, é necessário um bom sítio para permanecer, onde as pessoas e as suas atividades são o centro da questão. As condições devem ser favoráveis para se mover e estar, assim como a participação nas várias atividades que possam ocorrer. Os limites do Espaço Público possibilitam tanto a experiência de um espaço, como os pequenos detalhes das fachadas – dão oportunidades de estar protegido, de interação com outras pessoas e de menor exposição do que se estivessem no meio do espaço. Os limites espaciais passam a ser confortáveis para se estar e permanecer, pois, é fácil manter-se alerta e reagir em qualquer situação.

O suporte físico é importante no espaço, como o mobiliário urbano. As oportunidades para sentar são um fator essencial na avaliação dos Espaços Públicos. Se não houver estas oportunidades, as pessoas apenas passam pelos espaços e não permanecem, impedindo a ocorrência das atividades.

A colocação de assentos tem de ser cuidadosamente planejada, através de uma análise espacial e funcional do local. As con-

dições climatéricas, a orientação do assento e os sítios protegidos com vista desobstruída são fatores importantes para o conforto e a sensação de segurança das pessoas no Espaço Público. As oportunidades para as atividades surgem e as pessoas tendem a permanecer mais tempo no exterior.

Usos e atividades

As interações entre a população de um determinado local, através do Espaço Público, podem ser divididas em três categorias:

a. As atividades necessárias ou obrigatórias são as que não existe escolha em fazer. Ir para a escola, para o trabalho ou ir às compras são exemplos destas atividades;

b. As atividades opcionais ou recreativas são as que as pessoas têm vontade de realizar, mas estão dependentes de vários fatores, nomeadamente as condições climatéricas. Dar um passeio só é possível se as condições climatéricas estiverem boas.

c. As atividades sociais são as que resultam da junção das duas anteriores. São atividades espontâneas que dependem da qualidade do espaço e da presença de várias pessoas, permitindo o contacto e relação destas. As atividades sociais podem ocorrer em muitos lugares, mas o foco deste trabalho estará nas atividades sociais no Espaço Público.

A qualidade do Espaço Público influencia a ocorrência destas atividades (Figura 2). Se a qualidade da área exterior for pobre, apenas as atividades necessárias ou obrigatórias ocorrem. Por outro lado, se a área exterior for qualificada, ocorrem atividades de todo o tipo, com alguma duração.

As oportunidades de encontro e as atividades diárias permitem ver e ouvir os outros, em vários contextos, e essa questão deve ser vista como parte das atividades sociais que implicam boas experiências que não são planeadas. A isto, Jan Gehl dá o nome de Life Between Buildings, o espectro de atividades que fazem os espaços comuns nas cidades, bem como áreas residenciais atrativas e com sentido (Gehl, 2011).

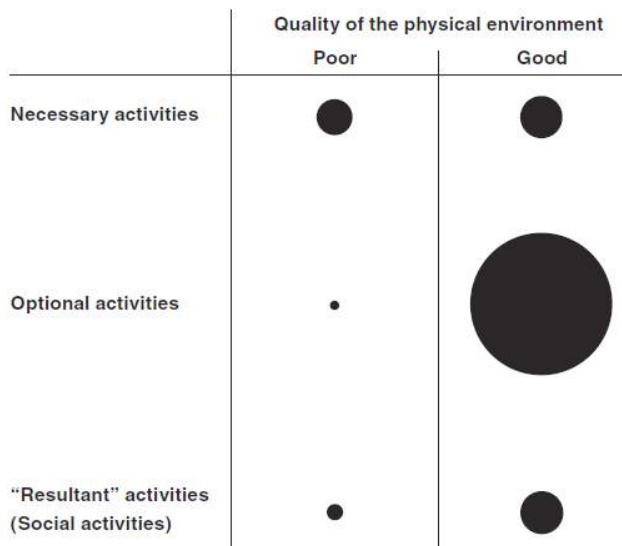


Figura 2: Gráfico de relação entre a qualidade de espaços exteriores e a ocorrência das atividades no exterior

Fonte: Gehl, Jan (2011). *Life Between Buildings: Using Public Space* (Jo Koch, Trad.). Washington, D.C.: Island Press

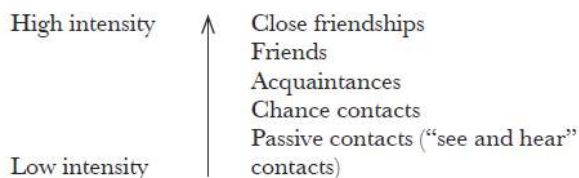


Figura 3: Espectro de intensidade e várias formas de contacto

Fonte: Gehl, Jan (2011). *Life Between Buildings: Using Public Space* (Jo Koch, Trad.). Washington, D.C.: Island Press

¹ "People are attracted to other people. They gather with and move about with others and seek to place themselves near others. New activities begin in the vicinity of events that are already in progress." - in *Life Between Buildings*. Jan Gehl, 2011, p.23

² "A summary of observations and investigations shows that people and human activity are the greatest object of attention and interest. Even the modest form of contact of merely seeing and hearing or being near to others is apparently more rewarding and more in demand than the majority of other attractions offered in public spaces of cities and residential áreas." - in *Life Between Buildings*. Jan Gehl, 2011, p.29

Para que as atividades no Espaço Público aconteçam, é necessário, apenas, dentro de um espectro de interação, um contacto passivo entre as pessoas, o qual os caminhos do quotidiano não perceptíveis, permitem (Figura 3). Esta interação gera troca de informação e conhecimento entre as pessoas sobre determinados assuntos, formando o contexto social, que pode originar ideias e inspiração para agir. Estas possibilidades que se formam, em conjunto com o seu valor, são observadas na reação da presença de outras pessoas no mesmo espaço¹.

Tendencialmente, as pessoas vão para os lugares onde há mais oportunidades de ver, ouvir e/ou interagir – o lugar com mais pessoas e atividades. Essas oportunidades são das mais importantes atrações no Espaço Público. As atividades humanas têm mais interesse, pois dão mais dinâmica ao espaço², tornam o local atraente e melhoram a sua imagem. As crianças são um bom exemplo dessas situações: o espaço que tenha condições favoráveis para ocorrer atividades é mais apelativo para brincarem. Quando existe atividade entre crianças, é mais fácil a interação entre elas, o que faz com que outras se juntem: são oportunidades para brincar que permitem o seu contacto.

As atividades sociais no Espaço Público são importantes para a Regeneração Urbana. A interação entre pessoas permite a construção do espaço que o indivíduo ocupa, desenvolvendo uma relação de identidade, afetividade e bem-estar.

Sociabilidade

A sociabilidade é a qualidade mais importante que o Espaço Público deve ter, mas também a mais difícil. O Espaço Público deve ter um conjunto de características que facilitem o encontro de pessoas, o seu cumprimento e até a conversa com estranhos. Quando estas atividades acontecem, existe uma tendência para um lugar mais forte, em que a comunidade se relaciona.

A diversidade característica da cidade é o elemento principal da vida real. Apesar desta ser um elemento divisório da vida da população, é na sua sobreposição que se encontra a principal forma de trocas da cidade e o potencial do conceito *Everyday Urbanism*. Para isso, é necessário a reeducação da vida em comum, principalmente nas áreas urbanas que apresentam problemas sociais e de aceitação do próximo.

Os eventos no Espaço Público permitem atividades em comum e experiências que servem para iniciar e gerar conversas. William H. White, em *The Social Life of Small Urban Spaces*, usa o termo Triangulação para descrever estas atividades sociais, nas quais duas pessoas começam a falar devido a um mesmo assunto ou evento, formando o triângulo de interação (Figura 5).

As interações entre as pessoas e a qualidade das experiências oferecidas pelo ambiente físico são influenciadas pelo desenho dos locais para sentar e estar, e pela sua localização no espaço. Ao permitirem mais tempo de permanência no exterior, há mais probabilidade de encontrar amigos, vizinhos e pessoas desconhecidas e, ao partilharem os mesmos espaços, é importante que haja o sentimento de responsabilidade e pertença.

As oportunidades para estar no exterior, onde o quotidiano acontece, é uma contribuição valiosa para determinadas funções e para a vida entre edifícios acontecer.

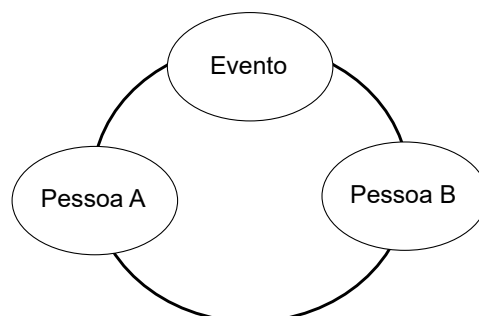
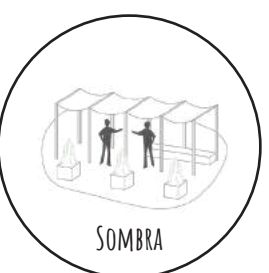
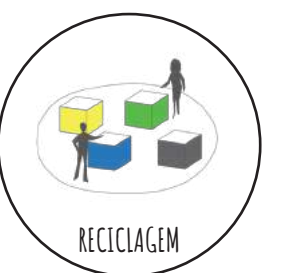
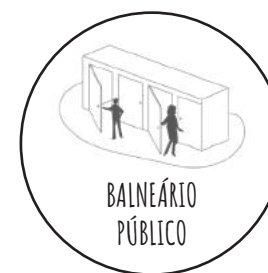
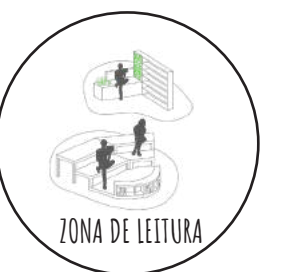


Figura 5: Espectro de intensidade e várias formas de contacto

ANEXO C
Processo Participativo



CICLOVIA

ESPAÇO PEDONAL

FAIXA DE RODAGEM

Parte 1 do processo participativo:
Círculos com atividades que se podem desenvolver no bairro



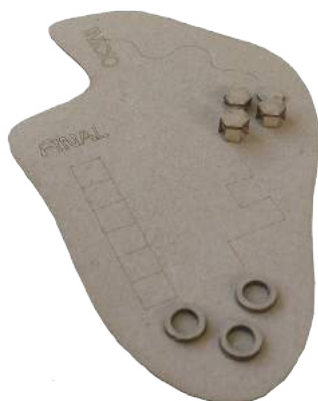


Parte 1 do processo participativo:

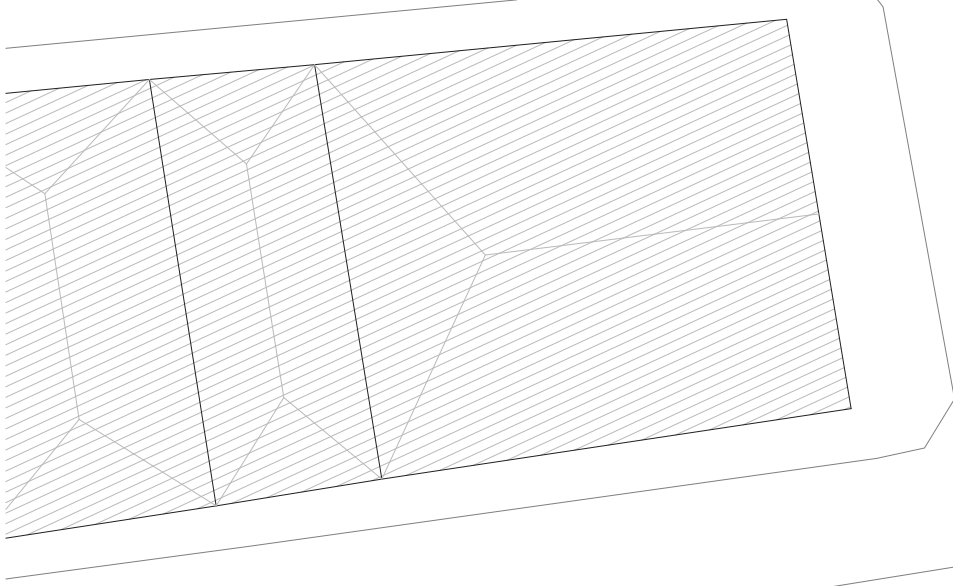
Ortofotomapa onde os círculos são colocados, segundo a vontade e necessidade da população; estão, também, assinalados os locais a pensar na parte 2 do processo participativo



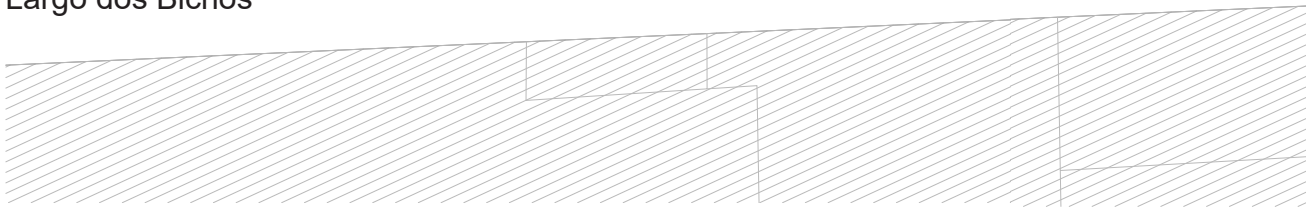


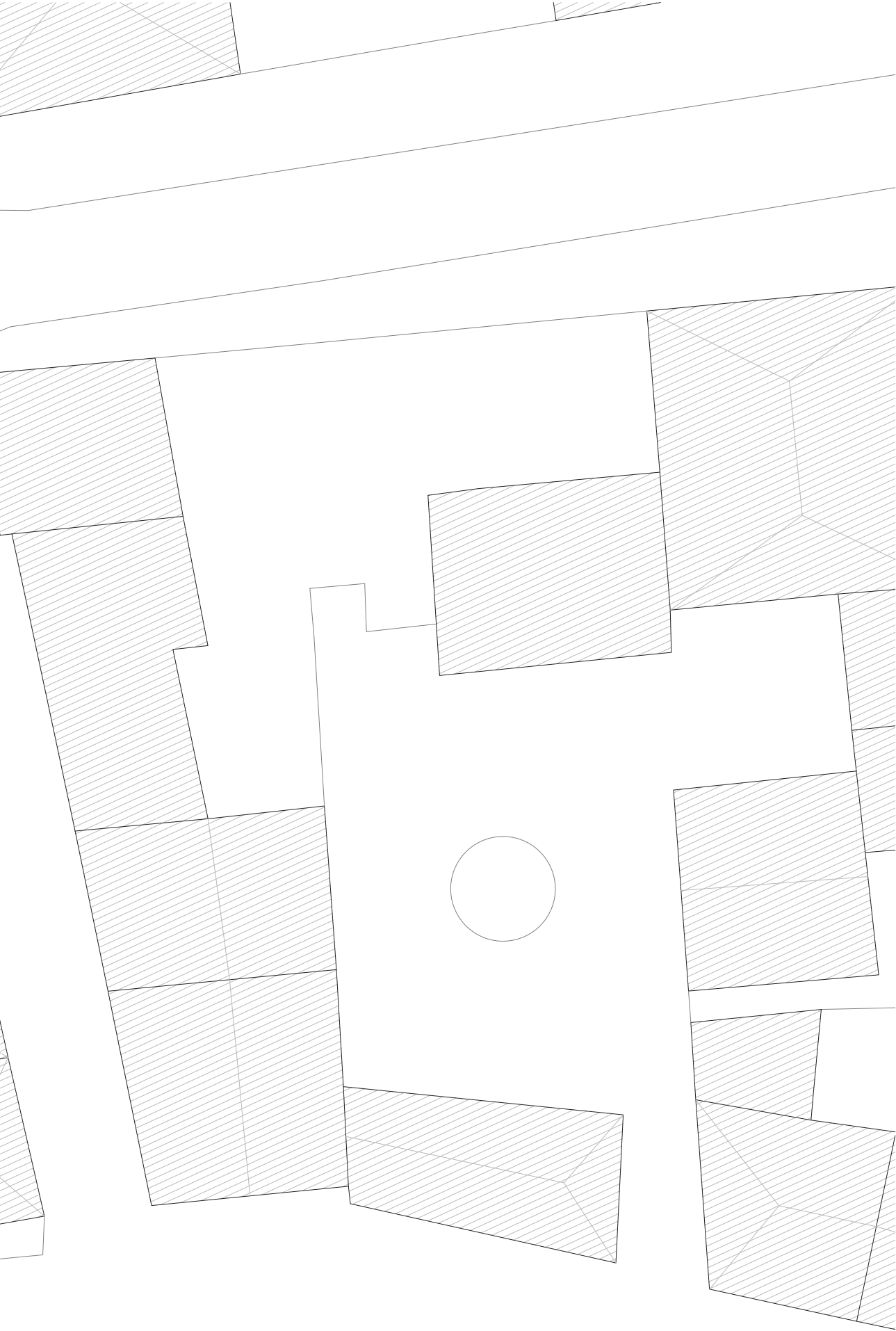


Parte 2 do processo participativo:
Módulos que permitem o desenvolvimento
das atividades no bairro

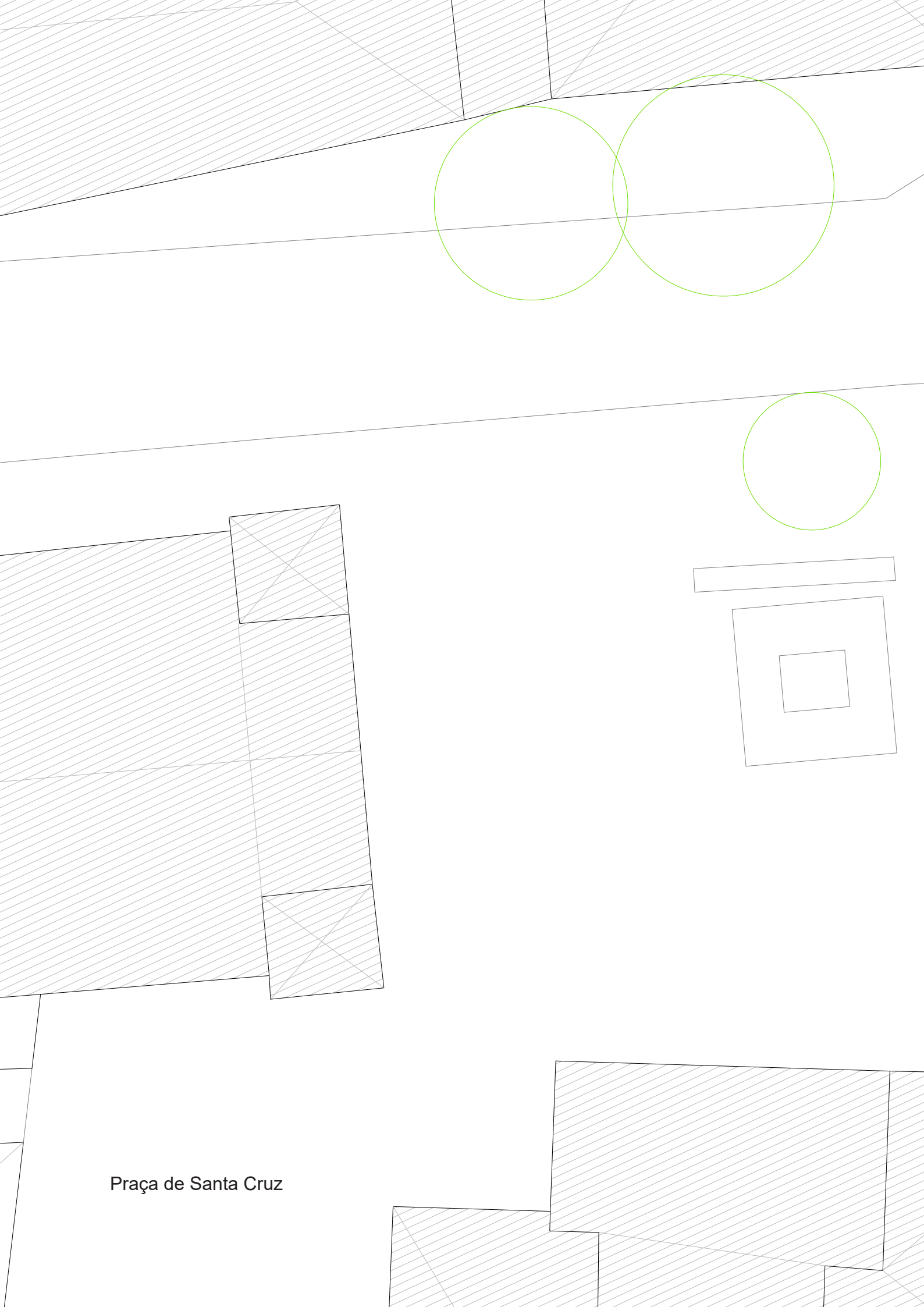


Largo dos Bichos

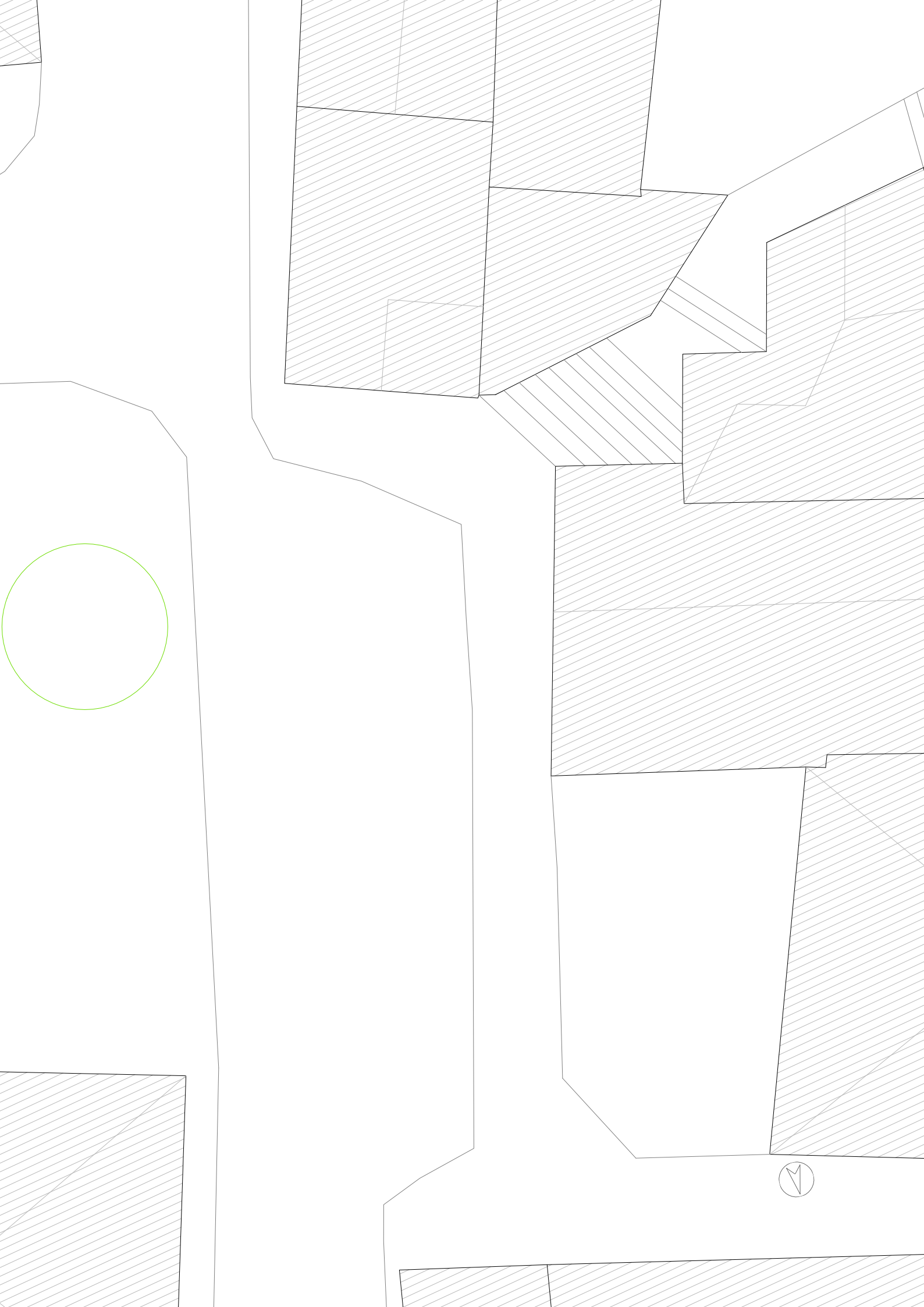




Parte 2 do processo participativo:
Plantas de locais do bairro à escala 1:50, onde os módulos são colocados e organizados no espaço



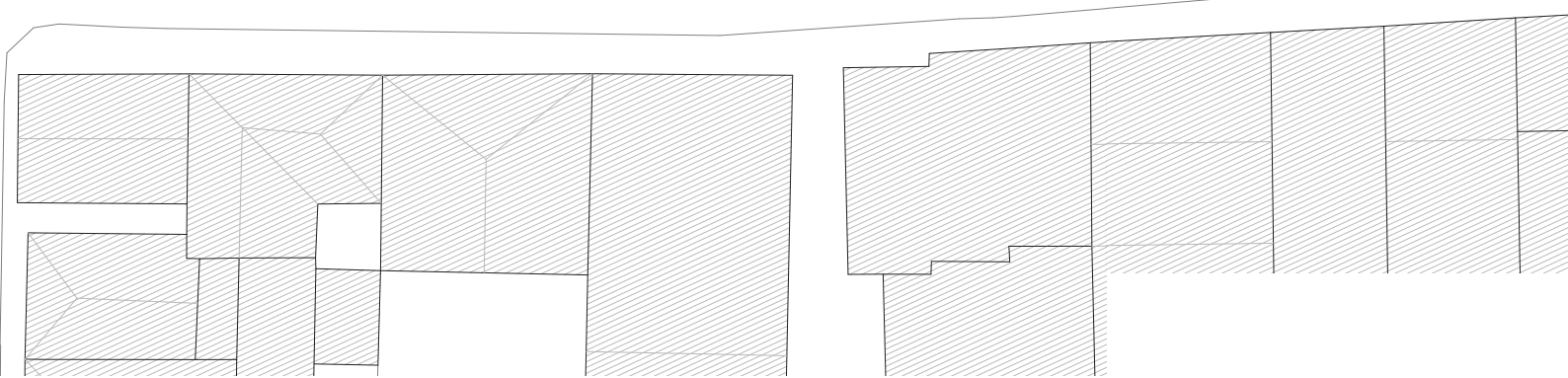
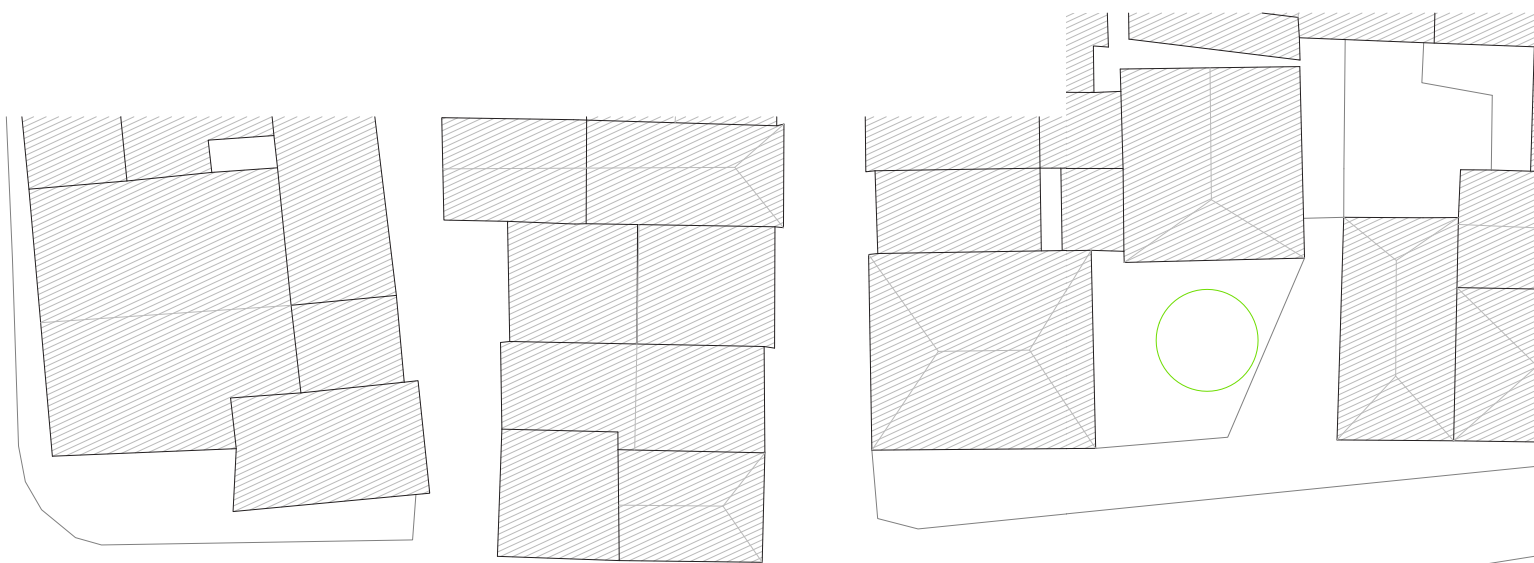
Praça de Santa Cruz





Largo de entrada na Zona Medieval
(A norte do bairro)





Troço da Rua Conselheiro Joaquim António d'Aguiar



ANEXO D
Caderno desenvolvido no trabalho prático em grupo

[Re]Ativa-te ao Barreiro

Novos lugares, vivências e dinâmicas, um futuro para o Barreiro Velho
Reeducação da vida em comum



1. Localização da área de intervenção

O Barreiro localiza-se na margem sul do rio Tejo, pertence à Área Metropolitana de Lisboa, na Península de Setúbal. É caracterizado como um concelho pós-industrial, com vários problemas urbanos que necessitam de uma atenção para a sua resolução.

Neste trabalho, é tido em conta processos de Regeneração Urbana e a utilização de Tecnopolíticas para a realização de processos participativos, que permitem responder às necessidades do local de forma a ativá-lo. Estes processos incidem sob o espaço público e as habitações, tentando responder aos seus problemas através dos temas Placemaking e urbanismo tático e, também, através da fabricação digital e a utilização de sistemas modulares.

O Barreiro tem uma forte dimensão associativista, sendo composto por volta de 176 associações, que são um dos elementos importantes no processo de Regeneração Urbana. Estas são componentes essenciais na ligação entre a população e o trabalho, pretendendo responder através de um desenho que permite desenvolver soluções informadas e adequadas.

Sendo assim, é realizada uma análise histórica e territorial, várias entrevistas a Associações e a membros da comunidade, que permitem identificar os problemas e necessidades do local.



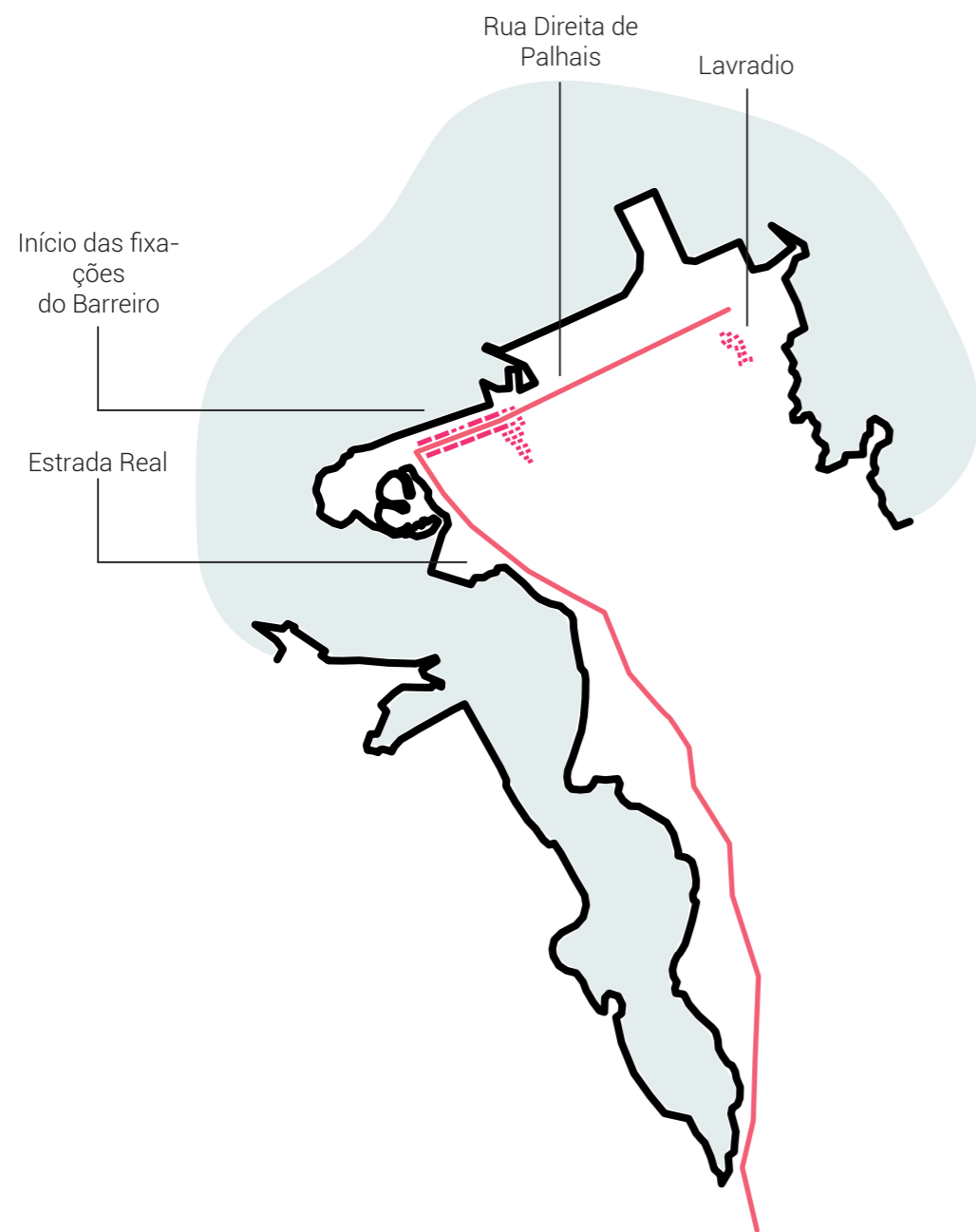


Escala 1:1600



- Parque Infantil
- Espaços Verdes
- Ruas
- Edifícios
- Rio Tejo

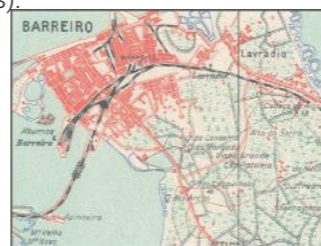
2. Análise Histórica



Carta topográfica e militar da Península de Setúbal (1813/1816)
Instituto Geográfico Português

O Barreiro teve início no ano de 1322 através da fixação de pessoas nas marinhas (atual Lavradio) e, também, através da exploração do barro, que deu início à fixação de quintas (Quinta do Barreiro).

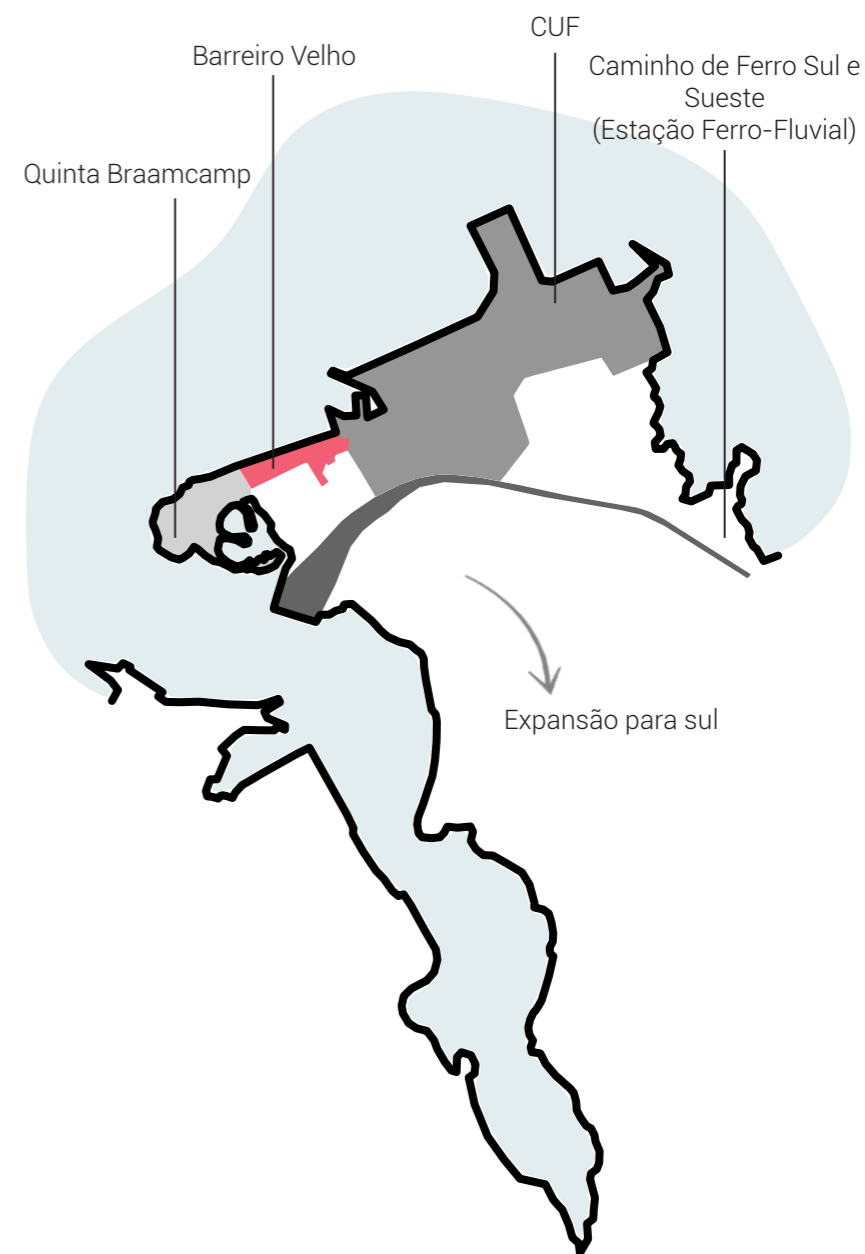
Segundo a carta topográfica de 1813/1816, é possível perceber que estas fixações se desenvolveram em dois períodos diferentes: o período medieval e o período de um traçado urbano reticulado pombalino. Estas fixações ligavam-se até Coima e outras povoações através de duas estradas principais, ainda visíveis atualmente (Rua Direita de Palhais, atual Rua Marquês de Pombal; Estrada Real, atual Rua Miguel Pais).



Carta cartográfica de Portugal com o topónimo Vinha Grande (1953)
Instituto Geográfico Português

Com esta carta de 1953, é possível ver o Barreiro Velho e a expansão da construção devido ao desenvolvimento da linha férrea. Esta expansão começa a decorrer para sul, aproveitando a linha ferroviária e a ponte de ligação com o Seixal e Lisboa, o que facilitou a fixação da indústria da CUF, promovendo a empregabilidade e atraindo população.

Esta linha férrea permite criar um ponto de embarque e desembarque que motivava a população a fixar-se perto dele, obtendo uma melhor mobilidade. Com a expansão da construção na cidade, é possível perceber uma nova estrutura de estradas que acabam por se ligar com a antiga Estrada Real, mantendo a ligação com Palhais e Coima.



1322

Início da fixação de Salinas e Marinhas (no atual Lavradio)

1376

Exploração do Barro e início da fixação das Quintas (Quinta do Barreiro)

1487

Formação da Freguesia do Barreiro por parte do Rei D. João II, e criação da Paróquia da Santa Cruz (Ermida de Santa Cruz)

1492

1º Registo da Praça de Santa Cruz, onde se fixaram edifícios religiosos (Matriz e Capela da Misericórdia)

1521

Alcança o Estatuto de Vila e simultaneamente de Concelho

1560

1ª Base documental sobre a existência da Misericórdia do Barreiro

1569

Construção de um edifício próprio para a Misericórdia

1629

Construção por parte dos pescadores da antiga Ermida de São Roque e Atual Igreja Nossa Senhora do Rosário

1755

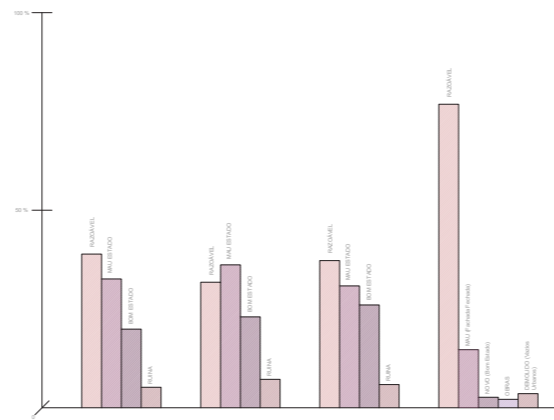
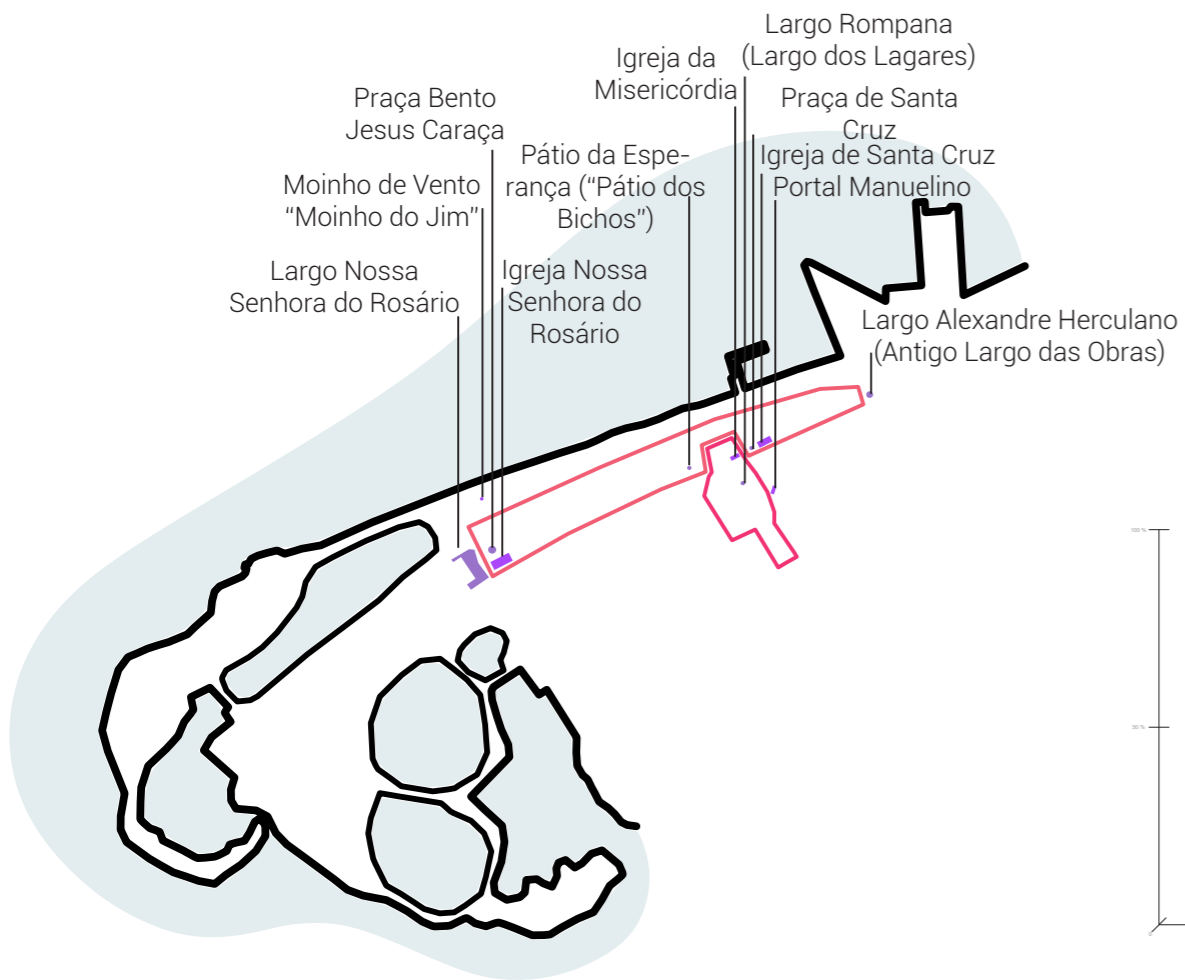
Terramoto e Tsunami que devastou Lisboa e as outras margens do Rio Tejo

1780

Modificação da antiga Ermida de S. Sebastião por parte dos pescadores da vila após o terramoto (apenas presente hoje em dia o Portal Manuelino)

1813/1816

Carta Topográfica da Península de Setúbal (Instituto Geográfico Português)
Representação das primeiras fixações de habitações no Barreiro



Estado de degradação do edificado 2007



Estado de degradação do edificado 2020

O crescimento da cidade do Barreiro para sul provocou a deslocação da população e, conseqüentemente, as atividades e os equipamentos existentes, para fora do Barreiro Velho, o que originou o declínio do bairro (como pode ser visto através do registo de notícias, dados estatísticos e análise da condição do edificado).

Como se pode analisar, existe uma diferença muito grande entre a condição do edificado no ano de 2007 e a condição do edificado atual, sendo notória a acentuada degradação do bairro. O número de edifícios considerados razoáveis é muito superior ao número de edifícios considerados bons e o número de obras a ser realizado é reduzido, sendo que a maior parte destes se encontram neste estado há vários anos, o que mostra o nível de abandono em que o bairro se encontra.



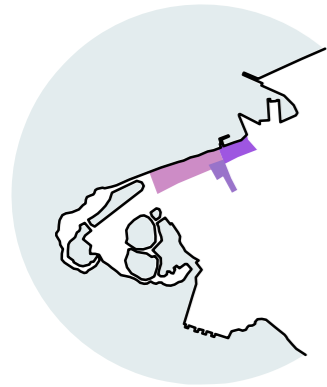
Referências:
 Carmona, Rosalina, Barreiro, O Lugar e a História, séculos XIV e XVIII
 Carmona, Rosalina, ... do Barreiro ao Alto do Seixalinho, Um Passado Rural e Operário
 Inventário do Património Imóvel do Concelho do Barreiro (1999)
 Câmara Municipal do Barreiro - <https://www.cm-barreiro.pt/>

3. Planta de caracterização geral do Barreiro Velho

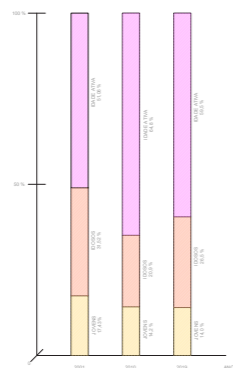
Análise Territorial - Registo e medição da realidade

Foi realizada uma análise do local com o objetivo de conhecer o território e identificar os seus principais problemas através de conversas com a população para obter testemunhos de habitantes e/ou visitantes que contribuem para a compreensão das vivências do bairro, fotografias e fotomontagens para um registo das características físicas e uma análise estatística de dados antigos e recentes, para uma comparação da evolução do território.

Com esta análise, os pontos que se salientam são a Precariedade do Edificado e do Espaço Público. Esta Precariedade origina uma imagem de decadência e degradação do bairro, pois os edifícios abandonados já não se adequam às formas de habitar de hoje e proporcionam ocupações clandestinas por parte de várias comunidades com certas dificuldades económicas e sociais. Por sua vez, estas comunidades criam ocupações diferentes do habitual no espaço público, e a degradação do edificado provoca demolições necessárias para prevenir acidentes relativos à segurança pública, o que gera vazios urbanos que se tornam um ponto de acumulação de lixo urbano e de usos inapropriados.



Análise populacional
Comunidades existentes

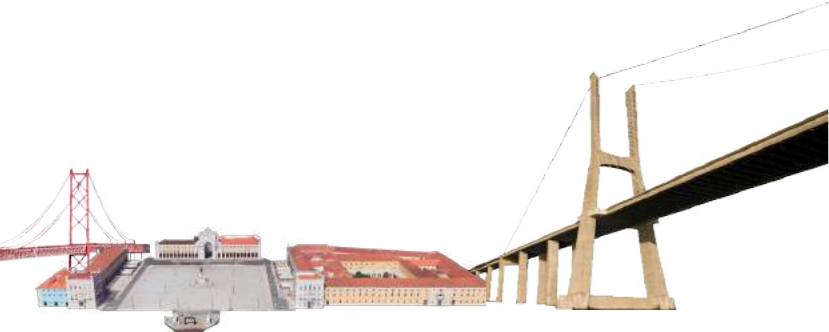


Análise populacional
Gráfico representativo da variação das idades da população ao longo dos anos



Processo de análise
- Análise do local
- Maquete criativa de interpretação do local (que seria usada nos processos participativos com a população)





"Em termos identitário o Barreiro Antigo é, de certa forma paradoxal. Se por um lado, é amplamente reconhecido e valorizado como símbolo do património cultural do concelho, com qualidades urbanísticas singulares, por outro lado, transmite uma imagem de degradação de vida, presentes e passadas, que não se deseja vivenciar ou retornar."

4. Planta de caracterização do Edificado



Analisando o edificado do Barreiro Velho, em específico, é de notar que a sua construção foi realizada, maioritariamente, entre os anos de 1919 a 1970. De acordo com a análise geral, um dos fatores de precariedade no local é o abandono do edificado e a qualidade refletida pelas suas fachadas, que provocam no bairro uma imagem de decadência e degradação.

Devido ao ano em que estas construções tomaram lugar, a forma de habitar foi sendo alterada, fazendo com que estes edifícios já não correspondessem às necessidades de habitação atuais. Como uma grande parte desta população sofre de algumas carências e pertence a grupos sociais mais carenciados, a sua capacidade de melhorar e ter condições de habitação são mais escassas, provocando esta imagem de degradação do longo do bairro.

É de notar que existe uma diferença entre a Avenida junto ao rio e o limite sul do Barreiro Velho, pois a maioria das novas construções e espaços de convívio mais utilizados pela população, encontram-se nestes limites, notando-se no interior do bairro a decadência e abandono dos edifícios, a nível habitacional e comercial.



5. Planta de caracterização do Espaço Público



Analisando as características físicas do Barreiro Velho, é de notar que existe uma precariedade de espaço público a nível de ruas, travessas, praças e largos, pois as suas características não correspondem às necessidades e vivências atuais e demonstram falta de manutenção e de cuidado, sendo visíveis apropriações inadequadas a estes espaços, por parte de comunidades diversificadas.

Com a decadência e degradação do edificado ao longo do bairro, provoca a necessidade da sua demolição, originando lotes vazios na malha urbana, que se tornam pontos de acumulação de lixo e de apropriações inadequadas por parte da população.

Todos estes fatores contribuem para uma imagem degradada do local, o que faz com que haja uma marginalização do local e a sensação de insegurança, tornando-se um local isolado e sem atratividade, criando limites entre o bairro e a sua envolvente.



6. Análise de algumas ruas do Barreiro Velho



Rua Conselheiro Joaquim António D'Aguiar

Precariedade na Habitação e na qualidade do edificado

Travessas que permitem a ventilação natural do bairro

Má qualidade urbana (Falta de higienização e manutenção do bairro)

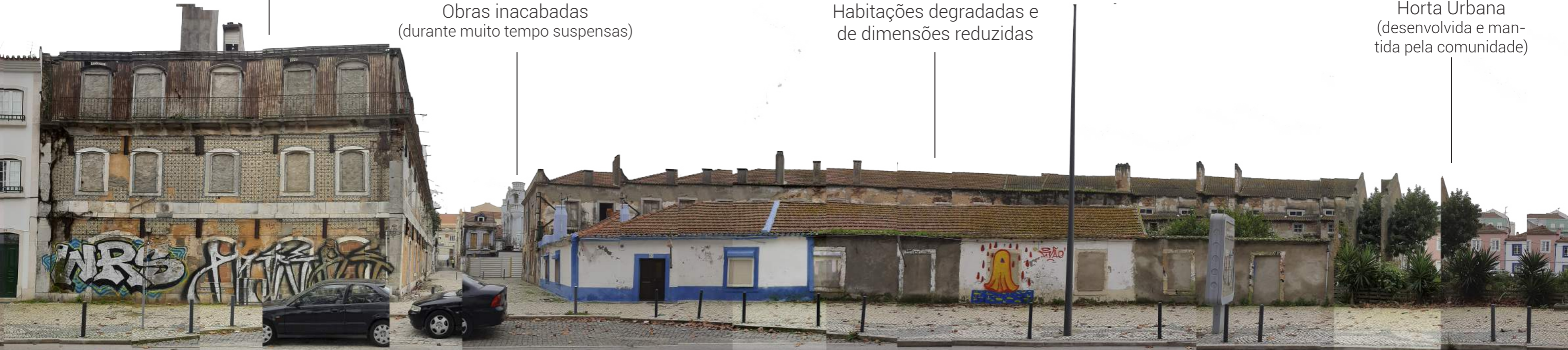
Vazio Urbano (Edifício antigamente em ruína que se transforma em lote vazio)

Património do edificado e azulejar abandonados

Obras inacabadas (durante muito tempo suspensas)

Habitações degradadas e de dimensões reduzidas

Horta Urbana (desenvolvida e mantida pela comunidade)



Avenida Bento Gonçalves



Praga Gago Coutinho e Sara de Sá

É notório uma precariedade mais acentuada do edificado à medida que as ruas se encontram mais no interior do bairro

Abandono de habitação (Fachada tapada para evitar ocupações)

Necessidade da utilização da rua como espaço individual

Edifícios renovados com diferentes características dos que existiam antigamente

Fachadas traseiras do edificado para proteger dos ventos fortes vindos do rio Tejo

Vazio Urbano (Edifício antigamente em ruína que se transforma em lote vazio)

Travessas que permitem a ventilação natural do bairro

Edifícios onde é notório a necessidade de intervenção



Travessa Praia

7. Identificação dos locais de intervenção no Barreiro Velho

Casos de Estudo

Barredo, Porto

(ERUB - Fernando Távora)



Mouraria, Lisboa

(Dissertação de Mestrado de Ana Estevens)

Bairros Contumil e Pio XII

(Atelier Menos é Mais)

Entrevista à Arq.^a Cristina Guedes



Bairro de Velluters, Espanha

(Public Space Acupuncture de Hernández + Casanova)

Identificação do Programa Base

Identificada a Precariedade do Barreiro Velho, são definidos 9 pontos de ação no território, com o objetivo da reeducação da vida em comum:

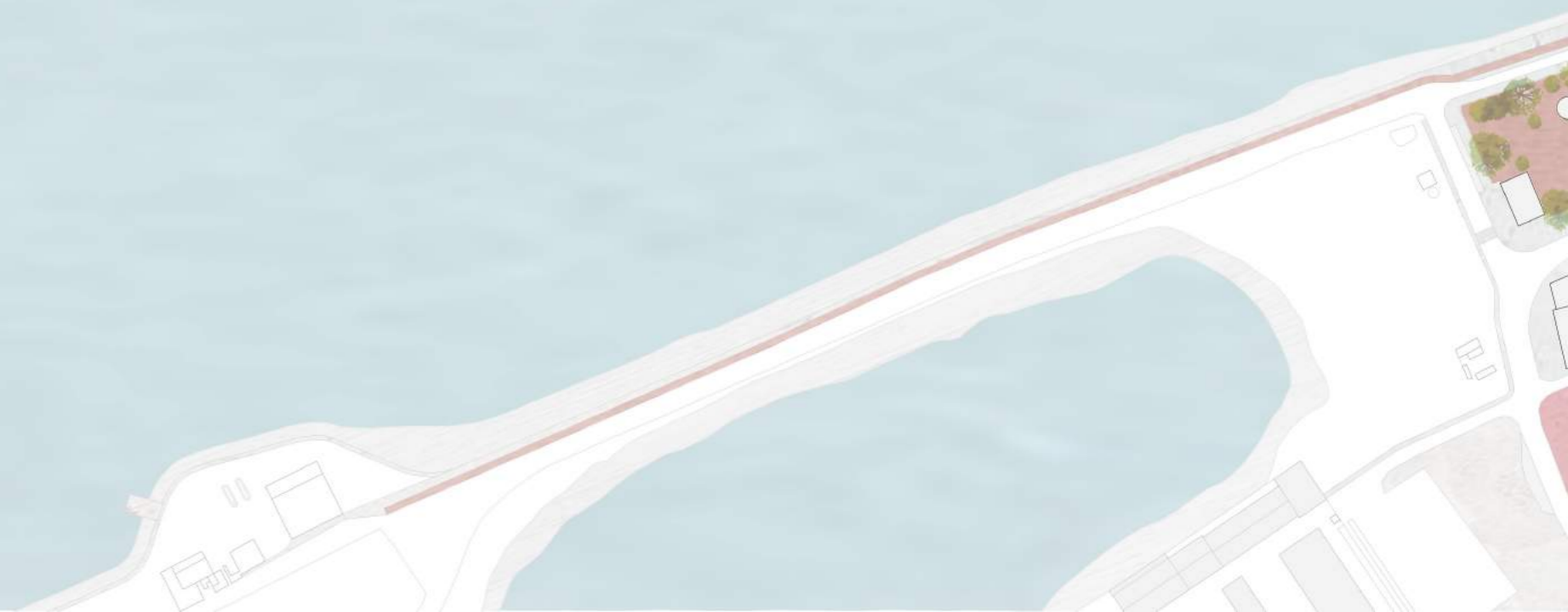
1. **Ativação das ruas**
2. **Ativação das praças e largos**
3. **Ativação dos vazios urbanos**
4. **Ativação dos espaços verdes**
5. **Ativação cultural**
6. **Redesenho da rede viária, ciclável e pedonal**
7. **Recuperação dos edifícios degradados**
8. **Melhoria das condições da lavandaria e balneário públicos**
9. **Ativação da Escola Conde Ferreira**

Através da ativação dos espaços identificados, é possível realizar atividades temporárias e produzir equipamentos adequados a cada lugar, atraindo população e melhorando as condições de habitabilidade do bairro, promovendo ações sociais, culturais e económicas.

Com a recuperação dos edifícios degradados e a melhoria das condições de habitação e equipamentos existentes, a imagem do bairro melhora, tornando possível a atração de futuros habitantes e fortalecendo a população residente.

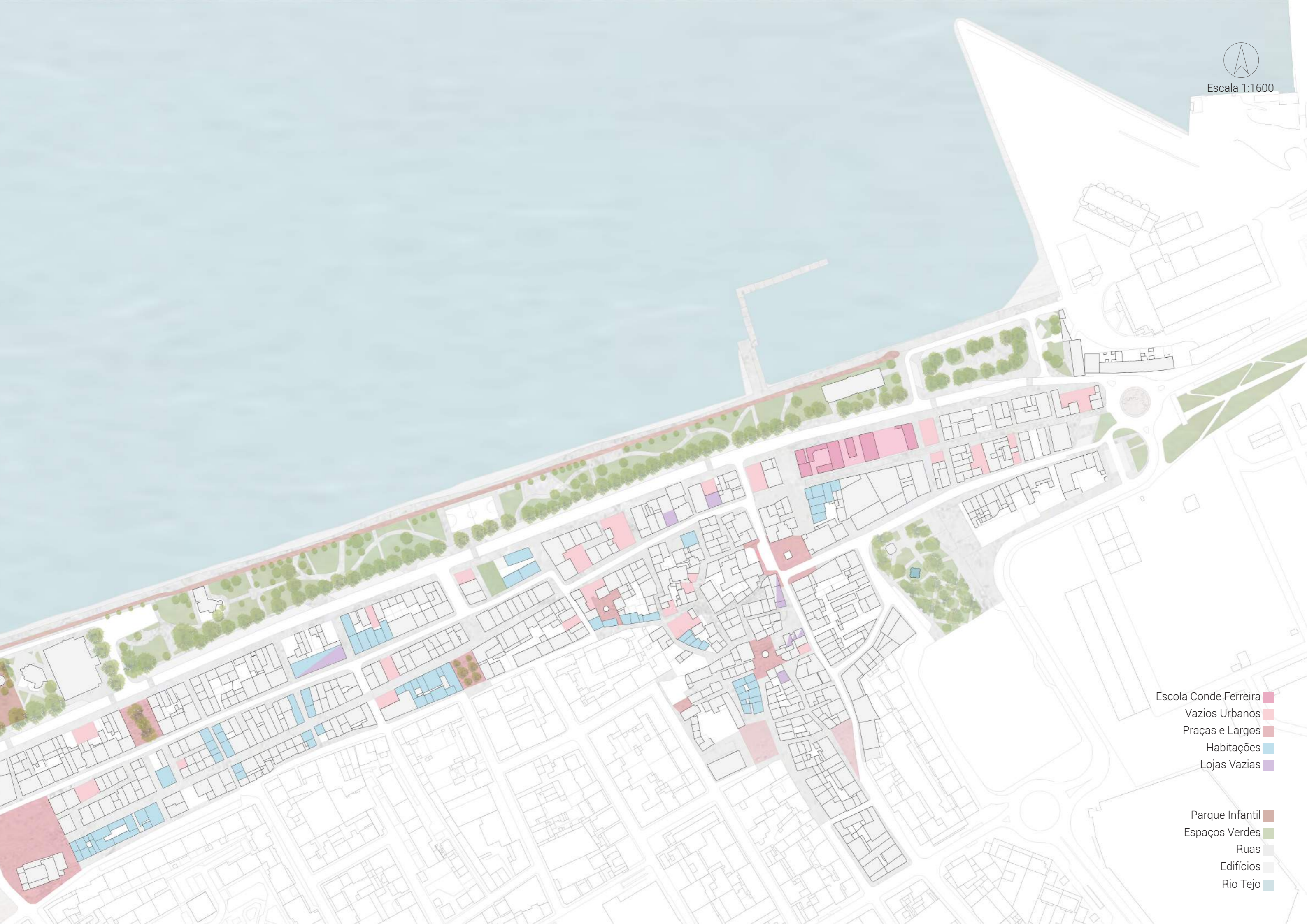
A ativação da Escola Conde Ferreira torna-se um ponto base na promoção e desenvolvimento do bairro, sendo um espaço de apoio à população e ao desenvolvimento de equipamentos e atividades, segundo as suas necessidades.

Desta forma, é possível desenvolver um bairro **saudável** e **sustentável**, através de **processos participativos** e de **regeneração urbana**.





Escala 1:1600

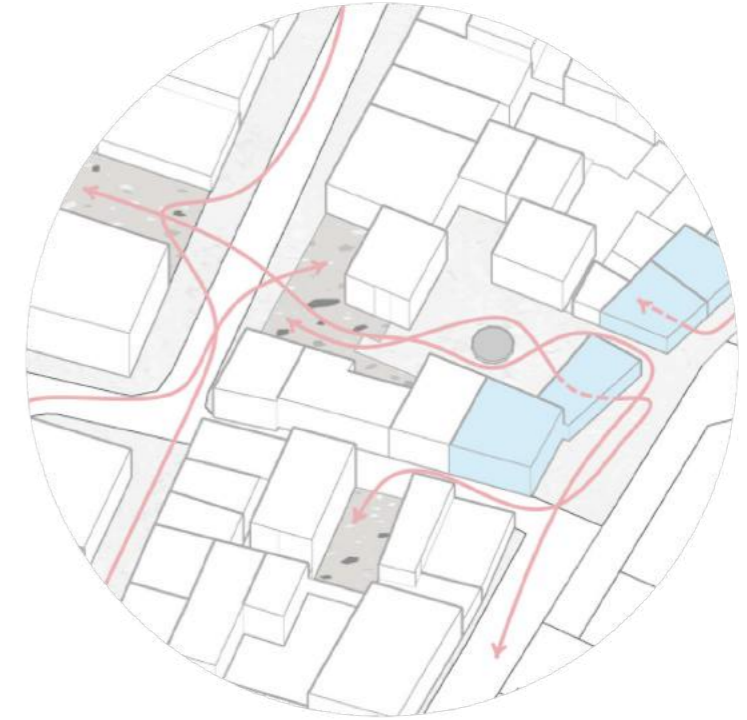


- Escola Conde Ferreira
- Vazios Urbanos
- Praças e Largos
- Habitações
- Lojas Vazias

- Parque Infantil
- Espaços Verdes
- Ruas
- Edifícios
- Rio Tejo

8. Reeducação da Vida em Comum

Através do programa definido, foi realizado o estudo prévio que consiste na reeducação da vida em comum, pretendendo melhorar as condições de habitabilidade do espaço comum através da ativação de lojas, da recuperação das habitações vazias e de atividades temporárias, utilizando percursos culturais e a utilização de módulos criados para melhorar a qualidade de habitação e para melhorar os espaços vazios do espaço público.



Com a precariedade de habitação e espaço público, a imagem do bairro fica degradada, o que prejudica as atividades sociais do local, sendo um sítio marginalizado.

Com a ativação dos vários espaços no bairro e a melhoria das condições de habitabilidade, a imagem associada melhora, o que promove as interações das pessoas, gerando atividade social, para um bairro melhor.





Casal, na época o local mais central de Barreiro Velho.



Edifício em frente foi o original - Fr...



Quilár Pescadores e redes eram habitua...



1928

1940

O nosso objetivo é ativar o Barreiro Velho, trazendo novamente o seu auge de ponto social e económico, de forma a atrair nova população e trazer condições de habitação e de vida ao local, criando um futuro sustentável.

Reeducar a vida em comum passa pela consciencialização das pessoas da presença do outro, da sua tolerância e o tentar entrar "na sua pele". Através da arquitetura, consegue-se esse objetivo através da intermediação entre as associações e as várias comunidades. Desta forma, promove-se a mistura de grupos de trabalho voluntário e a população, de modo a arranjar soluções para a melhoria do bairro, que através do FabLab e da Escola Conde Ferreira, constitui-se um kit de ativação do bairro. A app inserida neste processo permite que, no fim desses kits prontos e "catalogados", haja uma interação entre pessoas, trocando conhecimentos na forma como montar ou produzir esses kits, promovendo e organizando atividades para utilização futura.

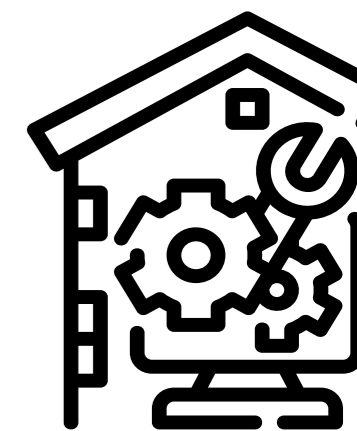
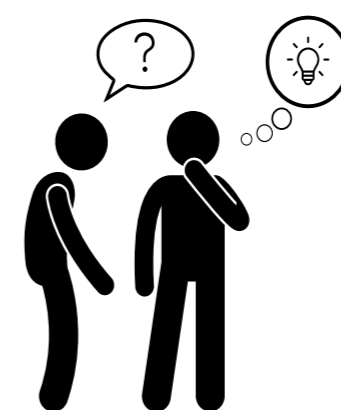


9. Escola Conde Ferreira: base da promoção e desenvolvimento do bairro

Com a ativação da Escola Conde Ferreira, é possível ativar o FabLab que outrora existiu, de forma a permitir o apoio à construção de módulos para melhoria de condições de habitação e à construção de equipamentos e atividades para ativação do espaço público. "O FabLab é um laboratório de fabricação que pretende democratizar o acesso a intenções pessoais e colaborativas através de tecnologias digitais para criar "quase tudo". A metodologia adotada é o "Learn By Doing" que começa na conceção digital do projeto pelo autor e materializá-lo no equipamento disponibilizado pelo FabLab."

Através do FabLab é possível permitir à população o desenvolvimento de módulos criados no âmbito da melhoria das condições da habitação. Estes módulos variam desde apoio à cozinha e casa de banho até à sua utilização nas lojas vazias, de forma a promover a sua utilização por artistas e trabalhadores locais. O FabLab permite, também, a criação de estruturas de apoio ao espaço público e à ativação temporária de ruas, praças, largos e vazios urbanos, promovendo atividades temporárias que permitem uma nova imagem ao bairro e que, por sua vez, promove relações entre os habitantes do bairro e futuros utilizadores exteriores. O FabLab possibilita a colaboração de pessoas com diferentes conhecimentos, promovendo a interação e interajuda entre estes, dando origem a atividades sociais no bairro, facilitando o acesso a materiais e equipamentos a custos acessíveis a todos.

"PEOPLE COME WHERE PEOPLE ARE"
JAN GEHL, LIFE BETWEEN BUILDINGS, 2011

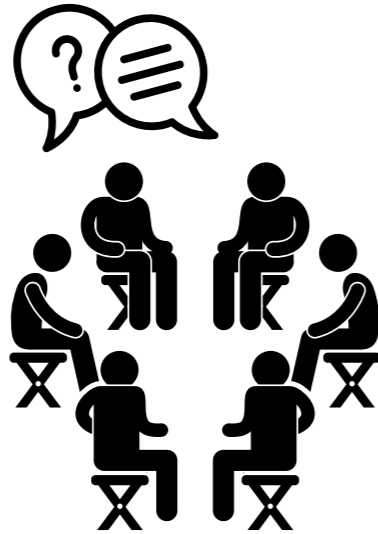


ESCOLA C

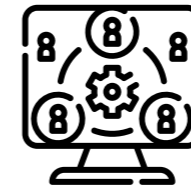
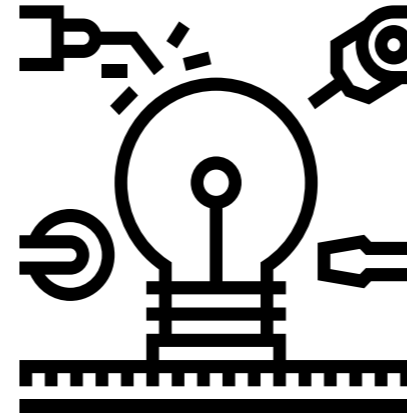


PROCESSOS PARTICIPATIVOS

CONVERSAS
NECESSIDADES

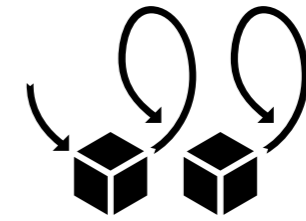


FERRAMENTAS

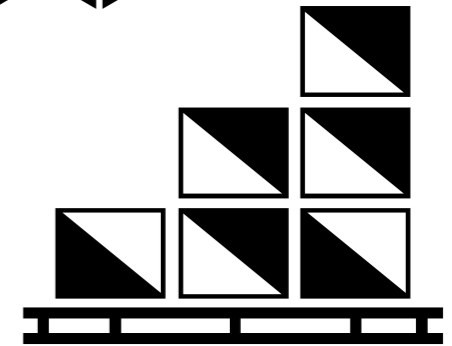


TOOLKITS
SOLUÇÕES

SUSTENTABILIDADE



OBJETOS



SISTEMA MODULAR

FABRICAÇÃO DIGITAL

FABLAB
ONDE FERREIRA
OFICINAS RÁPIDAS E DE BAIXO CUSTO





Já estão a arranjar a minha casinha! E amanhã vou à atividade que vai decorrer no Largo Rompana.

Vou agora buscá-las à Escola Conde Ferreira. Amanhã cortam-se as peças para a habitação nº134

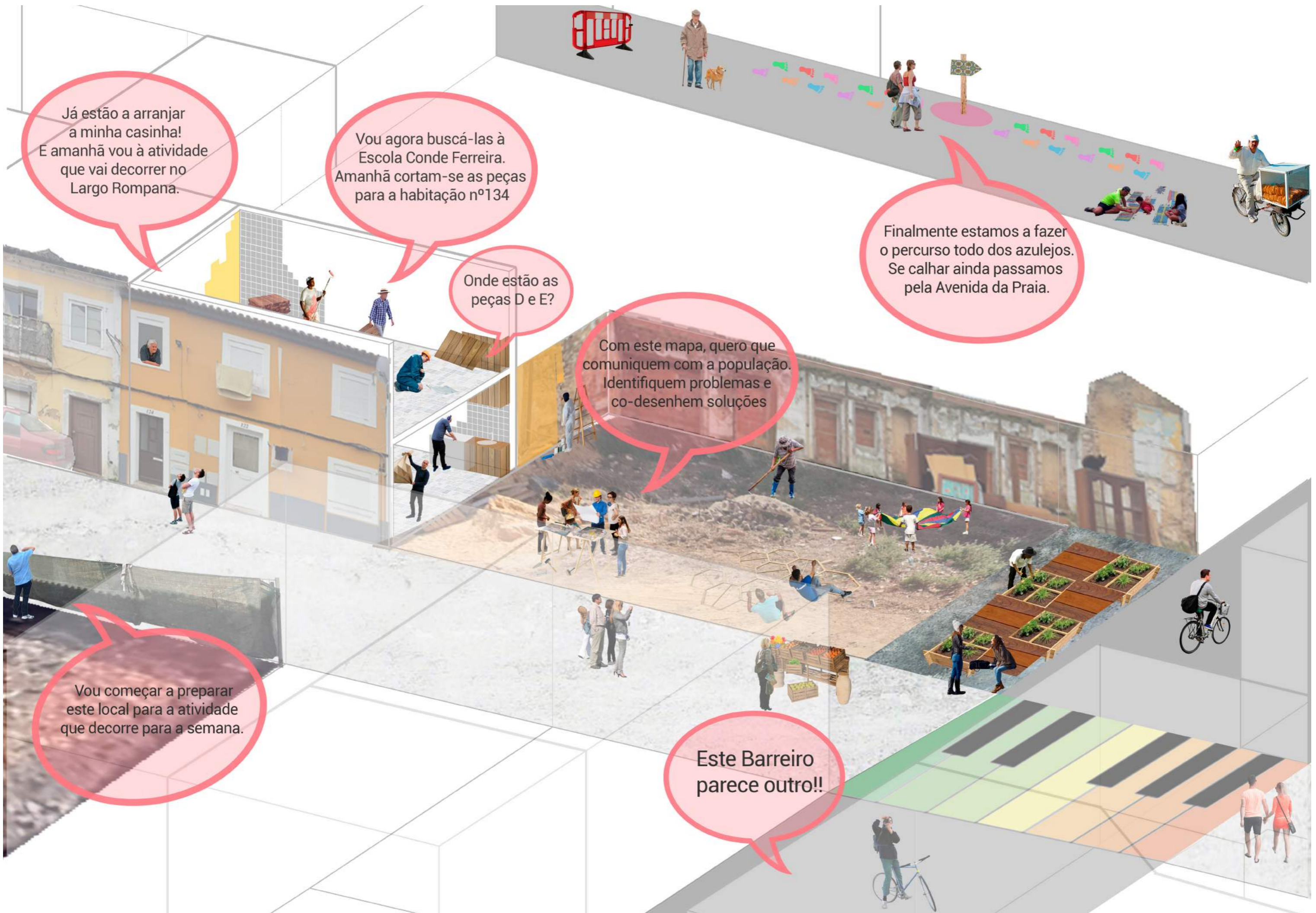
Onde estão as peças D e E?

Com este mapa, quero que comuniquem com a população. Identifiquem problemas e co-desenhem soluções

Finalmente estamos a fazer o percurso todo dos azulejos. Se calhar ainda passamos pela Avenida da Praia.

Vou começar a preparar este local para a atividade que decorre para a semana.

Este Barreiro parece outro!!



Bibliografia

Urban Regeneration, Hugh Sykes e Peter Roberts (1999)
Technopolitics (<https://www.technopolitics.info/>)

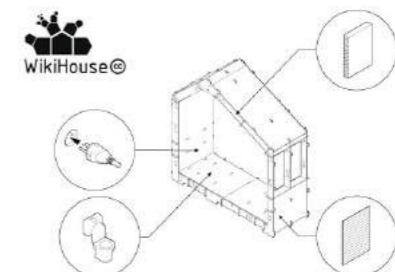
Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), Assembleia Geral das Nações Unidas (<https://www.ods.pt/>)
Cidades Sustentáveis 2020 (https://www.dgterritorio.gov.pt/sites/default/files/ficheiros-cidades/Cidades_Sustentaveis2020.pdf)
Nova Agenda Urbana - Habitat III (<http://uploads.habitat3.org/hb3/NUA-Portuguese.pdf>)
New Bauhaus (https://europa.eu/new-european-bauhaus/index_pt)
Projeto Fab City Manifesto (<https://fab.city/uploads/Manifesto.pdf>)

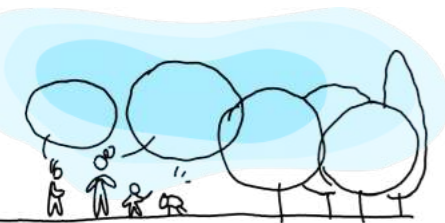
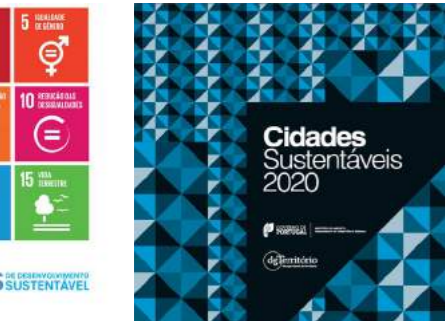
O direito à cidade, Henry Lefèbvre
A invenção do cotidiano. Artes de Fazer, Michel de Certeau
Project for Public Spaces (PPS)
Life Between Buildings, Jan Gehl
Everyday Urbanism, Margaret Crawford
Tactical Urbanism: Short-term Action for Long-term Change, Mike Lydon e Anthony Garcia
WikiHouse Project
A Habitação social: proposta para a metodologia da sua arquitetura, Nuno Portas
Instant House, Larry Sass
"Flatwriter" Machine, Yona Friedman



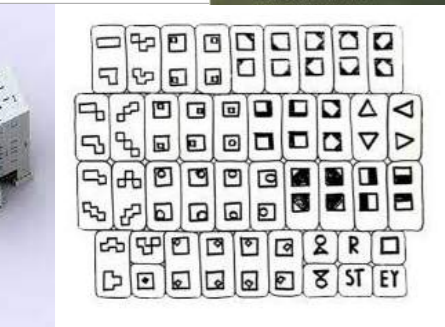
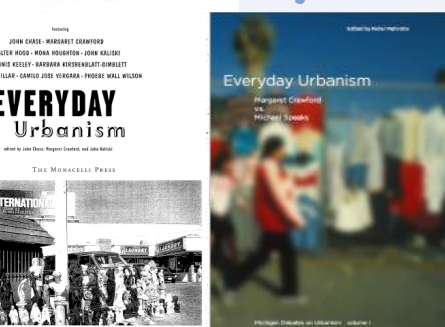
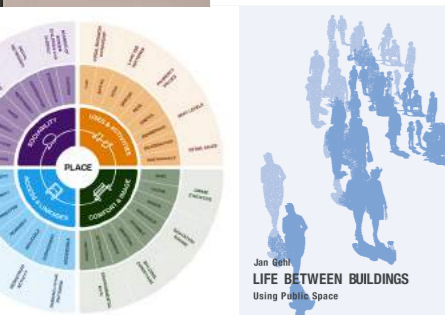
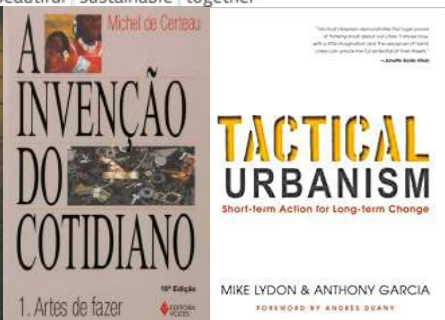
What Makes a Great Place?

Project for Public Spaces





New European Bauhaus
beautiful | sustainable | together



Ana Sofia Martins
78319



Lara Fernandes
78467

Quem somos?

Somos estudantes finalistas do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL - Instituto Universitário de Lisboa, da turma ARQ-E3.

O que pretendemos?

O presente trabalho está inserido no Laboratório de Ensaio de Metodologias de Intervenção na Cidade Existente - LabTur, que pretende ensaiar metodologias de intervenção com base em diretórias europeias de desenvolvimento sustentável, de forma a construir uma cidade melhor.

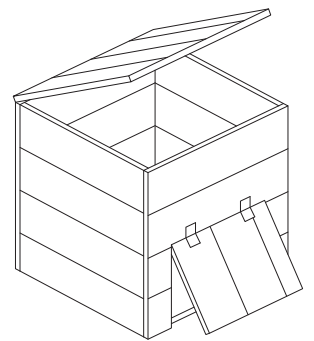
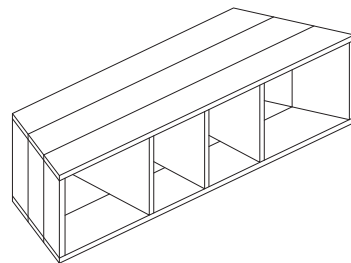
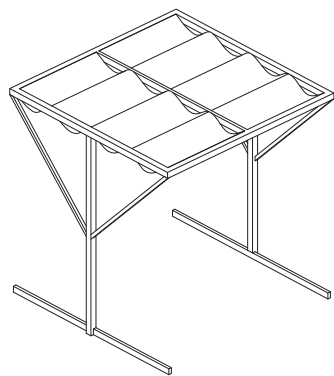
O nosso foco é o Centro Histórico do Barreiro, localizado na Península de Setúbal, que detém uma série de problemáticas que pretendemos investigar e tentar resolver, através da Regeneração Urbana e Tecnopolíticas, envolvendo a população residente.

ANEXO E
Guia de Urbanismo Tático do Barreiro Velho

Laboratório de Ensaio de Metodologias de Intervenção na Cidade Existente, ISCTE-IUL
Barreiro Velho: vida quotidiana e as dinâmicas do bairro

Lara Filipe André Fernandes

Guia de Urbanismo Tático do Barreiro Velho



1ª edição

O presente guia regista todo um processo de *Placemaking* e urbanismo tático realizado no âmbito de Projeto Final de Arquitetura (PFA), inserido no LabTUR - Laboratório de Ensaio de Metodologias de Intervenção na Cidade Existente, do ISCTE-IUL, no ano letivo 2020/2021.

Nesta publicação, o leitor vai encontrar o que é e o porquê da realização deste guia, a sua importância, as definições dos conceitos que o regem, bem como o passo a passo dos módulos criados, as ferramentas e os materiais utilizados, e exemplos de utilização no território, mais concretamente a área de intervenção do projeto de PFA, o Barreiro Velho.

Com este guia, espera-se contribuir para a construção de bons espaços públicos, com afetividade e bem-estar, inspirando novas iniciativas noutros locais, afim de criar cidades mais saudáveis, sustentáveis, justas e equitativas, através de intervenções temporárias e de baixo custo.

ÍNDICE

O que é o guia?.....	1
Porquê o guia?	2
Quais os conceitos?	3 - 4
Módulos de Urbanismo Tático	5 - 33
Mobiliário Urbano	5 - 12
Agricultura Urbana e Sustentabilidade	13 - 22
Comércio Local	23 - 24
Cultura, Lazer, Jogos Tradicionais e Desporto	25 - 32
Mobilidade	33
Projeto Barreiro Velho: vida cotidiana e as dinâmicas do bairro	34
Exemplos de utilização dos módulos	35 - 46
Bibliografia	47

O QUE É O GUIA?

O **Guia do Urbanismo Tático do Barreiro Velho** surge como resultado do Projeto Final de Arquitetura (PFA) intitulado Barreiro Velho: vida quotidiana e as dinâmicas do Bairro e realizado no âmbito de Projeto Final de Arquitetura (PFA), inserido no LabTUR - Laboratório de Ensaio de Metodologias de Intervenção na Cidade Existente, do ISCTE-IUL, no ano letivo 2020/2021.

O projeto de *Placemaking* e Urbanismo Tático recorre a um conjunto de módulos temporários e de baixo custo para a construção estratégica de uma cidade com afetividade e afetividade, recorrendo a processos participativos e estimulando a apropriação do espaço público pela população, através da construção dos módulos.

Esta edição tem como lugar de intervenção o Barreiro Velho, o centro histórico da cidade do Barreiro, pertencente à Área Metropolitana de Lisboa, servindo de exemplo das vivências e dinâmicas que se podem estabelecer.

PORQUÊ O GUIA?

“A questão de que tipo de cidade queremos não pode ser divorciada do tipo de laços sociais, relação com a natureza, estilos de vida, tecnologias e valores estéticos desejamos. O direito à cidade está muito longe da liberdade individual de acesso a recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. Além disso, é um direito comum antes de individual já que esta transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização. A liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos é, como procuro argumentar, um dos mais preciosos e negligenciados direitos humanos.”

David Harvey, 2012, p. 74

O **Guia do Urbanismo Tático do Barreiro Velho** pretende estimular a intervenção em espaços públicos negligenciados expectantes, apresentando à população, coletividades e municípios, ideias que podem ser realizadas em qualquer lugar, promovendo uma colaboração cidadã na ocupação do território e na experimentação de soluções.

Estas ideias abrangem vários campos de intervenção, nomeadamente mobiliário urbano, agricultura urbana e sustentabilidade, comércio local, cultura, lazer, jogos tradicionais e desporto, de modo a cumprir diretivas internacionais e europeias - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, Cidades Sustentáveis 2020, Nova Agenda Urbana - Habitat III, New European Bauhaus - com o objetivo de fomentar o capital social, a economia local, a sustentabilidade e o ambiente.

QUAIS OS CONCEITOS?

Placemaking

O *Placemaking* é uma ação *bottom-up* que capacita e envolve as pessoas para reimaginar e reinventarem os espaços de vazios de proximidade coletivamente, em parceria com vários órgãos públicos e privados, associações locais e outros grupos cívicos, que permite melhorar as comunidades ao promover espaços de qualidade. Esta metodologia é crucial e muito valorizada para os que se sentem ligados ao local onde é aplicada, e mostra o poder da visão coletiva na transformação do espaço público da vida quotidiana.

Em 1975, Fred Kent e Kathy Madden formam o Project for Public Spaces (PPS), projeto que procura provar a importância do espaço público e que utiliza o conceito para descrever a sua abordagem.

Urbanismo Tático

O Urbanismo Tático é uma abordagem tática difundida em 2010 pelos Taticistas, um grupo formado por Mike Lydon e Anthony Garcia (2011), como resposta ao processo de construção lento e convencional da cidade contemporânea. Esta consiste na construção e ativação das cidades através de intervenções temporárias de baixo custo e de baixa manutenção, com o uso eficiente dos recursos e o potencial da interação da população.

O Urbanismo Tático pode ser o *in between* da tensão entre estratégia e tática, criando um ambiente melhor e mais funcional para todos os que dele fazem parte. Ao mesmo tempo que a transformação imediata permite recuperar, redesenhar ou reprogramar o espaço público para os cidadãos, é uma abordagem que possibilita a testagem rápida e avaliação das melhores práticas, antes das mudanças a longo prazo e permanentes, com o financiamento dos municípios (Lydon e Garcia, 2015).

Acupuntura Urbana

Segundo Lerner, a acupuntura urbana é uma tática de design que promove a requalificação urbana em nível local, apoiando a ideia de que as intervenções no espaço público não precisam ser amplas e caras para produzirem um impacto transformador. São iniciativas focadas e direcionadas para a regenerar espaços negligenciados nas cidades, através da implantação de intervenções urbanas incrementais que permitem consolidar a infraestrutura social de um bairro (Cutieru, 2020).

As atividades sociais tendem a ocorrer e tornam os lugares acessíveis e confortáveis, gerando boas imagens e memórias do território, deixando-lhe marcas duradouras e permanentes (Fontes, 2012).

MÓDULOS DE URBANISMO TÁTICO

Mobiliário Urbano

Banco normal

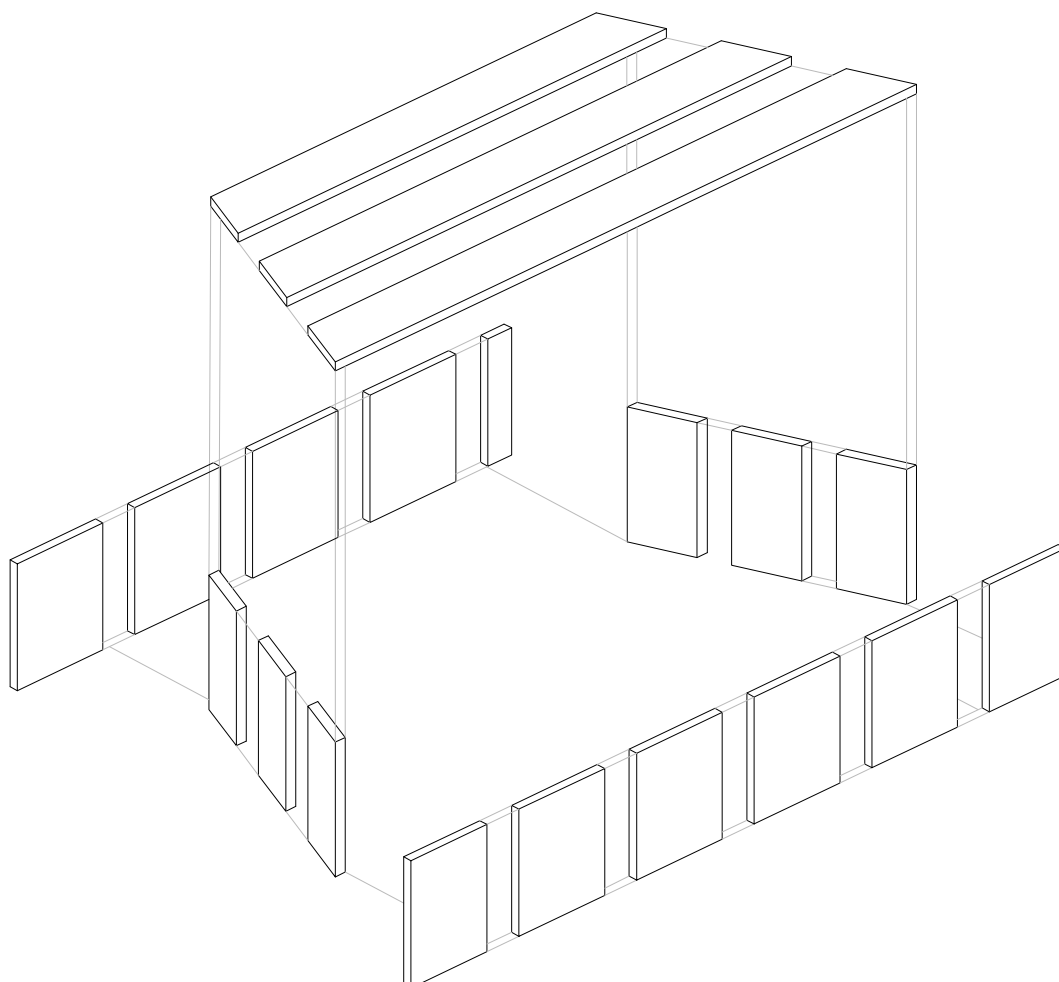
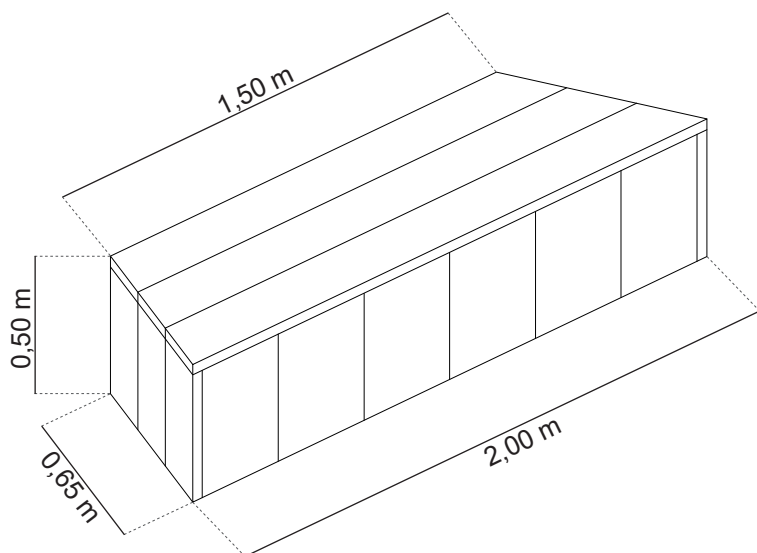
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Jardins públicos, nas ruas em frente das habitações, nas praças e largos e em vazios urbanos que se justifique a sua utilização

Para que serve?

Para a permanência e descanso nos espaços públicos



Banco com canteiro

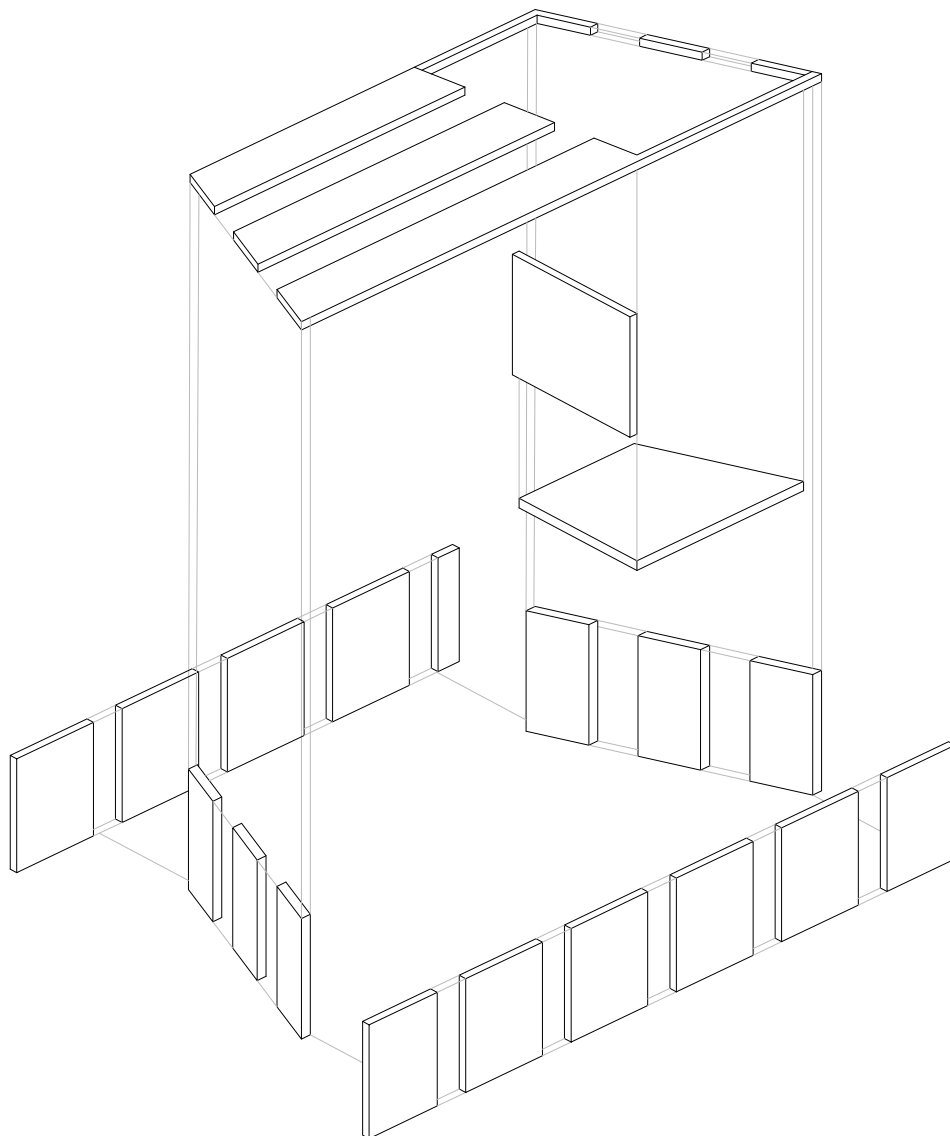
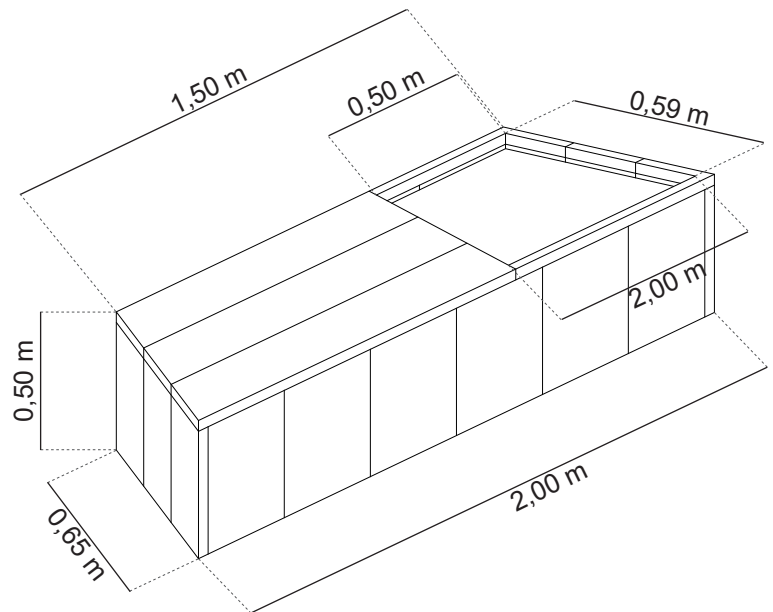
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Jardins públicos, nas praças e largos e em vazios urbanos que se justifique a sua utilização

Para que serve?

Para a permanência e descanso nos espaços públicos



Banco biblioteca/trocas

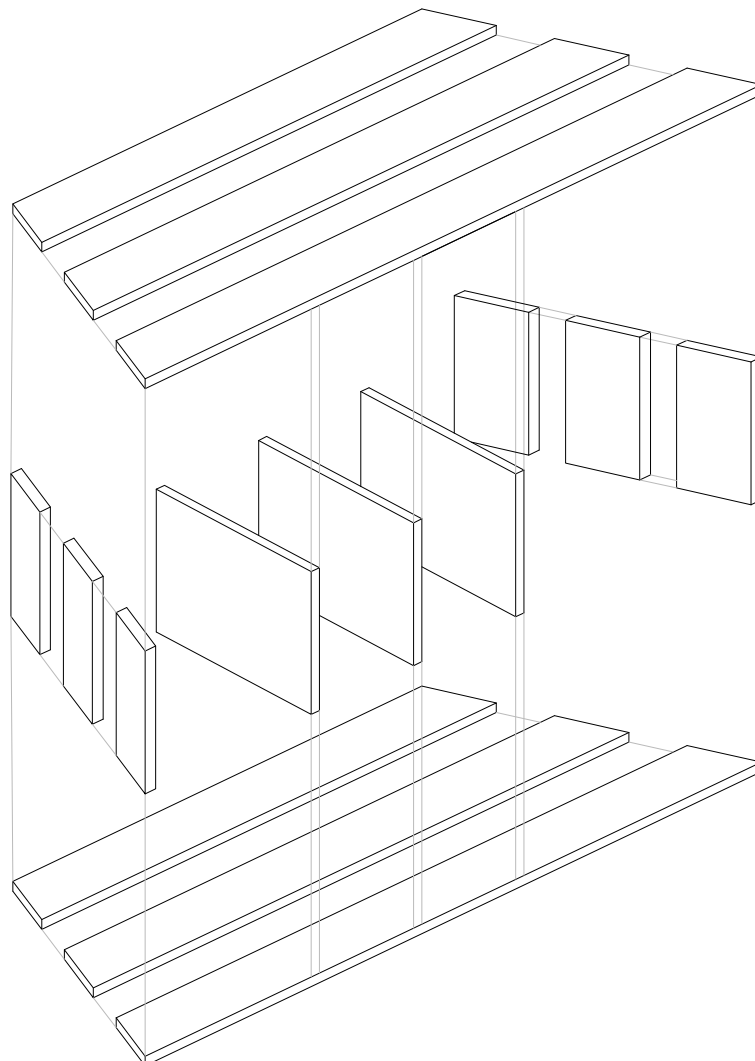
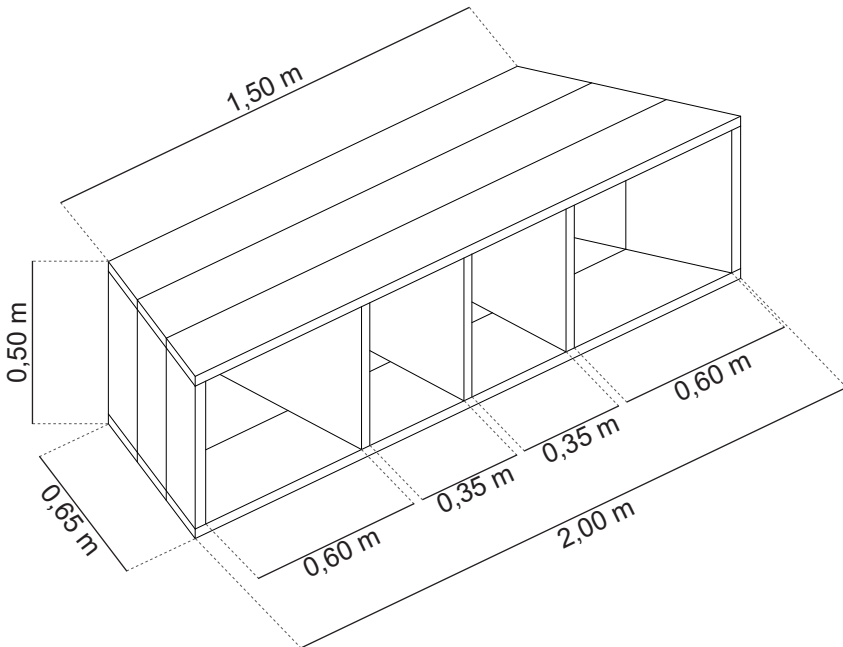
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Jardins públicos, nas ruas em frente das habitações, nas praças e largos e em vazios urbanos que se justifique a sua utilização

Para que serve?

Para a permanência e descanso nos espaços públicos, bem como a troca de objetos e bens



Banco Espreguiçadeira

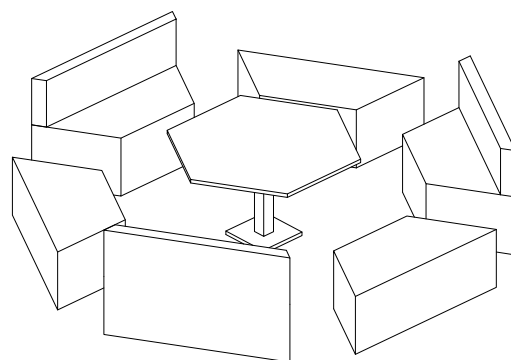
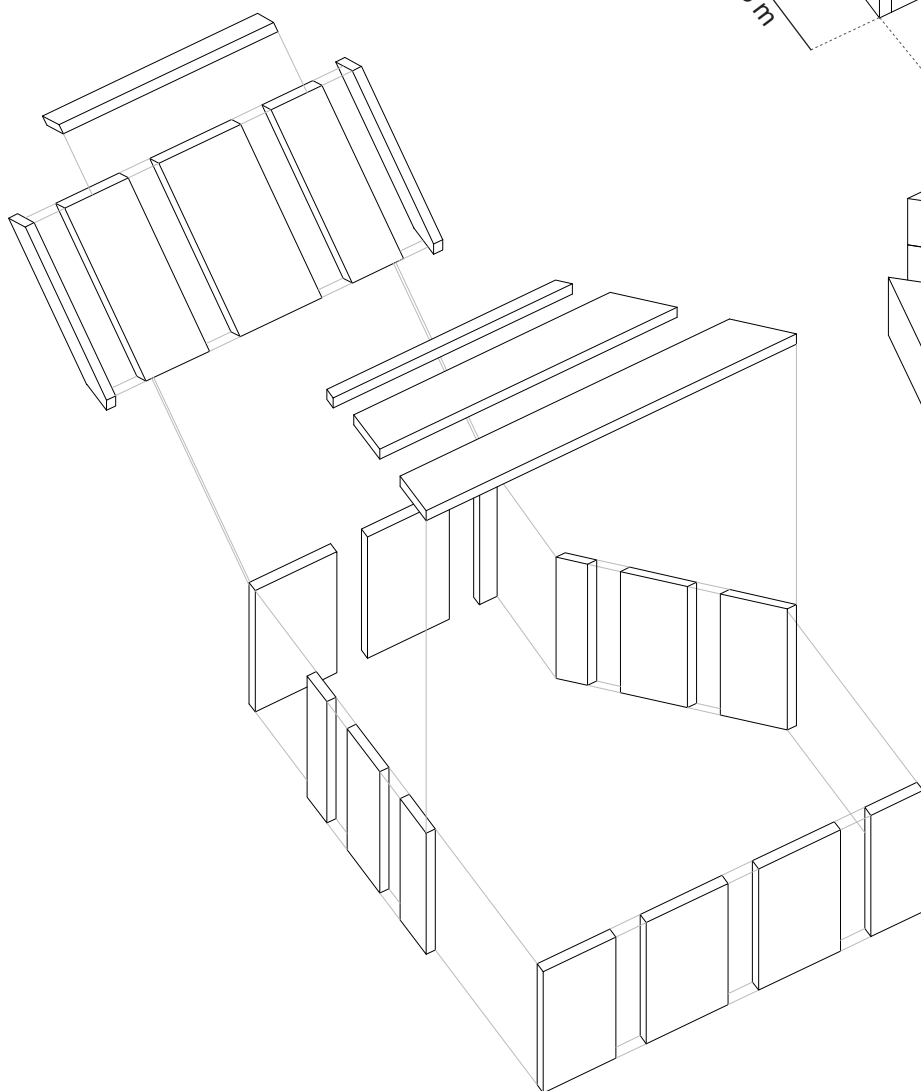
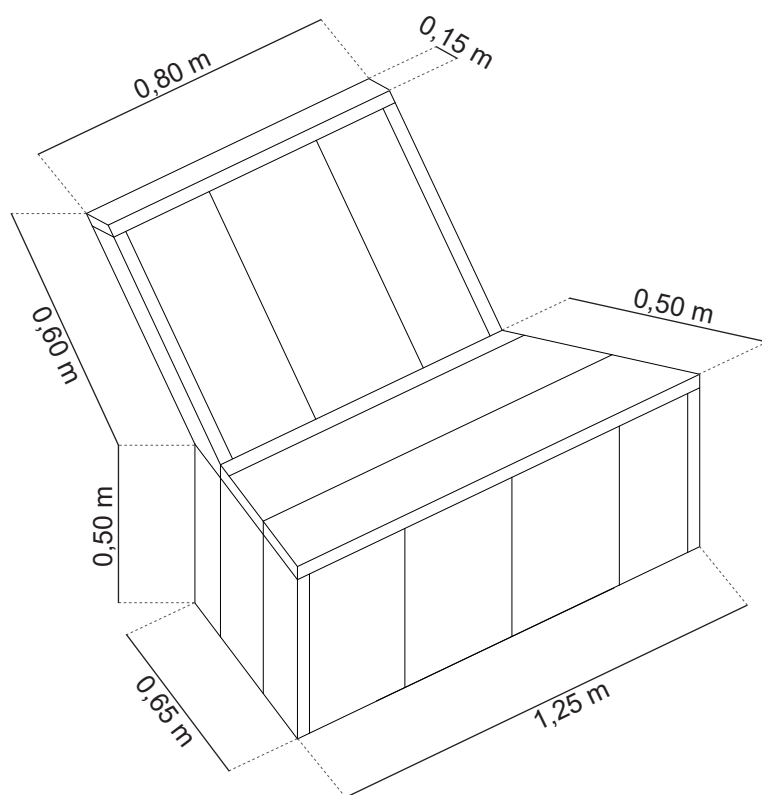
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Jardins públicos, nas ruas em frente das habitações, nas praças e largos e em vazios urbanos que se justifique a sua utilização

Para que serve?

Para a permanência e convívio nos espaços públicos, fomentando a coesão social



Banco Cadeira

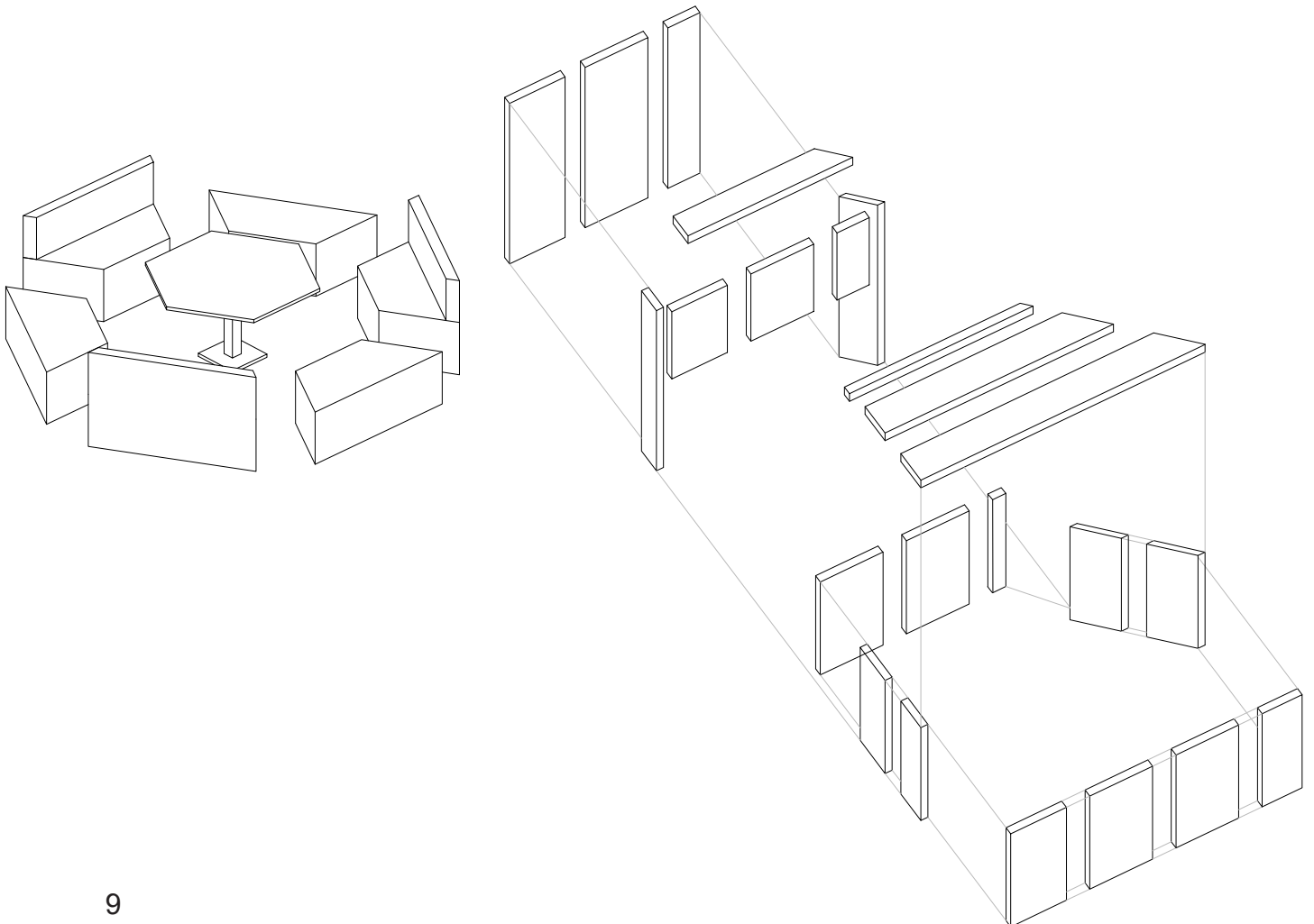
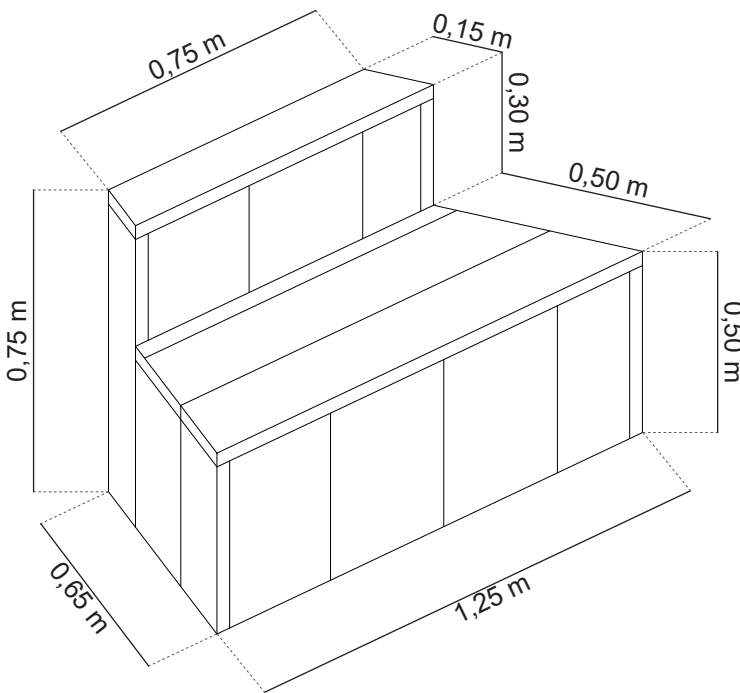
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Jardins públicos, nas ruas em frente das habitações, nas praças e largos e em vazios urbanos que se justifique a sua utilização

Para que serve?

Para a permanência e convívio nos espaços públicos, fomentando a coesão social



Mesa de trabalho e Banco

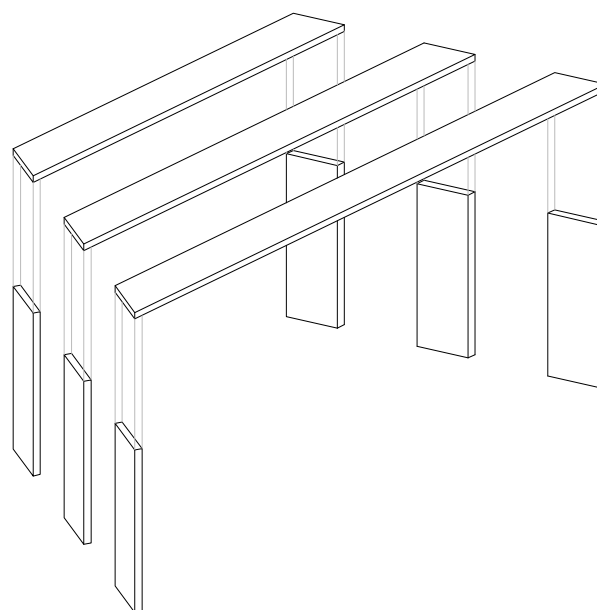
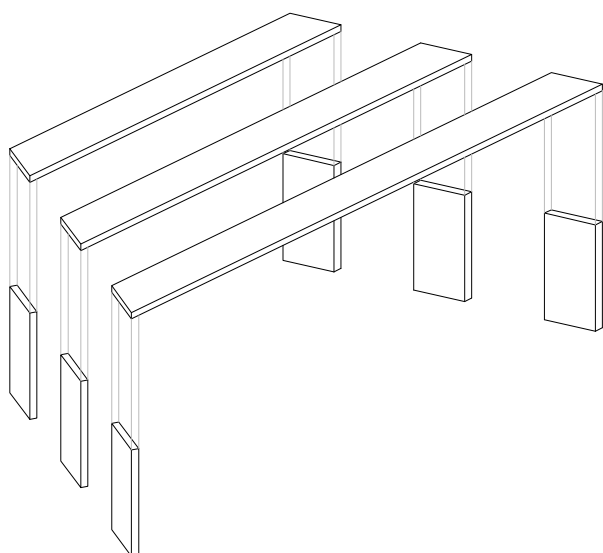
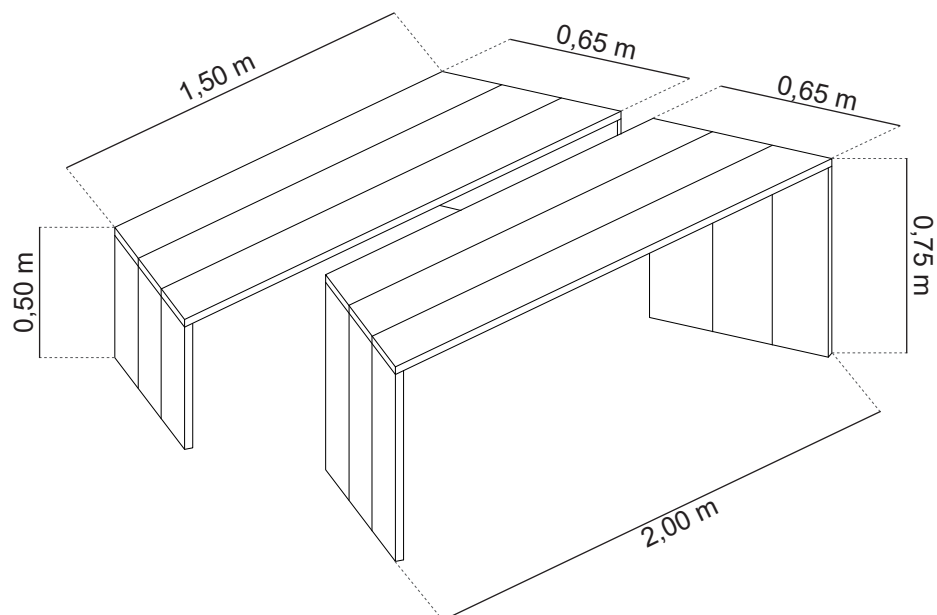
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Jardins públicos, nas praças e largos e em vazios urbanos que se justifique a sua utilização

Para que serve?

Para o trabalho e eventos no bairro



Mesa

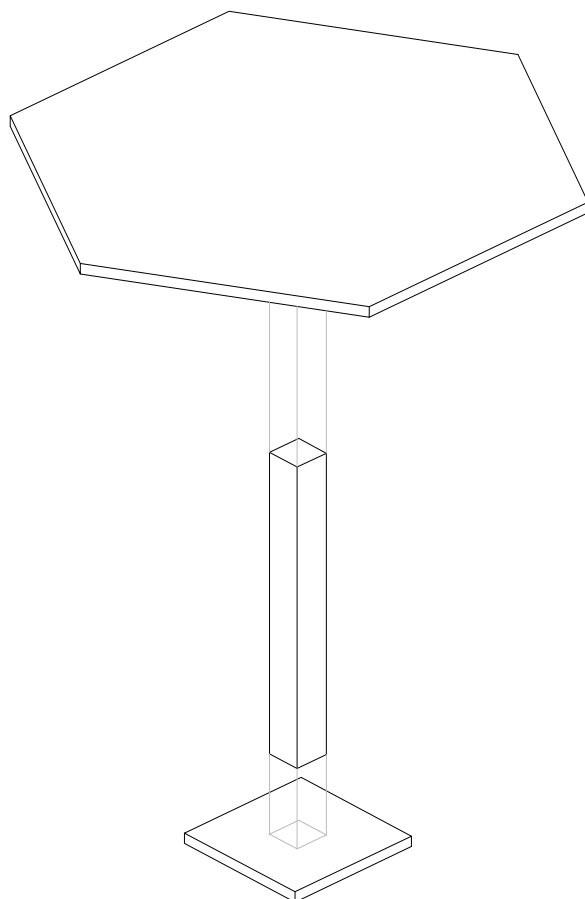
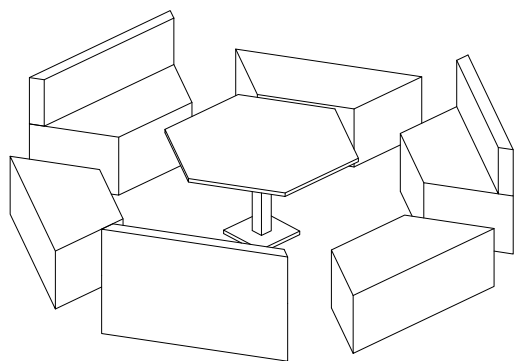
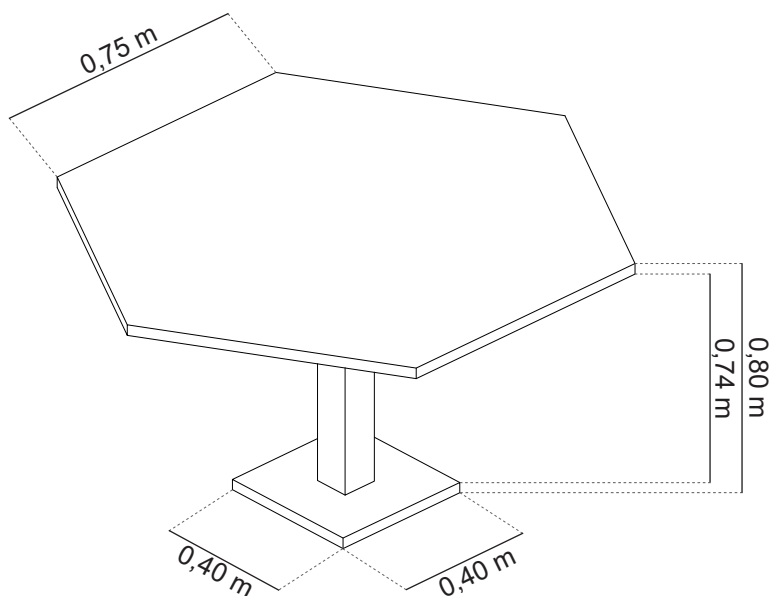
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Jardins públicos, praças e largos e em vazios urbanos que se justifique a sua utilização

Para que serve?

Para a permanência e convívio nos espaços públicos, fomentando a coesão social



Bancada

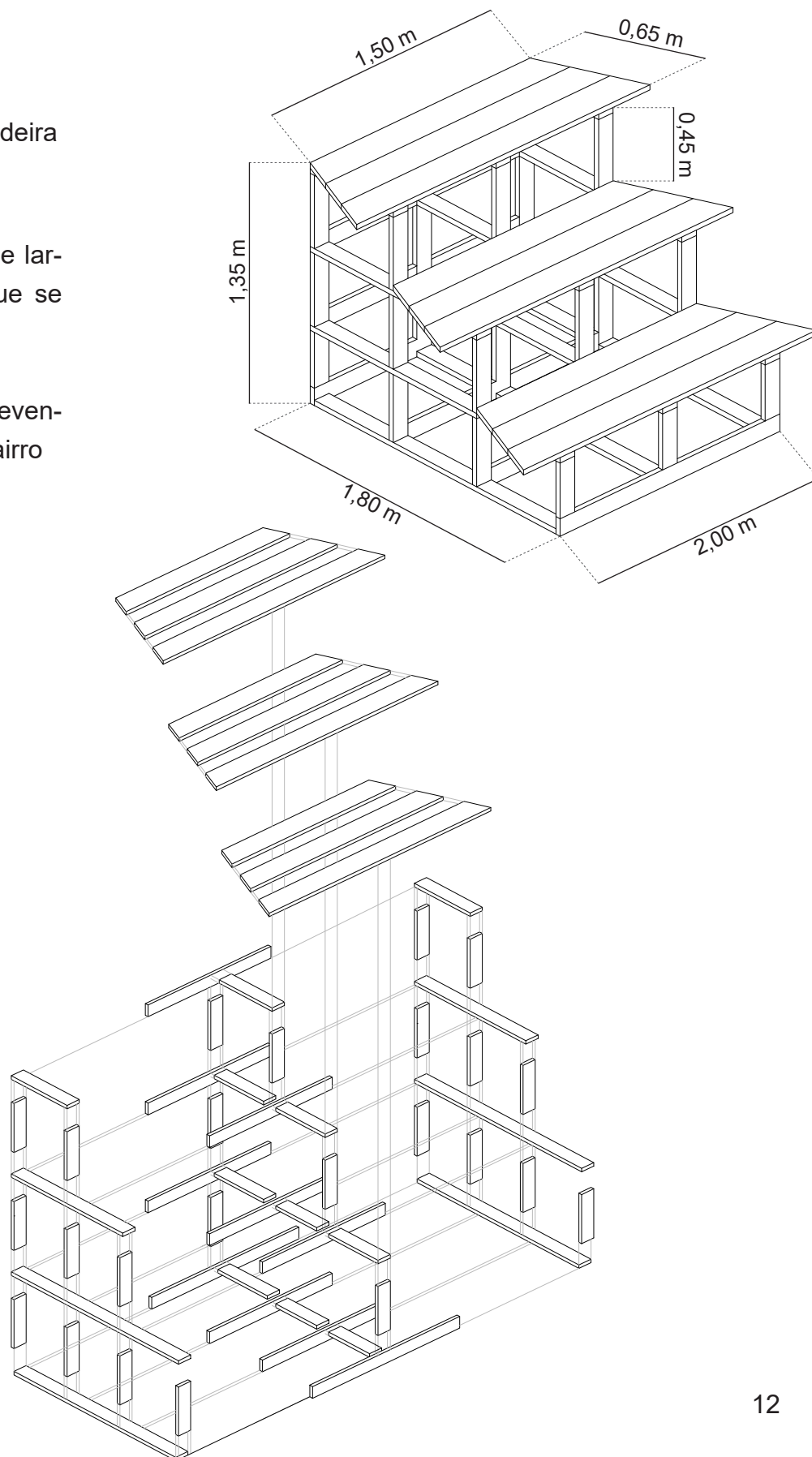
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Jardins públicos, praças e largos e vazios urbanos que se justifique a sua utilização

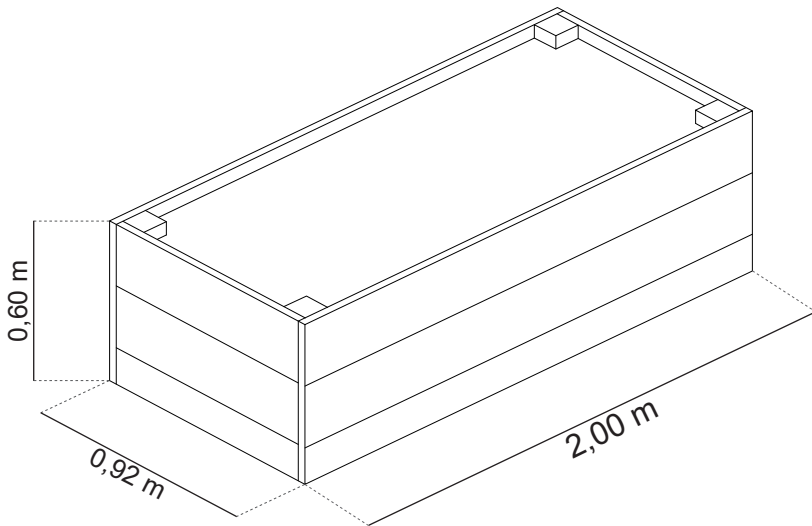
Para que serve?

Para a aprendizagem e eventos que se realizem no bairro



Agricultura Urbana e Sustentabilidade

Canteiro



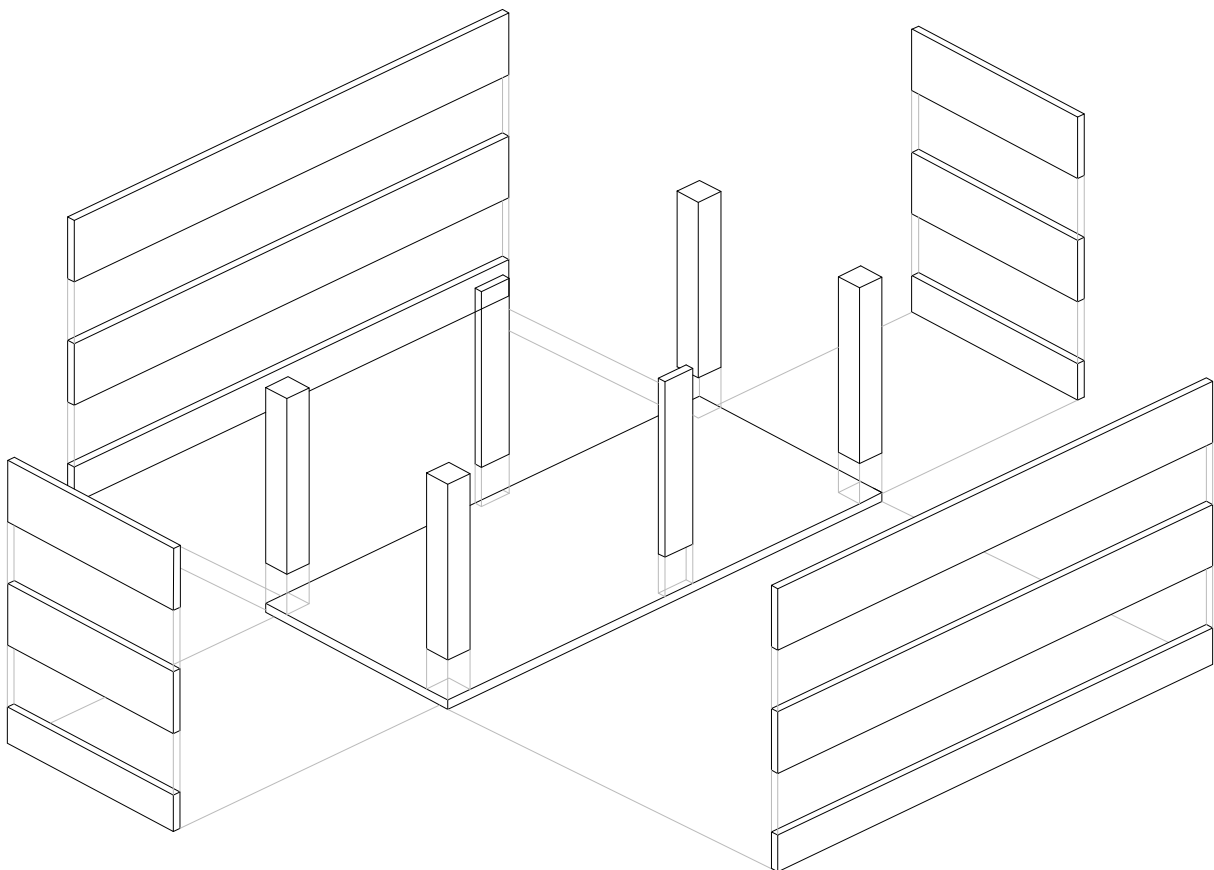
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Vazios urbanos com luz natural e com dimensão considerável

Para que serve?

Para a produção de produtos agrícolas que alimentem o bairro, dando uma maior segurança e alimentação à população



Jardim/horta vertical

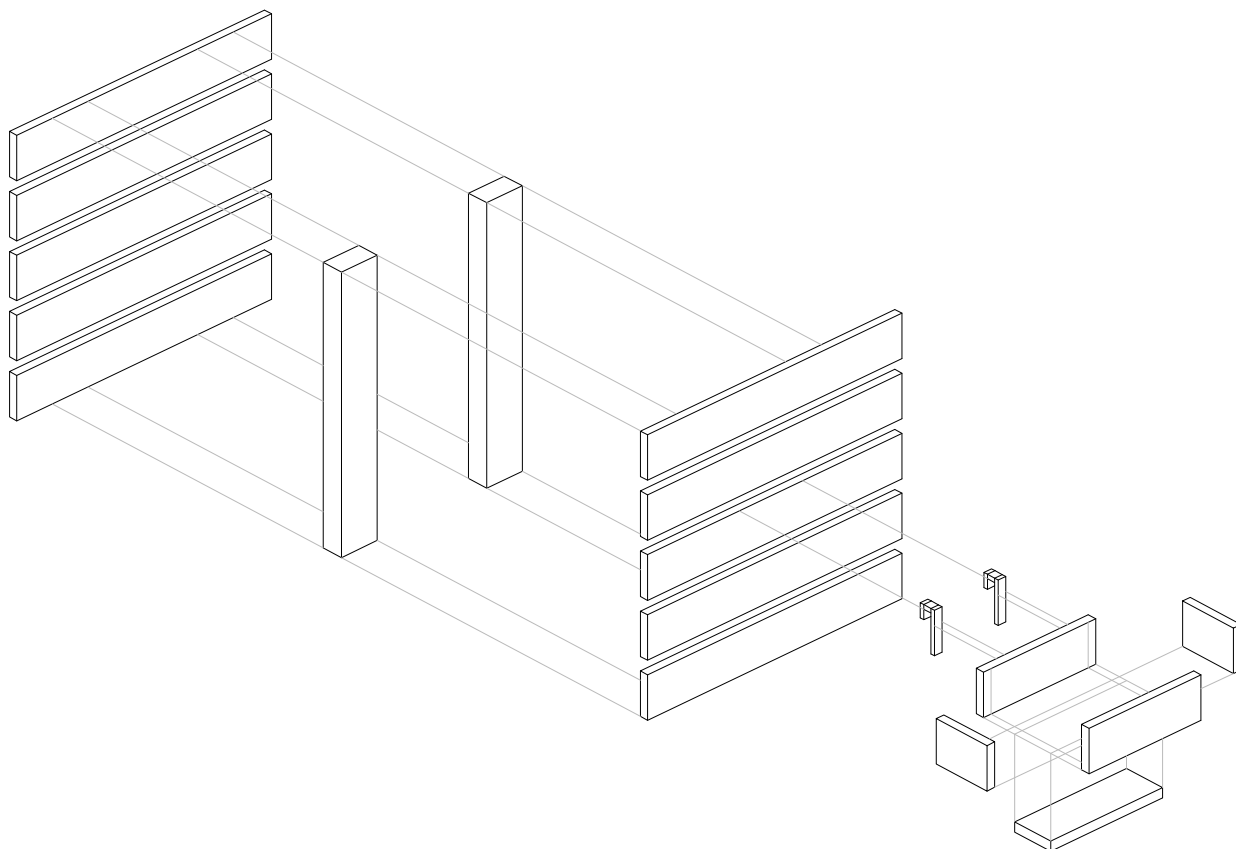
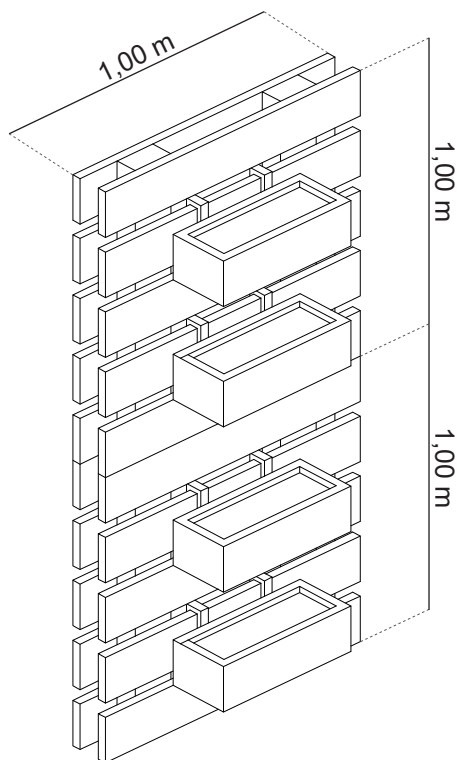
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Vazios urbanos com luz natural e com dimensão considerável e nas fachadas dos edifícios.

Para que serve?

Para a produção de produtos agrícolas que alimentem o bairro, dando uma maior segurança e alimentação à população, permitindo “uma horta à porta de casa”



Vaso para horta vertical / janelas dos edifícios

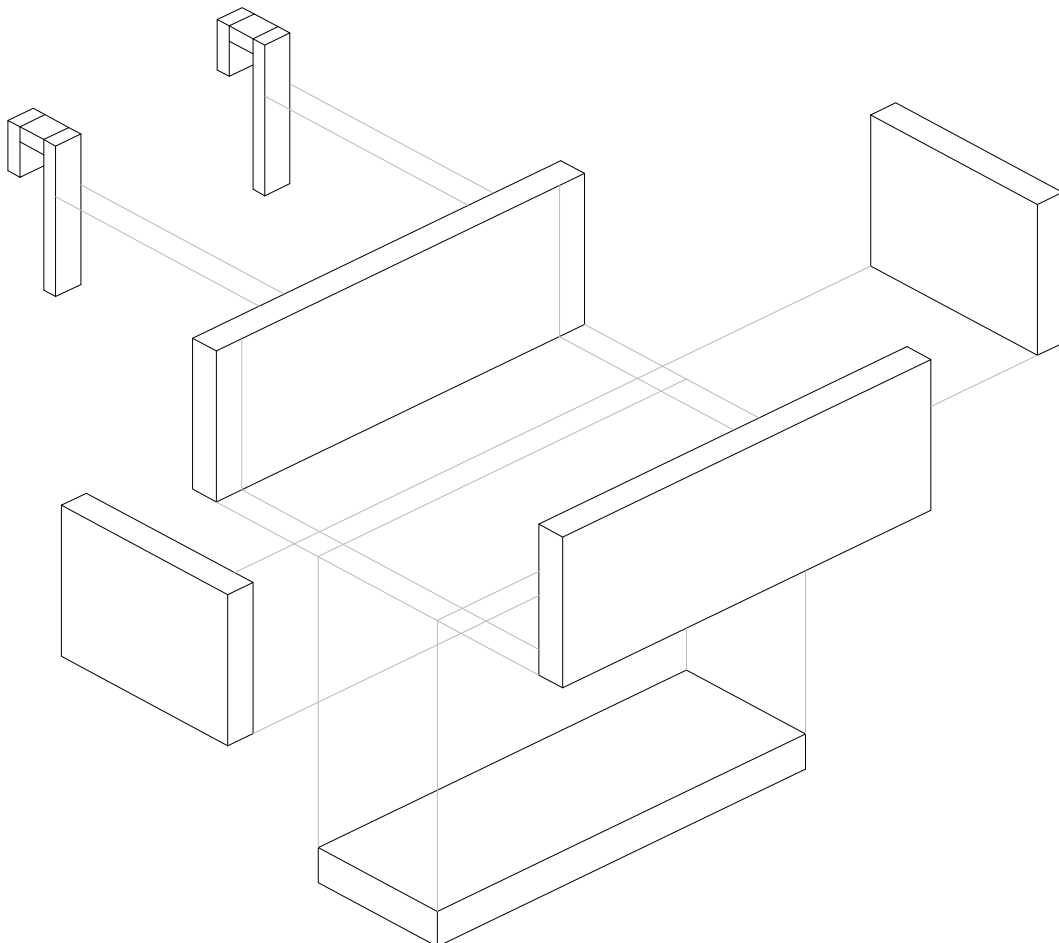
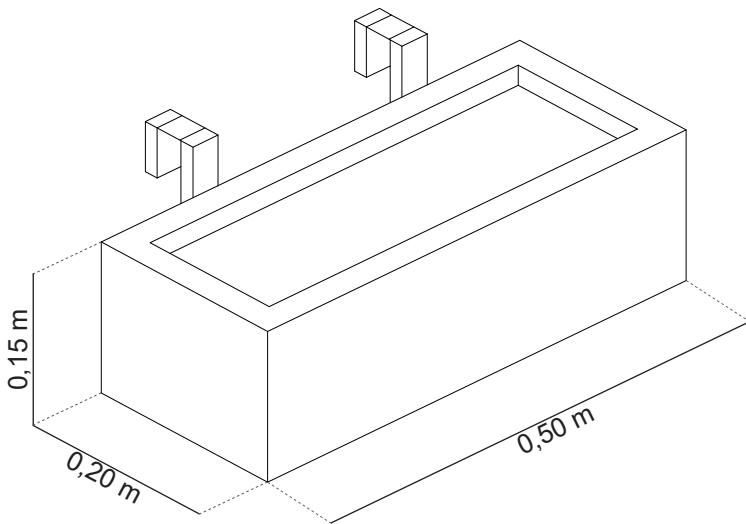
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Vazios urbanos onde exista o jardim/horta vertical e nas janelas dos edifícios

Para que serve?

Para a produção de produtos agrícolas que alimentem o bairro, dando uma maior segurança e alimentação à população, permitindo “uma horta à porta de casa”



Compostor

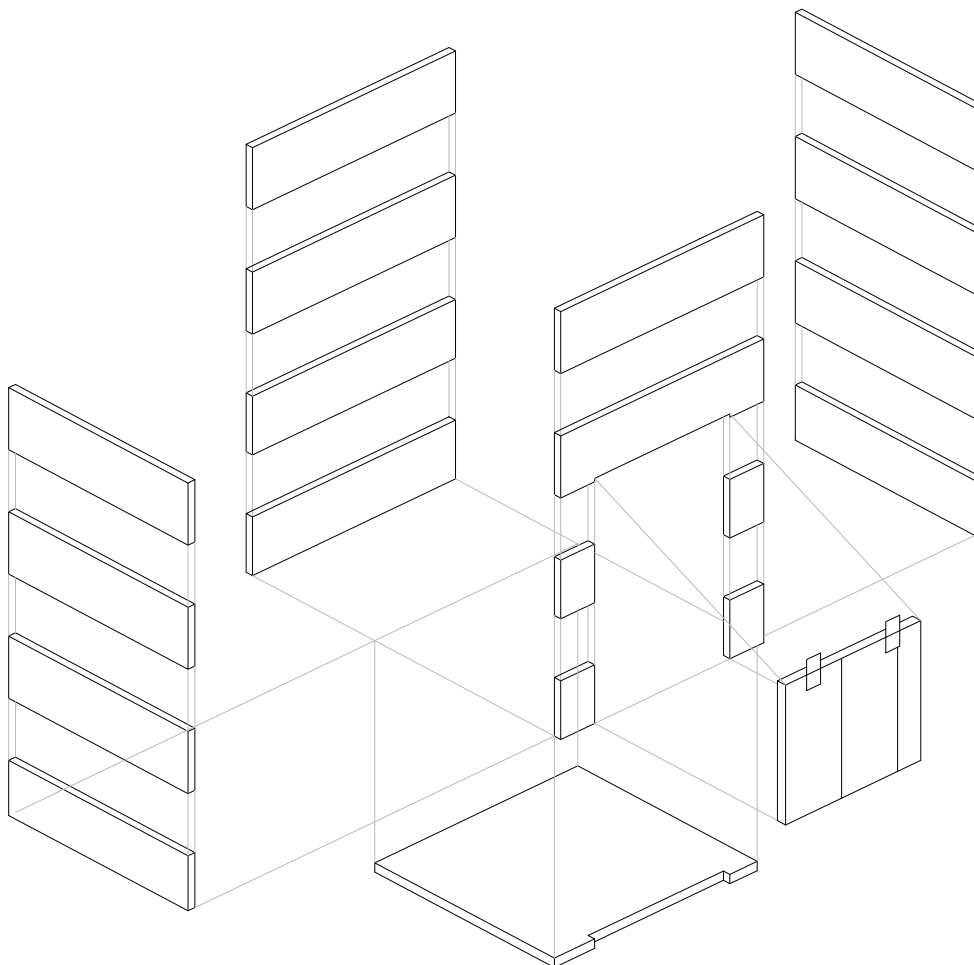
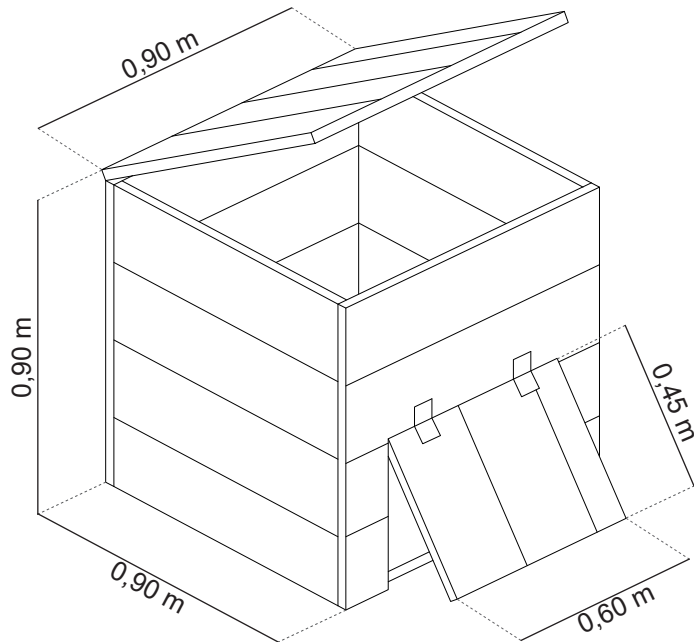
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Vazios urbanos onde exista horta urbana

Para que serve?

Para a produção adubo natural, aproveitando os resíduos orgânicos do bairro. Através do compostor, cria-se sustentabilidade e reciclagem de resíduos orgânicos do bairro



Canteiro Pequeno

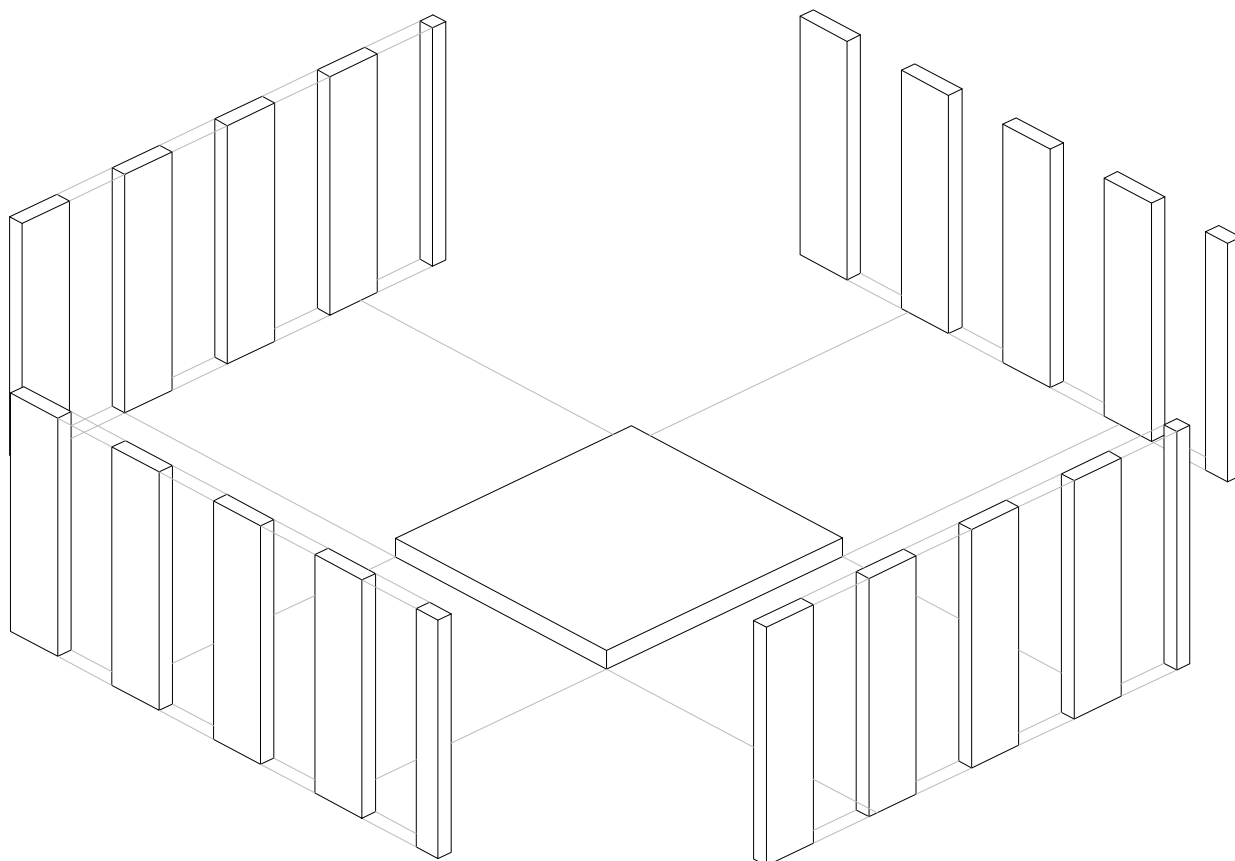
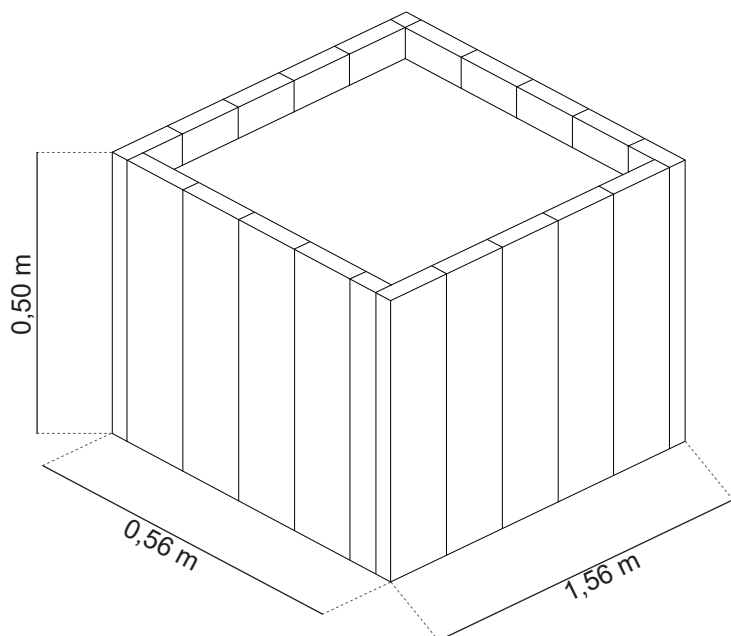
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Ruas e Travessas

Para que serve?

Para o ornamento ou produção agrícola no bairro



Canteiro de rua

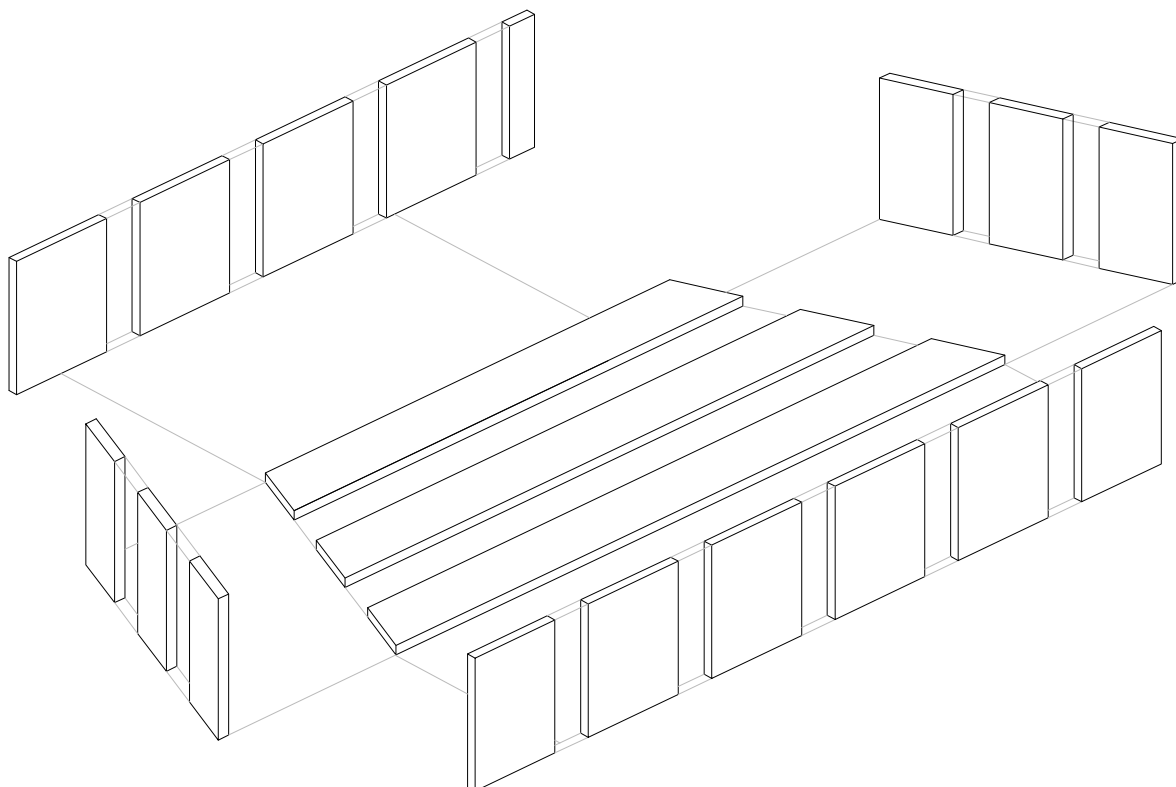
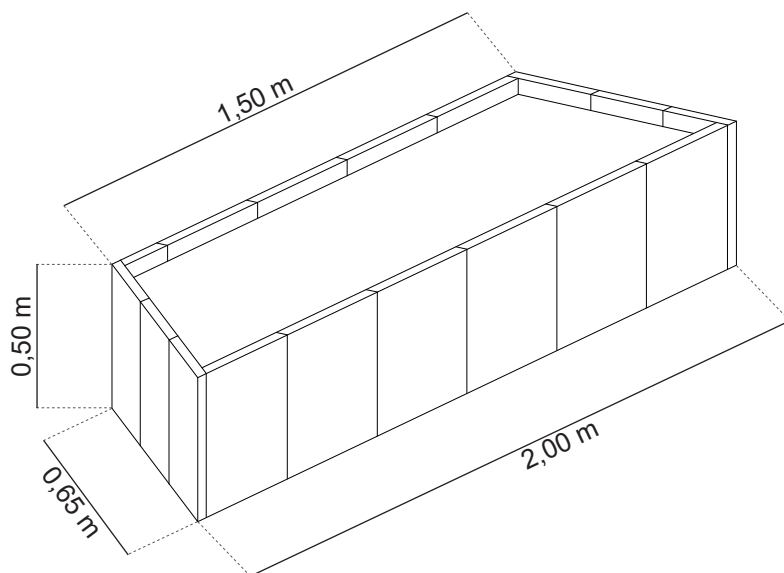
Material necessário: madeira

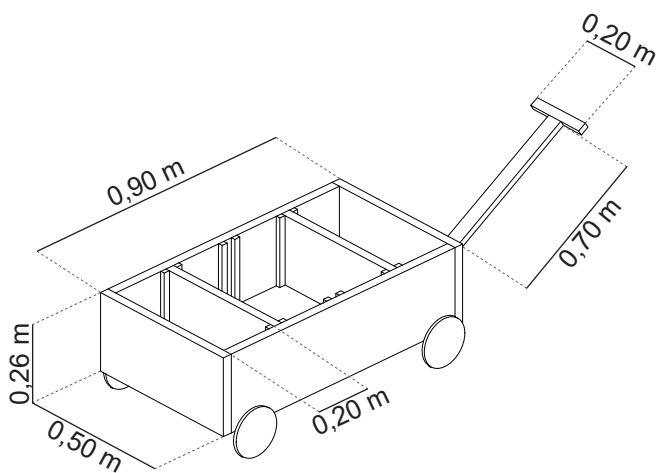
Onde pode estar?

Jardins públicos, ruas e travessas, praças e largos e vazios urbanos que se justifique a sua utilização

Para que serve?

Para o ornamento ou produção agrícola no bairro





Carrinho de distribuição

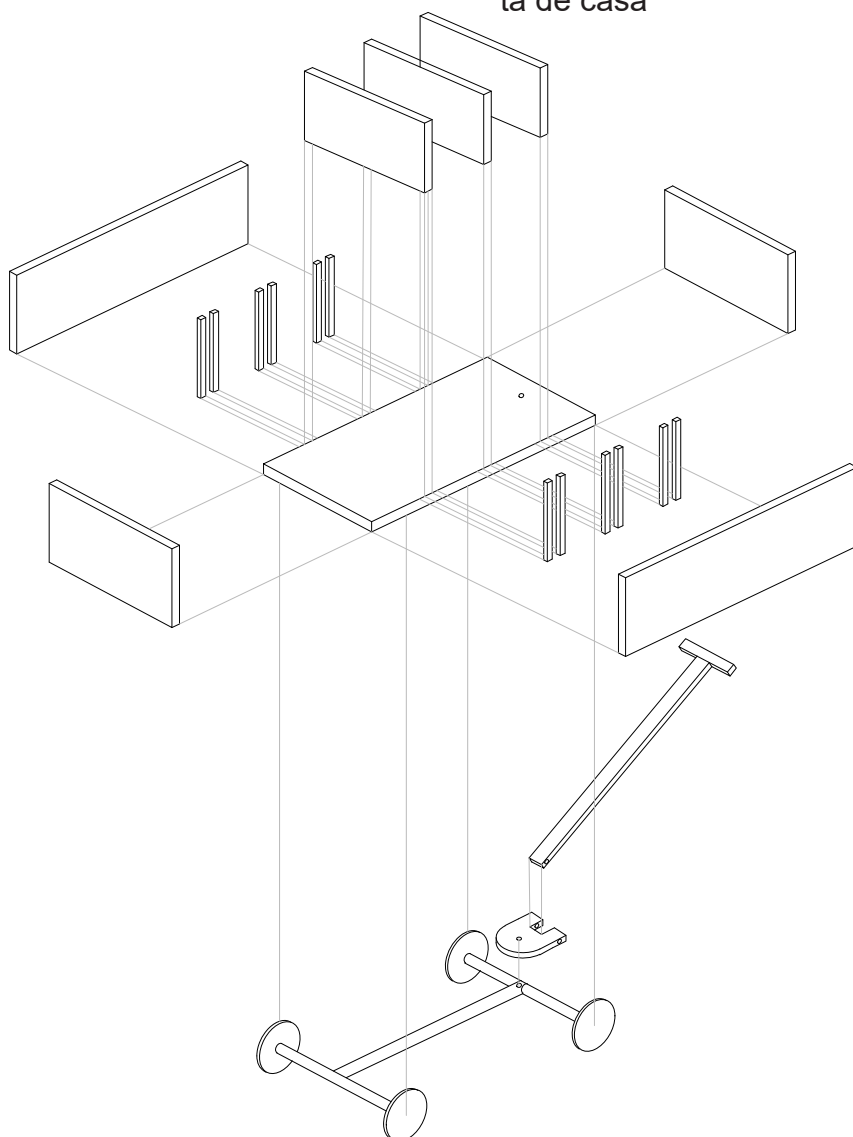
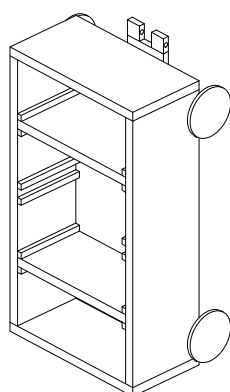
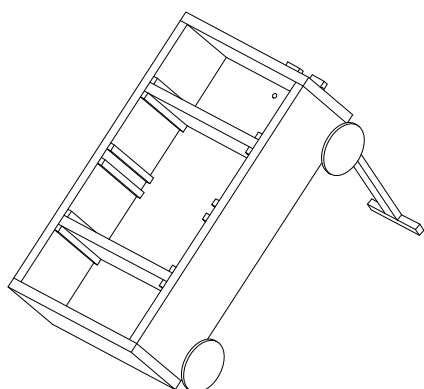
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Em qualquer lugar do bairro

Para que serve?

Para a distribuição/movimentação de produtos agrícolas ou objetos no bairro, como expositor nas lojas locais, como horta à porta de casa e para a troca de bens e produtos à porta de casa



Reciclagem

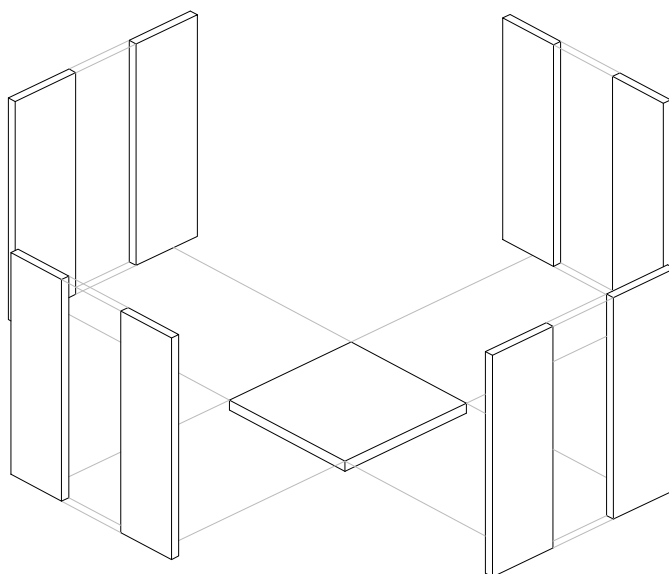
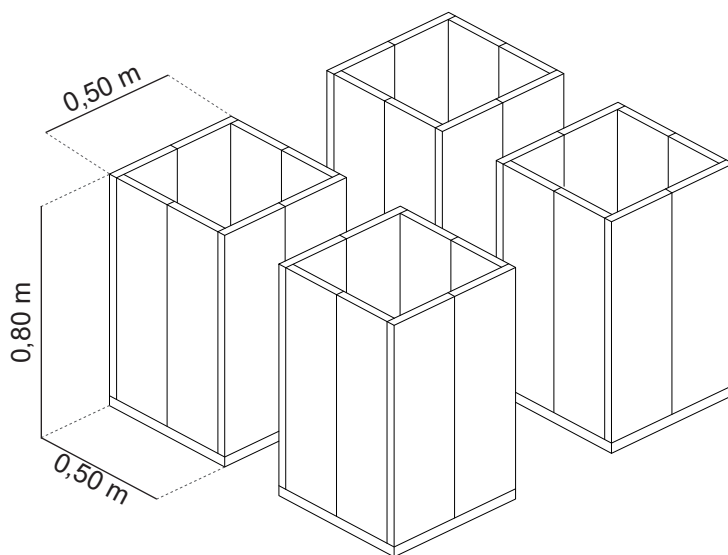
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

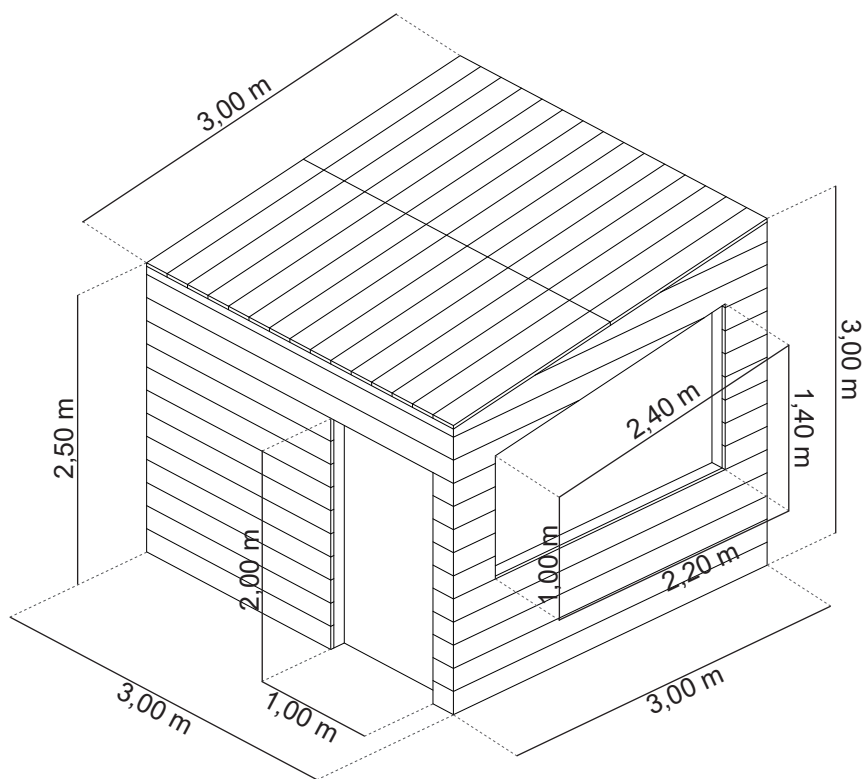
Em qualquer lugar do bairro que se justifique

Para que serve?

Para a reciclagem de objetos não orgânicos, permitindo a limpeza no bairro



Arrumos



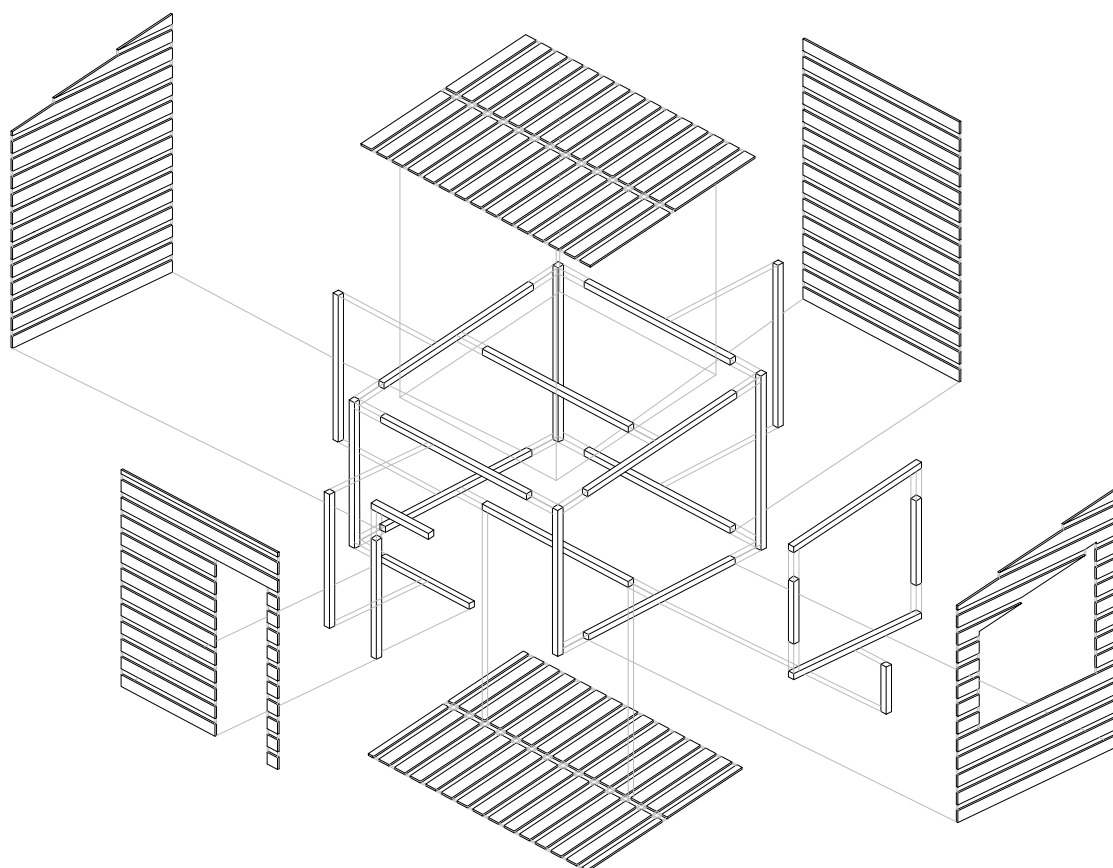
Material necessário: madeira

Onde podem estar?

Nos vazios urbanos com hortas urbanas

Para que serve?

Para a arrumação de utensílios da horta e armazenamento de produtos



Depósito de Materiais

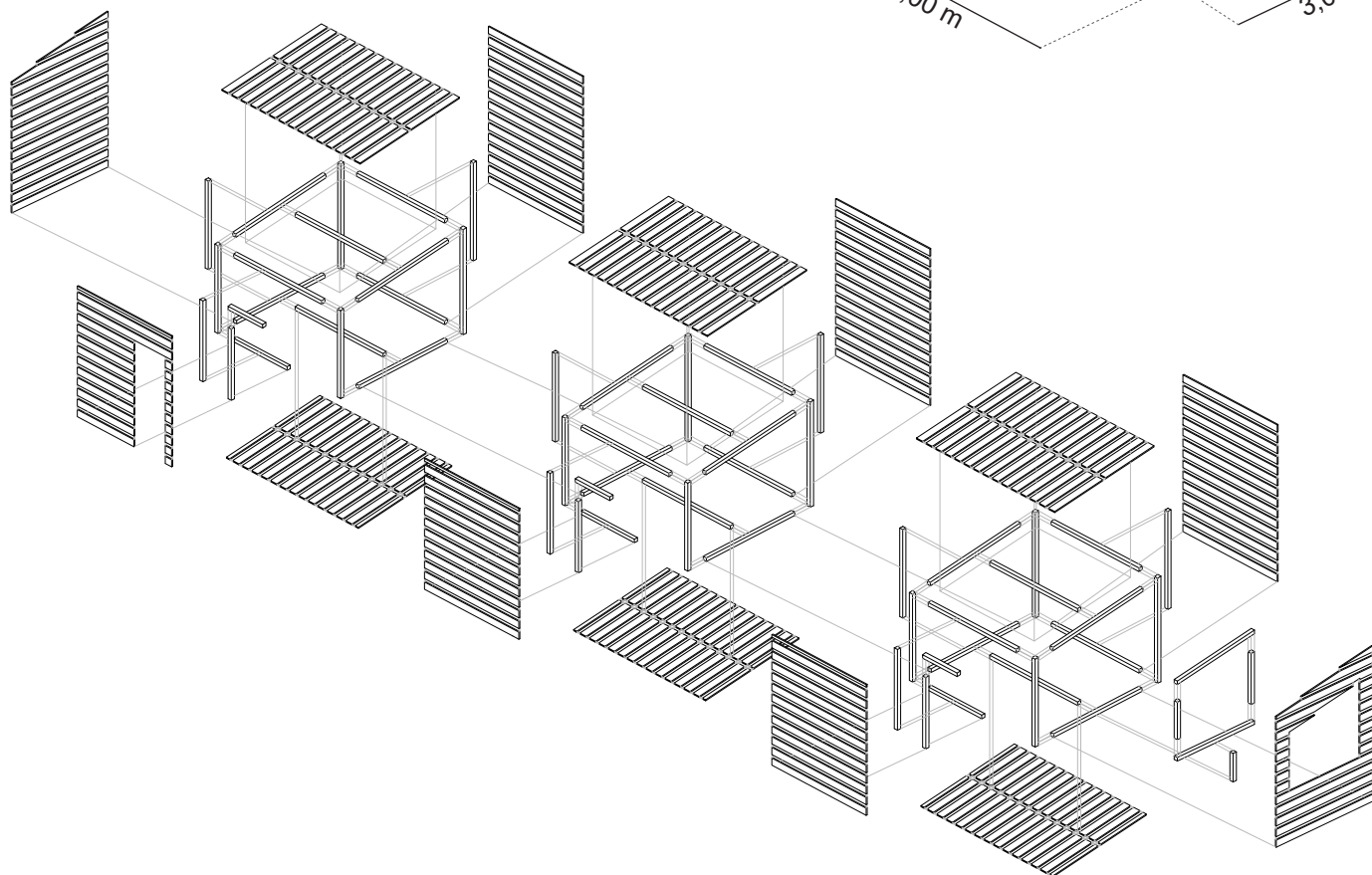
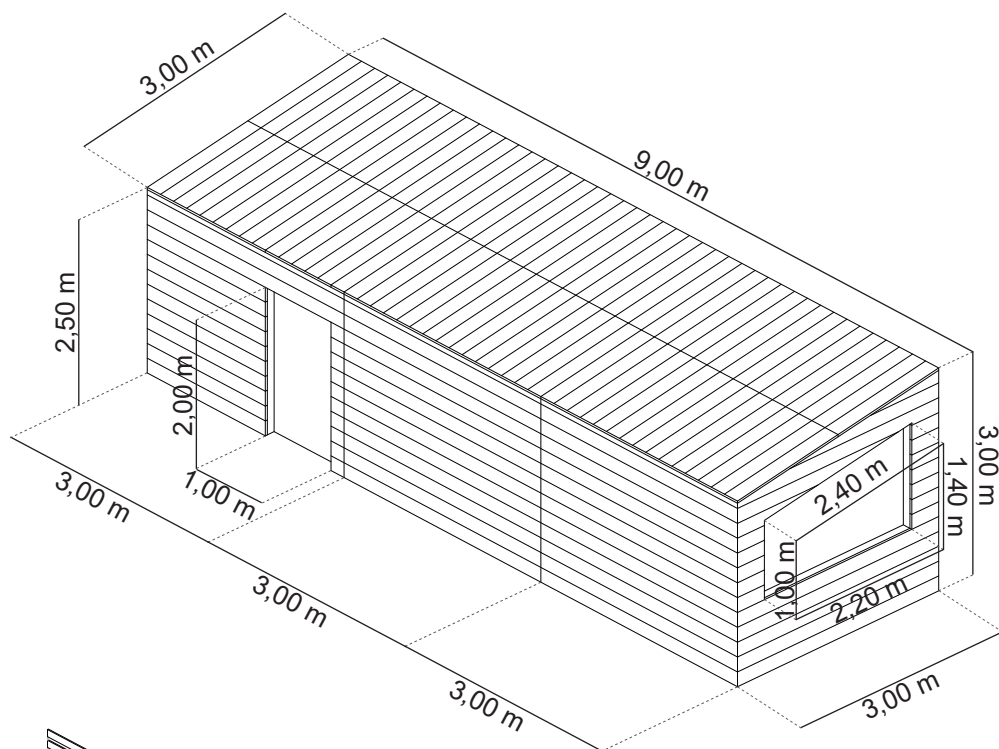
Material necessário: madeira

Onde podem estar?

Nos vazios urbanos de depósitos de materiais e de trabalho do bairro

Para que serve?

Para a arrumação de materiais que se encontram no bairro, acessível a toda a população



Comércio Local

Toldo

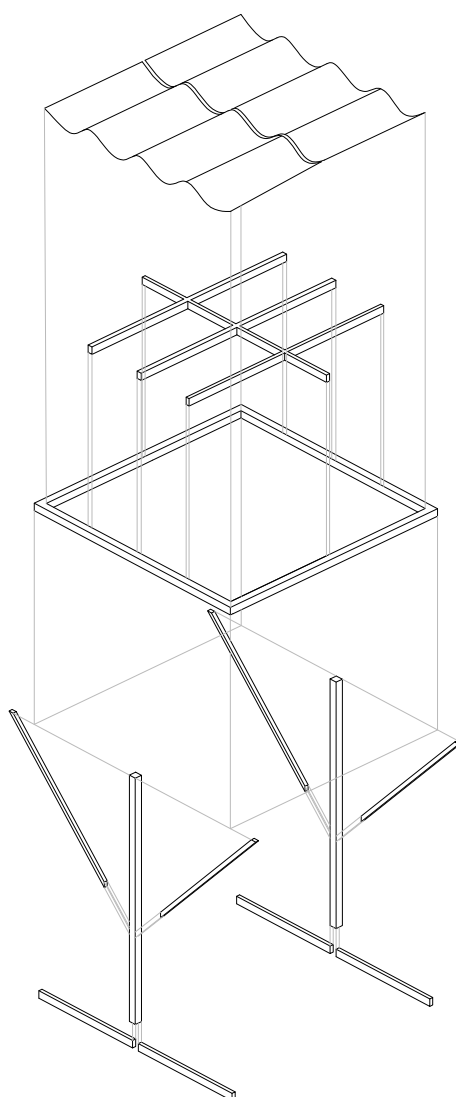
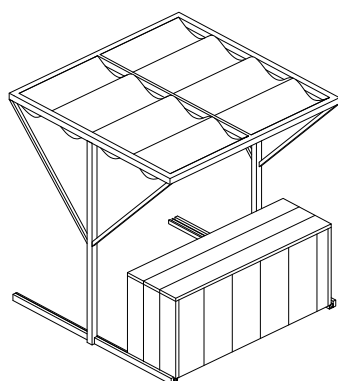
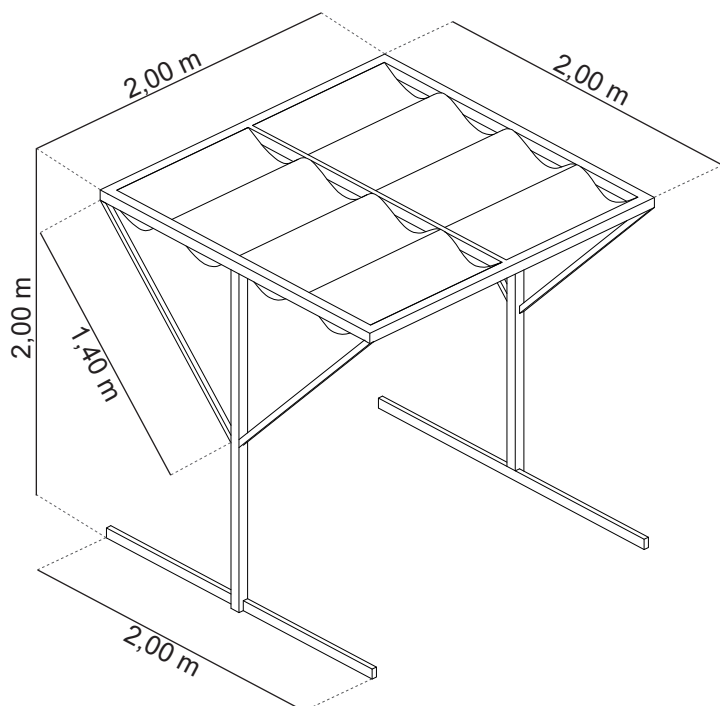
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Praças e largos, ruas e travessas

Para que serve?

Para utilização da população em frente das habitações (como estendal ou sombra, por exemplo) e para comércio local de produtos do bairro



Banca de Mercado

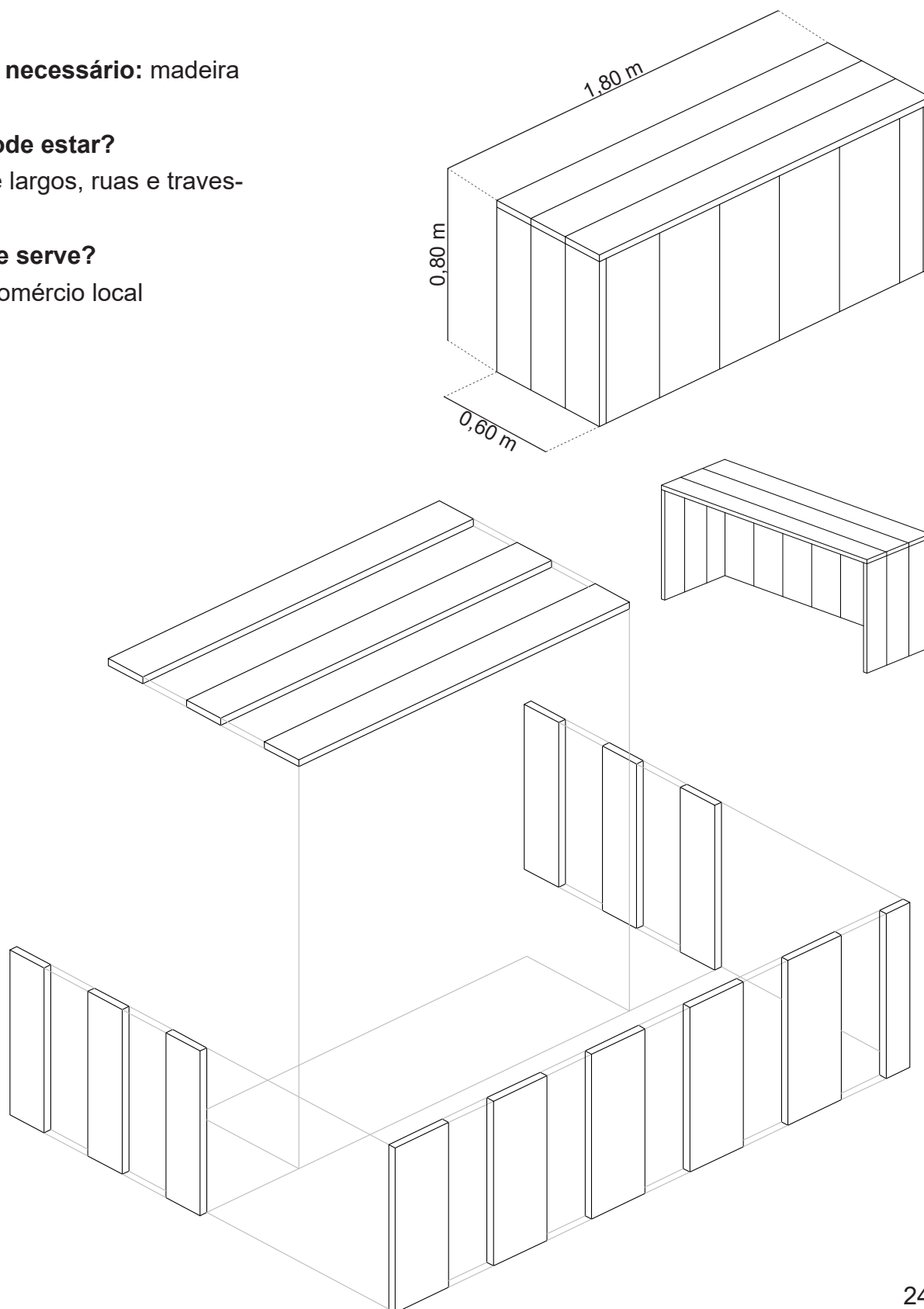
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Praças e largos, ruas e travessas

Para que serve?

Para o comércio local



Cultura, Lazer, Jogos Tradicionais e Desporto

Palco

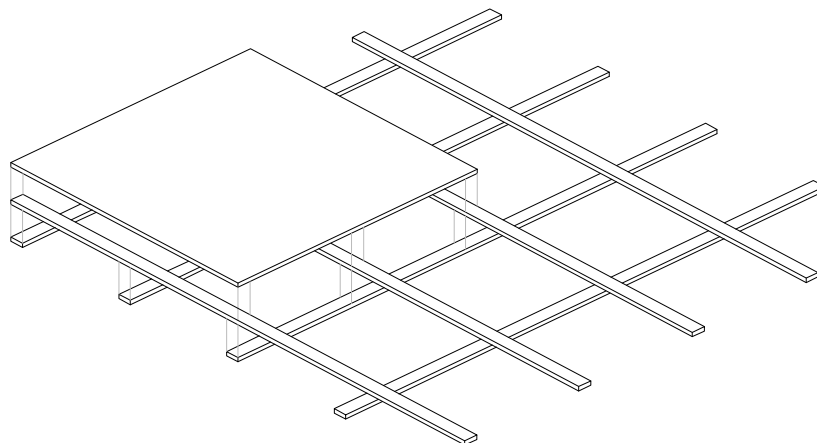
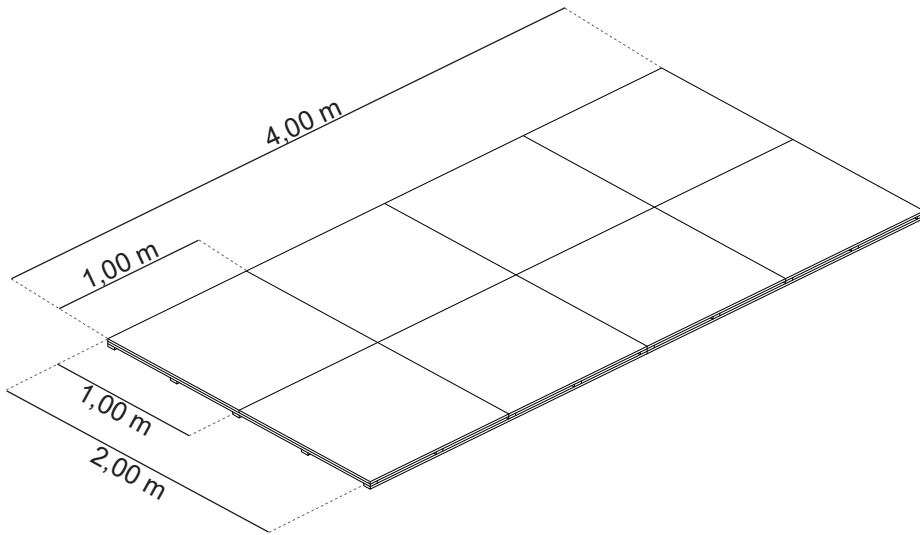
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Jardins públicos, praças e largos

Para que serve?

Para eventos do bairro



Banco de Exposições

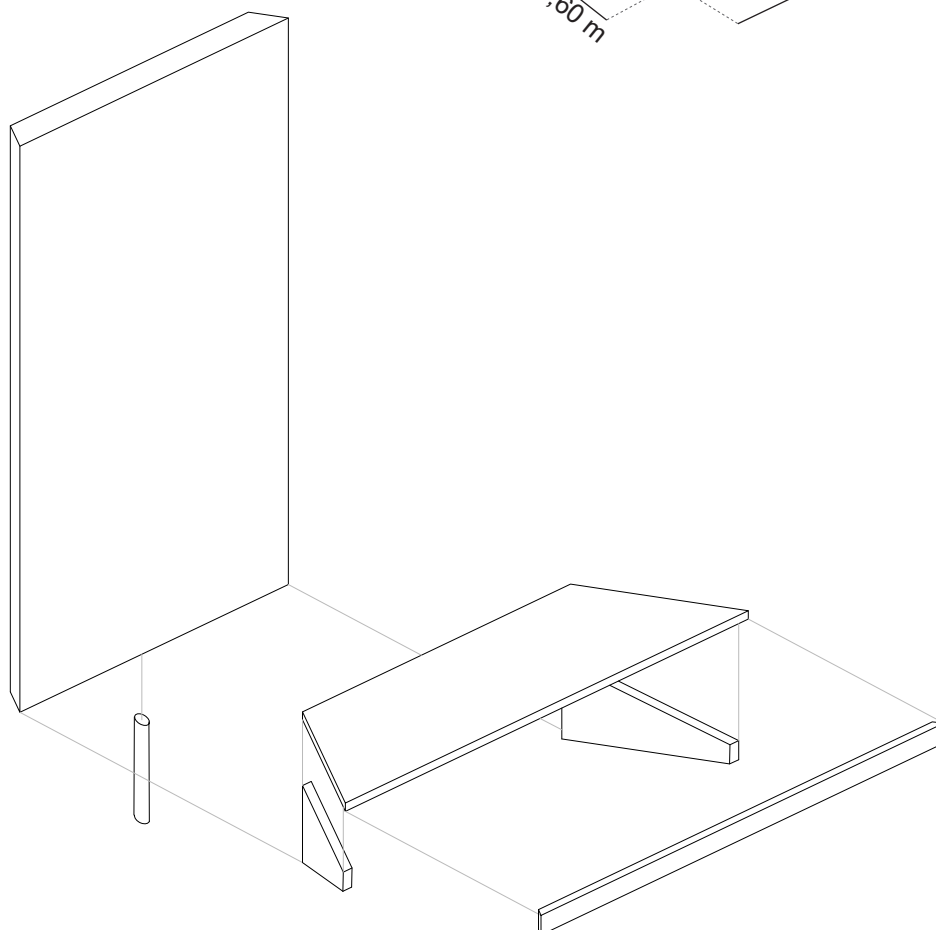
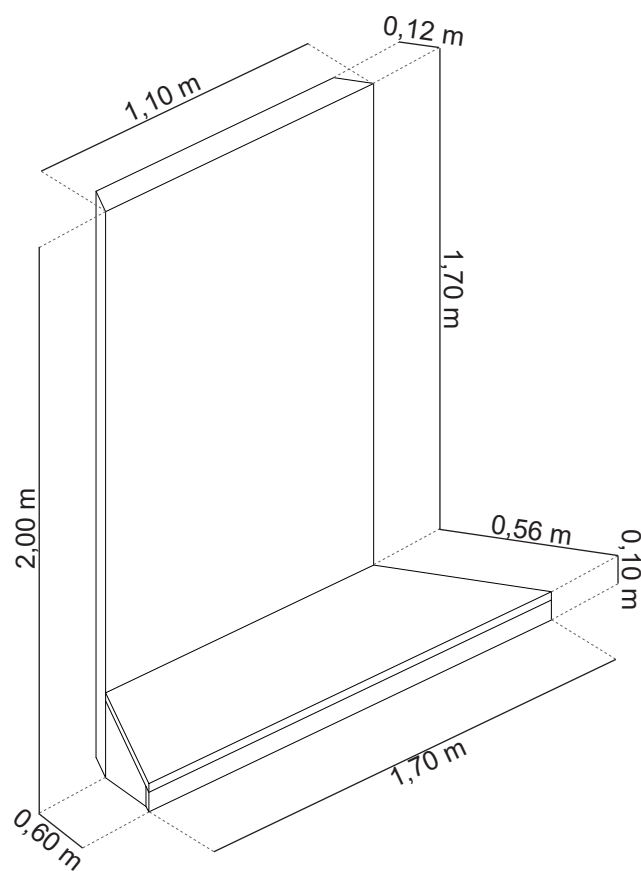
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Jardins públicos, praças e largos e vazios urbanos que se justifique a sua utilização.

Para que serve?

Para a demonstração de exposições nos espaços públicos e oferecem a possibilidade de descanso



Campo de Jogos

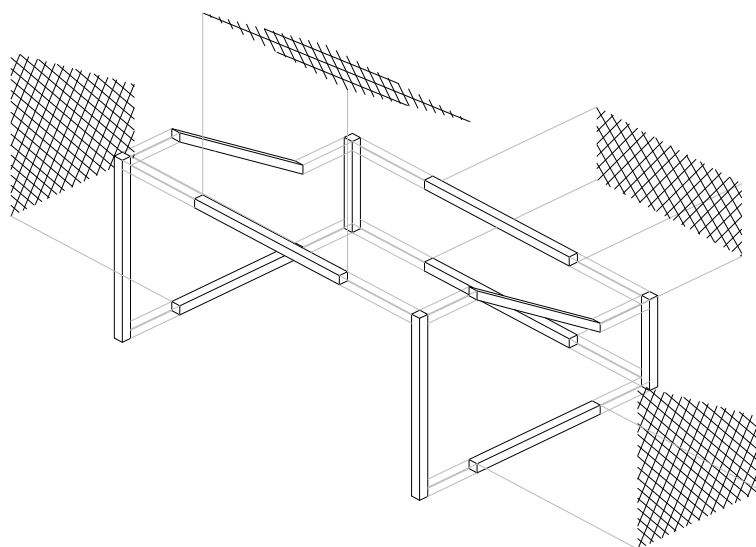
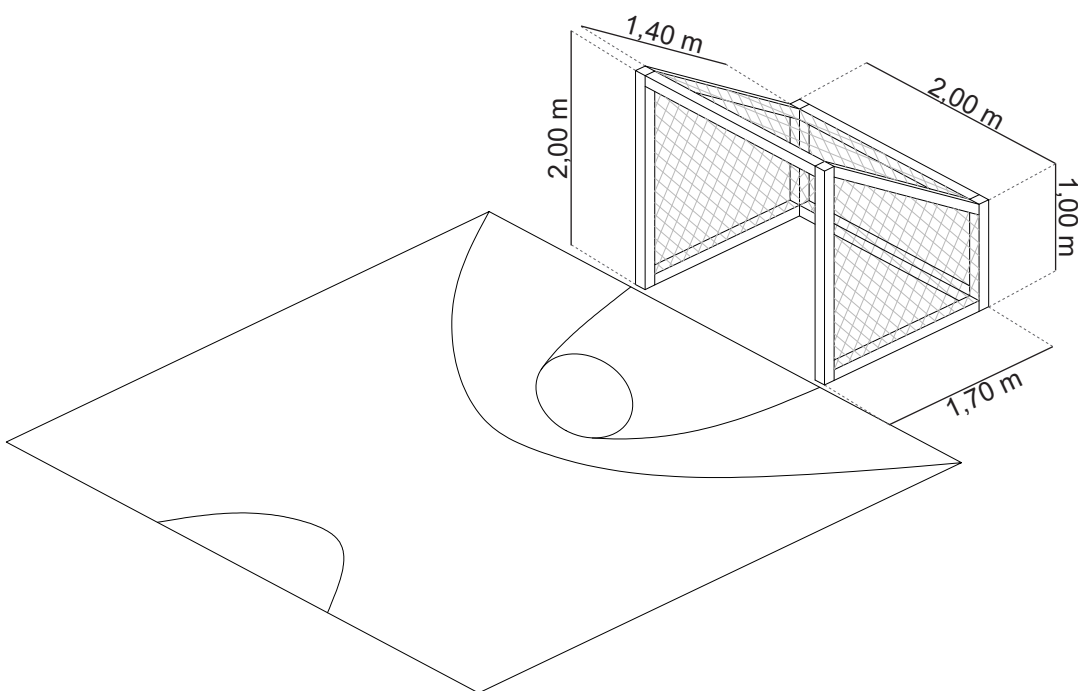
Material necessário: tinta /
madeira

Onde pode estar?

Jardins públicos, praças e
largos

Para que serve?

Para a atividade lúdica e re-
creativa do bairro



Zona de Skate

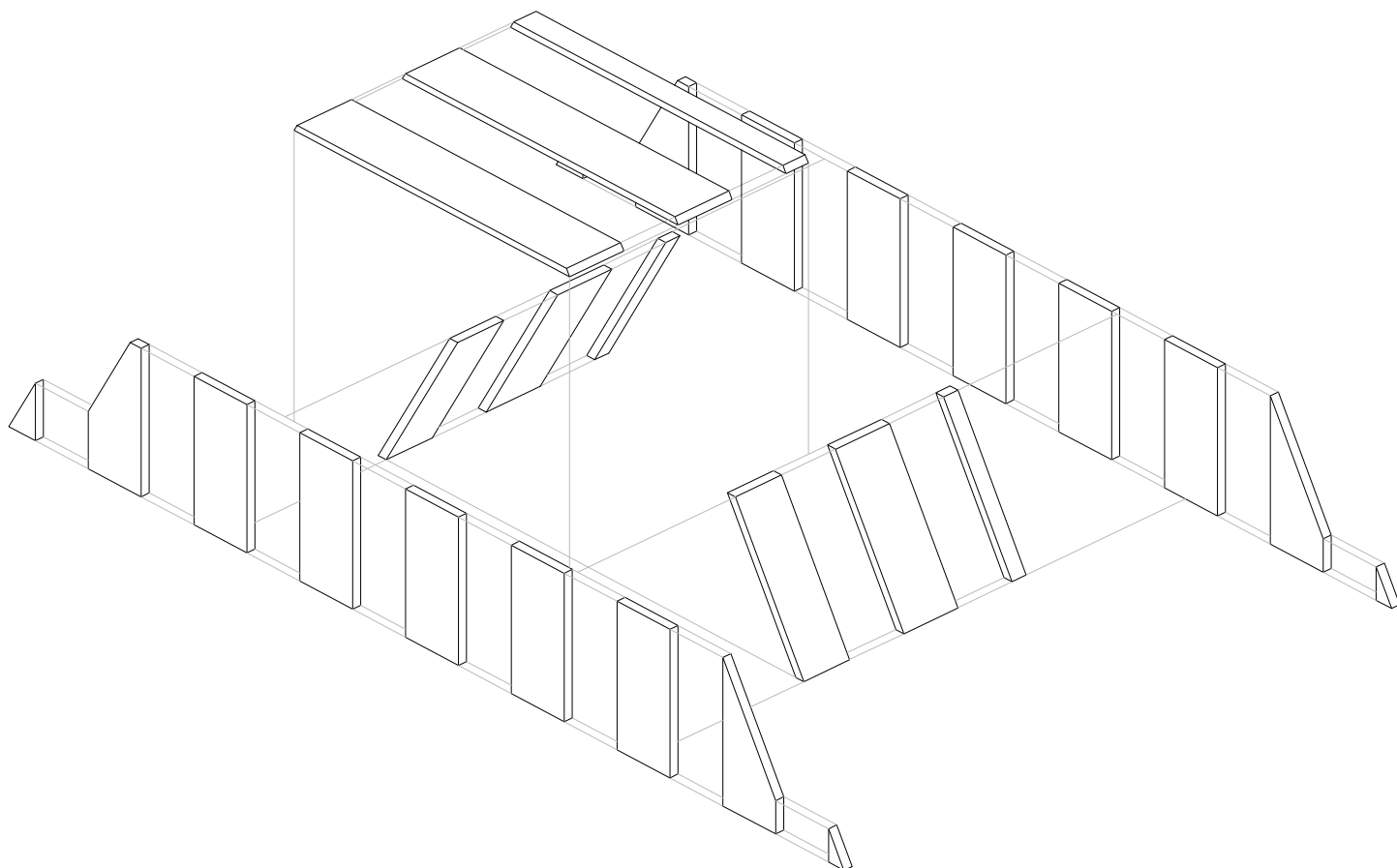
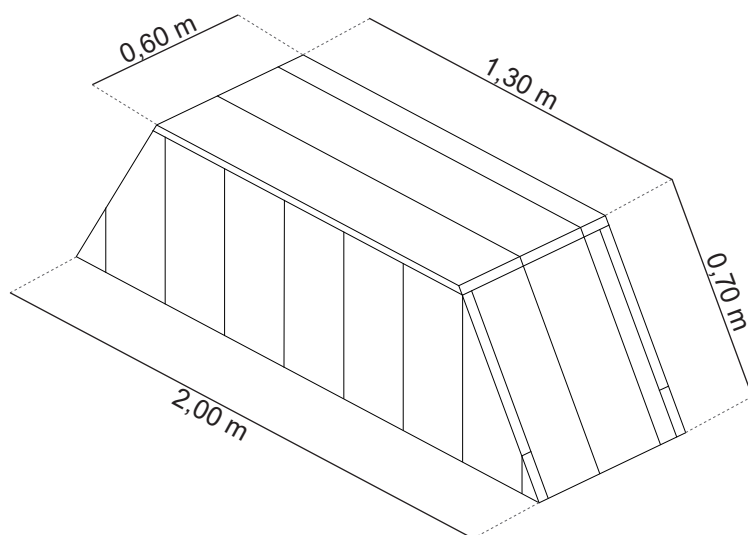
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Jardins públicos, praças e largos

Para que serve?

Para a atividade lúdica e recreativa do bairro



Jogos Tradicionais

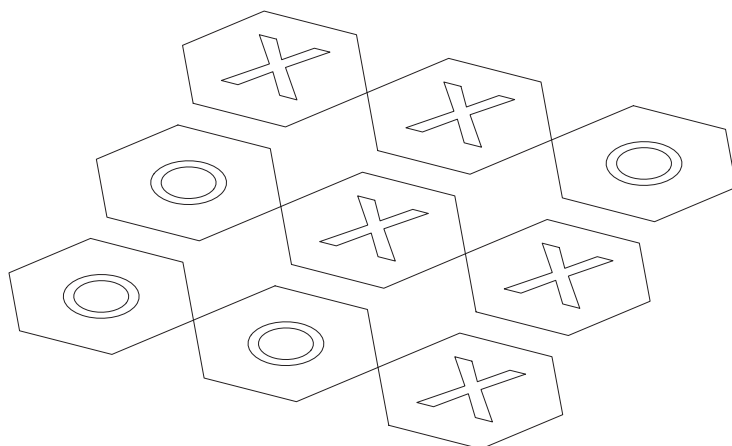
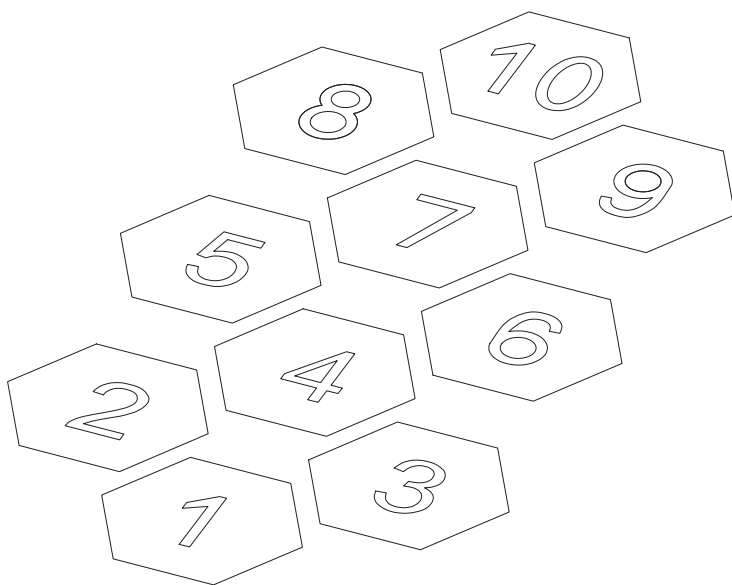
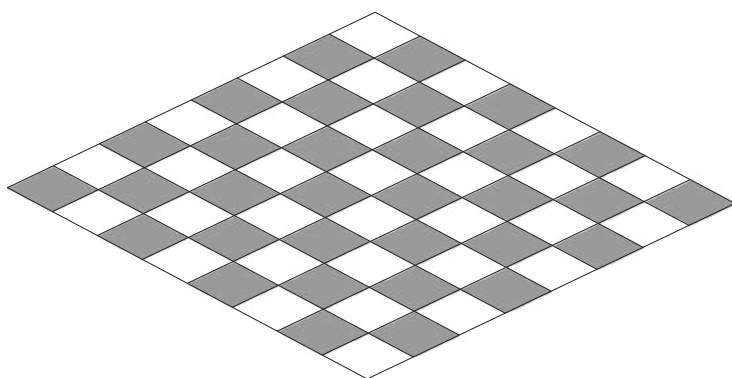
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Em qualquer lugar do bairro

Para que serve?

Para a atividade lúdica e recreativa do bairro, podendo ter qualquer dimensão



Jogos Tradicionais

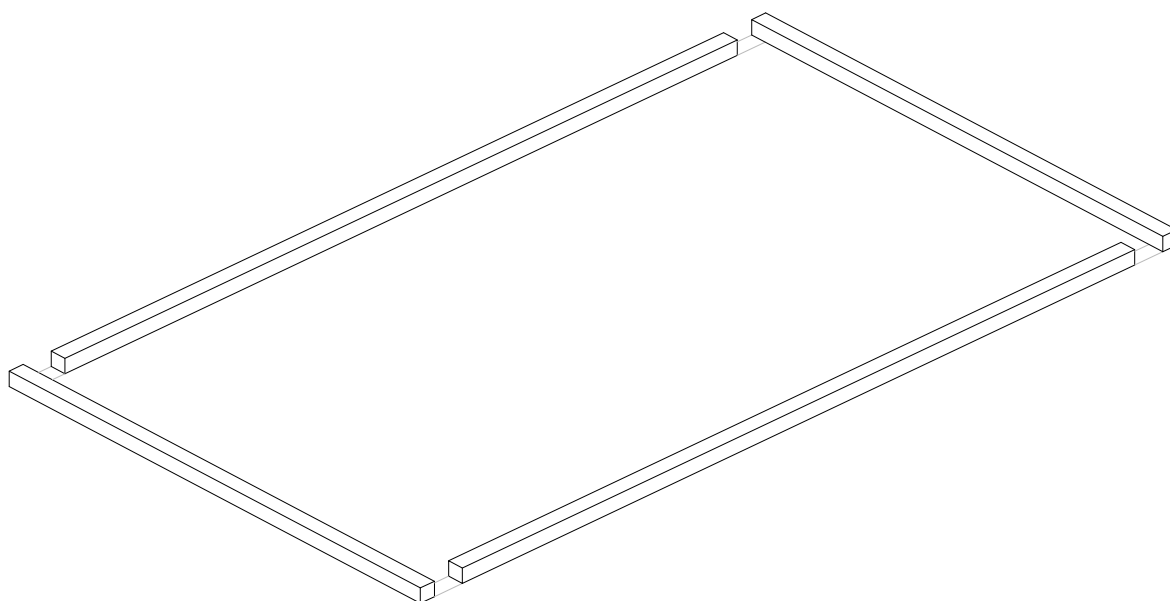
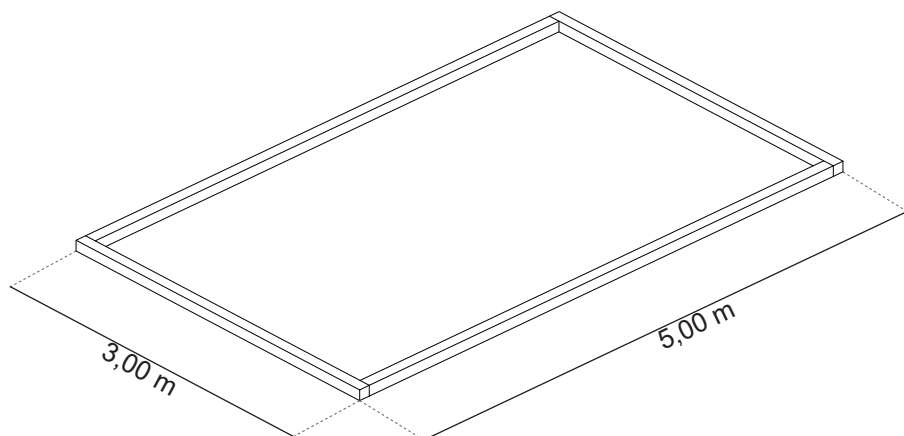
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Em qualquer lugar do bairro

Para que serve?

Para a atividade lúdica e recreativa do bairro. A caixa de jogos pode ser utilizada para atividades como o chinquinho



Circuitos infantis

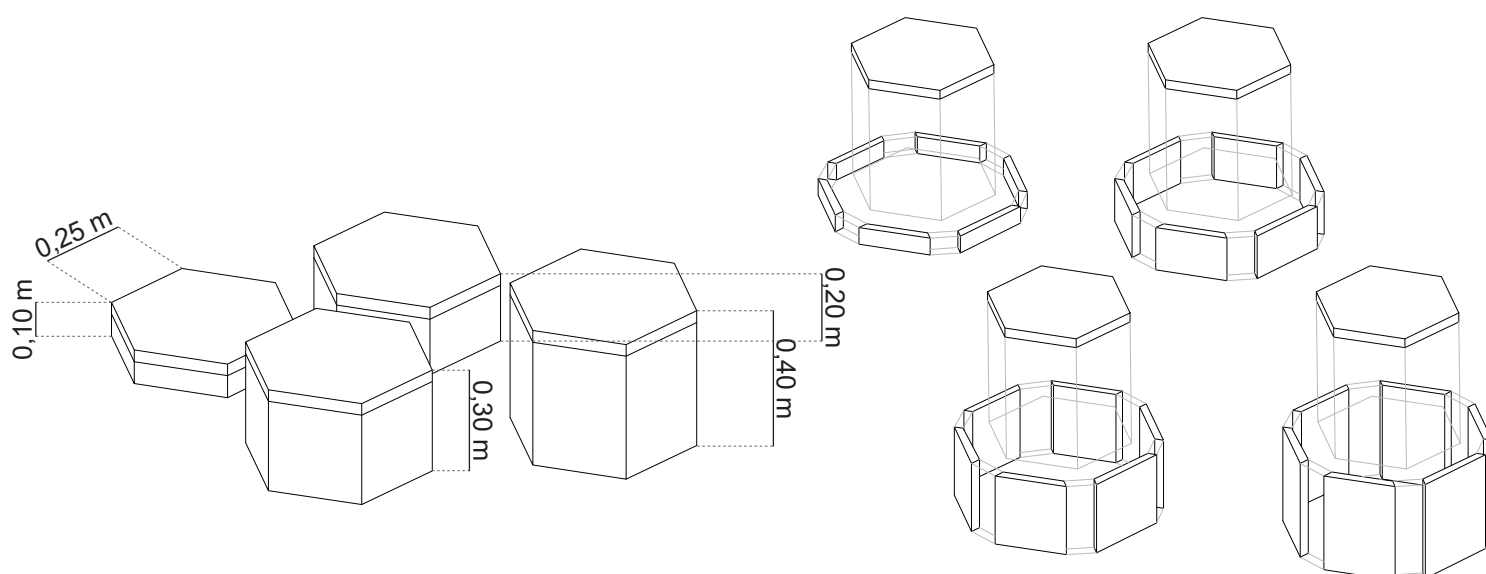
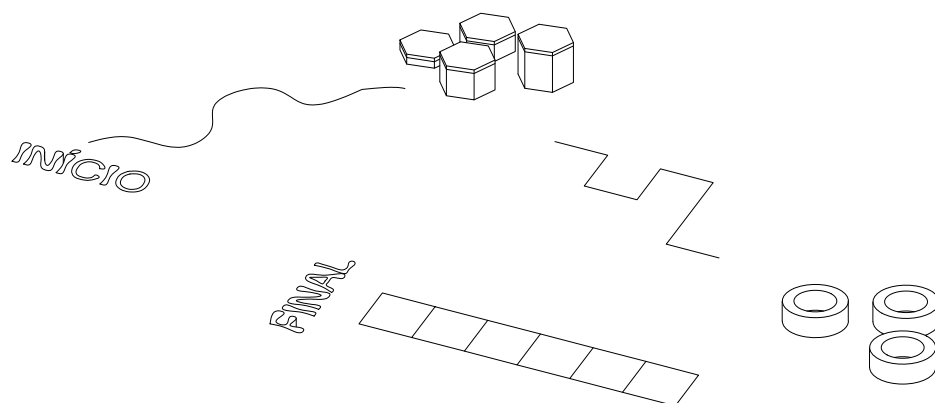
Material necessário: tinta /
madeira

Onde pode estar?

Jardins públicos, praças e largos

Para que serve?

Para a atividade lúdica e recreativa do bairro, ligada maioritariamente às crianças



Estrutura para atividades infantis

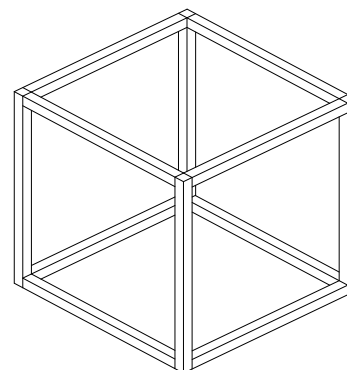
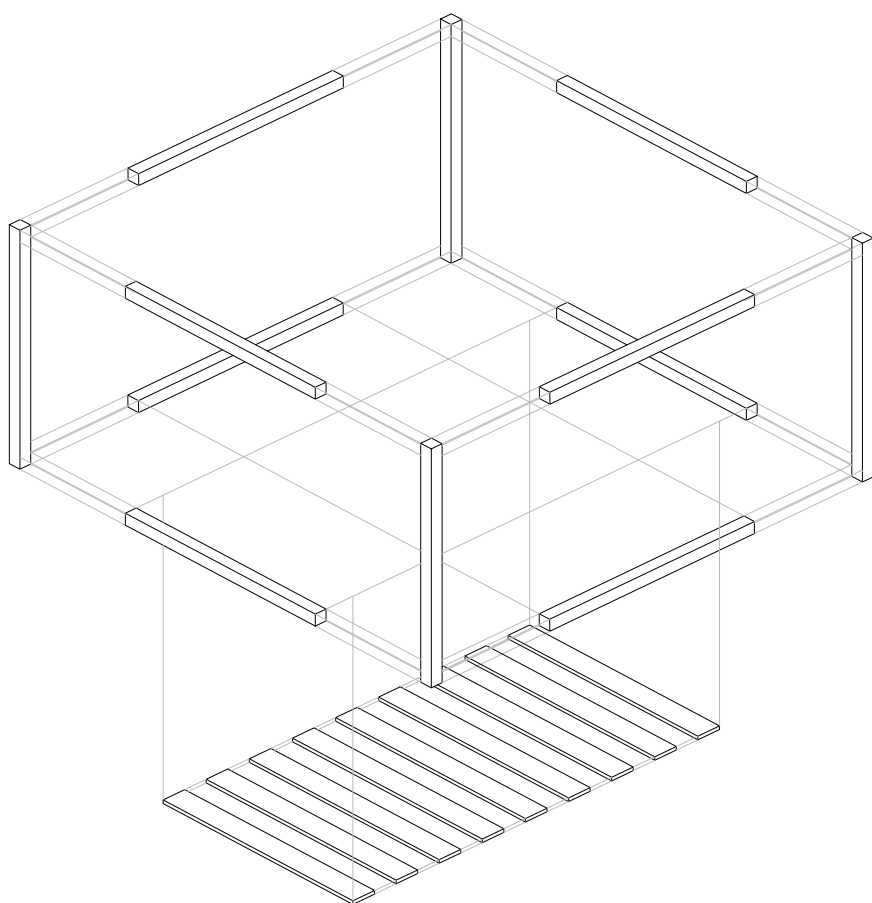
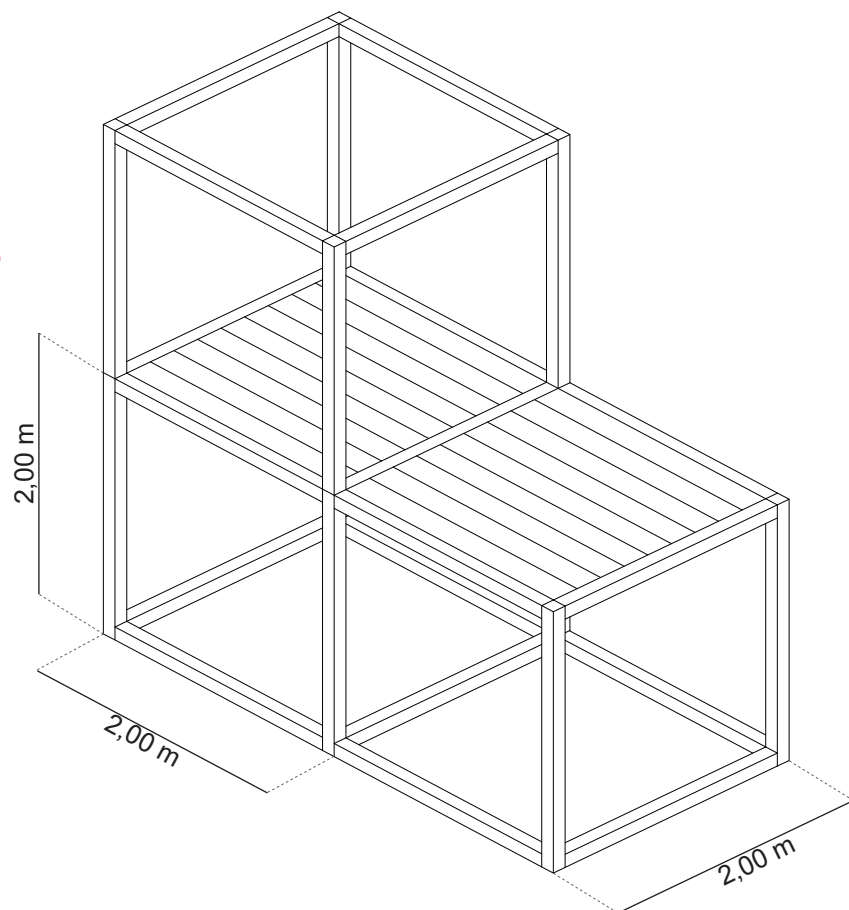
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Jardins públicos, praças e largos

Para que serve?

Para a atividade lúdica e recreativa do bairro, ligada maioritariamente às crianças. É um módulo que pode ser replicado e montado de forma livre



Mobilidade

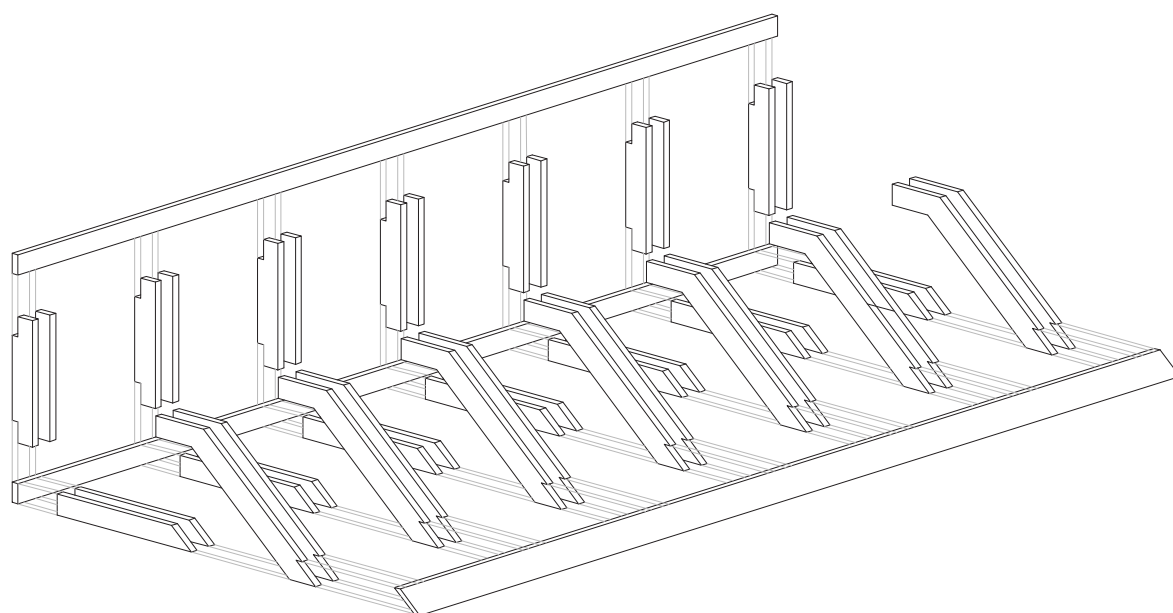
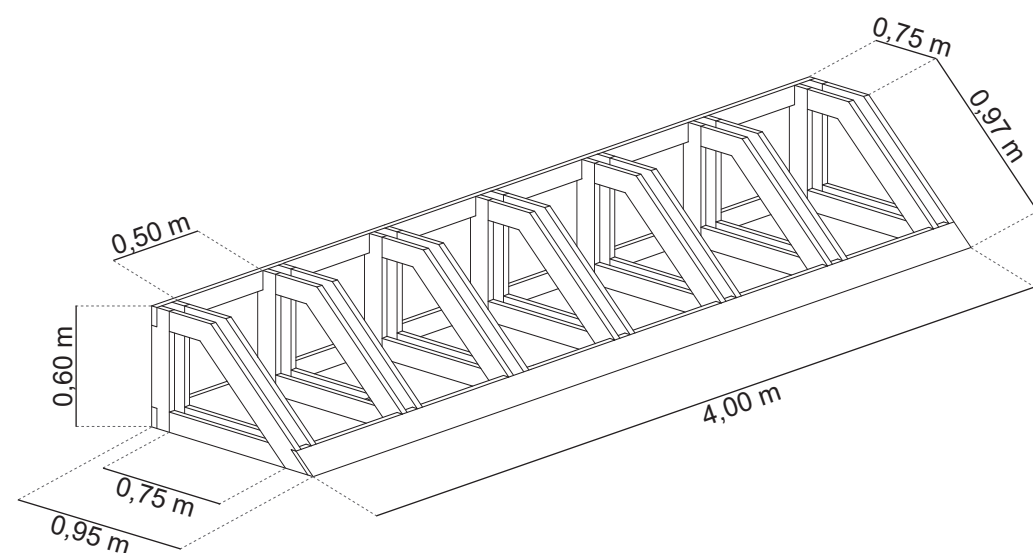
Material necessário: madeira

Onde pode estar?

Jardins públicos, praças e largos

Para que serve?

Para o estacionamento de bicicleta, fomentando uma maior utilização deste meio de transporte



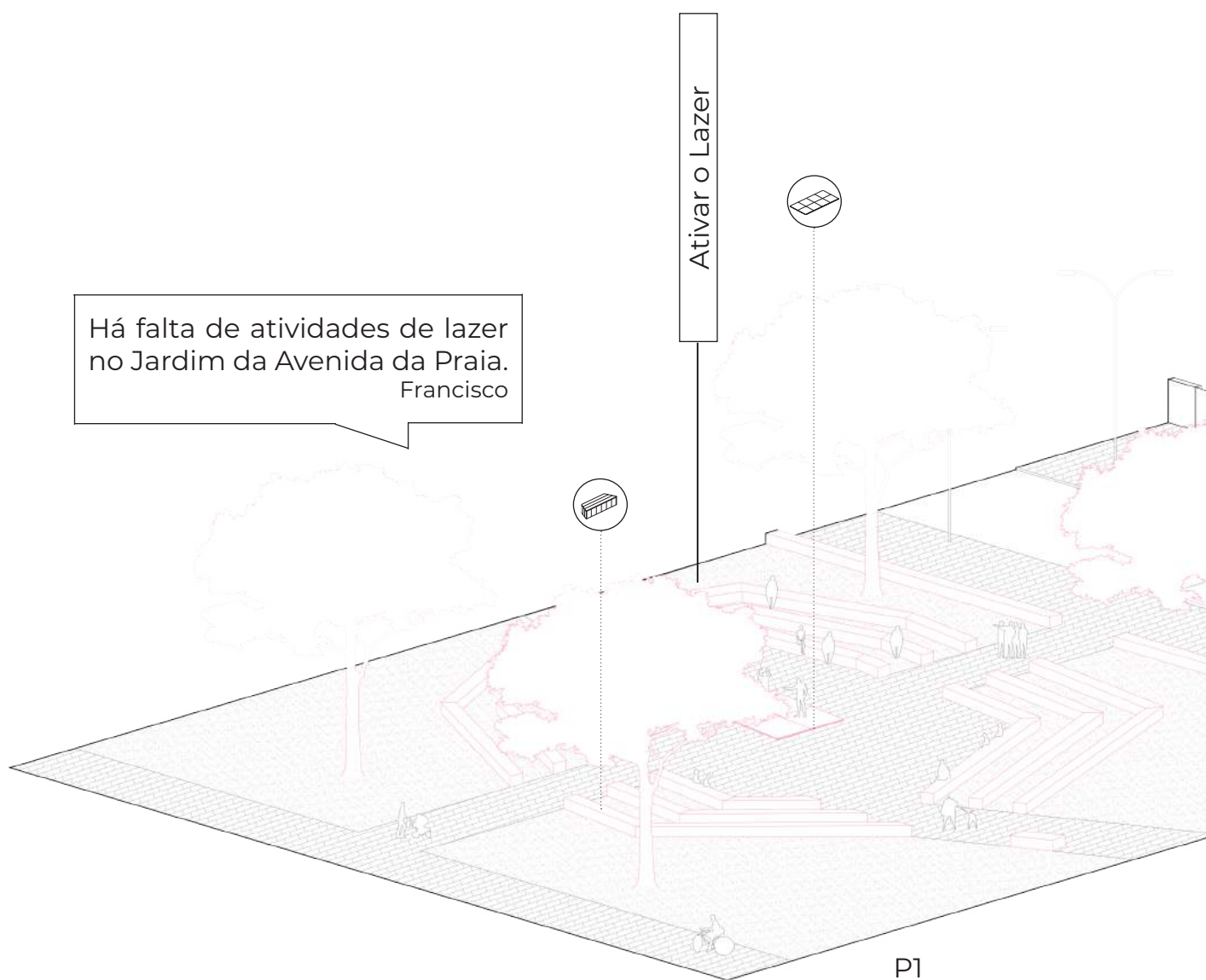
PROJETO BARREIRO VELHO: VIDA QUOTIDIANA E AS DINÂMICAS DO BAIRRO



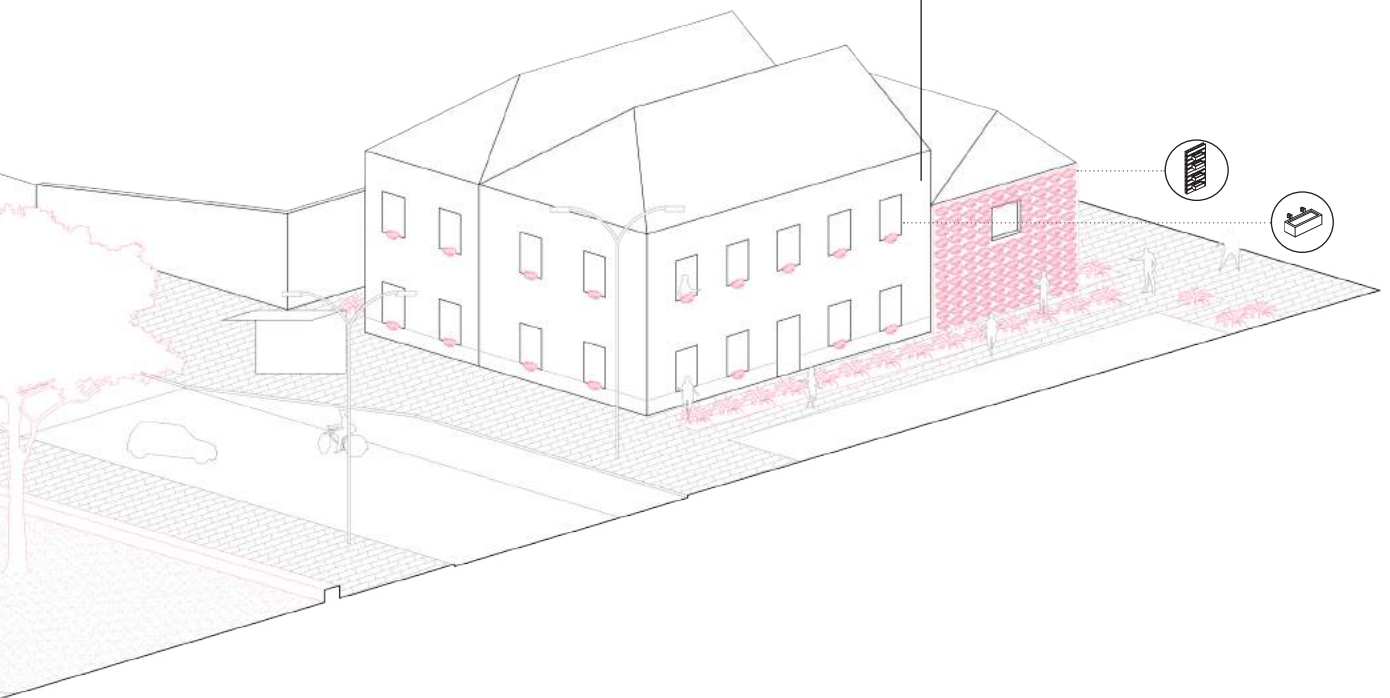
Saiba mais sobre o projeto

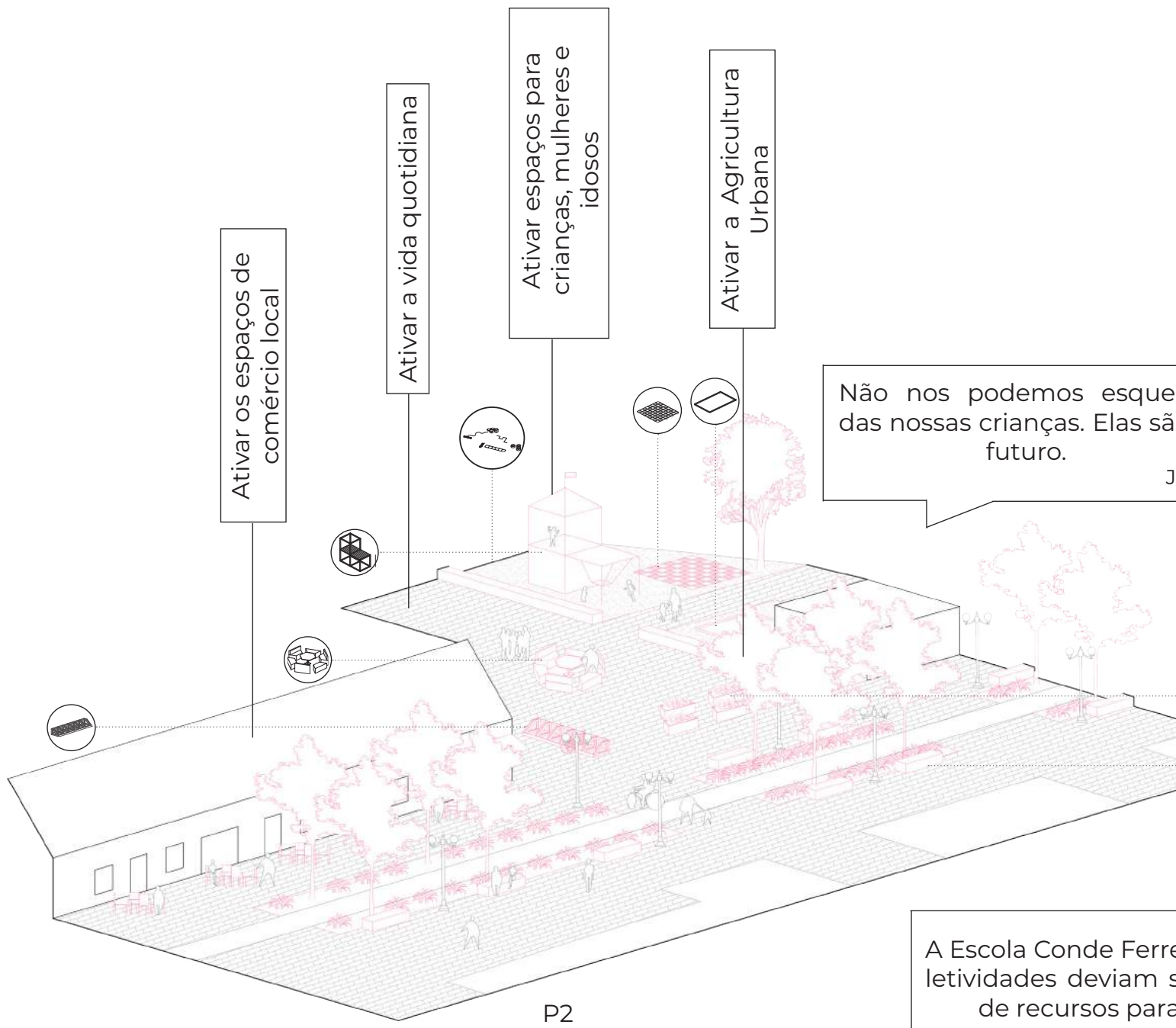
Perspetiva do projeto: novas vivências e dinâmicas no Barreiro Velho

Exemplos de utilização dos módulos no território

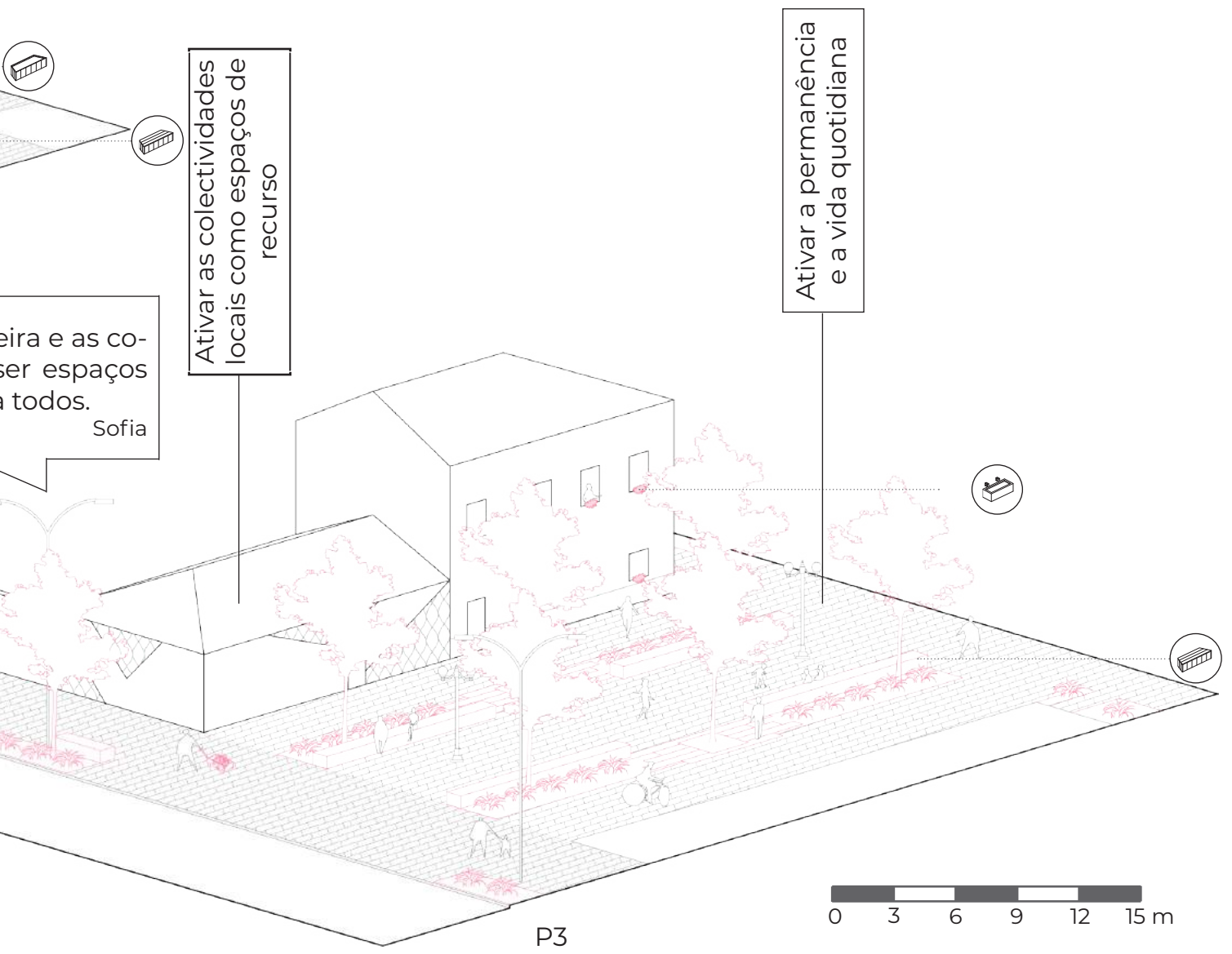


Ativar a Agricultura Urbana





cer
o o
oão



eira e as co-
ser espaços
a todos.
Sofia

Ativar as colectividades
locais como espaços de
recurso

Ativar a permanência
e a vida quotidiana

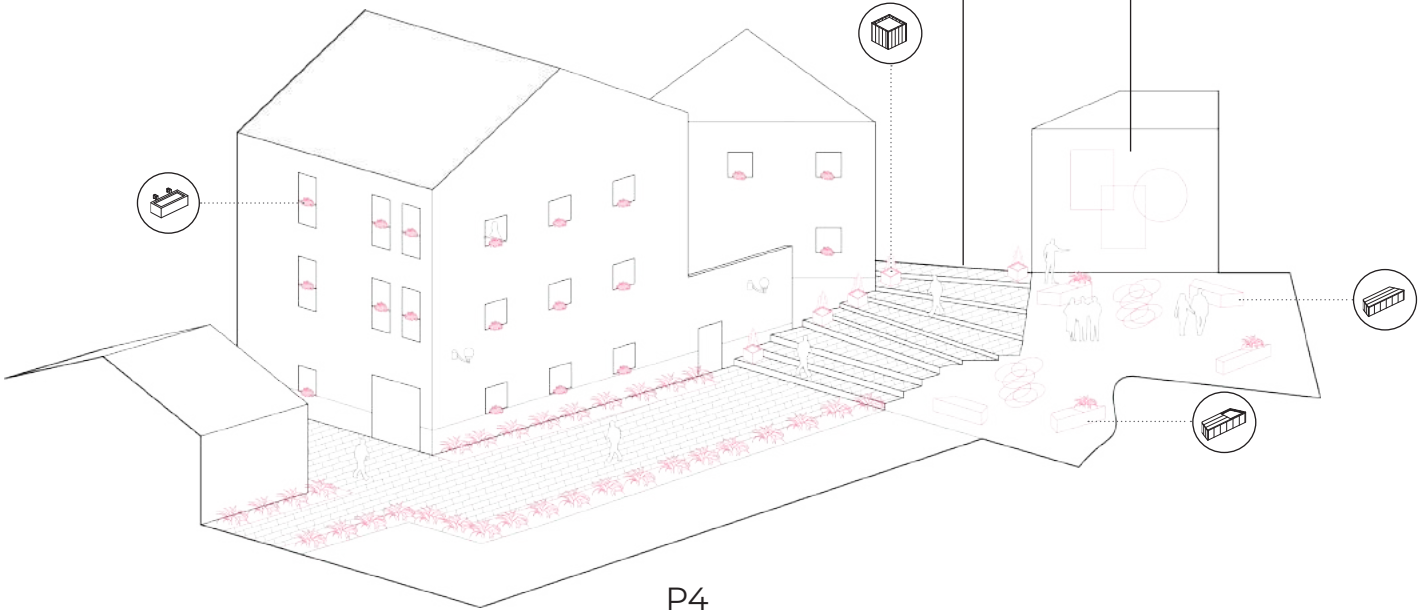
P3

0 3 6 9 12 15 m

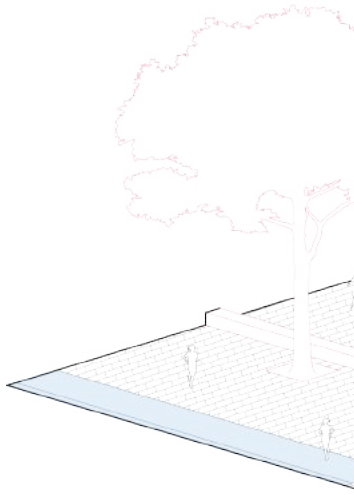
O Barreiro Velho devia ser um centro para Artes.
Ana

Ativar a permanência e a vida quotidiana

Ativar a cultura local



A iluminação ia-nos fazer
mais seguros à noite



Fazer sentir
noite.

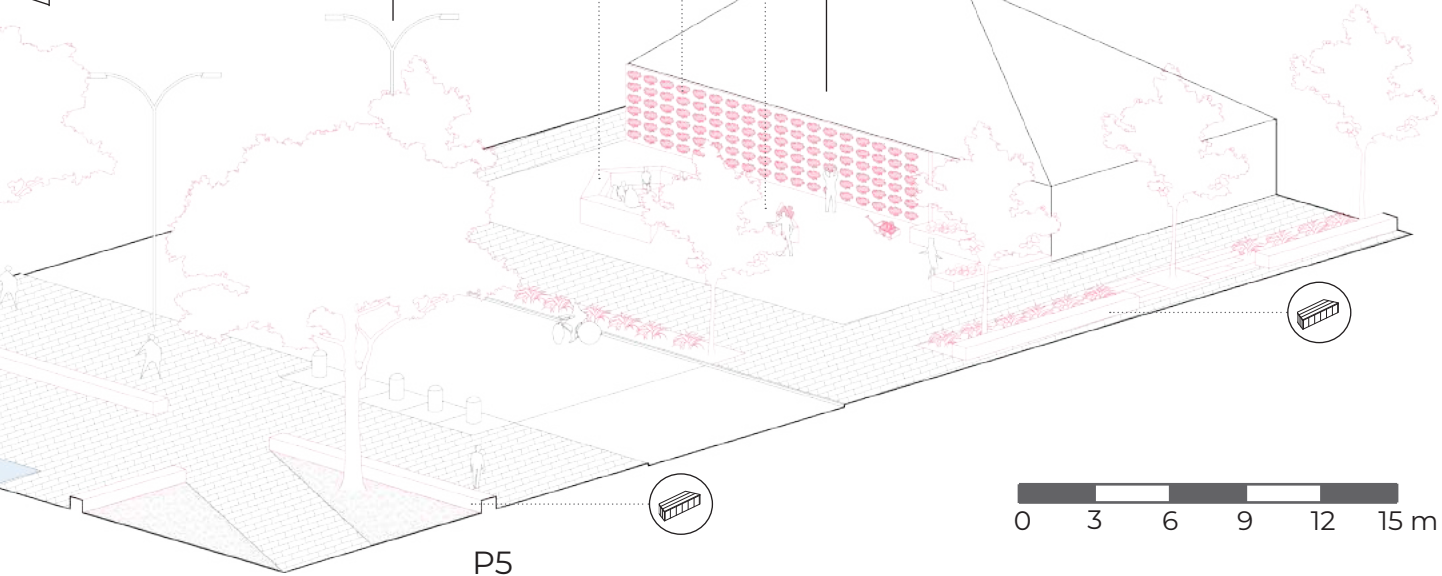
Rafael

Ativar a segurança no
bairro

Ativar a aprendizagem

Se há hortas urbanas, as pesso-
as deviam aprender como fazer.

Vera



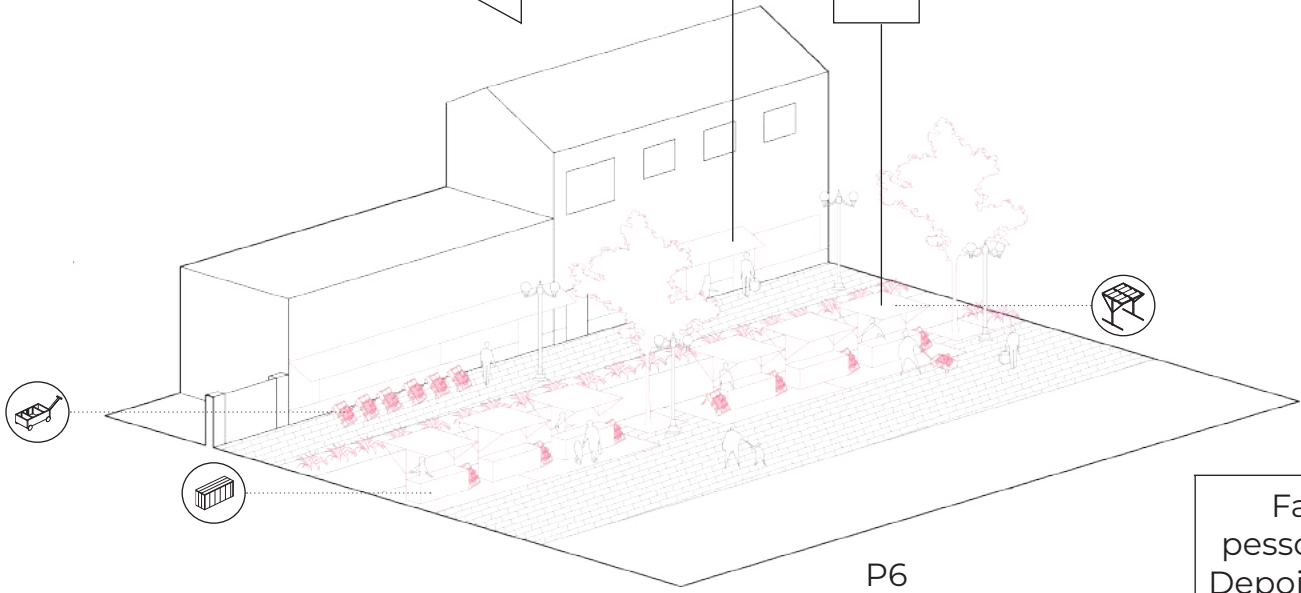
P5

0 3 6 9 12 15 m

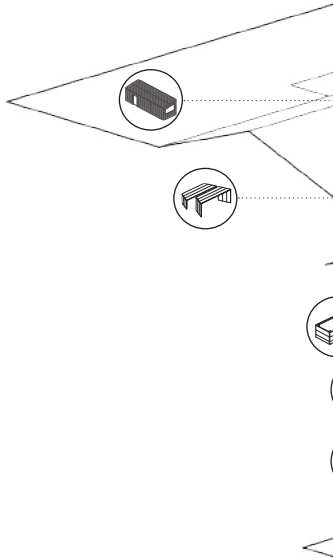
Faz sentido ter comércio local na rua que liga ao Mercado. Faz falta os mercados locais nas ruas e nas praças.
Maria

Ativar os espaços de comércio local

Ativar os mercados locais



Fazem falta locais para que as pessoas possam...
Depois podiam vir...
a esses s...



...ais onde as
depositar o lixo.
os carros do lixo
sítios.

Vanessa

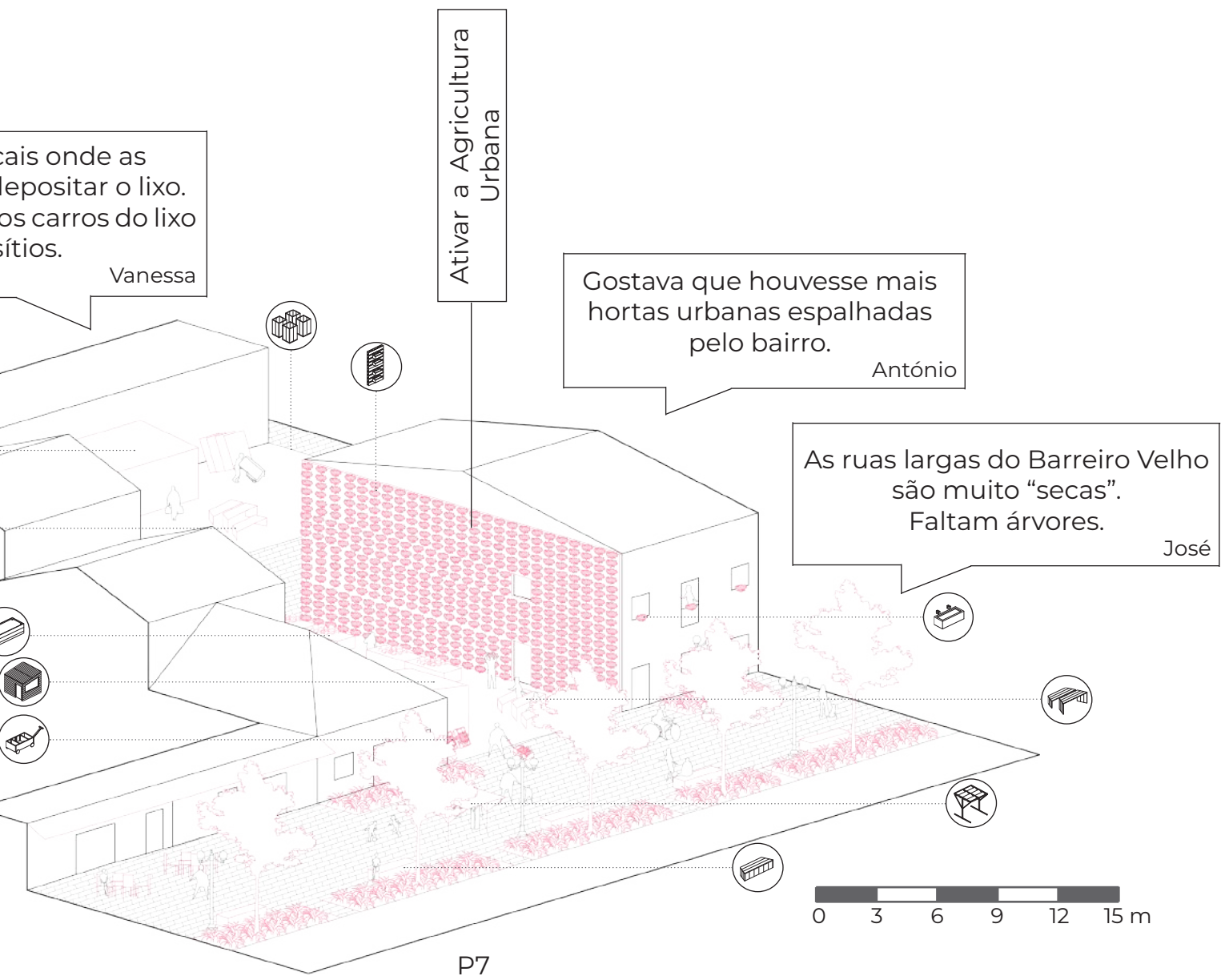
Ativar a Agricultura Urbana

Gostava que houvesse mais hortas urbanas espalhadas pelo bairro.

António

As ruas largas do Barreiro Velho são muito "secas".
Faltam árvores.

José



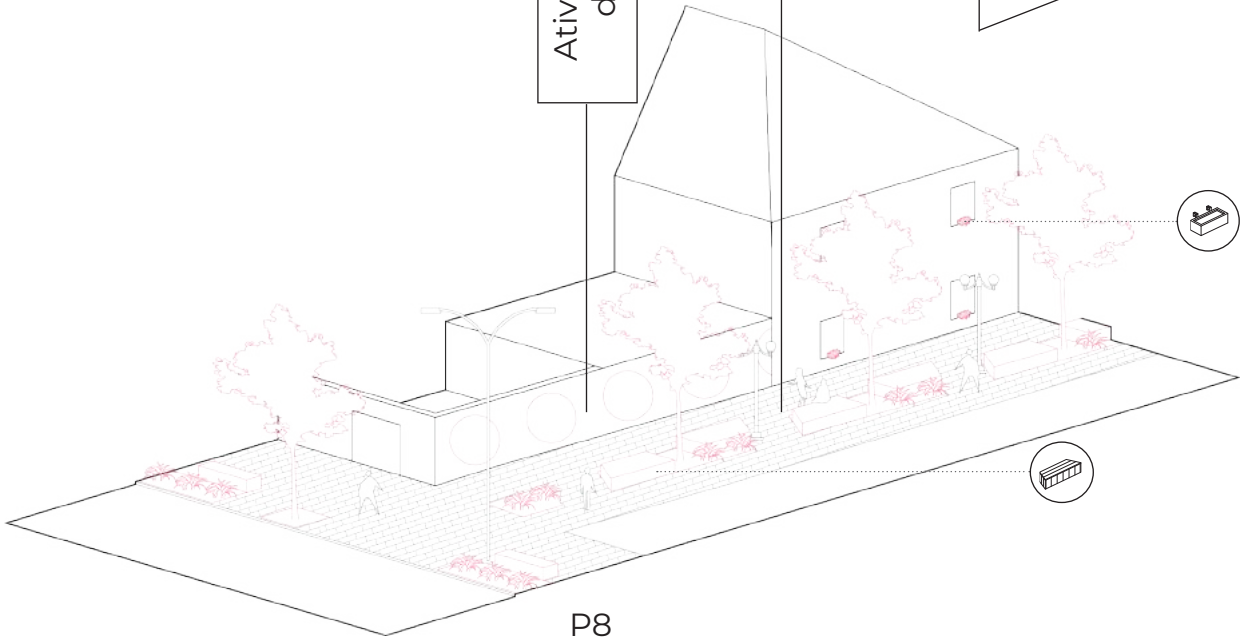
0 3 6 9 12 15 m

P7

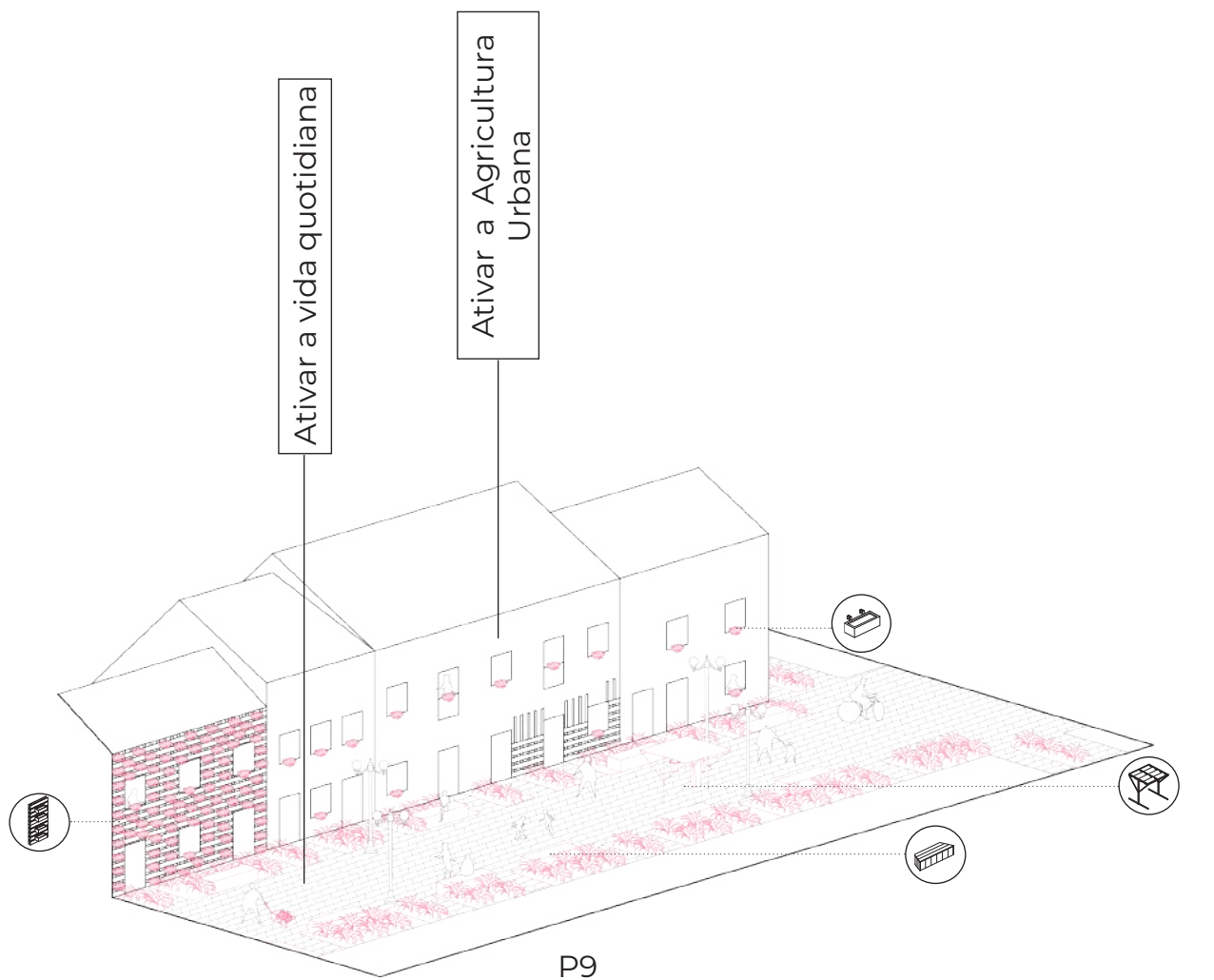
Ativar as fachadas dos edifícios

Ativar a permanência e a vida quotidiana

Faz falta os canteiros das Travessas de ligação que foram tirados nas obras da Câmara.
Paula



P8



0 3 6 9 12 15 m

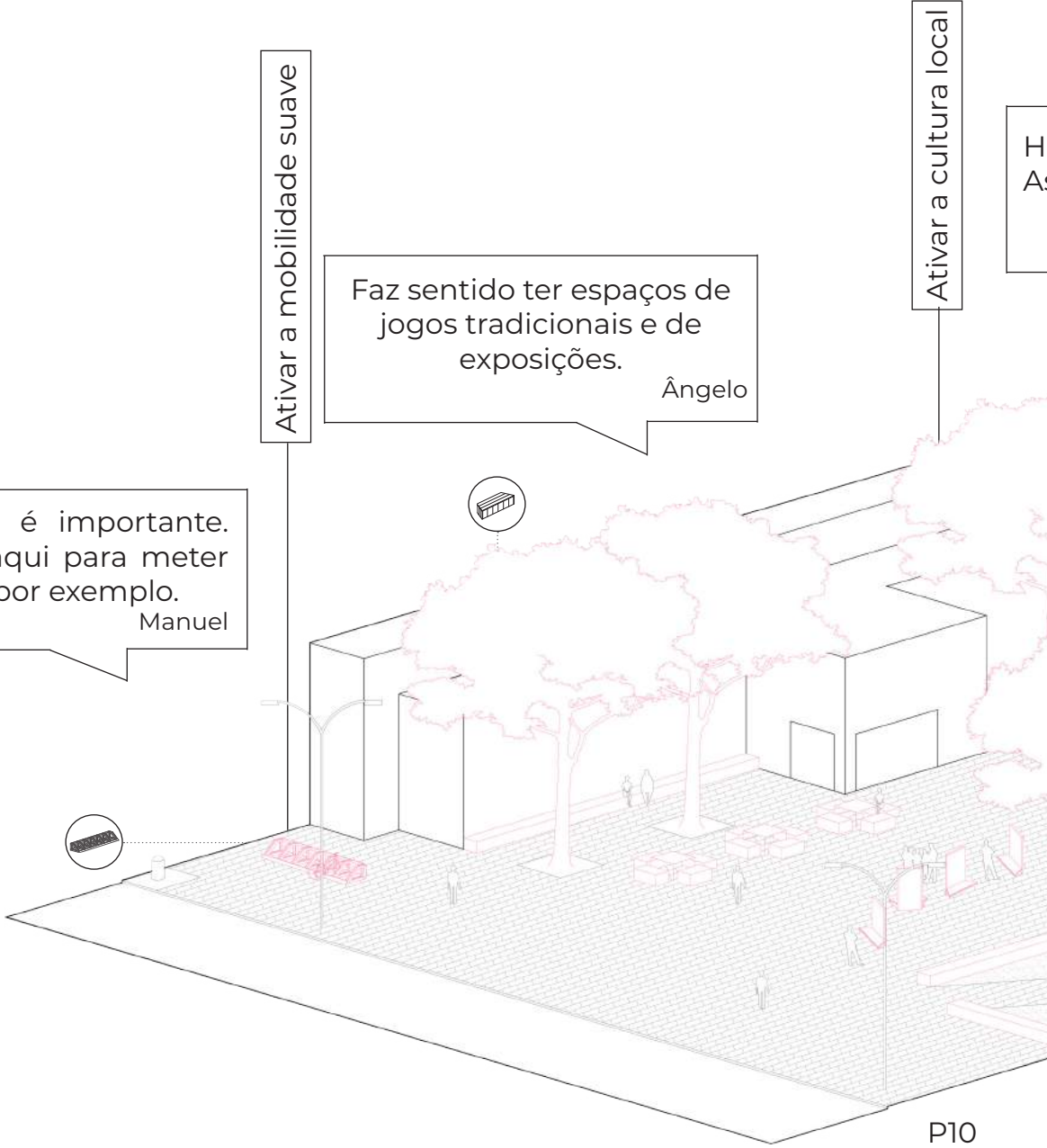
A mobilidade é importante.
Não há sitio aqui para meter
bicicletas, por exemplo.
Manuel

Ativar a mobilidade suave

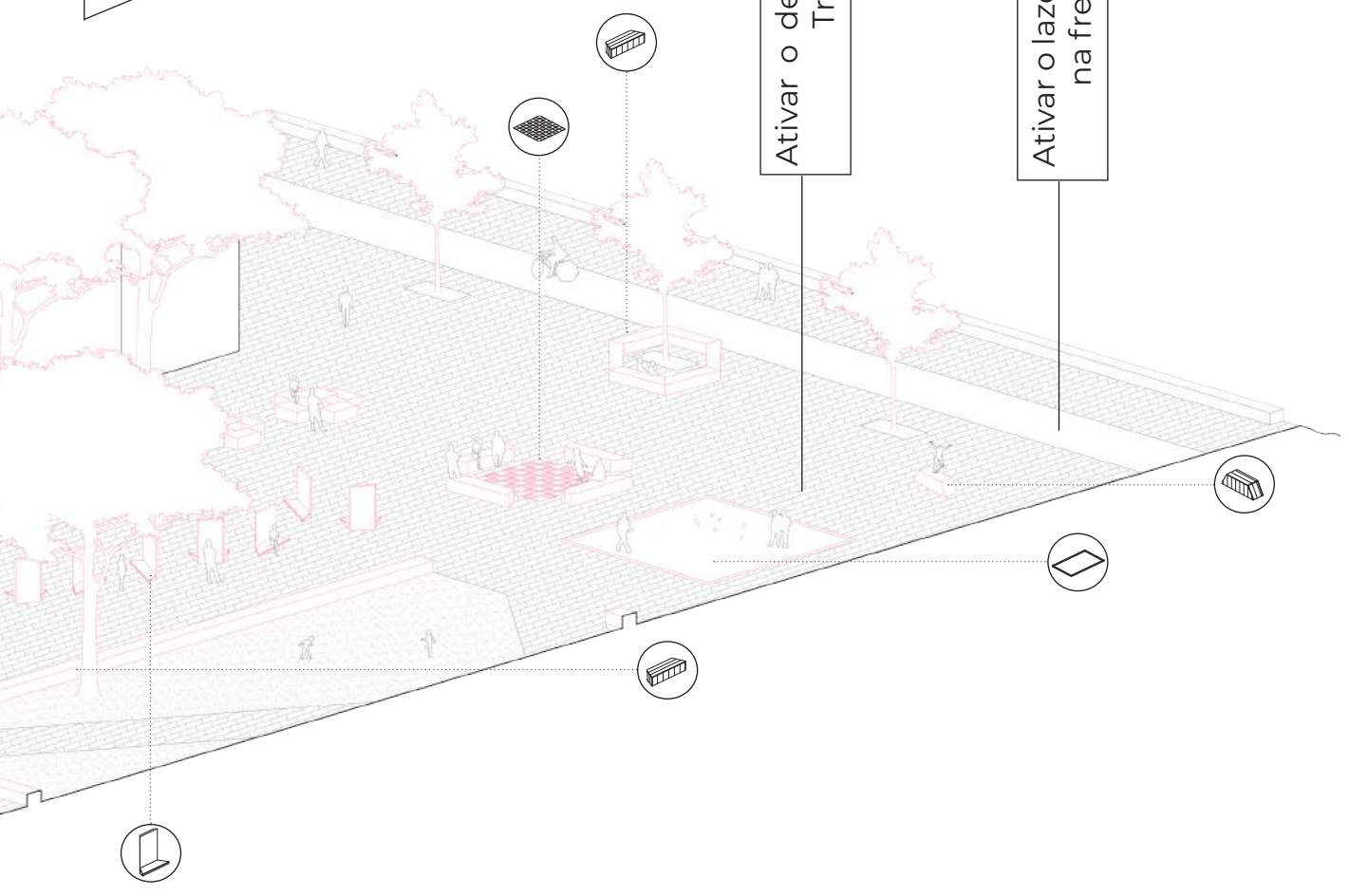
Faz sentido ter espaços de
jogos tradicionais e de
exposições.
Ângelo

Ativar a cultura local

H
A



há falta de mesas e cadeiras.
As pessoas não estão na rua
porque não há.
Sónia



Ativar o desporto e os Jogos Tradicionais

Ativar o lazer e a permanência na frente ribeirinha



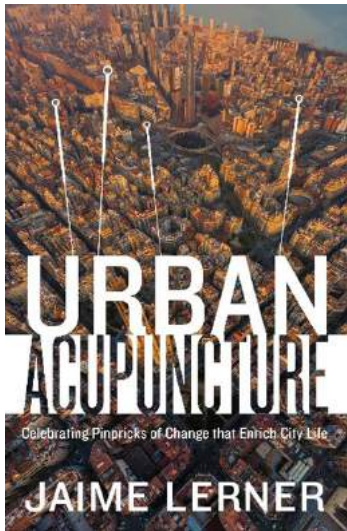
BIBLIOGRAFIA



Placemaking



Urbanismo Táctico



Acupuntura Urbana

iscte INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Lab

TUR ARQ – E3
2020/2021

Laboratório de Ensaio de Metodologias de Intervenção
na Cidade Existente

**Barreiro Velho: vida quotidiana e as dinâmicas do
bairro**

Guia de Urbanismo Tático do Barreiro Velho
1ª edição

Lara Fernandes

novembro de 2021

Lisboa